



JOHN STEPHENS

A CRÔNICA DO FOGO

“O humor irreverente e uma divertida aventura se encontram nesta atraente fantasia.”

Kirkus Review

SUMA
de livros

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



JOHN STEPHENS

A CRÔNICA DO FOGO

“O humor irreverente e uma divertida aventura se encontram nesta atraente fantasia.”

Kirkus Review

SUMA
LITÉRARIAS

JOHN STEPHENS

A
CRÔNICA
DO FOGO

Os Livros do Princípio ✦ PARTE 2

Tradução
Regiane Winarski



Copyright © 2012, John Stephens

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Título original

The Fire Chronicle

Capa

Adaptação de Tita Nigrí

Imagem de capa

Design original © 2012 Jon Foster

Atlas © 2012 Grady McFerrin

Imagens de miolo

© 2012 by Grady McFerrin

Revisão da tradução

Elisabeth Xavier de Araújo

Revisão

Joana Milli

Cristiane Pacanovski

Coordenador de e-book

Marcelo Xavier

Conversão para e-book

Abreu's System Ltda.



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S855c

Stephens, John, 1972-

A crônica do fogo [recurso eletrônico] : os livros do princípio, parte 2/ John Stephens ; tradução Regiane Winarski. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2013.

312 p., recurso digital

Tradução de: *The fire chronicle*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

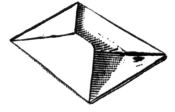
ISBN 978-85-8105-167-3 (recurso eletrônico)

1. Literatura infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Winarski,
Regiane. II. Título.

13-01563 CDD: 028.5

CDU: 087.5

Para Arienne



SUMÁRIO



CAPA

FOLHA DE ROSTO

CRÉDITOS

PRÓLOGO

CAPÍTULO UM

A carta na árvore

CAPÍTULO DOIS
A tempestade

CAPÍTULO TRÊS

O Demônio de Castel del Monte

CAPÍTULO QUATRO
O dr. Hugo Algernon

CAPÍTULO CINCO

Rafe

CAPÍTULO SEIS
Malpesa

CAPÍTULO SETE

E três vão virar um

CAPÍTULO OITO
Os Selvagens

CAPÍTULO NOVE

Gelo

CAPÍTULO DEZ

O fim do mundo

CAPÍTULO ONZE

A luta de bolas de neve

CAPÍTULO DOZE
Para a fortaleza

CAPÍTULO TREZE
Oi, coelho

CAPÍTULO QUATORZE

A estufa

CAPÍTULO QUINZE

O Livro da Vida

CAPÍTULO DEZESSEIS

Adeus, Ano Velho

CAPÍTULO DEZESSETE

O refém

CAPÍTULO DEZOITO

O último desejo de Henrietta Burke

CAPÍTULO DEZENOVE
A batalha do vulcão

CAPÍTULO VINTE
Para dentro do fogo

CAPÍTULO VINTE E UM
Separação

CAPÍTULO VINTE E DOIS
Nas árvores

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

O fantasma

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

A ascensão do Magnus Medonho

PRÓLOGO



O garoto era pequeno e novo no orfanato, o que significava que tinha a pior cama do dormitório, a mais irregular, que balançava mais, que tinha o cheiro mais estranho; era pouco mais do que um catre, enfiado em uma alcova nos fundos do quarto. E quando o grito soou, um grito diferente de qualquer outro que o garoto tivesse ouvido, pois parecia entrar em seu peito e esmagar seu coração, ele foi a última das crianças amedrontadas a sair gritando pela porta.

No pé da escada, o grupo de crianças encontrou uma densa neblina e virou à direita, fugindo pelo corredor. O garoto estava quase indo atrás quando duas pessoas surgiram da névoa, seguindo as crianças. Usavam vestes pretas, tinham olhos amarelos intensos, seguravam espadas longas e denteadas e fediam a algo podre.

O garoto esperou que passassem e fugiu na direção oposta.

Ele correu cegamente, com o medo lhe apertando a garganta, sabendo apenas que tinha que fugir, se esconder. Mas então, de alguma forma, ele estava na sala do diretor, e havia vozes no corredor. Ele se enfiou debaixo de uma escrivaninha e encolheu as pernas.

A porta da sala se abriu e uma luz se acendeu. Um par de chinelos verdes entrou em seu campo de visão e ele ouviu o diretor do orfanato, um homem estúpido e agressivo, implorando:

— Por favor... por favor, não me machuquem...

Um segundo homem falou, com voz estranhamente fria e cantarolada.

— Por que faríamos uma coisa assim? Foram as três crianças que vim buscar.

— Então pode levar! Leve três! Leve dez! Só não me machuque.

O outro homem chegou mais perto e o piso gemeu sob o peso.

— *Quanta generosidade. Só que estou atrás de três crianças muito especiais. Um irmão e duas irmãs. Seus lindos nomes são Kate, Michael e Emma.*

— *Mas eles não estão... eles não estão mais aqui. Nós mandamos eles embora! Mais de um ano atrás...*

Houve um gorgolejo estrangulado, e o garoto viu os pés de chinelo se erguerem e se balançarem no ar. A voz do outro homem estava calma, sem sinal de tensão.

— *E pra onde você os mandou? Onde os encontro?*

O garoto apertou as mãos sobre os ouvidos, mas ainda conseguia ouvir o sufocamento, ainda conseguia ouvir a voz cantarolada e assassina do homem.

— *Onde estão as crianças...?*

CAPÍTULO UM

A carta na árvore



Kate terminou de escrever a carta, colocou em um envelope, andou até uma velha árvore e a enfiou em um buraco dela.

Ele virá, a garota disse para si mesma.

Tinha escrito para ele sobre seu sonho, o que lhe tirou o sono em todas as noites daquela semana. Uma vez após outra ela ficou deitada no escuro, coberta de suor frio e esperando que o coração desacelerasse, aliviada por Emma, deitada ao seu lado, não ter acordado, aliviada por ter sido apenas um sonho.

Só que não era sonho; Kate sabia.

Ele virá, repetiu ela. Quando ele ler, ele virá.

O dia estava quente e úmido, e Kate estava usando um vestido leve de verão e um par de sandálias de couro remendadas. O cabelo estava preso com um elástico, apesar de algumas mechas soltas caírem em seu rosto e pescoço. Ela tinha 15 anos e estava mais alta do que um ano antes. Em outros aspectos, sua aparência não tinha mudado. Com os cabelos louro-escuros e olhos castanhos, ela ainda chamava a atenção de todos que a viam como uma garota incrivelmente bonita. Mas não era preciso olhar muito de perto para ver a preocupação na testa franzida e a tensão que morava nos braços e ombros, nem o modo como as unhas estavam sempre roídas.

Nesse aspecto, verdadeiramente, nada havia mudado.

Kate não saiu do lado da árvore. Ela ficou ali, mexendo sem prestar atenção no medalhão dourado pendurado em seu pescoço.

Mais de dez anos antes, Kate e seu irmão e irmã mais novos tinham sido separados dos pais. Eles cresceram em uma série de orfanatos, alguns agradáveis e limpos, sob os cuidados de homens e mulheres gentis, mas a maior parte não tão agradável, e os adultos que cuidavam deles, não tão gentis. As crianças não sabiam por que os pais os tinham abandonado e nem quando voltariam. Mas que eles acabariam voltando, que todos seriam uma família novamente, as crianças nunca duvidaram.

Era dever de Kate cuidar do irmão e da irmã. Ela tinha feito essa promessa na noite em que a mãe entrou em seu quarto, na véspera de Natal, tanto tempo atrás. Ainda conseguia ver: a mãe inclinada sobre ela, prendendo o medalhão dourado em seu pequeno pescoço, enquanto Kate prometia que protegeria Michael e Emma e os manteria em segurança.

E, ano após ano, orfanato após orfanato, mesmo quando eles encararam perigos e inimigos que jamais poderiam imaginar, Kate foi fiel à sua palavra.

Mas se o dr. Pym não viesse, como ela os protegeria agora?

Ele virá, a menina disse para si mesma. Ele não nos abandonou.

Se é assim, disse uma voz em sua cabeça, por que ele mandou você para cá?

E, incapaz de se conter, Kate se virou e olhou colina abaixo. Lá, visível entre as árvores, estavam as paredes de tijolo em ruínas e as torres do Lar Edgar Allan Poe para Órfãos Incuráveis e Desamparados.

Em sua defesa, só quando Kate ficava frustrada ou cansada ela questionava a decisão do dr. Pym de enviar Michael, Emma e ela de volta a Baltimore. Ela sabia que ele não os abandonara de verdade. Mas o fato permanecia: de todos os orfanatos em que as crianças moraram ao longo dos anos (um deles ficava ao lado de uma estação de tratamento de esgotos; outro fazia barulhos de rangidos e parecia sempre estar pegando fogo), o Lar Edgar Allan Poe para Órfãos Incuráveis e Desamparados era o pior. Os quartos eram

gelados no inverno e ferviam no verão; a água era marrom e cheia de partículas; o piso fazia barulhos úmidos e vazava líquidos; os tetos pingavam; era lar de gangues de gatos selvagens em guerra...

E, como se isso não fosse o bastante, havia a srta. Crumley, a atarracada diretora do orfanato que odiava Kate, seu irmão e sua irmã. Ela achou que tinha se livrado para sempre das crianças no último Natal e não ficou nada feliz quando elas apareceram na porta uma semana depois, com um bilhete do dr. Pym dizendo que o orfanato de Cambridge Falls tinha sido fechado por causa de "uma infestação de tartarugas" e perguntando se a srta. Crumley se importava de cuidar dos três até o problema ser resolvido.

É claro que a srta. Crumley se importava. Mas quando ela tentou ligar para o dr. Pym para informá-lo de que não podia aceitar as crianças sob circunstância nenhuma e que ia devolvê-las no trem seguinte, ela descobriu que todas as informações que o dr. Pym lhe dera anteriormente (número de telefone do orfanato, endereço e referências geográficas, testemunhos de crianças felizes e bem-alimentadas) tinham desaparecido de seus arquivos. A companhia telefônica também não tinha registro de número. Na verdade, por mais que procurasse, a srta. Crumley não conseguia encontrar evidências de que a cidade de Cambridge Falls realmente existisse. No final, ela foi forçada a ceder. Mas deixou claro para as crianças que não eram bem-vindas e aproveitava todas as oportunidades que tinha para juntá-las em um canto dos corredores ou do refeitório e enchê-las de perguntas enquanto as cutucava com o dedo rechonchudo.

— Onde exatamente fica Cambridge Falls? — *cutucada* — Por que não consigo encontrar em nenhum mapa? — *cutucada* — Quem é esse tal dr. Pym? — *cutucada, cutucada* — Ele ao menos é médico de verdade? — *cutucada, cutucada, cutucada* — O que aconteceu lá? Sei que tem alguma coisa estranha acontecendo! Me respondam! — *cutucada, cutucada. cutucada, beliscão.*

Frustrada por seu cabelo ser puxado pela terceira vez em uma semana, Emma sugeriu que eles contassem a verdade à srta. Crumley: que o dr. Stanislaus Pym era um mago, que o motivo de a srta. Crumley não conseguir encontrar Cambridge Falls nos mapas era porque ela era parte do mundo mágico, e portanto escondida de humanos normais (ou, no caso dela, subnormal), que, quanto ao que aconteceu lá, os três tinham descoberto um velho livro com capa de couro verde que os fez viajar para o passado, que eles conheceram anões e monstros, lutaram contra uma bruxa do mal, salvaram uma cidade inteira e que, independentemente de como se olhasse, eles eram heróis. Até Michael.

— Obrigado — disse Michael sarcasticamente.

— De nada.

— De qualquer modo, não podemos dizer isso. Ela vai achar que somos loucos.

— E daí? — respondeu Emma. — Eu preferia estar num manicômio a estar aqui.

Mas, no final, Kate fez com que eles mantivessem a história. Cambridge Falls era um lugar comum. O dr. Pym era um homem comum, e nada nem um pouco estranho tinha acontecido.

— Temos que confiar no dr. Pym.

Afinal, pensou Kate, que outra escolha eles tinham?

Sons baixos de música subiam pela colina, lembrando Kate que hoje era o dia da festa da srta. Crumley, e ela olhou para baixo entre as árvores para a grande tenda amarela que tinha sido montada no gramado do orfanato. Durante as duas últimas semanas, todas as crianças do orfanato vinham trabalhando sem parar, arrancando ervas daninhas, ajeitando o terreno, limpando janelas, aparando arbustos, tirando lixo, recolhendo carcaças de animais que tinham entrado no orfanato para morrer, tudo por causa de uma festa para a qual nem foram convidadas.

— E eu que pegue vocês espiando meus convidados pelas janelas! — avisara a srta. Crumley no café da manhã. — O sr.

Hartwell Weeeks não quer ver seus rostinhos sujos encostados nos vidros.

O sr. Hartwell Weeks era presidente da Sociedade Histórica de Maryland, em cuja homenagem a festa estava sendo dada. A sociedade organizava um tour semanal de ônibus para “prédios historicamente importantes” na área de Baltimore, e como o Lar tinha sido depósito de armas em alguma guerra antiga, a srta. Crumley estava determinada que fosse acrescentado à lista. Ela então poderia (tinha ouvido de uma pessoa que sabia do assunto) cobrar de grupos de turistas desafortunados dez dólares por cabeça pelo privilégio de caminhar pela área do orfanato.

— E se algum de vocês estragar isso... — Ela tomou um cuidado especial de olhar com raiva para Kate, seu irmão e sua irmã ao dizer isso. — Bem, sempre recebo ligações de pessoas que precisam de crianças para experimentos científicos perigosos, o tipo de coisa com a qual não querem desperdiçar um bom cachorro. Eu poderia facilmente oferecer alguns nomes como voluntários!

Os convidados agora estavam começando a chegar, e Kate viu homens de blazers azuis e calças brancas e mulheres de cores creme e pastel aparecerem na lateral do orfanato e se apressarem para a sombra da tenda. Na verdade, ela só estava observando parcialmente. Mais uma vez, estava pensando no sonho. Conseguia ouvir os gritos, ver as criaturas de olhos amarelos andando pela neblina, ouvir a voz do homem dizendo os nomes dela, do irmão e da irmã. Será que os eventos em seu sonho já tinham acontecido ou estavam prestes a acontecer? Quanto tempo ela e os irmãos tinham?

Ela confiava no dr. Pym; confiava mesmo. Mas estava com medo.

— Bem, ela fez de novo!

Kate se virou e viu o irmão, Michael, subindo ofegante a ladeira. Estava com o rosto vermelho e suando, e os óculos tinham escorregado para a ponta do nariz. A alça de uma bolsa surrada de lona cruzava seu peito e a bolsa em si estava apoiada no quadril.

Kate forçou um sorriso.

— Fez o que de novo?

— Se meteu em confusão — disse Michael com falsa exasperação.

— A srta. Crumley pegou ela tentando roubar sorvete da festa. Achei que ia ter um ataque do coração. A srta. Crumley, não Emma.

— Certo.

— Só isso? Você não está zangada? — Michael endireitou os óculos e franziu a testa. — Kate, você sabe que o dr. Pym nos mandou aqui pra gente se esconder. Como podemos ser discretos se Emma sempre se mete em confusão?

Kate suspirou. Já tinha ouvido tudo isso antes.

— Ela precisa aprender a agir com mais responsabilidade — prosseguiu Michael. — A usar a cabeça. Não consigo me lembrar de ser tão descuidado na idade dela.

Ele disse isso como se estivesse se referindo a uma era distante no passado.

— Tudo bem — disse Kate. — Vou falar com ela.

Michael assentiu em aprovação.

— Eu tinha esperança de que você fosse dizer isso. Tenho a citação perfeita. Quem sabe você pode incluir. Só um momento... — Ele enfiou a mão na bolsa, e Kate sabia sem olhar que ele estava pegando *O compêndio do anão*.

Assim como ela se agarrava ao medalhão, Michael adorava o pequeno livro com capa de couro. Na noite em que foram afastados dos pais, seu pai o enfiou no meio do cobertor do filho, e, ao longo dos anos, Michael leu e releu o *Compêndio* dezenas de vezes. Kate sabia que era o jeito dele de ficar perto de um pai do qual mal se lembrava. Também tinha o efeito de dar a ele uma profunda apreciação por todas as coisas relacionadas a anões. Isso foi útil em Cambridge Falls, quando eles ajudaram um rei anão a recuperar seu trono. Por esse serviço, Michael ganhou uma medalha de prata do rei Robbie McLaur, que o nomeou Guardiã Real da História e de Todas as Tradições dos Anões. Mais de uma vez, Kate e Emma o

viram com a medalha de prata presa no peito, olhando para si mesmo no espelho e fazendo poses um tanto ridículas. Kate tinha avisado que era para Emma não implicar com ele.

— Sinceramente — dissera Emma —, seria fácil demais.

— Agora, onde estava... — O *Compêndio* era do tamanho e do formato de um livro de hinos da igreja, com a capa de couro preto gasta e marcada. Michael virou as páginas. — Ah, aqui tem uma história sobre dois príncipes elfos que começaram uma guerra pra ver quem tinha o cabelo mais brilhoso. Típico. Se eu fosse elfo, acho que ia morrer de vergonha.

Michael tinha uma opinião bem ruim de elfos.

— Aqui está! É uma citação do rei Killin Killick. É o nome dele de verdade, K-I-L-L-I-N, não apelido por ele matar muito, apesar de também fazer isso. Ele diz: “Um grande líder não mora em seu coração, mas em sua cabeça.” — Michael fechou o livro e sorriu. — Cabeça, não coração. Essa é a chave. É o que ela precisa aprender. Sim, senhor.

Tendo feito sua declaração, Michael colocou os óculos para cima no nariz mais uma vez e esperou que a irmã respondesse.

Michael era quase um ano mais velho que Emma. Quase, mas não um ano, o que significava que por algumas semanas todos os anos, os dois tinham tecnicamente a mesma idade. E cada ano isso deixava Michael maluco. Por ser o filho do meio, ele se agarrava à sua lasca de superioridade. Não ajudava muito o fato de ele e Emma costumarem ser confundidos com gêmeos. Eles tinham os mesmos cabelos castanhos, os mesmos olhos escuros; os dois eram pequenos e tinham pernas e braços magros. Kate sabia que Michael vivia com medo de Emma ter um surto de crescimento antes dele. Na verdade, por um tempo, ela percebeu que Michael estava tentando se portar o mais ereto possível, como se tivesse esperança de passar a impressão de ser mais alto. Mas Emma ficava perguntando se ele precisava ir ao banheiro, e ele acabou parando.

Em cinco dias, ele faria 13 anos. Kate sabia que ele mal podia esperar. E, na verdade, nem ela.

— Obrigada. Vou me lembrar.

Ele assentiu com satisfação.

— O que você estava escrevendo pro dr. Pym? Vi você botar a carta na árvore.

Era assim que eles se comunicavam com o mago. Cartas colocadas no buraco da árvore chegariam a ele imediatamente. Ou pelo menos foi o que as crianças foram levadas a acreditar. Como não tinham tido notícias do mago desde que chegaram a Baltimore, Kate às vezes se perguntava se todos os bilhetes que ela colocou na árvore ainda estavam lá, sem terem sido lidos.

Kate deu de ombros.

— Só estava perguntando quanto tempo vamos ficar aqui.

— Já tem quase oito meses.

— Eu sei.

— Sete meses e 23 dias, pra ser preciso.

Sete meses e 23 dias, pensou Kate. E, de repente, ela se lembrou de acordar na manhã de Natal depois de acabar de voltar para o presente e contarem para ela que o dr. Pym e Gabriel tinham ido embora à noite, que Cambridge Falls não era mais um lugar seguro e que os três estavam sendo mandados de volta para Baltimore.

Em um certo nível, Kate não ficou surpresa. Na noite anterior, sozinha no barco da bruxa, ela aprendera o bastante para saber que a aventura deles estava longe de terminar. Tentara explicar a situação para Michael e Emma em uma reunião na biblioteca da mansão na qual os lembrou de que o *Atlas*, o livro verde-esmeralda que os permitiu viajar no tempo, era apenas um de três livros lendários chamados de Livros do Princípio.

— Acontece que tem uma profecia. Três crianças têm que encontrar os Livros e juntar os três. Todo mundo acha que somos nós as crianças. Estarão procurando por nós.

— Quem? — perguntara Emma, ainda chateada por Gabriel, seu amigo, ter ido embora sem falar com ela. — Aquela bruxa idiota está morta! O barco idiota dela caiu na cachoeira!

Foi nessa hora que Kate contou a eles sobre a Condessa ter escapado do barco no último momento, sobre ter ficado esperando por 15 anos e atacar Kate quando eles voltaram ao presente, sobre Kate ter usado o *Atlas* para levar a bruxa ao passado distante, abandonando-a lá.

— Então eu estava certa — dissera Emma. — Ela está morta. Praticamente.

— Está. Mas não é com ela que temos que nos preocupar.

E Kate contou a eles sobre o mestre da Condessa, o Magnus Medonho. Ela descreveu o violino que anunciou sua chegada, a forma como ele tomou posse do corpo da Condessa, a maneira como até o dr. Pym pareceu intimidado pelo poder do instrumento. O Magnus Medonho precisava deles, explicara ela, pois apenas por intermédio dos três ele conseguiria encontrar os Livros.

A neve caía do lado de fora das janelas da biblioteca, o mundo lá fora estava silencioso e branco. Kate teve que se obrigar a prosseguir.

— Tem mais uma coisa. Nos últimos dez anos, durante todo esse tempo que ficamos pulando de orfanato em orfanato, o Magnus Medonho está com mamãe e papai como prisioneiros. Depende de nós soltar eles. Mas, pra isso, precisamos dos Livros.

No dia seguinte, as crianças arrumaram suas poucas coisas, Kate enfiou o *Atlas* no fundo da bolsa e elas voltaram para Baltimore.

Agora, ali na colina, com o ar do final de verão quente e pesado sobre a pele, Kate pensou no *Atlas*. No final da aventura deles em Cambridge Falls, a garota aprendeu a controlar a magia dele quando queria. Ela sabia que era capaz de fazê-lo levar os três irmãos pelo tempo e espaço.

Se o dr. Pym não vier, ela disse para si mesma, ainda posso salvá-los.

— Ei, eu quase esqueci. Você soube o que aconteceu em St. Anselm's?

Kate virou a cabeça de repente.

— O quê?

— Ouvi alguns garotos conversando. Uma espécie de gangue invadiu ontem à noite. Estão dizendo que o sr. Swattley... se lembra dele? Estão dizendo que foi assassinado. Ei, qual é o problema?

Kate estava tremendo. St. Anselm's era o orfanato onde os três moraram antes de irem para Baltimore da primeira vez. Também era o orfanato do sonho dela.

— Michael... — Ela tentou manter a voz firme. — Posso contar com você, né?

— O que você quer dizer?

— Se eu não estiver aqui, posso contar que você vai cuidar de Emma. Vai ser paciente com ela. Vai ser um líder.

— Kate...

— Apenas prometa. Por favor.

Houve uma longa pausa e ele disse:

— É claro.

Em seguida, Kate abriu a boca para contar sobre o sonho, sobre todos os sonhos, não só o que vinha tendo naquela semana, mas ela viu que Michael estava olhando para trás dela, pelo meio das árvores. A garota seguiu o olhar dele.

Durante todo o verão, quase não tinha chovido, dia após dia sem nuvens. Mas ali, reunidas no horizonte, havia um amontoado de nuvens negras. Elas estavam se movendo; se deslocavam em direção às crianças, ficando maiores e mais escuras a cada segundo. Pareceu a Kate que uma enorme cortina escura estava sendo esticada no céu.

Ela disse:

— Precisamos encontrar Emma.

CAPÍTULO DOIS

A tempestade



Michael e Kate saíram correndo das árvores para o asfalto do parquinho do orfanato. À esquerda deles, debaixo da tenda amarela e de um céu azul e límpido, a festa da srta. Crumley prosseguia sem perturbações. À direita das crianças, as nuvens pretas se aproximavam rápido.

Michael parou.

— O que você está fazendo? — perguntou Kate. — Temos que...

— Emma! Ela está trancada na sala da srta. Crumley! Porque roubou o sorvete! Precisamos da chave!

Kate ficou olhando fixamente para ele, com a mente trabalhando de maneira febril. Os inimigos deles os tinham encontrado. Ela não tinha dúvida disso. Só o *Atlas* podia salvá-los agora. Mas estava escondido...

— Você consegue pegar? Se eu pegar o *Atlas*, você consegue pegar a chave?

Michael pareceu petrificado, sem nada da confiança de momentos antes.

— Michael!

— S-sim — gaguejou ele. — Eu consigo pegar!

— Então me encontra na sala dela! Rápido!

E Kate se virou e correu para o orfanato.

Quando entrou pela porta, Kate viu as crianças amontoadas nas janelas, espantadas com as nuvens que seguiam para perto delas. Não se deu ao trabalho de mandar se esconderem. Quando ela e os irmãos tivessem ido embora, as outras crianças estariam em segurança. Kate correu pelo corredor até a escada do porão e

desceu três degraus de cada vez. Ao voltar para o Lar Edgar Allan Poe para Órfãos Incuráveis e Desamparados, a primeira coisa que Kate fez foi enrolar o *Atlas* em dois sacos plásticos grossos e, com Michael e Emma de vigias, descer escondida para o porão. Usando uma colher do refeitório, ela soltou três tijolos frouxos da parede atrás da fornalha e escondeu o *Atlas* lá dentro.

O porão estava vazio, e Kate pegou a colher arranhada debaixo da fornalha e começou a soltar os tijolos. No começo, Kate descia lá regularmente no meio da noite para verificar se não tinham mexido no *Atlas*. Mas não visitava o porão havia meses. A verdade era que, independentemente de onde estivesse, Kate conseguia sentir a presença do *Atlas*. Estava ligada ao livro; era uma parte dela agora. E quando ela colocou o último tijolo no chão e pegou o pacote pesado embrulhado em plástico, suas mãos tremeram de empolgação.

Havia talvez quarenta homens e mulheres reunidos debaixo da tenda, com o sol que brilhava pela lona amarela dando a eles um tom distintamente malárico. Os homens usavam blazers azuis com botões dourados e tartarugas idênticas bordadas nos bolsos do peito. As mulheres preferiram vestidos de verão longos e fluidos e chapéus de abas largas, todos em vários estados de exposição floral. Havia uma mesa arrumada com pratos de bolo amarelo gelatinoso e tigelas de sorvete liquefeito. Outra mesa oferecia jarras de chá gelado e limonada. Um quarteto de cordas, suando dentro de seus smokings, tocava suavemente em um canto.

Michael imediatamente viu a srta. Crumley no meio da multidão. A diretora do orfanato estava usando um vestido da cor de gema de ovo e falando com uma mulher com o pescoço mais comprido e fino que Michael já vira (sua cabeça parecia equilibrada em cima de um macarrão) e com um homem baixo e meio molengo. Ele tinha mãos molengas, bochechas molengas; até a pele da nuca tinha um inchaço branco, como se ele só precisasse de mais meia hora no

forno para estar assado e pronto para ser servido. O homem estava falando alto e balançando o garfo, e pelo modo como a srta. Crumley prestava atenção a cada palavra dele, Michael supôs que deveria ser o sr. Hartwell Weeks, presidente da sociedade histórica, em carne molenga.

— Encenações! — anunciou ele, girando o garfo. — Encenações, minha querida srta. Crummy...

— Crumley — corrigiu a diretora do orfanato.

— ... é assim que se vende história para as massas! Se você quer fazer parte do tour de ônibus, precisa de uma encenação de alto nível!

— Sim, claro — repetiu a mulher de pescoço de macarrão enquanto sua cabeça se balançava no ar.

— Ence *o quê?* — disse a srta. Crumley. — Não entendi.

Michael se aproximou por trás do grupo, soltando e apertando nervosamente a alça da bolsa. Como ia conseguir que ela lhe desse a chave da sala dela? Será que devia dizer que houve um incêndio? Uma enchente? Ele tinha que pensar em alguma coisa, rápido.

— Encenações! Escolha um evento histórico e monte uma apresentação teatral! Monte um show! Agora, esse seu lugar... — o homem balançou o garfo na direção do orfanato, jogando sem querer um pedaço de bolo no chapéu de uma mulher que estava próxima —, por que ele é historicamente significativo? Humm? O que aconteceu aqui?

— Bem, foi construído em 1845...

— Chato! Já estou com sono!

— E serviu de depósito de armas durante a Guerra Civil...

— Melhor, melhor. Continue, Crummy! É assim que se faz!

— E foi atacado por forças confederadas!

— Ah! Na mosca!

— Ah, sim! — Michael conseguia ver a srta. Crumley se empolgando com o assunto, com um bigode de suor brilhando no lábio superior. — E, você acredita, aqueles animais dispararam balas

de canhão na torre norte! É onde fica minha sala! Imagine se eu estivesse lá!

Ela não explicou como isso poderia ter sido possível.

Michael sentiu uma brisa fria na nuca. A tempestade estava chegando. A essa altura, Kate já devia estar com o *Atlas*. Ele estava ficando sem tempo...

— Perfeito! — O sr. Hartwell Weeks se abaixou, com as mãos molengas esticadas à frente do corpo. — Estou visualizando! A batalha pelo orfanato! As forças rebeldes sem coração! O rugido dos disparos de canhão! *Bum! Bum!* Órfãos mortos cobrem o chão como confete! Encene, Crummy...

— Crumley, por favor. E não era orfanato na época...

— Não deixe que esses detalhes estraguem um bom show! Encene a batalha e vamos colocar você no tour! Tenho os uniformes confederados. Consigo um bom negócio pra você nos canhões. Você só teria que fornecer os órfãos mortos!

— Sim, claro — ecoou a Pescoço de Macarrão.

— Não órfãos mortos de verdade, é claro. Não somos selvagens.

— Srta. Crumley — disse Michael.

A diretora do orfanato não o escutou. A mente dela estava perdida entre visões de uma carnificina de mentira e os ônibus carregados de dólares que logo chegariam à porta dela.

— Sr. Weeks — ela esfregou as mãos com ambição —, dez dólares por visitante não parece meio barato? Doze não é mais apropriado...

— Doze? Rá! — O homem molengo cutucou a barriga dela com o garfo, forçando uma risadinha. — Você é gulosa, né? Tudo bem, então...

— *Srta. Crumley!*

As conversas ao redor deles foram interrompidas. Michael viu a srta. Crumley se enrijecer. A mulher de pescoço de espaguete olhou para baixo, para ele, e a curva de seu pescoço formou um U de cabeça para baixo.

— Crummy — disse o Sr. Hartwell Weeks —, acho que você tem um voluntário pra órfão morto.

A srta. Crumley se virou devagar. Seu sorriso estava congelado no rosto, mas seus olhos traíam a fúria que a dominava. Ela disse em uma voz apenas moderadamente controlada:

— Sim, meu querido?

— Preciso da chave da sua sala — disse Michael, ajeitando os óculos com nervosismo. — Tem uma coisa... muito ruim pra acontecer.

No final, foi o melhor em que ele conseguiu pensar.

— Vocês ouviram? — gritou o sr. Weeks para a festa. — Uma coisa muito ruim! Como o que, garoto? Você acha que os confederados vão atacar de novo? Minha nossa, eu queria que sim! Eu mostraria a esses cães rebeldes uma coisa ou outra! Rá! Bem assim!

Ele esticou o garfo na direção de um homem velho que se apoiava em duas bengalas gritando “Volte para Dixie!” enquanto o velho tentava se afastar.

A srta. Crumley levou o rosto até o de Michael e baixou a voz de forma que só ele pudesse ouvir.

— Escute aqui, seu pestinha, dê meia-volta nesse mesmo instante e volte pra dentro. Está ouvindo?

— Não, você não entendeu...

— Eu mandei dar meia-volta! — Ela estava sibilando, cobrindo Michael de cuspe. — A não ser que você queira o mesmo tratamento que sua irmã ladra...

De repente, o chapéu de uma mulher saiu voando da cabeça dela e rodopiou pelo gramado. Em seguida, uma pilha de guardanapos, empilhados cuidadosamente sobre uma mesa, saiu voando, primeiro um por um, depois em dois e três, e, por fim, em uma massa flutuante, como uma revoada de passarinhos.

— Olhe, Crummy — o sr. Hartwell Weeks estava apontando com um dedo molenga —, aquelas nuvens estão bem feias.

E a festa toda se virou para olhar na hora em que o monte de nuvens pretas cobriu o sol. Foi como se a noite tivesse caído em um instante. Houve um som coletivo de surpresa, e o coração de Michael despencou quando ele viu as nuvens indo cada vez mais alto, como a preparação de uma enorme onda negra. Em seguida, ele sentiu o cheiro de ozônio e viu uma parede cinzenta de chuva indo na direção deles do outro lado do parquinho, engolindo tudo no caminho, e o sr. Hartwell Weeks, algoz do exército confederado, gritou “Corram pra salvar suas vidas!” e a festa explodiu em caos. A chuva martelou na tenda. Michael foi derrubado no chão e, ao lutar para se levantar, conseguiu ouvir a diretora do orfanato gritando:

— É só uma chuvinha passageira! Vai passar! Tem sorvete!

Mas os convidados estavam correndo pelo gramado lamacento já coberto de dezenas de chapéus pisoteados e ninguém prestou atenção nela.

Michael tinha acabado de ficar de pé quando foi segurado por um braço e virado.

— É tudo culpa sua! — O cabelo da srta. Crumley estava uma confusão encharcada. Linhas de rímel verde escorriam por suas bochechas. Os convidados tinham ido embora. Até os músicos tinham fugido, agarrados aos instrumentos. — Não sei como, mas sei que é culpa sua!

Ocorreu a Michael que pela primeira vez a mulher estava completamente correta. Mas antes que qualquer um dos dois pudesse falar mais uma palavra, o vento soprou pelo gramado como um chicote e a tenda, que tinha se soltado dos ganchos, flutuou no ar como uma vela amarela gigantesca. Em pânico, a srta. Crumley soltou Michael e pegou uma das cordas soltas. Ela foi erguida no ar e arrastada, batendo em um lugar e outro, até finalmente soltar e cair de cara em uma poça.

Michael imediatamente correu para o lado dela.

— Me ajuda a levantar! — ordenou a mulher. Ela estava coberta de lama, tinha perdido os dois sapatos e seu vestido estava rasgado.

— Me ajuda a levantar, seu maldito!

— Sinto muito por isso — disse Michael. — De verdade.

E enfiou a mão no bolso dela e pegou as chaves.

Os gritos da srta. Crumley de “ladrão!” o seguiram até a porta do orfanato.

Lá dentro estava um pandemônio. As crianças corriam pela escuridão gritando de prazer pela selvageria do tempo.

— Michael!

Kate apareceu na multidão, sem fôlego, com os olhos arregalados de alarme; ela estava segurando o *Atlas* com força contra o peito, sem se importar com quem o via.

— Você pegou...?

— Peguei!

E foi naquele momento, quando Michael mostrou o molho de chaves, que eles ouviram o primeiro grito. Veio de fora, ainda um pouco de longe, mas passou pela chuva e pelo vento e fez todas as crianças no saguão ficarem paralisadas. Michael olhou para a irmã; os dois sabiam o que faziam aquele som: um *morum cadi*, um Gritão, um dos monstros fedidos e mortos-vivos contra os quais eles lutaram em Cambridge Falls. E agora, quando o grito penetrou no orfanato, Michael sentiu o familiar pânico sufocante.

Está realmente acontecendo, pensou ele. Eles nos encontraram.

O grito morreu ao longe. As crianças no saguão voltaram à vida, mas o medo estava nelas, e elas se agarravam umas às outras e choravam. Kate pegou as chaves da mão de Michael e saiu correndo pelo corredor, gritando para que o menino a seguisse.

A sala da srta. Crumley ficava na torre norte, no final de uma íngreme escada caracol. Michael e Kate subiram correndo na escuridão. Em pouco tempo conseguiram ouvir Emma acima deles, batendo na porta e chorando.

— Me deixa sair! Me deixa sair! Alguém me ajuda!

— Emma! — gritou Kate. — Somos nós! Chegamos!

Ao tatear, ela encontrou a fechadura e, um momento depois, a porta foi aberta e Emma, a mais nova da família, a irmãzinha deles, estava em seus braços.

— Você está bem? — perguntou Kate. — Não está machucada?

— Estou ótima! Mas vocês ouviram o grito?

— Eu sei. — E Kate entrou na sala, fazendo sinal para que Michael a seguisse e fechasse a porta.

A sala da srta. Crumley era pequena e redonda com quatro janelas espalhadas simetricamente em relação à porta. Havia uma escrivaninha, duas cadeiras, um arquivo de aço e, encostado na parede, um armário de madeira lascada.

— Kate!

Emma estava em uma das janelas; Michael e Kate correram para lá quando um relâmpago cortou o céu. Bem abaixo deles, três figuras surgiram do bosque e estavam andando pelo pátio de asfalto em direção ao orfanato. As crianças reconheceram o andar cambaleante dos Gritões. As três criaturas seguravam espadas.

Kate rapidamente contou seu plano. Ela faria com que o *Atlas* os levasse a Cambridge Falls. Se eles fossem, as outras crianças no orfanato ficariam em segurança.

— Rápido — disse Kate. — Pegue...

Naquele momento, a janela se estilhaçou e uma mão cinza-esverdeada, meio em decomposição, segurou o braço de Kate. Emma gritou e segurou o outro braço da irmã, o que segurava o *Atlas*. Pela janela quebrada, Michael conseguia ver a forma preta do Gritão agarrado à parede da torre.

— Michael! — gritou Emma. — Me ajuda!

O garoto deu um pulo, abraçou Kate pela cintura e começou a puxá-la para longe da janela. A chuva entrou na sala. Por um momento, Michael pensou que eles estivessem vencendo; em seguida, olhou e viu que a criatura ainda estava segurando o braço de Kate e tinha começado a entrar na sala.

— Parem! — disse Kate. — Vocês só estão puxando ele pra dentro! Me soltem!

— O quê? — O rosto de Michael ainda estava encostado na lateral do corpo dela. — Não! Você...

— Solta! Eu sei o que estou fazendo! Agora! Vai!

Havia um tom de ordem tão intenso em sua voz que Michael e Emma a soltaram. O Gritão estava com metade do corpo dentro da sala, com os dedos afundados na carne do braço de Kate. Um sibilar profundo saía de sua garganta. Michael viu a irmã passar vários dedos nas páginas do *Atlas* e percebeu o que ela ia fazer.

Kate olhou para Michael e seus olhos se encontraram.

— Lembre — disse ela —, aconteça o que acontecer, cuide da Emma.

— Mas...

— Lembre o que prometeu.

E, em seguida, Kate e a criatura sumiram.

— Kate! — gritou Emma. — Pra onde ela foi?

— Ela... ela levou ele pro passado — disse Michael ofegante. — Como fez com a Condessa. Ela levou ele pro passado pra se livrar dele.

Seu coração estava disparado no peito. Ele colocou a mão na escrivaninha para se firmar.

— Então por que ela não voltou? — O rosto de Emma estava molhado. Se era de chuva, de lágrimas ou dos dois, Michael não sabia. — Ela devia ter voltado imediatamente!

Emma estava certa. Se o *Atlas* tivesse funcionado como deveria e Kate tivesse deixado o Gritão no passado, então ela deveria ter voltado para o exato momento em que partiu. Então onde estava ela?

O grito de um Gritão ecoou pela torre, e eles ouviram botas na escada, chegando mais perto e ficando mais altas. As crianças se afastaram da porta.

Michael ouviu Emma berrar seu nome.

O que ele deveria fazer? O que poderia fazer?

A porta se abriu, revelando a forma escura e desengonçada de um Gritão, e, naquele mesmo momento, um par de mãos agarrou as crianças por trás.

CAPÍTULO TRÊS

O Demônio de Castel del Monte



— E aqui estamos nós.

Eles deram um passo na viela estreita. Paredes de pedra em ruínas os cercavam de cada lado e seguiam até uma praça vazia. Atrás deles, a viela terminava em um muro alto de pedra, e no meio dele havia a porta de madeira pela qual eles tinham passado. Ao erguer o olhar acima do muro, Michael conseguiu ver um bosque de oliveiras subindo a colina. O céu estava de um azul intenso perfeito e o ar estava quente, seco e silencioso. Michael olhou para a irmã; Emma estava avaliando o novo ambiente e não parecia ferida. Isso, pelo menos, era alguma coisa.

Michael se virou para o homem ao lado deles.

Ele era alto e magro, com cabelos brancos rebeldes, usava um terno de tweed um tanto gasto e uma gravata verde-escura que parecia ter escapado de um incêndio recentemente. O cabo de um velho cachimbo aparecia no bolso de seu paletó e ele usava um par de óculos tortos e remendados com aros de casco de tartaruga. Estava exatamente como Michael lembrava.

Michael ajeitou os próprios óculos, tossiu e esticou a mão.

— Obrigado, senhor. Você salvou nossas vidas.

O dr. Stanislaus Pym segurou a mão do garoto e apertou.

— É claro — disse o mago. — Muito de nada.

Quando o Gritão entrou pela porta da sala da srta. Crumley, Michael sentiu a mão no ombro e virou a cabeça, pensando que outro *morum cadi* havia se esgueirado por trás deles e o fim tinha chegado. Mas a mão em seu ombro, como a mão no ombro de Emma, não pertencia a um Gritão. Para sua completa surpresa,

Michael viu o mago, Stanislaus Pym, inclinado na direção deles de dentro do armário e, antes que o garoto pudesse dizer qualquer coisa, ele e a irmã foram puxados para dentro e a porta se fechou. Michael se viu na escuridão, esmagado entre a lateral do armário e o cotovelo do mago. Suas narinas foram tomadas pelo cheiro do tabaco do dr. Pym e do odor úmido de repolho dos sapatos da srta. Crumley. Do lado de fora, na sala, o Gritão foi ouvido derrubando cadeiras quando pulou na direção deles; em seguida, o dr. Pym murmurou “mais uma vez”, houve um clique alto e, assim que Michael teve certeza de que uma espada ia quebrar a madeira do armário, o dr. Pym abriu a porta e tanto o Gritão quanto a sala da srta. Crumley tinham desaparecido, tendo sido substituídos por paredes de pedra, céu azul e silêncio.

— Vocês querem parar de apertar as mãos? — gritou Emma. — Qual é o problema de vocês?

Michael soltou a mão do mago.

— Eu só estava sendo educado.

— Dr. Pym! — A voz de Emma soou alta e desesperada. — Você precisa voltar! Precisa encontrar Kate! Ela...

— Usou o *Atlas*. Eu sei. Me contem exatamente o que aconteceu.

O mais rápido que conseguiram, Michael e Emma contaram a ele sobre a tempestade, sobre ficarem presos na torre, a forma como o Gritão agarrou Kate e como a garota e a criatura desapareceram...

— Ela deve ter tentado levar o Gritão pro passado — disse Michael, e contou ao mago (que, por causa de sua partida repentina de Cambridge Falls oito meses antes, ainda estava no escuro quanto a certos eventos) que a Condessa reapareceu na véspera de Natal e que Kate descobriu que conseguia usar o *Atlas* sem ter uma foto, que tinha levado a bruxa para o passado remoto e a abandonado lá.

— Tenho certeza de que ela fez a mesma coisa com o Gritão — disse Michael. — Só que ela não voltou.

— Então você tem que encontrar ela! — gritou Emma. — Rápido!

— Sim, claro — disse o mago. — Agora, se vocês forem em frente, do outro lado da praça tem um café. Esperem por mim lá.

— Mas, dr. Pym — Michael teve que perguntar —, onde nós estamos?

— Na Itália — foi a resposta.

E, com isso, o mago se virou e seguiu na direção da porta de madeira pela qual eles tinham entrado. Michael estava confuso. Onde estava o armário da srta. Crumley? Como de repente eles estavam na Itália? Para onde o dr. Pym estava indo? Em seguida, ele viu o mago tirar uma chave dourada enfeitada do bolso, colocar na fechadura, passar para o outro lado do muro e fechar a porta atrás de si. Houve o mesmo clique sonoro como o de antes. Curioso, Michael andou até lá, escutou por um momento e abriu a porta.

Uma cabra olhou para ele.

— Ele vai encontrar ela. — Emma não tinha se mexido, mas estava se abraçando como se pudesse desmoronar a qualquer momento. — O dr. Pym vai encontrar ela.

Michael não disse nada.

Juntos, o grupo andou silenciosamente pela viela. Quando chegaram à praça, Michael viu que estavam na lateral de uma colina e que a cidade não era de tamanho algum de tão pequena. Havia uma igreja à esquerda. Um cachorro branco passou saltitando. Do outro lado da praça havia o café. Tinha um toldo vermelho e duas mesas vazias na frente.

Uma cortina de contas coloridas estava pendurada na porta, e as crianças passaram por ela e entraram em um salão bem-iluminado com piso azulejado, com paredes ásperas de pedra como o interior de uma caverna. O café estava ocupado pela metade por homens e mulheres mais velhos, e havia uma mulher com cabelos pretos grisalhos presos em um coque que usava um vestido verde surrado sob um avental branco. Era mais baixa do que Michael e Emma, e andava como um inseto, zumbindo aqui e ali, colocando garrafas de vinho e água, pegando pratos. Ao ver as crianças, ela as levou até

uma mesa, falando em rápido italiano, e, sem que eles pedissem, levou dois copos e uma garrafa de limonada com gás.

— Vai ficar tudo bem — disse Michael. — É Kate, lembra?

Emma não respondeu. Seu rosto estava tenso de preocupação, mas ela esticou a mão e segurou a de Michael.

As crianças ficaram sentadas lá por quase uma hora, com a limonada soltando borbulhas suavemente à frente delas. Grupos de homens e mulheres entraram no café. Os homens eram magros e tinham rostos rudes e usavam ternos escuros velhos, camisas brancas e chapéus pretos surrados; pareciam homens que passaram a vida inteira ao ar livre. As mulheres tinham cabelos e olhos escuros e mãos que ficaram grossas por causa do trabalho. A pequena mulher de avental se impunha a todos. Ela os empurrava para cadeiras. Trazia comida e bebida que não tinham pedido. E Michael conseguia ver que os homens e mulheres adoravam; quanto mais a pequena mulher fazia, mais risada e conversa enchia o restaurante.

Era um lugar bom, pensou Michael. Um refúgio. E entendeu por que o mago os mandou para lá.

Emma deu um salto e ficou de pé, e Michael se virou e viu o dr. Pym entrando pela cortina de contas na porta.

Michael sentiu seu coração se retorcer. O mago estava sozinho.

O dr. Pym se sentou em uma cadeira.

— Bem, vocês vão ficar aliviados em saber que os *morum cadi* foram embora do orfanato, e que nem a sua srta. Crumley e nem as crianças foram feridas.

— E? — gritou Emma. — Onde está Kate? Você disse que ia encontrar ela!

A conversa ao redor deles parou; os homens e mulheres idosos olharam para eles.

O mago suspirou.

— Eu não a encontrei. Sinto muito.

Michael apertou a perna de madeira da mesa e respirou profunda e lentamente, várias vezes.

— Você não deve ter procurado direito! — A voz de Emma era agora o único som no restaurante. — Ela não deve estar no orfanato! Você tem que continuar procurando! Nós vamos com você! Vem!

A menina começou a puxar o mago da cadeira.

— Emma. — A voz do homem idoso estava baixa e calma. — Katherine não voltou ao presente. Nem pra Baltimore, nem pra nenhum outro lugar...

— *Você não sabe isso...*

— Sei, sim. Agora, por favor, se sente. Está chamando atenção.

Emma soltou o braço dele contra a vontade e se sentou na cadeira. A conversa nas outras mesas recomeçou. A pequena mulher se aproximou, colocou uma taça de vinho tinto na frente do mago e se afastou.

— Precisamos examinar a situação de maneira lógica. — O dr. Pym manteve a voz baixa. — Vamos dizer que Katherine realmente tenha usado o *Atlas* pra viajar pro passado pra se livrar da criatura do mal. Por que não voltou imediatamente? Talvez alguma coisa ou alguém tenha impedido...

Emma bateu na mesa com o punho.

— Então temos que ajudar ela! É o que estou dizendo! Precisamos fazer alguma coisa!

— Ela está certa — disse Michael. — Precisamos bolar um plano! Nós...

— Mas a questão que vocês dois precisam entender — o mago se inclinou para a frente — é que, se sua irmã estiver presa no passado, então não tem absolutamente nada que vocês e nem ninguém possa fazer. Ela está fora do nosso alcance. Isso é um fato, e vocês têm que aceitar.

Michael e Emma abriram a boca para argumentar, mas nada saiu. A dura determinação da frase do mago, o modo frio e preciso como foi dita, deixou os dois sem fala.

— No entanto — e com isso o dr. Pym retornou ao seu ar normal de avô —, acho que não foi isso que aconteceu. Sua irmã é uma das pessoas mais incríveis que já conheci. E, considerando o tempo que já vivi, é uma coisa e tanto. Independentemente dos obstáculos, se houver um meio de Kate voltar pra vocês, ela vai encontrar.

— Então... — Os olhos de Emma estavam se enchendo de lágrimas, e ela uniu as mãos para impedir que tremessem. — Por que ela não voltou?

O mago sorriu.

— Minha querida, quem pode dizer que não voltou?

— Você! Você acabou de dizer..

— A-ha! — exclamou Michael.

Tanto o dr. Pym quanto Emma olharam para ele.

— Você sabe o que vou dizer? — perguntou o mago.

— Bem... não exatamente — admitiu Michael. — Mas pareceu...

Desculpa.

— Me permitam explicar sobre a natureza do tempo. — O homem idoso enfiou o dedo na taça de vinho e espalhou uma fileira de pontos vermelhos sobre a mesa. — Vocês não devem imaginar que o tempo é uma estrada se desenrolando à nossa frente. Na verdade, todo o tempo, o passado, o presente e o futuro, já existe. Digamos que estamos aqui. — Ele apontou para um ponto no meio da linha. — E sua irmã estava aqui no passado; mas então ela escolheu pular por cima de nós e parar aqui, no futuro. — Ele levou o dedo até um ponto mais adiante na linha. — Nesse caso, só precisamos seguir em frente e vamos acabar encontrando ela.

— Você quer dizer — disse Michael — que amanhã ela de repente vai estar aqui?

— Amanhã, no dia depois de amanhã, na outra semana... Não dá pra saber quando.

— Mas por que ela faria isso? — perguntou Emma. — Por que não voltaria imediatamente?

O velho homem deu de ombros.

— Quem sabe? Teremos que perguntar a ela quando nos encontrarmos. Até lá, precisamos continuar com nosso trabalho. É o que ela iria querer.

Michael viu Emma assentindo. O mago tinha oferecido um fiapo de esperança, e ela o agarrou com as duas mãos. De sua parte, Michael tentou se forçar a acreditar que Kate os esperava em algum lugar do futuro deles; ele queria acreditar desesperadamente. Mas e se o dr. Pym estivesse errado? E se eles nunca mais vissem Kate? Ele viu a vida se estendendo à frente deles, uma vida sem a irmã, e a estrada era escura.

Ele tomou um gole de limonada e colocou o copo na mesa. A bebida tinha perdido o gás.

O dr. Pym verificou a hora e sugeriu que pedissem o jantar. Falou com a pequena mulher (ele a chamou de *signora*) em italiano enquanto Emma olhava para o restaurante e dizia:

— Pede um pouco disso! E o que aquele careca ali está comendo!

Era incrível, pensou Michael, a mudança que aconteceu nela. Emma tinha recebido a teoria do mago de braços abertos. Ela decidiu que Kate tinha pulado para o futuro e que eles só precisavam seguir em frente para se juntarem a ela. Qualquer outra possibilidade foi removida da mente da menina.

Era bom ser jovem, pensou Michael, e deu um suspiro cansado.

Quando a comida começou a chegar (macarrão com linguiça e ervilha, uma salada de tomates vermelhos e amarelos coberta de pedaços de queijo branco macio e tiras verdes de manjeriço, uma pizza carregada em alho e cebola e pequenos peixes que Emma tirou da pizza e colocou no prato do irmão), Michael fez o melhor para parecer que comia, mas cada garfada era um esforço.

— Agora — disse o mago, enrolando a pizza como um *taco* —, quero pedir desculpas por nunca conseguir responder a suas cartas. Saibam que recebi todas. No entanto, estamos juntos agora, e quero

ouvir cada detalhe da vida de vocês desde o Natal, cada coisa que não me contaram nas cartas. Sou todo ouvidos.

As crianças protestaram dizendo que ele devia responder às perguntas delas primeiro, mas acabaram cedendo e contaram para ele o quanto o Lar Edgar Allan Poe era terrível, o quanto a srta. Crumley era horrível, sobre a população de gatos selvagens que passou todo o verão por perto e sobre o ensopado misterioso que a cozinheira servia, sobre a semana em julho em que os chuveiros quebraram e que pessoas a uma quadra de distância reclamaram do cheiro; uma história levou a outra, e, quando terminaram, Michael percebeu que seu pescoço e seus ombros estavam menos tensos e que tinha comido duas porções de macarrão e que as coisas não pareciam tão ruins quanto antes, e se deu conta de que esse tinha sido o plano do mago o tempo todo.

— Que coisa totalmente terrível — disse o dr. Pym. — Agora, suponho que vocês tenham algumas perguntas pra mim.

— Temos — disse Emma com a boca cheia de linguça. — Onde você esteve esse tempo todo? Onde está Gabriel? Por que você foi embora de repente no Natal? Quem é esse Magnus Medonho idiota? E onde ele está escondendo nossos pais?

— E o que estamos fazendo aqui? — acrescentou Michael.

— Meu Deus, que chuva de perguntas. Mas vou responder à última pergunta primeiro. Minha nossa. — O mago estava mordendo um doce com massa grossa, e uma gota grande de creme caiu em sua gravata. Ele procurou seu guardanapo, que estava bem na frente dele, e, não encontrando, limpou o creme com o dedo, depois enfiou na boca. — Estamos aqui, no encantador vilarejo de Castel del Monte, para ver um homem. Na verdade, eu estava a caminho daqui quando recebi uma carta da sua irmã...

— A que ela mandou hoje! — disse Michael. — O que dizia?

— Vou chegar a isso depois. Mas eu imediatamente desviei meu trajeto para Baltimore e então, quando estava com vocês nas mãos, pareceu mais fácil trazê-los junto. Quanto ao paradeiro de Gabriel,

ele está em uma missão para mim, a mesma missão, podemos dizer, que nos levou a ir embora tão de repente no Natal. Prefiro não entrar em detalhes no momento.

— Que surpresa — disse Emma. — Ei, podemos pedir outra dessa rosquinha cremosa? Porque você devorou aquela.

Antes que o dr. Pym pudesse pedir, a *signora* colocou uma na frente de Emma.

— E nossos pais? — disse Michael. — Você descobriu onde estão presos?

— Não — disse o mago. — Infelizmente, não descobri.

O clima mais uma vez ficou macabro. Ninguém falou. O silêncio foi por fim rompido quando um sino começou a tocar na praça. O dr. Pym bateu as mãos.

— E essa é nossa hora. Suas outras perguntas vão ter que esperar.

O mago chamou a pequena *signora* e falou com ela em italiano. Michael parou para olhar sua bolsa. Havia *O compêndio do anão*, a medalha do rei Robbie proclamando-o Guardião Real da História e de Todas as Tradições dos Anões, seu diário, canetas e lápis, um canivete, uma bússola, uma câmara e chiclete. Ele sempre fazia questão de manter a bolsa pronta para uma emergência assim e sentiu uma pontada quente de satisfação ao ver tudo no lugar.

De repente, houve um ruído de coisa quebrando, e Michael ergueu o olhar e viu que a mulher tinha deixado um prato grande cair, espalhando macarrão e molho de tomate por todo o piso azulejado. Ela gesticulou para Michael e Emma e falou várias coisas em italiano. Parecia estar implorando para o mago. O dr. Pym respondeu, e a mulher fez o sinal da cruz várias vezes rapidamente. O restaurante inteiro tinha feito silêncio.

— O que está acontecendo? — sussurrou Emma.

Michael balançou a cabeça; ele não fazia ideia.

— Crianças — disse o dr. Pym, colocando várias notas em cima da mesa —, temos que ir embora.

Cada olho os seguiu até saírem do restaurante. Na praça, estavam sozinhos, exceto pelo cachorro branco de antes, e até o animal parecia olhar para eles com cautela. O sol poente deixou o mundo com um brilho âmbar suave.

— Por aqui — disse o dr. Pym, e seguiu pela rua principal a passos rápidos.

O vilarejo terminava depois de apenas cem metros, e o dr. Pym se dirigiu para o alto da colina, levando as crianças por um portão e para o meio de um bosque de oliveiras. O piso era seco, rochoso e íngreme.

— Dr. Pym — ofegou Emma —, o que aconteceu lá? O que está acontecendo?

— Falei pra vocês que estamos aqui pra ver um homem. O que eu não falei foi que procuro essa pessoa há quase uma década. Só recentemente eu o descobri nesse vilarejo. Vocês me ouviram perguntando à *signora* como encontrar a casa dele.

— Só isso? Foi isso que fez ela derrubar o prato?

— Foi, e parece que ele é visto pelos locais como uma espécie de demônio. Ou talvez o Demônio. A *signora* ficou um pouco perturbada.

— Ele é perigoso? — perguntou Michael. Em seguida, acrescentou: — Porque agora eu sou o mais velho e sou responsável pela segurança da Emma.

— Ah, por favor — gemeu Emma.

— Eu não diria que ele é perigoso — disse o mago. — Pelo menos, não muito.

Eles seguiram andando por uma trilha estreita e cheia de curvas. Conseguiram ouvir cabras balindo ao longe e os sinos ao redor dos pescoços delas estalando no ar estático. Galhos de grama seca arranhavam os tornozelos das crianças. A luz estava sumindo, e logo Michael não conseguia mais ver a cidade atrás deles. A trilha terminava em um muro de pedra malconservado. Afixado ao muro havia um pedaço de madeira com um recado escrito em tinta preta.

— O que diz? — perguntou Emma.

O mago se inclinou para a frente para traduzir.

— Ela diz: “Querido idiota.” Ah, nossa, que começo. “Você está prestes a entrar em propriedade particular. Invasores levarão tiros, serão enfocados, apanharão com porretes, levarão mais tiros; seus globos oculares serão bicados por corvos, seus fígados serão assados...” Meu Deus, que nojento, isso continua por um tempo... — Ele pulou para o fim. — “Portanto, dê meia-volta agora, seu tremendo imbecil. Atenciosamente, o Demônio de Castel del Monte.” — O dr. Pym se empertigou. — Não muito convidativo, não é? Bem, vamos lá.

E pulou o muro.

Michael pensou em perguntar se não seria aconselhável avisar antes, mas Emma já estava pulando para o outro lado, e ele correu para acompanhar. Não tinham se afastado dez metros da parede quando houve um estalo e uma coisa voou pelos galhos acima da cabeça deles. Michael e Emma caíram deitados.

— Sabem... — O dr. Pym tinha parado de andar, mas estava de pé em uma posição perfeitamente normal. — Acho que ele acabou de atirar em nós.

— É mesmo? — disse Emma. Ela e Michael estavam deitados no chão. — Você acha?

Outro estalo, e um pedaço de tronco caiu de uma árvore próxima.

Uma voz gritou alguma coisa em italiano.

— Ah, sinceramente — disse o dr. Pym —, isso é ridículo. — Ele gritou para o alto da colina. — Hugo! Quer parar de atirar em nós? É extremamente irritante!

Houve um longo momento de silêncio.

Em seguida, a voz perguntou, desta vez em inglês:

— Quem é?

Mantendo a cabeça baixa, Michael olhou para cima. Havia uma pequena cabana de pedra que mal dava para ser vista entre as

árvores, mas ele não conseguia ver onde o homem estava escondido.

— É Stanislaus Pym, Hugo! Eu gostaria de conversar com você!

Houve uma risada hostil.

— Pym? Seu burro! Não leu a placa? Invasores levam tiros! Agora dê meia-volta e leve sua carcaça velha montanha abaixo antes que eu faça um favor ao mundo e coloque uma bala nessa maçaroca de aveia que você chama de cérebro! Rá!

— Hugo! — O mago falou como se ele fosse uma criança indisciplinada. — Você acha mesmo que viajei pra tão longe pra ir embora? Estou subindo!

Michael pensou ouvir o homem murmurando com raiva.

— Hugo!

Houve um grito de raiva e então:

— Então venha, por que não?! Eu sempre soube que respeito por propriedade privada estava além da sua capacidade mental limitada!

E eles ouviram o que pareceu alguém chutando uma árvore com fúria.

O dr. Pym olhou para as crianças.

— Está seguro agora.

— Tem certeza? — perguntou Michael.

— É — disse Emma. — Acho que você devia ir na frente.

— Está tudo bem. Confiem em mim.

As crianças se levantaram e tiraram a sujeira dos braços e das pernas. Eram mais 50 metros até a cabana, mas o homem só apareceu quando eles estavam a 3 metros da porta, quando saiu de trás de uma carroça virada. A aparência dele era impressionante de todas as maneiras. Tinha um corpo baixo e amplo e um rosto largo. Suas roupas pareciam muito gastas e pouco lavadas. Seu cabelo e sua barba eram bagunçados e pretos e não eram cortados fazia algum tempo. Sobrancelhas grossas obscureciam seus olhos, mas a mensagem neles era clara: este homem estava pronto para lutar com o mundo. Estava com um rifle na mão esquerda.

— Stanislaus Pym — disse o homem com desdém. — Não é que é meu dia de sorte? Estou surpreso por você só ter levado dez anos pra me encontrar. Você deve ter tido ajuda.

— Você não devia ter desaparecido, Hugo. Tornou as coisas muito difíceis.

— E você devia tentar não ser um homenzinho tão chato, tão grande e exibido! Mas o mundo não é um lugar perfeito.

Em seguida, ele se virou e empurrou a porta da cabana. O dr. Pym e Emma foram atrás, com a menina tapando o nariz imediatamente por causa do cheiro. Michael entrou por último, fazendo uma pausa assim que passou pela porta. Ao lado dele havia um velho baú de madeira, e no baú havia um porta-retratos com uma foto preta e branca. Nela, havia dois homens de túnicas longas e pretas em frente a um prédio de pedra. O mais alto também era mais novo do que o outro em pelo menos dez anos e segurava o que parecia um diploma enrolado. Usava óculos com armação de metal, e sua mão estava apoiada no ombro do segundo homem, baixo, pesado e com cabelo preto desgrenhado. O homem de cabelo preto era o Demônio de Castel del Monte.

Naquele momento, o Demônio de Castel del Monte apareceu e abaixou o porta-retratos.

— Nada de xeretar — rosou ele.

Michael ficou ali de pé alguns segundos mais, esperando que seu coração parasse de bater forte no peito. Não fazia ideia do motivo de o mago tê-los levado ali, nem quem era o homem de cabelo preto. Mas sabia de uma coisa: o homem jovem e alto na foto era seu pai.

CAPÍTULO QUATRO

O dr. Hugo Algernon



— Feche a porta, meu garoto, por favor.

Michael se perguntou se era uma boa ideia. A cabana do homem tinha cheiro de celeiro. E, na verdade, metade dela estava coberta de pilhas de palha suja e parecia ter sido emprestada para as cabras. Três desses animais estavam de pé perto da parede dos fundos, comendo e observando os visitantes com expressões vagas. O lado esquerdo da cabana parecia designado para o uso do homem. Ao lado do baú havia um colchão com aparência irregular. Uma mesa velha de madeira e duas cadeiras. Um lampião surrado. Uma lareira em que alguns pedaços de madeira em brasa soltavam fumaça. Uma coleção de panelas, potes, xícaras, pratos e tigelas que não foram lavados. E centenas de livros. Muitos dos exemplares mostravam sinais de terem sido roídos ou parcialmente comidos, talvez por ratos ou pelos colegas de quarto de quatro patas do homem, ou, Michael quase conseguia imaginar, por ele próprio em vários ataques de fúria.

Enquanto Michael fechava a porta, Hugo lutava com um bode que estava mastigando uma pilha de papéis.

— Solte, seu patife! Estou avisando, Stanislaus!

Michael demorou um momento para perceber que o homem estava falando com o bode.

— Hugo — disse o mago, sorrindo —, você batizou essa criaturinha em minha homenagem? Estou emocionado.

— Não fique — resmungou o homem, ainda fazendo cabo de guerra com os papéis. — É o bode mais burro da Itália. Eu queria

que o nome refletisse adequadamente as profundezas da ignorância dele! Seu nome era a escolha óbvia... *Arrgh!*

O bode deu um pulo para trás, o homem perdeu o equilíbrio e caiu sobre o traseiro. Com um balido de triunfo, o animal saiu pela porta aberta dos fundos e correu pela colina sacudindo os papéis.

— Eu passei dez anos trabalhando naquele livro! — gritou o homem, pulando e sacudindo o punho para o bode fugitivo. — Sempre que faço o mínimo avanço, um desses idiotas vai e come o livro. Se bem que eles devem ser melhores avaliadores do material do que os que se dizem especialistas. — Ele olhou para o dr. Pym. — Incluindo a presente companhia, é claro.

— Então é isso que você está fazendo esse tempo todo? — perguntou o mago. — Escrevendo um livro? Sobre o que é, se posso perguntar?

— Chama-se *Uma história da estupidez no mundo mágico*, e, desnecessário dizer, você aparece em posição proeminente. Até pensei em incluir sua foto, mas não quis assustar os potenciais leitores. Rá!

— Eu certamente cometi minha parcela de erros — respondeu o mago.

— Escutem ele! O sr. Sou Tão Racional! Se eu fosse você, Pym, duvido que pararia de me socar na própria cara!

Havia uma pequena chaleira pendurada em um suporte acima do fogo, e o homem se serviu uma xícara do café mais quente e preto que Michael já tinha visto. Ele borbulhava pelo bico da chaleira como lama fervente. O homem disse que ofereceria a eles, mas tinha medo de dar a impressão de que queria que os três ficassem. Em seguida, sem aviso, ele se virou e pousou o olhar intenso em Michael.

— Eu conheço você?

— Não — disse Michael, constrangido. — Nunca... nos encontramos.

— Hugo, estes são meus amigos Michael e Emma. Crianças, este é o dr. Hugo Algernon.

— Sim, sim, sim — disse o homem, caindo sentado em uma cadeira. — Vamos acabar logo com isso. O que você quer? Me recrutar pra outro dos seus esquemas cabeça-dura? Pode esquecer. Você me enganou uma vez, mas nunca mais!

O mago tinha se sentado na outra cadeira, e as crianças encontraram assento em uma pia de cabeça para baixo, que, ao que tudo indicava, nunca havia sido usada.

— Estou aqui — disse o dr. Pym — por dois motivos. Mas preciso dizer o quanto tem sido irritante ter que procurar você...

— Ninguém te pediu pra procurar.

O mago suspirou.

— Estou aqui pra lhe dar um aviso. E fazer uma pergunta.

— Um aviso? De você? Rá! Manda ver!

— Jean-Paul Letraud e Kenji Kitano estão mortos.

Michael conseguiu ver que a notícia teve um efeito no homem, apesar de ele tentar agir como se nada o tivesse afetado.

— Assassinados?

— Sim.

— Quando?

— Sobre Jean-Paul, eu soube no dia de Natal. Kenji foi algumas semanas depois.

Michael olhou para a irmã e viu a mesma expressão no rosto dela que imaginava em seu rosto.

— Dr. Pym...

— Sim, meu garoto, foi isso o que me fez ir embora no Natal. Jean-Paul e Kenji eram amigos e companheiros magos. Eu teria contado antes, mas o café da *signora* não pareceu o lugar apropriado pra entrar em detalhes.

— Quem foi? — perguntou Michael. — Quem matou eles? Foi...

— Quem matou eles? Quem você acha que matou? O Magnus Medonho! O Imortal! O...

— Sim — disse o dr. Pym, interrompendo-o. — Ou, mais especificamente, os seguidores dele.

Hugo Algernon deu um pulo e começou a andar de um lado para outro, batendo os punhos e rosnando.

— Isso não era pra ter acontecido, Stanislaus. Você lembra? Eu, sim! Eu lembro! Eu lembro quando você nos reuniu. — E ele imitou mal a voz do mago. — “Precisamos agir agora. Precisamos acabar com esse poder de uma vez por todas.” — Ele soltou uma risada cruel. — Funcionou bem, você não acha? Rá!

— Funcionou mesmo — disse o mago calmamente. — O poder dele diminuiu muito.

— Ah, diminuiu, é, diminuiu. Diz isso pro Jean-Paul e pro Kenji. Tenho certeza de que vão concordar com você. Diminuiu, rá!

O dr. Pym suspirou.

— Não vim discutir, apenas dizer pra você tomar cuidado. Ele está procurando todos que já se colocaram contra ele.

— Do que ele está falando? — disse Emma. — Do que você está falando?

— Minha querida...

— Emma está certa. — Michael tentou se sentar mais ereto e parecer o mais irmão mais velho possível. — Desculpa, mas você fica sempre dizendo que não está na hora de explicar as coisas, nos leva pra algum lugar e não temos ideia de por que estamos lá e pessoas loucas atiram em nós... Nada pessoal, dr. Algernon. Mas não é justo! Quem é o Magnus Medonho? O que ele quer? De que vocês dois estão falando? Merecemos saber o que está acontecendo!

Foi um dos discursos mais longos que Michael já tinha feito, e, quando terminou, ele estava sem fôlego. Emma estava olhando para ele com olhos arregalados de assombro.

— Rá! — Hugo Algernon bateu com a mão na mesa. — O garoto tem coragem! Conta pra eles, Pym! Conta pra eles tudo o que você conseguiu aprender sobre o Magnus Medonho em milhares de anos! Não deve demorar mais do que dez segundos!

O velho mago franziu a testa, mas acabou por assentir.

— Hugo está tentando ser implicante, mas ele tem razão. Nosso... meu conhecimento sobre o Magnus Medonho infelizmente é incompleto. Acredito que seja um homem. E certamente um feiticeiro poderoso. Além disso, ele é um mistério. Suas origens. Seu verdadeiro nome. Não sei dizer. O que posso dizer é que estou neste planeta desde que as primeiras cidades surgiram no deserto, e sempre houve um Magnus Medonho. O poder dele vem e vai. Ele se ergue e é vencido. E desde que os Livros foram criados, o único objetivo dele é obtê-los.

— Nada mau — disse o homem. — Vinte segundos. Você sabia mais do que eu pensava.

O mago prosseguiu:

— Ao longo do tempo, fiz tentativas de confrontá-lo. A última vez foi mais de quarenta anos atrás. Reuni um grupo de bruxos, magos, bruxas, feiticeiros, entre eles o dr. Algernon aqui. Nós o caçamos. Lutamos com ele. Muitos dos nossos amigos morreram. Mas nós vencemos. Ele foi destruído.

Hugo Algernon soltou outro desdenhoso "rá!" e jogou a caneca vazia por cima do ombro, o que despertou uma fuga de cabras pela porta.

— Ou era o que acreditávamos. — O dr. Pym esfregou os olhos. — O que descobrimos foi que a morte não era prisão pra seres como ele. Mesmo preso na terra dos mortos, o espírito dele continuou a exercer influência e poder sobre seus seguidores.

— E agora — disse Hugo Algernon —, ele está acertando as contas.

— Está fazendo mais do que isso, meu amigo. Está montando um exército. — O mago olhou para as crianças. — Vocês perguntaram sobre Gabriel. Enquanto venho procurando e avisando os que me ajudaram a lutar contra o Magnus Medonho, ele está monitorando os movimentos do inimigo. Desde que vocês o viram pela última vez, ele está em perigo quase constante. — O dr. Pym se virou para o

outro homem. — A força do inimigo está crescendo, Hugo. Você pode se esconder nesta montanha e dizer que o mundo está cheio de tolos. Mas uma guerra está se aproximando. E vai chegar até a você.

Por um momento, o homem feroz e barbudo pareceu abalado. Mas então sua boca se curvou em uma expressão de desdém.

— Aviso recebido e já esquecido. Agora qual é sua pergunta? Seja rápido. Preciso encontrar seu xará antes que ele coma o resto do meu livro. Elaborei um capítulo novo enquanto você falava. Se chama “Velhos tolos e paranoicos”! Rá!

— Muito bem — disse o mago. — Eu gostaria de saber sobre a última vez que você viu Richard e Clare Wibberly.

Do lado de fora, as sombras tinham começado a se alongar, e o dr. Algernon acendeu o lampião. Antes de colocá-lo sobre a mesa, ele o levou até os rostos de Michael e Emma. Olhou para o garoto por um longo momento.

— Eu sabia. Você é a imagem cusvida do seu pai.

— É mesmo? — Michael conseguia sentir o próprio sorriso. — Quero dizer... é mesmo?

— Foi o que eu falei, não foi? Você é surdo?

— Não...

— Você é a cara dele. Não me faça dizer de novo. — Ele olhou para Emma. — Vocês dois são gêmeos?

— Não! — respondeu Michael, de forma um tanto calorosa. — Sou um ano mais velho.

— Bem, tecnicamente — disse Emma —, nós dois temos 12 anos. Tecnicamente.

Michael estava prestes a argumentar quando o homem falou.

— Onde está o terceiro, Pym? Deveria haver um terceiro.

— Infelizmente, ela não pôde se juntar a nós hoje. Mas esperamos vê-la em breve.

— É — disse Emma. — Muito, muito em breve.

O homem resmungou e colocou o lampião sobre a mesa.

— Não sei o que Pym contou pra vocês. Não muito, eu aposto. Mas a maior parte de nós que trabalhávamos como magos acabou dividida entre dois mundos, o mágico e o mundano. Tínhamos empregos de verdade; alguns idiotas formaram famílias. Além das minhas outras, vamos chamar de atividades *extracurriculares*, eu dava aula de folclore e mitologia em Yale. Seu pai era aluno de graduação. E, ao contrário da maior parte dos alunos, não era um completo idiota. Eu consegui perceber imediatamente que ele sabia que a magia era uma coisa real. A gente vê isso nos departamentos de folclore. Pessoas que descobriram a verdade, mas não podem ir à faculdade estudar magia. Então elas estudam folclore e mito, sabendo que essas histórias refletem como o mundo era antigamente. Esse era seu pai.

“Eu era tolo naquela época, quase tão tolo quanto o dr. Cérebro de Pudim aqui. Achei que a magia tinha uma chance. Que as pessoas como seu pai podiam ajudar. Então, eu o levei junto comigo. Ensinei tudo o que podia. Eu lembro que ele tinha uma afeição incomum por anões...”

— Anões? — Michael quase deu um pulo. — É mesmo? Eu tenho um certo, vamos chamar de *interesse* em anões.

— Ele quer dizer que ama eles — disse Emma.

— Ele gostava de alguma coisa em particular? — perguntou Michael com ansiedade. — É verdade que tem muita coisa para escolher. Por onde começar...

Hugo Algernon coçou a barba.

— Bem, ele sempre citava uma frase do velho Killin Killick. Alguma coisa sobre um grande líder...

— Não mora em seu coração, mas em sua cabeça! — concluiu Michael. — Conheço essa frase! Falei sobre ela hoje! Inacreditável. — Ele uniu as mãos, sorrindo de orelha a orelha. Não apenas ele e o pai admiram e estimam anões, mas também escolheram separadamente a mesma frase. Se isso não era um sinal de, bem,

alguma coisa, então Michael não sabia o que era. — Você lembra o que ele achava dos elfos? Imagino que achasse que eram bem ridículos...

O dr. Pym tossiu.

— Talvez pudéssemos permanecer no assunto. Hugo, você pode continuar?

— Claro, claro. Assim, em seu segundo ano, contei pro Richard sobre os Livros do Princípio. — Hugo Algernon olhou para o dr. Pym.

— O quanto eles sabem sobre os Livros?

— Tenho certeza de que se interessam por qualquer coisa que você tenha a dizer.

— Isto é o que vocês precisam lembrar: os Livros do Princípio são três livros de magia incrivelmente velhos e poderosos. Se vocês acreditam nas histórias, eles podem literalmente refazer o mundo. A maior parte dos relatórios começa com os Livros na cidade egípcia de Rhakotis, guardados por um grupo do que provavelmente eram os magos mais lerdos de todos os tempos. É só minha opinião, mas não tenho dúvida de que estou certo. Tudo estava bem até um dia, cerca de 2.500 anos atrás, Alexandre o Grande aparece, bota fogo na cidade e os Livros desaparecem.

“Seu pai ouve isso tudo e fica com uma pulga atrás da orelha. Por que os livros nunca foram localizados? O quão incrível seria se ele encontrasse os Livros? E por aí vai. Falei pra ele esquecer. As pessoas estavam procurando os Livros havia milhares de anos, magos e bruxos de verdade, e ninguém nunca tinha encontrado nada.”

“De qualquer modo, Richard se formou, foi embora, se casou, decidiu que o mundo não estava populoso o bastante e teve vocês, sardinhas... Quero dizer, crianças. Quando percebi, Pym aqui o acolheu. Leu algum artigo que seu pai escreveu. Pensou que ele tinha feito uma grande descoberta.” — Mais uma vez imitando o mago, ele falou em um telefone de mentira. — “Ah, alô, Hugo,

descobri um jovem promissor, tsc-tsc, sou um tremendo bobo alegre.' Ele era meu aluno primeiro, seu..."

— Apenas termine a história, Hugo.

O homem fez uma expressão de desdém, mas prosseguiu.

— O tempo passou, e um dia estou em Buenos Aires. Havia um mago velho que morava lá. Louco de pedra, mas um excelente arquivista e colecionador de manuscritos raros. Ele tinha morrido e eu estava examinando a biblioteca dele. A casa estava destruída. O que a mantinha em pé era a poeira e os cocôs de rato. E então, estou lá trabalhando quando o piso da biblioteca cede. Quase quebrei meu pescoço. Mas quando finalmente consegui olhar ao redor, vi que tinha caído em uma espécie de cofre. Havia pilhas de livros e documentos velhos. Passei um ano examinando e catalogando tudo, e então... encontro uma carta. Estava em um dialeto extinto do português. O troço foi terrível de traduzir. Mas eu tinha um pressentimento quanto a ela. Um homem escrevendo para a esposa. Aparentemente, ele estava em uma espécie de viagem de negócios do século XVIII. Comprando porcos ou lhamas ou alguma outra coisa. E escreve sobre o fato de ter chegado tarde na cidade e todas as estalagens estarem cheias e ele ter que dividir o quarto com um homem doente. O homem estava febril. A noite toda, ficou delirando sobre ele e alguns outros terem tirado um livro mágico do Egito tempos antes e terem escondido. Ele ficava dizendo: "Preciso fazer o mapa... preciso desenhar o mapa."

— E depois, o que aconteceu? — perguntou o mago.

Hugo Algernon deu de ombros.

— Nada. O resto da carta era sobre um porco que ele comprou e o quanto era gordo, e blábláblá.

— E onde aconteceu esse encontro?

— Em Malpesa.

— Ah.

— O que é Malpesa? — perguntou Michael.

— Malpesa — respondeu o mago — é uma cidade na extremidade sul da América do Sul, na costa da Tierra del Fuego, a Terra do Fogo. A princípio era um vilarejo indígena, depois se tornou um posto comercial colonial, uma parada para os navios indo do Atlântico para o Pacífico. Depois, quando o mundo mágico se afastou, Malpesa foi junto. — O homem idoso se virou para Hugo Algernon. — Então, quando você leu essa carta e percebeu o que ela queria dizer, por que você fez contato com Richard e não comigo?

— Porque você, seu grande bobalhão, é impossível de se localizar! Pensei que Richard conseguiria encontrar você! E... — ele olhou para Michael e Emma e parte da energia e da fúria pareceram sair dele — eu sabia sobre as crianças. Richard tinha me contado quem elas eram. Que eram as crianças da profecia, os três que finalmente reuniriam os Livros e cumpririam seu destino.

Michael sentiu um calafrio na espinha. Em Cambridge Falls, a Condessa tinha mencionado a profecia para Kate. Só que a bruxa não disse qual era o destino dos Livros, nem o que isso significava para as três crianças.

Hugo Algernon prosseguiu.

— Quando voltei aos Estados Unidos, liguei pra ele. Uma semana depois, mais ou menos, Richard apareceu na minha casa em New Haven. Clare estava com ele. Devia ser perto da meia-noite. Eu sabia que alguma coisa estava errada. Mas ele insistiu que eu contasse a ele o que tinha descoberto. E contei.

— Quando foi isso?

— No Natal. Dez anos atrás. Um dia depois que a família dele supostamente desapareceu. — Hugo Algernon olhou para Michael e Emma. — Acho que fui a última pessoa a ver seus pais.

A porta atrás das crianças tinha se aberto, mas ninguém se aproximou dela. Michael sentiu um vento frio no pescoço. Emma estava apertando a mão dele.

Michael refletiu que ele e Emma agora sabiam mais do que nunca sobre o destino dos pais. Mas ainda havia tantas perguntas. Será que seus pais chegaram a essa cidade, Malpesa? Será que encontraram o mapa? Quem foram esse homem doente e seus companheiros? E havia também o mistério do próprio livro. O dr. Pym tinha tirado o *Atlas* do Egito (Michael se lembrou da história dele de mantê-lo em segurança durante mil anos antes de confiá-lo aos anões), então, dos dois livros remanescentes, qual era esse? Quais eram os poderes dele? Pela milésima vez, Michael desejou que Kate estivesse com eles.

O mago ficou de pé e fechou a porta, e então voltou para a mesa. Ele disse:

— Tem mais, não tem?

Hugo Algernon esfregou os dedos sujos na barba e assentiu.

— Só descobri que a família de Richard e Clare tinha desaparecido alguns dias depois. Tentei fazer contato com você. Obviamente, não deu em nada.

— Nem fale — murmurou Emma.

— Conversei com alguns dos outros. Jean-Paul foi um. Não contei nada pra eles. Só que precisava falar com você sobre Richard e Clare. Talvez alguém estivesse ouvindo. Talvez houvesse um traidor. Não sei. — Enquanto o homem falava, ele enfiava as unhas na madeira da mesa. — Deve ter sido uma semana depois. Ouço uma batida na porta. Eu a abro, sem pensar em nada; e lá está ele. Sorrindo. — Hugo Algernon levantou a cabeça e olhou para as crianças. — Se vocês dois virem um homem se aproximando, enorme, careca, sem um único fio de cabelo no corpo, corram. Corram e não parem nunca.

— Era Rourke — disse o mago.

— Isso. Era Rourke. — O homem voltou a enfiar as unhas na mesa.

— O que aconteceu?

— O que aconteceu? Você quer saber o quanto eu lutei até trair meus amigos? Ah, eu lutei, sim. Mas ele era forte demais. E eu conseguia sentir ele na minha cabeça. Ele estava rindo o tempo todo. Eu me ouvi contando pra ele que Richard e Clare tinham ido pra Malpesa. Acordei na manhã seguinte e me dei conta de que não só eu havia traído meus amigos, mas que Rourke tinha destruído alguma coisa em mim. Nunca fui um grande mago, nós dois sabemos disso, mas tudo o que eu tinha antes desapareceu. Saí andando de casa. Nunca procurei ninguém. Apenas... sumi.

E Michael de repente entendeu por que este homem tinha passado dez anos em uma cabana solitária em uma montanha na Itália. Ele não estava se escondendo do Magnus Medonho. Estava se escondendo do que tinha feito, de si mesmo. Michael sentiu uma solidariedade estranha e poderosa por ele.

— Então por que Rourke não encontrou o livro? — perguntou o dr. Pym. — Ele deve ter a informação que você deu pro Richard e pra Clare.

Hugo Algernon balançou a cabeça.

— Dei a eles um encanto que tiraria todo o conhecimento do livro da memória deles. Eles devem ter usado antes de serem pegos. Eu devia ter tomado precauções melhores comigo mesmo. Mas tudo o que Rourke conseguiu de mim foi o nome Malpesa.

— Você não contou pra ele sobre o homem doente? Nem sobre o mapa?

— Não. Eu traí meus amigos, mas o segredo do livro eu enterrei fundo. Nem ele conseguiu encontrar.

— Você não devia ter contado nada! — gritou Emma, batendo na mesa com um punho pequeno. — Você não devia ter dito nada!

O homem não assentiu e disse:

— Você está certa, criança. É o que venho pensando nesses últimos dez anos.

O dr. Algernon se levantou e andou até a lareira. Ele puxou uma pedra solta, enfiou a mão e pegou um pacote embrulhado em

tecido.

— Essas são minhas notas originais. Eu escondo pra que as cabras não comam. Eu sempre soube que você me encontraria mais cedo ou mais tarde. — Ele entregou o pacote para o mago. — Pode haver uma guerra a caminho, Stanislaus. Mas não posso te ajudar em nada. A magia me deixou. — Em seguida, ele se virou para encarar Michael e Emma. — Se vocês encontrarem seu pai, digam pra ele que sinto muito. Digam que Hugo Algernon é só um velho tolo.

O dr. Pym andou até a porta e colocou a chave dourada decorada na fechadura. Ele a girou quatro vezes para a direita, sete para a esquerda; houve um clique e ele empurrou a porta. A luz do sol inundou a cabana. Michael e Emma se viram olhando para uma vasta área de água azul, com o sol ao longe. Mas só a porta estava iluminada; as janelas da cabana continuaram escuras.

— Por aqui, crianças.

Michael deu uma última olhada no Demônio de Castel del Monte. Ele estava sentado à mesa, acariciando uma pequena cabra que tinha ido se esfregar em sua perna.

— Dr. Algernon... — O homem de cabelos rebeldes ergueu a cabeça, e a luz do sol de outro lugar no mundo revelou seus olhos pela primeira vez. Eram castanho-escuros e muito tristes. Michael disse: — Vamos encontrá-los.

E ele estava prestes a passar pela porta quando o homem disse baixinho:

— Espere um segundo.

Hugo Algernon foi até a foto que Michael tinha visto quando chegou e tirou do porta-retratos.

— Aqui. — Ele colocou a foto nas mãos de Michael.

Michael olhou para o pai, jovem, sorridente, cheio de esperança. Ele pegou *O compêndio do anão* e colocou as fotos entre as páginas.

— Obrigado.

O homem assentiu e se virou; Michael passou pela porta.

Estavam no alto de um penhasco. A porta do dr. Algernon, agora fechada atrás deles, se tornou a porta de uma casa pintada de branco com janelas vermelhas. Havia flores em jardineiras nas janelas, que enchiam o ar salgado de um aroma doce. Michael olhou para a água, onde o sol pairava sobre o horizonte. Ele estava nascendo ou se pondo?

— Dr. Pym...

— Estamos na Galícia, no noroeste da Espanha. — O mago colocou a chave dourada no bolso do paletó. — Esta casa pertence a um amigo meu. Ele está fora, mas vamos passar a noite aqui e seguir para Malpesa amanhã.

— Kate vai estar lá? — perguntou Emma. Michael conseguiu perceber que ela estava tentando não parecer esperançosa demais, mas torcendo desesperadamente ao mesmo tempo.

— Vamos ver, minha querida.

E o dr. Pym colocou a mão gentil no ombro dela e os levou para dentro da casa.

As crianças se sentaram à mesa da cozinha enquanto o dr. Pym preparava copos de leite quente e os distraía com histórias das coisas estranhas que viu em suas viagens, histórias que em qualquer outra época Michael teria copiado furiosamente no diário. Em determinado ponto, o dr. Pym acendeu a luz acima da mesa, e Michael olhou pela janela e viu que tinha anoitecido; e a exaustão do dia que tinha começado em Baltimore com ele e Kate correndo antes de a tempestade cair tomou conta dele. Ele sentiu como se sua cabeça fosse feita de pedra; seus braços e suas pernas pesavam milhares de quilos. No entanto, depois que eles tomaram o leite e os copos estavam secando no corredor e Emma abraçou o dr. Pym e foi para a cama, Michael permaneceu na cozinha.

— Sim, meu rapaz? — O dr. Pym estava enchendo o charuto. — O que está perturbando você?

— Quem era aquele homem que machucou o dr. Algernon? Ele trabalha para o Magnus Medonho?

— O nome dele é Declan Rourke e, sim, ele é um dos assistentes do Magnus Medonho; na verdade, o assistente-chefe, e um indivíduo muito perigoso e desequilibrado, na minha opinião.

— E você acha que foi ele quem... pegou nossos pais?

O dr. Pym acendeu o charuto e o doce cheiro amendoado dominou a cozinha.

— Infelizmente, sim. Acho que eles seguiram as pistas do dr. Algernon e, em algum lugar na busca deles, Rourke os encontrou. — Ele balançou a cabeça com tristeza. — Richard e Clare acreditavam que encontrar os Livros era o único meio de manter você e suas irmãs em segurança, e que tudo o mais, incluindo a vida deles, era secundário.

Michael assentiu. Ele não fez menção alguma de subir a escada. Percebeu que estava enrolando a alça da bolsa no dedo e que tinha amarrado de tal maneira que a ponta estava ficando azul. Ele soltou o dedo e a cor voltou lentamente.

— Mais alguma coisa, meu rapaz?

— O que a carta dizia? A que Kate te mandou? Que fez você voltar pra Baltimore?

— Ela andava tendo um sonho. Viu um orfanato atacado pelas forças do Magnus Medonho. Ela reconheceu como um lugar onde vocês três já moraram. Kate sabia que era apenas uma questão de tempo até que ele encontrasse vocês. Por que você pergunta?

— Eu só... Ela me fez prometer cuidar de Emma. Parecia que sabia que não ia estar aqui. Eu só fiquei curioso pra saber se ela tinha dito alguma coisa.

— Na verdade, ela disse.

— O quê?!

— Vários meses atrás, ela me escreveu pra falar de outro sonho que teve. No sonho, você estava segurando um livro que ela não

reconheceu. Emma estava com você, e vocês dois estavam cercados de fogo.

— E Kate não estava lá?

O mago balançou a cabeça. Michael continuou sem fazer menção de ir embora. Começou a mexer de novo na alça da bolsa.

— Sei qual é a verdadeira pergunta que você quer fazer.

Michael ergueu o olhar.

— Você quer perguntar sobre a profecia que o dr. Algernon mencionou, que dizia que três crianças vão unir os Livros e cumprir seus destinos. A verdade é que não sei que destino é esse.

— Mas você pode tentar adivinhar, não pode?

— Talvez. Mas não vou fazer isso. É isto que você precisa entender: a magia nos Livros não tem similar. É o poder de alterar a própria natureza da existência, de reformular o mundo. Imagine esse poder nas mãos de um ser cujo coração é cheio de ódio e raiva. Com um poder desses, o Magnus Medonho teria domínio sobre todas as criaturas vivas. É por isso que nossa busca é tão importante. E por que tanto depende de vocês.

Michael não disse nada; ele sentiu como se seu peito estivesse sendo apertado por tiras de metal.

— Mas Katherine acreditou em você, e eu também. Agora, prevejo um dia cansativo à frente, e você precisa dormir.

Quando Michael chegou ao andar de cima, Emma já estava na cama e a luz estava apagada. O garoto se aprontou à luz da lua, fazendo o melhor para manter o silêncio.

Emma falou com ele da escuridão.

— Michael?

— O quê?

— Você acha mesmo que Kate está esperando por nós no futuro?

Michael respirou fundo e se perguntou o que Kate iria querer que ele dissesse.

— Acho — mentiu ele. — Acho, sim.

— Eu também.

Michael tirou os sapatos e deitou na cama. Colocou a bolsa no chão. A janela estava aberta, e ele conseguia ouvir o som distante do mar batendo nas pedras.

— Michael?

— O quê?

— Não me deixa, tá?

— Não vou deixar.

Pouco tempo depois, Michael percebeu que a irmã estava dormindo. Mas, por mais exausto que estivesse, ele ficou ali deitado durante muito tempo, vendo a lua se deslocar sobre a água, pensando nos pais e em como tinham desaparecido, pensando em Kate perdida em algum lugar no tempo, pensando seguidamente no quanto tudo agora dependia dele.

Kate, pensou ele, onde você está?

CAPÍTULO CINCO

Rafe



— Que nada, olha. Ela se mexeu; não tá morta.

— Cutuca ela de novo.

Kate sentiu uma coisa espetá-la nas costelas. Ela se mexeu e tentou empurrar.

— Tá vendo? Falei que ela não tá morta!

— Que pena. A gente podia ganhar 5 dólares por ela se estivesse morta.

— Cinco dólares como?

— Rafe diz que dá pra vender cadáveres pra faculdade de medicina. Eles pagam 5 dólares por cada corpo.

— Pra que querem corpos de mortos?

— Pra poderem abrir e ver o que tem dentro.

— Cinco dólares, é?

— É. Cutuca ela de novo.

As vozes pertenciam a crianças, garotos. Kate achou melhor falar antes que eles tivessem ideias.

— Eu... não estou morta.

Ela se obrigou a abrir os olhos e se arrumar no lugar. Sua cabeça, seu corpo todo na verdade, estava latejando. Ela sentia como se tivesse corrido uma maratona, entrado em uma briga e levado uma surra por várias horas. Até seus dentes doíam. Ela observou o ambiente. Estivera deitada em um piso de madeira, e o aposento onde se encontrava era frio e pequeno e a única luz era a que entrava por um par de janelas imundas. Dois garotos estavam inclinados sobre ela. Ela supôs que tinham uns dez anos. Seus rostos

e suas mãos estavam manchados de sujeira. As roupas tinham sido remendadas, rasgadas e remendadas de novo. Os dois usavam bonés de tecido. Um deles estava segurando uma vareta.

— Não estou morta — repetiu Kate.

— Não — disse um, não se dando ao trabalho de esconder a decepção. — Parece que não.

— Onde estou?

— Você está no chão.

— Não, o que quero dizer é onde é este lugar?

— De que você está falando? Você está no Bowery.

A parte branca dos olhos dos garotos se destacava contra a sujeira nos rostos deles.

— O Bowery. — O nome era vagamente familiar, mas ela não conseguiu identificar. — Onde fica?

— Ela quer dizer em que cidade — disse o garoto com a vareta.

— Para com isso — disse o outro, por fim sorrindo, esquecendo os 5 dólares que teria recebido pelo cadáver de Kate. — Você não sabe qual é a cidade? Você está em Nova York.

— Nova York? Mas como...? — E então, ela lembrou.

Ela se lembrou de estar com Michael e Emma no escritório da srta. Crumley, e da tempestade lá fora, e do Gritão quebrando a janela da torre e agarrando seu braço, e se lembrou de como tinha usado o *Atlas* pela primeira vez em meses, e do terror quando a magia tomou conta dela.

Kate se lembrou de abrir os olhos e se ver em uma praia sob um sol ardente enquanto três navios de madeira se aproximavam pelo mar brilhante e azul. Ela se lembrou da dor no braço avisando que o Gritão não a tinha soltado. E se lembrou de como, sem pensar, tinha usado a magia uma segunda vez, e uma segunda vez ela tomou conta de seu corpo, e um momento depois ela e a criatura estavam lutando em cima de um muro de pedra. Era noite; havia fogo e fumaça e gritos, uma cidade em chamas, e a criatura continuava agarrada ao braço dela. E Kate se lembrou do quanto estava

desesperada por saber que o plano não estava funcionando, que estava ficando cada vez mais fraca. E usou a magia pela terceira vez, pensando *Por favor, me ajude*, e de repente ela estava de pé em um campo lamacento sob um céu cinza. Houve mais gritos, e outro som, como insetos voando perto de seu rosto, e a criatura continuava a segurá-la. E Kate se lembrou da explosão e da sensação de ser erguida no ar...

E então, não se lembrava de nada.

E então ela se lembrou de acordar na lama, e de homens com armas correndo por ela, com as bocas abertas e gritando, embora a única coisa que ela conseguisse ouvir fosse um zumbido nos ouvidos, e se lembrou de ver o Gritão deitado a dez metros e do *Atlas* entre eles, e de como a criatura começou a rastejar em direção ao livro, e se lembrou de saber que sua vida dependia de chegar nele primeiro, e de saber que a criatura estava mais perto. E a garota se lembrou da segunda explosão, a que tinha afastado o monstro, e como, com um esforço final, ela esticou a mão e a pôs sobre o livro.

Kate deu um pulo e ficou de pé.

— Onde está?

— Onde está o quê?

— Meu livro! Eu estava com um livro! Um livro verde!

O piso estava coberto de pilhas de trapos sujos, latas amassadas, pedaços amarelados de jornal, sacos podres de estopa; Kate revirou tudo, empurrando as coisas para a direita e para a esquerda, de forma que os dois garotos foram forçados contra a porta.

— O que vocês fizeram com ele? Onde está?

— A gente não pegou nenhum livro! — disse o garoto com a vareta.

— É, pra que a gente ia querer um livro? — disse o outro, como se ter ou querer um livro fosse a ideia mais idiota do mundo.

Um pensamento horrível ocorreu a Kate.

— Há quanto... tempo eu estou aqui?

— Sei lá.
— Quando vocês me encontraram? É importante!
— Algumas horas atrás. Você estava deitada aqui. Fui chamar Jake. — Ele indicou o garoto com a vareta. — Pensei que, se você estivesse morta, a gente podia levar você pra faculdade de médicos. A gente ia gostar de ganhar 5 dólares.

Kate não conseguia respirar. Ela empurrou os dois garotos e passou pela porta de madeira. Uma luz do sol pálida a cegou, e ela levantou um dos braços. Olhou ao redor piscando. Estava em um telhado; um labirinto de prédios baixos se espalhava em todas as direções. O aposento onde ela acordou era uma espécie de barraco. O ar estava gelado. Ela conseguia ver a respiração em forma de fumaça. Gelo e neve foram esmagados por seus pés. Vestida para o verão, Kate só podia abraçar o corpo com os braços.

Ela chegou na beirada do telhado e olhou para baixo. O prédio tinha só seis andares, e Kate conseguia ver enormes bancos de neve dividindo as calçadas com as pessoas. Na rua, cavalos puxavam carroças, sem o incômodo da presença de carros e ônibus. Kate prestou atenção em motores, buzinas, no som de pneus; mas os únicos sons eram de pessoas e carruagens e ferraduras. Ela observou o horizonte. Não havia um único prédio alto a vista.

Seu coração começou a bater mais rápido, e uma lembrança lhe ocorreu. Michael tinha ficado preso no passado, prisioneiro da Condessa, e ela e Emma voltaram para resgatá-lo. Eles ficaram meros trinta minutos no passado quando o *Atlas* começou a se apagar até sumir diante dos olhos deles. Kate se lembrava da bruxa explicando como o *Atlas* que pertencia àquela época tinha exercido seu poder dominante, que dois exemplares do livro só podiam coexistir por um breve período, mas que um acabava sumindo.

O garoto disse que a encontrou duas horas antes. O livro tinha desaparecido havia muito tempo.

Uma mão segurou o braço dela e Kate se virou, pensando que o Gritão tinha de alguma forma a seguido. Era um dos garotos.

— Você tem que ter cuidado. Vai acabar caindo.

Kate se afastou da beirada.

— Qual é a data?

— Algum dia de dezembro.

— O que quero saber é o ano.

— Você está de brincadeira?

— Só responde.

— É 1899 — disse o outro. — Como você não sabe disso?

Kate não disse nada. Apenas olhou para os telhados brancos da cidade. Estava com frio, sozinha, e presa no ano de 1899. Como ia voltar para casa?

Os garotos — seus nomes eram Jake e Beetles — disseram que como as coisas não tinham sido como eles esperavam e ela parecia estar mais ou menos viva, ela tinha que ir ver Rafe. Kate disse para eles que não sabia quem era Rafe e que não tinha intenção de ir vê-lo. A única coisa que importava (ela pensou, mas não disse) era encontrar uma maneira de voltar até o irmão e a irmã.

— Onde fica a escada?

— Você não pode simplesmente ir embora — disse Beetles. — De qualquer modo, vai congelar.

O garoto tinha razão. Enquanto ele e o amigo estavam cada um com dois casacos, várias camisas e calças de lã com aparência grossa (cada peça remendada e velha, mas não menos quente por isso), Kate usava apenas um par de sandálias e um vestido de verão sem mangas. Já estava tremendo. Ela também reparou que estava coberta de lama seca.

— Certo. Onde... — seus dentes começaram a bater — Onde consigo um casaco?

— Na Bowery.

— Eu pensei que eu estava em Bowery!

— Estou falando da rua. Vamos!

Os garotos a levaram até a saída de incêndio, um esqueleto instável e enferrujado preso à lateral do prédio, pela qual eles desceram correndo, provocando um grande balanço e fazendo muito barulho. Kate se apressou para segui-los, certa de que a qualquer momento a estrutura ia se soltar e cair na viela abaixo. Uma escada vertical no final acabava a quase 3 metros do chão, e os garotos se penduraram no último degrau e pularam, caindo como gatos sobre mãos e pés. Kate fez o melhor para imitar, mas ficou pendurada no ar, sem querer se soltar.

— Vem! — gritaram os garotos. — Não é longe! Anda!

Ela gemeu de dor quando seus pés bateram nas pedras geladas e um tremor percorreu seus tornozelos. Ficou de pé e os calcanhares estavam ardendo.

— Finalmente — disse Jake. — Achei que você ia fixar residência ali.

— Talvez abrir uma loja, hein? — disse Beetles.

— É. A loja Pendurada-na-Ponta-da-Escada-com-Medo-Demais-Pra-Soltar!

— Vocês são hilários — disse Kate. — Apenas me mostrem onde conseguir um casaco.

Eles a levaram pela viela e atravessaram a rua que Kate tinha visto do telhado do prédio. Seus pés calçados em sandálias afundaram na neve, e crostas duras arranharam suas pernas nuas. Ela tentou não reparar nos olhares que recebeu, uma garota de vestido fino no meio do inverno, e seguiu seus dois guias por outra viela até uma rua que era mais larga do que a primeira e cheia de barracas. Fileiras de homens e mulheres com roupas escuras caminhavam entre as barracas esfarrapadas enquanto vendedores anunciavam a qualidade de suas mercadorias em uma língua diferente da outra.

— Esta é a Bowery — disse Beetles. — Você consegue um casaco aqui.

— Eu não... Eu não tenho dinheiro.

Agora que eles tinham parado de andar, Kate estava tremendo muito.

— Você tem alguma coisa que possa trocar? — perguntou Jake.
— Que tal esse medalhão?

A mão de Kate foi até o pescoço, com os dedos entorpecidos mexendo no medalhão dourado. Sua mãe tinha lhe dado o medalhão na noite em que a família se separou.

— Eu... eu não posso...

— O que mais você tem?

Mas Kate não tinha nada. O medalhão da mãe era a única coisa valiosa que possuía. E ela estava congelando, literalmente morrendo de frio. Podia pedir ajuda para as pessoas que estavam passando, mas isso exigiria explicações: quem ela era, como tinha ido parar ali...

— A corrente é de ouro. Posso trocar a corrente. Mas fico com o medalhão.

Os garotos a levaram até um velho mudo que examinou a corrente, assentiu e deu a Kate um casaco surrado e comido de traças e um chapéu de lã. Grata, ela vestiu os dois e o tremor começou a diminuir.

— Tudo bem — disse Jake. — Ajudamos você. Agora você tem que ir ver Rafe.

Mais uma vez, Kate recusou.

— Rafe não vai gostar — disse Beetles.

— Não ligo pro que Rafe gosta.

E ela se virou na rua cheia de barracas. Ainda estava tremendo um pouco, pois o frio era intenso e seu novo casaco e chapéu eram finos e velhos; mas ela manteve o medalhão da mãe e não ia morrer de frio. Era tudo o que importava. E daí que não conseguia sentir os dedos dos pés?

Seu problema agora, ela disse para si mesma, é voltar para casa.

Seu exemplar do *Atlas* tinha desaparecido porque outro exemplar já existia nesse período. Kate sabia onde esse estava: bem ao norte,

nas montanhas que cercavam Cambridge Falls, trancado em uma casa-forte debaixo da velha cidade dos anões, e seu primeiro pensamento, ainda no telhado quando ela se deu conta de sua situação, tinha sido de seguir para o norte e pegar o livro. Mas rapidamente abandonou o plano. O exemplar no cofre tinha que estar lá para que ela e Michael o encontrassem no futuro. Parecia estranho estar protegendo eventos que ainda estavam a cem anos de distância, eventos que na mente dela já tinham acontecido; mas essas eram as ironias da viagem no tempo. E, verdade fosse dita, Kate estava aliviada por não ter que nadar pelo longo túnel subterrâneo que levava à casa-forte. Na última vez em que fez isso, ela viu um anão ser puxado pela criatura que morava nas profundezas, e não estava ansiosa para voltar.

Sua segunda ideia foi, superficialmente, bem mais simples. Encontrar o dr. Pym e fazer com que ele a mandasse para casa. A Condessa tinha ajudado Kate a viajar pelo tempo com o *Atlas*; a bruxa usou a magia dentro dela, o poder do *Atlas* que estava mesmo agora correndo por suas veias. Kate tinha certeza de que o dr. Pym seria capaz de fazer o mesmo. Mas como encontrá-lo? Será que os anões podiam ajudar? Michael tinha dito que um anão podia viver por centenas de anos. Seria possível que Robbie McLaur estivesse vivo? Com certeza ele poderia fazer contato com o mago. Mais uma vez, pareceu que a única esperança de Kate dependia de ir para Cambridge Falls. Mas era uma viagem desencorajadora. Ela precisaria pegar o trem para Westport (isso se os trens dessa época forem para Westport). Encontrar a passagem pelo lago Champlain. Havia depois a longa estrada pelas montanhas. E ela precisaria de dinheiro para comprar passagens e comida e, assim que pudesse, sapatos e meias e um suéter e...

A garota se obrigou a não entrar em pânico. Um passo de cada vez. Ela conseguiria fazer isso.

Kate sentiu os garotos se aproximando do lado dela e virou a cabeça e viu cada um jogando para o alto uma batata preta e

soltando fumaça. Eles passaram seus prêmios de uma mão para a outra, soprando até ficarem frias o bastante para serem abertas, um ato que o par executou com gosto, inspirando o vapor que subiu até seus rostos.

— Quer um pouco? — perguntou o garoto chamado Jake.

Antes que ela pudesse responder, Jake partiu sua batata ao meio e entregou para ela. A casca da batata estava preta e se soltando, mas a parte de dentro estava macia e coberta com uma gordura oleosa e amanteigada, e, ao comer, Kate se sentiu quente e ficou grata ao garoto por dividir. Não sentia ressentimento por eles quererem vender seu cadáver. Estava claro que eram muito pobres e, em 1899, 5 dólares certamente eram uma fortuna.

Enquanto o trio seguia em meio ao mercado lotado, Kate se viu conjecturando quem eram os garotos. Será que tinham família? Improvável. As roupas deles eram muito maltrapilhas, os rostos estavam sujos demais. Talvez morassem em um orfanato? Também improvável. Kate sabia como eram crianças de orfanato. Até os rebeldes tinham uma ansiedade que esses garotos não tinham. Então onde eles moravam? Quem os protegia?

Eles chegaram a um cruzamento. Um homem esquelético de cabelos escuros estava de pé no meio de um pequeno grupo, falando alto em uma língua que Kate não entendia. Tinha uma barba comprida e negra, estava sem camisa e, na mão esquerda, segurava uma tocha acesa. Com um grito, o homem passou a tocha pelo peito pálido e afundado, pelo outro braço, pela cabeça, e de repente a parte de cima do corpo dele, incluindo a longa barba, estava tomada por chamas.

Kate estava prestes a gritar, a pedir água, quando o pequeno grupo de espectadores começou a aplaudir com as mãos cobertas de luvas. E ela viu que a pele do homem não estava queimando nem ficando preta; na verdade, ele parecia estar sorrindo. O que estava acontecendo?

E então, ela ouviu:

— Ovos de dragão! Ovos verdadeiros de dragão! Crie seu próprio dragão!

Vindo em sua direção havia uma mulher de rosto vermelho e cabelos desgrenhados, com mãos e antebraços marcados por cicatrizes de queimaduras. A mulher carregava uma cesta coberta de feno no qual estavam apoiados três enormes ovos. Eram verde-escuros e com aparência semelhante a couro, cada um do tamanho de uma toranja, e estavam fumegando de maneira ameaçadora.

— Ovos de dragão! — gritou a mulher, prosseguindo pela rua. — A três semanas de quebrarem! São uma companhia maravilhosa!

Kate se virou para os garotos, que estavam lambendo manteiga dos dedos e pareciam completamente inabalados.

— Vocês viram isso?

— O quê? — perguntou Jake.

— Como assim, o quê? Aquele homem está pegando fogo! As pessoas estão aplaudindo! E aquela mulher está vendendo aqueles... ovos!

O garoto deu de ombros.

— Aquele é Yarkov. Ele sempre se taca fogo.

— E aposto que não são ovos de dragão de verdade — disse Beetles. — Você provavelmente acabaria com um frango em casa.

Kate ficou tão perplexa com as reações deles que involuntariamente deu um passo para trás e foi empurrada com força.

— Opa! Presta atenção, sua insignificante!

Ela olhou para trás e viu uma pessoa baixa e barbuda que imediatamente reconheceu como sendo um anão. Ele tinha um ganso morto em cima de cada ombro, e os longos pescoços das aves caíam por suas costas. Resmungando sobre turistas, o anão saiu andando, com as cabeças dos gansos balançando atrás.

Kate conseguiu dizer:

— É um anão.

— É claro que é um anão — disse Beetles, que agora estava limpando os dentes com um palito de fósforo. — O que mais poderia ser?

— Mas... — gaguejou Kate. — Mas...

Mas então ela entendeu, pois se lembrou do dia em que ela e Emma se sentaram com Abraham em frente ao fogo na mansão de Cambridge Falls e o velho caseiro contou a elas que o mundo mágico já tinha pertencido ao mundo normal, mas depois se afastou e se escondeu. De acordo com Abraham, a divisão tinha acontecido no último dia de dezembro de 1899. Isso significava...

— Que tudo ainda está aqui — disse Kate. — A magia ainda está aqui.

— Não aqui. — Beetles indicou com a cabeça a direção que o anão tinha tomado. — O quarteirão da magia é por ali.

— Me mostra.

Um minuto depois, Kate estava de pé na extremidade de uma quadra de moradias. A rua lamacenta estava lotada de barracas improvisadas, vendedores ofereciam produtos, compradores se amontoavam e andavam rápido para fugir do frio. Sendo o quarteirão da magia, Kate achou que tudo parecia muito normal. Mas então reparou que uma das casas, avermelhada e com uma varanda larga, ficava mudando de lugar com a casa ao lado, e o resultado era que ela estava lentamente indo para o fim da rua. E ela viu que outra casa tremia cada vez que o vento soprava, e que as janelas de outra (isso deixou Kate muito perturbada) ficavam piscando para ela.

E além dos homens e mulheres de aparência normal fazendo suas compras, Kate viu anões andando pela multidão, fumando seus longos charutos e não atraindo atenção nenhuma. E havia outras criaturas, menores do que anões e sem barba, que usavam gorros peludos e se reuniam em pequenos grupos discutindo, cutucando uns aos outros com seus pequenos dedos. Kate os observou espantada até uma mulher passar carregando uma cesta e chamar

sua atenção. A mulher tinha um rosto doce de avó, e Kate estava prestes a sorrir para ela quando viu que a cesta da mulher estava viva e tomada de cobras se contorcendo.

— Vem — disseram Jake e Beetles, e cada um segurou um braço dela e a puxou para a frente.

A primeira barraca vendia perucas de cabelos de fada de cores diferentes: douradas e prateadas, brancas como neve, um tom forte de rosa. A barraca seguinte prometia retirar maldições. A seguinte permitia que você comprasse maldições (furúnculo, calvície, perseguição por gatos...). Havia três ou quatro cabanas ocupadas por videntes, uma delas era uma garota da idade de Kate que a observou com atenção quando ela passou. Havia uma barraca que vendia sapos, cuidados por um homem que parecia um sapo e chamava suas mercadorias por um coaxar grave e ressonante. Havia uma barraca grande em que quatro anões sem camisa e suados martelavam bigornas com sons rítmicos enquanto outro usava um fole em um fogo tão quente que Kate chegou a abrir o casaco. Havia uma barraca dedicada a ovos: não apenas ovos de dragão, mas também ovos de unicórnio, de grifo, de manticora e de outros animais dos quais Kate nunca tinha ouvido falar. Havia uma barraca cuja entrada estava coberta por uma lona, com uma densa fumaça verde saindo por baixo e se espalhando pela neve e pelas pedras. Kate seguiu os garotos e passou com o cuidado de não encostar. Outra barraca estava tomada de milhares de garrafas de vidro fechadas com rolhas, e os garotos a informaram de que era ali que se comprava encantos. Um encanto, eles disseram, era uma poção que permitia que você mudasse sua aparência, e muitos dos seres mágicos mais chamativos usavam quando andavam entre humanos normais. Quando Kate e os garotos passaram, um homem alto e magro, com pele de escamas verdes como um peixe, tomou o conteúdo de um frasco transparente e imediatamente se transformou em um homem baixo e gordo com cabelos castanhos. E havia uma barraca tomada de caixas de madeira com uma placa que

declarava: COISAS QUE MORDEM. Quando eles passaram na barraca pela terceira vez sem terem voltado pela rua, os garotos disseram que era um truque que alguns vendedores usavam, para fazer suas barracas aparecerem repetidamente. E havia tendas onde homens e mulheres de casacos escuros com marcas estranhas no rosto e nas mãos estavam reunidos e murmuravam sobre caldeirões pretos em fervura com cheiro de peixe morto, cabelo queimado e vômito. Kate ficou longe delas.

Conforme eles andavam, a rua mudou de direção e ficou ainda mais escura e estreita; Beetles agora puxou a manga dela.

— A gente tem que voltar.

— Por quê? Tem mais...

— Aqui é território de Demônios. Não é seguro.

— Quem são os Demônios? — perguntou Kate.

— Os Demônios são os Demônios. A gangue que controla essa parte da Bowery. Só estão aqui tem alguns meses, mas são maus, muito maus.

— Muito, muito maus — disse Jake.

— A gente tem que voltar e procurar Rafe.

— É, não dá mais pra enrolar. Rafe vai querer falar com você.

Kate não respondeu. Um plano tinha começado a se formar em sua mente. Será que algum mago ou bruxa não podia enviá-la para viajar pelo tempo? Talvez ela não precisasse do dr. Pym. Talvez não tivesse que ir até Cambridge Falls. Seus olhos pousaram em uma mulher com um xale verde-escuro sentada na frente de uma barraca coberta. Tinha cabelos castanhos com mechas grisalhas e havia uma suavidade nos olhos dela que chamou a atenção de Kate. Ela se soltou dos garotos e andou até lá.

— Com licença?

A mulher ergueu o olhar.

— Sim?

— Perdão, mas... — disse Kate, hesitante. — Você é... bruxa?

— Sou. Você precisa de ajuda?

— Preciso. Por favor.

— Bem, entre. Vamos ver o que posso fazer.

A mulher ficou de pé e abriu a porta de lona. Kate hesitou, perguntando-se se estava sendo imprudente. Mas o pensamento foi passageiro. Ir a Cambridge Falls seria uma viagem longa e difícil, e essa mulher estava bem ali.

A mulher sorriu, como que adivinhando os pensamentos de Kate.

— Eu juro, criança, não mordo.

Kate assentiu e entrou na barraca. Ela olhou para trás e viu Jake e Beetles fazendo sinal para ela sair. Mas a bruxa soltou a lona e fechou a passagem.

— Primeiro de tudo, chá. Você parece quase congelada. Sente-se; tem uma cadeira atrás de você.

Para a surpresa de Kate, o interior da barraca estava quente e aconchegante. Três ou quatro tapetes sobrepostos as separavam do chão de pedra. Um fogão quadrado e preto, com a chaminé saindo pelo teto, aquecia bem a barraca. Havia outra poltrona em frente à que Kate ocupava e, além disso, um armário de madeira do qual a mulher estava tirando um pequeno pote de cerâmica. Ela abriu o pote, tirou um punhado de folhas preto-esverdeadas e as enfiou em uma chaleira que fervia no fogão. O aroma de hortelã encheu o ar.

— Delicioso — disse a mulher. — Sempre me lembra o Natal.

— Não tenho dinheiro — disse Kate. — Não sei como vou pagar...

A mulher fez um gesto de indiferença.

— Preocupe-se com isso depois. Qual é o problema? Um garoto? Sou bem famosa por minhas poções do amor.

— Não, não é um garoto.

— Problema com seus pais? Queria que eles fossem mais compreensivos? Chegue os pés mais perto do fogão.

Kate obedeceu; seus dedos estavam começando a degelar e doíam enquanto recuperavam a sensação.

— Não... são meus pais.

— Talvez um feitiço de beleza. Embora eu não ache que você possa ficar muito mais bonita. — Ela entregou para Kate uma caneca de chá fumegante. — Beba, agora.

— Eu preciso ir pro futuro.

A mulher parou e olhou para ela, sem tentar esconder sua surpresa.

— Não é um pedido que eu receba todos os dias. E por que você iria querer isso?

— É... de onde eu venho. Vim pra cá por acidente.

A mulher se sentou na outra poltrona. A barraca era pequena o bastante para ela e Kate estarem com os joelhos encostando. Os olhos dela eram azuis e gentis.

— Minha querida, acho melhor você me contar o que aconteceu.

Kate baixou o olhar para o chá intocado.

— É complicado. Não posso... contar tudo. Mas a magia que me trouxe aqui, parte dela ainda está em mim. Você pode usar ela pra me mandar pra casa. Já fizeram isso antes. Ela...

— Qual é o problema, criança?

A barraca estava ficando desconfortavelmente quente. Kate percebeu que estava suando.

— Nada. Estou bem. Você pode me ajudar?

— Bem, não vou fingir que sou a maior bruxa do mundo. Mas certamente há magia em você. Senti no momento em que você entrou.

— Então você vai me mandar de volta?

Kate odiava o tom desesperado de sua voz. E o fato era que alguma coisa estava errada. Sua visão tinha começado a se embaralhar. O rosto da mulher dançava em frente ao dela.

— Você tem certeza de que está se sentindo bem? Me deixe segurar isso antes que deixe cair.

A caneca foi tirada da mão de Kate. Ela começou a se levantar. Precisava sair. Precisava de ar frio e espairecer a cabeça.

— Pra onde você vai, criança?

— Eu só... preciso...

E então, ela caiu para a frente, na escuridão.

Quando acordou, ouviu vozes e, por um momento, pensou que estava de volta na cabana do telhado e que as vozes pertenciam a Jake e Beetles. Mas não eram vozes de garotos. Eram rudes e guturais, e falavam como se o próprio ato de formar palavras fosse estranho e nada natural. E então, ela ouviu a voz da bruxa.

— Você não vai me trapacear com essa. Ela é especial.

Kate abriu os olhos. Estava deitada no chão, com a bochecha apoiada em um dos tapetes. Havia uma nuvem dentro de sua cabeça. A bruxa a tinha drogado. Tinha alguma coisa no vapor do chá. Quanto tempo ela ficou inconsciente? Depois das pernas de ferro do fogão, ela identificou dois pares de botas sujas de lama.

— Nunca pagamos cem dólares. Você sabe.

A voz parecia com a de um animal selvagem que aprendeu a falar. Cada palavra era um rosnado. Kate tinha que fugir. Rezando para ninguém estar vendo, ela começou a se arrastar em direção à porta.

— Estou dizendo — disse a bruxa —, essa tem magia em si. Magia profunda. Mais poderosa do que qualquer uma que eu tenha visto. Ele vai querê-la. Pode acreditar; ele vai querê-la.

— Setenta dólares.

— Cem. E se ele achar que ela não vale, eu devolvo o dinheiro.

— As pessoas estão dizendo coisas loucas agora — disse a voz rude. — Todo mundo está tentando pegar o que pode antes da Separação.

— Não é nada disso. Cem dólares é justo.

— Tudo bem. Mas se ele não ficar feliz, vamos voltar.

Kate sabia que não tinha mais tempo; teria que sair correndo. Ela tentou se levantar, mas seus braços cederam. Estava fraca demais. Fraca demais para correr, fraca demais para lutar. E então mãos ásperas e com unhas afiadas a seguraram por baixo dos ombros e a colocaram de pé. Kate viu a bruxa contando um maço de dinheiro.

— Por favor...

A bruxa sorriu, com os olhos gentis como antes.

— Você devia ter pedido uma poção do amor, criança.

Kate foi arrastada pela parte de trás da barraca para uma calçada lotada. Para seu pavor, o ar frio não ajudou a clarear seus pensamentos, e ela lutou para chamar a atenção das pessoas que estavam passando.

— Por favor... me ajudem...

— Quieta — rosnou um de seus captores. — Ninguém se importa.

Era o que parecia mesmo. Pois quando eles a puxavam cambaleante pela calçada, os passantes olhavam, viam o que estava acontecendo e rapidamente se viravam. Kate não podia culpá-los. Agora tinha tido a chance de ver seus sequestradores. Em alguns aspectos, eles pareciam homens baixos e de corpos largos, vestidos de ternos escuros e sobretudos, com chapéus puxados sobre a cabeça. Mas eles não eram homens. A pele deles era como de um animal, áspera, dura e manchada. As unhas eram grossas e afiadas. Bigodes duros saíam de suas bochechas, e o maxilar inferior era protuberante, deixando à mostra um par de presas amarelas e curtas. Não, não homens. Então o que eles eram? E o que planejavam fazer com ela?

— Pra onde vocês... estão me levando?

— Pro chefe. Agora cala a boca, senão a gente arranca sua língua.

Eles a arrastaram por uma viela estreita. Estava escura e vazia, e os sons da rua logo desapareceram. Kate não sabia quando tinha começado a chorar. Só ficou ciente de repente de que estava tremendo e que não tinha nada a ver com o frio. O que ia acontecer? Com ela? Com Michael e Emma? Com seus pais? Por que foi tão burra! Por que não foi para Cambridge Falls procurar o dr. Pym! Tinha colocado todos em uma situação horrível!

E, para piorar as coisas, o veneno da bruxa tinha voltado. Uma sensação de cansaço estava se espalhando pelos braços e pernas de Kate. Ela parou de andar, mas seus captores simplesmente

continuaram a puxá-la, com os pés arrastando nas pedras. Ela sabia que não conseguiria permanecer consciente por muito tempo. Não tinha mais forças para lutar.

E então, houve o som de uma coisa se movendo no ar. Houve um baque surdo, e a criatura à esquerda de Kate gemeu e caiu. Solta, Kate caiu no chão. Ela se virou e viu a outra criatura girando, rosnando, já com uma faca na mão. Tarde demais, a criatura sentiu a corda que tinha se enrolado em seu pescoço na hora em que uma pessoa pulou de cima, a corda se esticou e a criatura foi puxada. Kate viu que a corda tinha sido passada pela parte de baixo de uma escada de incêndio, e a pessoa agora pegou a ponta e amarrou em um cano saindo da parede do prédio. O captor de Kate estava dançando na ponta dos pés, puxando a corda ao redor do pescoço.

A pessoa era um garoto. Ele parecia ser da idade de Kate, ou talvez um ano mais velho. Tinha cabelos pretos desgrelhados, pele clara e um nariz que tinha sido quebrado pelo menos uma vez. Estava vestido com roupas leves para o frio, mas não estava tremendo. Kate o viu andar até a criatura caída e tirar uma faca da mão dela. Ele limpou a lâmina no casaco da criatura e a colocou em uma bainha na parte de trás da calça. Então, o garoto deu um chute na criatura que estava rosnando pendurada na corda, o que a mandou dançando pela viela. Por fim, ele olhou para Kate, que não tinha se mexido da posição em que caíra no chão. Por mais surpresa que ela tivesse ficado pelo aparecimento repentino dele, o garoto, a julgar pela maneira como parou e ficou olhando fixamente, estava ainda mais surpreso por ela.

Ele disse:

— É você.

Kate não sabia o que dizer. Nunca tinha visto o garoto antes.

Ele a ajudou a levantar.

— Precisamos ir. Mais Demônios virão. Você consegue andar?

— Quem... é você?

— Meu nome é Rafe.

O nome ecoou no fundo da mente enevoada dela.

— Os garotos...

— É. Eles me chamaram.

— Mas... como você... me conhece?

Eles estavam andando rapidamente pela rua; Kate estava apoiada nele. Ela conseguia se sentir desfalecendo. E, quando a escuridão se aproximou, ela ouviu:

— Não importa. Você não devia ter vindo...

CAPÍTULO SEIS

Malpesa



— Volta!

— A gente não devia correr...?

— Não.

— Mas...

— Ele vai achar que você é comida.

Isso bastou para Michael, e ele se espremeu no pequeno espaço, apertando com o ombro o de Emma. Ele conseguia ouvir o lento *tum... tum... tum...* dos passos da criatura descendo a viela, e, a cada impacto, Michael via poeira se soltar das colunas de pedra do arco. Sua confiança falhou.

— Você tem certeza...?

— Silêncio — sibilou Emma.

— De fato — disse o mago.

Antes de eles saírem da casa no alto do penhasco na Espanha, o dr. Pym avisou as crianças sobre o que esperar em Malpesa.

— Lembrem-se — dissera ele —, Malpesa é uma cidade em que humanos normais, não mágicos, vivem lado a lado com anões, elfos, sereias, bruxas e magos, trolls parcialmente domesticados...

— Trolls? — exclamara Michael, tentando não parecer em pânico.
— Mas trolls... não comem crianças?

— Acho — dissera o mago — que trolls têm uma certa preferência por crianças. Mas as chances de encontrarmos um troll são tão astronomicamente baixas que eu nem devia ter mencionado. Tirem do pensamento!

Astronomicamente baixas, pensou Michael quando o chão tremeu e a criatura apareceu. Certo.

O troll era do tamanho de um elefante adulto, com a mesma pele cinza pelancuda e andar pesado, mas com nada da inteligência inata do elefante. Na verdade, Michael nunca tinha visto uma criatura que projetasse um ar tão grande de perfeita burrice. O troll estava ocupado limpando uma de suas enormes orelhas com uma enxada, tirando enormes bolas de cera, pedaços de pão esverdeado, um bule rachado, uma gaivota com aparência desnorteada...

— Temos sorte — disse o dr. Pym quando a criatura passou. — Pelo menos ele estava de roupas.

Para a frustração das crianças, elas tinham passado o dia todo na casa na costa da Espanha. O dr. Pym disse para eles que Malpesa estava infestada de espiões do Magnus Medonho e que eles não podiam arriscar entrar na cidade até o anoitecer. As crianças argumentaram que não se importavam com o perigo, que queriam encontrar Kate e resgatar os pais.

— De qualquer modo — dissera o mago —, tenho outros motivos para esperar até o anoitecer.

Ele se recusara a explicar mais; e, no final, Michael e Emma passaram o dia explorando com indiferença os penhascos e a praia ali perto enquanto o sol percorria preguiçosamente seu caminho pelo céu.

O mago tinha desaparecido durante a tarde e voltou depois de escurecer carregado de calças pesadas e camisas, suéteres, casacos, meias de lã e botas que couberam surpreendentemente bem.

— Ainda é inverno na América do Sul — dissera ele. — Temos que nos vestir de maneira apropriada.

E então, fazendo mais uma vez uso da chave dourada (e depois de um aviso final de que as crianças deveriam fazer exatamente o que ele dissesse enquanto estivessem em Malpesa), o dr. Pym os levou pela porta da cozinha para uma nova terra.

Mais ou menos imediatamente, eles encontraram o troll.

Quando os passos da criatura se afastaram, o mago os chamou e entrou em uma viela estreita.

Michael hesitou...

O sol tinha se posto, mas ainda havia luz o bastante para enxergar, e o que ele viu foi uma velha cidade colonial de ruas de pedra e casas de três ou quatro andares com telhas vermelhas e arcos largos. Meia dúzia de pináculos e torres se erguiam acima do resto das construções. À esquerda de Michael, a rua descia até um porto, onde vários barcos pesqueiros estavam ancorados. Com suas redes pretas esticadas para secar, os barcos pareciam apavorantes e elegantes ao mesmo tempo, como uma reunião de viúvas. Ao lado dos barcos havia um par de pequenos hidroaviões se balançando na maré. Atrás disso, o mar azul e preto se esticava até o horizonte. Michael olhou para o outro lado e viu que a cidade ficava protegida por montanhas, cobertas de neve e enormes, com os picos escondidos nas nuvens.

Ele estava encantado: prédios velhos e elegantes, um ambiente perfeito, e, melhor de tudo, dava para sair pela porta e dar de cara com um mago! Ou um anão!

Michael já tinha esquecido seu pavor pela aparência do troll.

Nasci tarde demais, pensou ele, e se permitiu dar um suspiro filosófico.

— Michael! — A voz do dr. Pym ecoou pela viela. — Por favor, não fique pra trás!

O mago os levou por uma série de ruas cheias de curvas. Havia montinhos de gelo entre as pedras do pavimento, e eles passaram por restaurantes e lojas (de comida, de roupas, uma floricultura fechada) que poderiam ser vistos em qualquer cidade do mundo, e ao lado delas havia tavernas com placas anunciando chope anão e lojas que vendiam feitiços para viajantes do mar: proteções contra afogamento, encantamentos de tempo bom, uma poção que permitia que você falasse com baleias. Eles viram homens e mulheres encolhidos e fazendo suas compras, e viram grupos de anões, vestidos com casacos grossos e escuros e chapéus de lã com

franjas nas pontas, andando com cachimbos de barro saindo das bocas cobertas pela barba.

Eles atravessaram muitos canais, ou melhor, atravessaram as pontes que passavam por cima dos canais, tantas pontes e tantos canais que a cidade parecia quase mais água do que terra. A maior parte dos canais só tinha 3,5 metros de largura, mas, em determinado ponto, a rua se abriu e as crianças se viram na beirada de um canal largo ladeado de majestosas casas com colunas, muitas das quais não mais em seus melhores dias. No crepúsculo, as luzes se refletiam na água escura, e os homens gritavam uns para os outros de seus barcos de cascos pretos, com as vozes ecoando quando passavam debaixo das pontes de pedra.

— É como Veneza — disse o mago —, sem os turistas.

— Mas com trolls — resmungou Emma.

— Bem, considerando as opções, eu prefiro os trolls.

— Dr. Pym — disse Michael —, você não pode nos contar pra onde vamos?

— Você vai ver logo, logo, meu garoto.

E saiu andando com seus passos largos e rápidos.

As crianças sabiam que estavam aqui para procurar o mapa mencionado na carta de Hugo Algernon, o mesmo mapa que seus pais foram procurar dez anos antes; e também estava evidente que o dr. Pym tinha uma teoria sobre onde procurar, mas, até agora, o mago não tinha sido generoso com detalhes.

— Se eu contar pra vocês pra onde vamos — dissera ele, ainda na casa na Espanha —, vocês só vão se preocupar.

Como se dizer isso, refletiu Michael, não fosse o bastante para fazer uma pessoa começar a se preocupar.

O grupo seguiu pelas ruas como labirintos, passando por ponte atrás de ponte, e, enquanto eles andavam, Michael lançou um olhar para Emma. No café da manhã, ele tinha tentado fazer com que a menina reconhecesse sua nova autoridade como irmão mais velho, querendo deixar claro o assunto antes que, como ele colocou, eles

estivessem “em campo” e a sobrevivência deles dependesse de Emma seguir as ordens do irmão “sem questionar”.

— Mas nós dois temos 12 anos — dissera ela.

— Sim, tecnicamente. Mas só por alguns dias. Tenho basicamente 13.

— Então até lá somos iguais.

— Mas Kate me deixou no comando, lembra? Na sala da srta. Crumley, ela disse “Cuide de Emma”.

— Deve ter sido porque ela viu você primeiro. Se tivesse me visto, provavelmente teria dito “Emma, cuide de Michael! Ele realmente precisa!”

— Eu realmente duvido.

— Bem, não se preocupe. — E Emma batera no braço dele. — Vou cuidar de você de qualquer jeito.

Em seguida, passara a jogar pedras no mar, e o assunto morreria.

— Chegamos — disse o mago.

Eles saíram de outra ruazinha e estavam em uma barragem de pedra, com vista para uma área aparentemente sem fim de água escura. Michael sentiu como se eles tivessem chegado em uma espécie de fronteira: atrás deles estava Malpesa, com suas luzes e seus barulhos; à frente, este grande vazio, e nenhum som além do suave ruído do mar contra a pedra.

— Temos alguns minutos — disse o dr. Pym. — A ponte só vai aparecer quando a noite tiver verdadeiramente chegado.

— Que ponte? — perguntou Michael.

— Você vai ver, meu rapaz. Agora, como esse pode ser nosso último momento de tranquilidade da noite, tem uma coisa que preciso dar pra vocês.

De um bolso interno, o mago retirou um objeto do tamanho e formato de uma bola de gude e feito de vidro leitoso azul-cinza. Um arame fino o circundava e prendia a uma tira de couro cru, como se a bola de gude fosse para ser usada como colar.

— Isso chegou duas semanas atrás na casa de Cambridge Falls. Não havia bilhete, mas o envelope estava endereçado para “O Wibberly mais velho”.

— Quem mandou? — perguntou Emma.

— Essa, minha querida, é a questão. Quem sabia que vocês três estiveram em Cambridge Falls? É claro que tem o Magnus Medonho e seus seguidores. Mas estratégias assim não são o estilo dele. Outra possibilidade, e é apenas uma possibilidade, é...

— Nossos pais — disse Michael. Por causa das estranhas reviravoltas da viagem no tempo, a aventura das crianças em Cambridge Falls tinha acontecido antes de elas terem nascido, e, subsequentemente, o dr. Pym contou aos pais dele sobre o que ia acontecer. — Você acha mesmo que eles mandaram?

— Não sei. Isso é parte do que está me perturbando.

— Qual é a outra parte?

— O fato de eu não saber o que é essa maldita coisa! Mas não consegui detectar nenhum tipo de maldição e nem malignidade, e acredito que chegou a hora de entregar a vocês.

Emma imediatamente esticou a mão, mas o mago a impediu.

— Minha querida, estava endereçada ao Wibberly mais velho, e, nas circunstâncias atuais, acho que devo dar pra Michael.

Emma bufou, mas Michael ficou satisfeito.

Finalmente, pensou ele.

O garoto pegou a bola pela tira de couro.

— O que faço com isso?

— Poderíamos quebrar — sugeriu Emma.

Para a surpresa de Michael, o mago assentiu.

— Vocês ficariam surpresos com a quantidade de objetos mágicos que revelam seus segredos quando feitos em pedaços. Infelizmente, isso também pode destruí-lo, e se for dos seus pais, eu detestaria perder a mensagem. Seja como for, a decisão é sua.

Michael sentiu os dois observando-o. A bola de vidro era leve, quase parecia oca.

— Kate é a mais velha, na verdade — disse ele por fim. — Vou guardar até ela voltar.

Ele sabia que era estranho sua primeira decisão como irmão mais velho ser a de devolver a autoridade para Kate; mas dizer que ele acreditava que a irmã voltaria dava uma sensação boa, como se fosse um ato de fé, e Michael sorriu ao pendurar a bola de gude no pescoço.

— Excelente — disse o mago. — Agora acho que está escuro o bastante.

E, virando as costas para a cidade, o dr. Pym pegou uma moeda e jogou na água. Houve um brilho no ar e apareceu uma ponte, formando um arco a partir da barragem. Era feita de granito preto e protegida por dois sentinelas de pedra ameaçadores. As imagens eram mal-esculpidas, estavam armadas com espadas pesadas e vestidas com longas túnicas e capuzes que obscureciam seus rostos e mãos.

— Do outro lado da ponte — disse o mago — há uma ilha. Há mil anos, é onde os cidadãos de Malpesa, mágicos ou não, enterram seus mortos. É onde espero encontrar o que estamos procurando. Venham. Não temos tempo a perder.

E ele os levou pelas sentinelas e para cima da ponte.

Pareceu a Michael que o ar ficava mais frio a cada passo, como se eles estivessem se movendo para uma corrente mais profunda, e, ao cruzarem o topo do arco da ponte, Michael viu a silhueta de uma ilha emergir na escuridão, e o aroma salgado do mar se misturou a outro cheiro, o odor de terra velha e de coisas cortadas, de morte e podridão. Na extremidade da ponte, Michael e Emma seguiram o mago por mais duas sentinelas de pedra e entraram na ilha dos mortos.

O dr. Pym levantou a mão.

— Um momento, para eu me localizar...

As crianças esperaram atrás dele, mal ousando respirar. De onde estava, Michael não tinha ideia do verdadeiro tamanho da ilha. As tumbas e os mausoléus (alguns dos quais com quase 4 metros de altura e com imagens de pedra cobertas de neve em cima) se amontoavam, deixando apenas passagens estreitas pelas quais passar. A impressão de Michael era de uma floresta velha e crescida demais, escura e observando silenciosamente.

Enquanto eles esperavam, a mão de Michael desceu até a bolsa e ele verificou com nervosismo o conteúdo: diário, canetas, lápis, canivete, bússola, câmera, medalha do rei Robbie, *O compêndio do anão*, chiclete. Tranquilizado por tudo estar no lugar, ele levou a mão ao peito, onde sentiu a dureza da bola de vidro pendurada no pescoço. Já parecia ser parte dele.

Uma nuvem se moveu e a lua emitiu uma luz pálida e etérea, que se refletiu nos montes de neve.

— Por aqui — disse o mago. — Fiquem perto.

E saiu andando em meio às tumbas.

Michael e Emma tiveram que se esforçar para acompanhar. O dr. Pym andava no passo rápido de sempre, seguindo um caminho em zigue-zague que só ele conseguia ver. E conforme o grupo se deslocava, as tumbas se aproximavam umas das outras e o caminho ficava mais escuro e estreito. Michael tinha medo de ele ou Emma tropeçarem e o mago nem reparar e continuar andando, deixando os dois perdidos e sozinhos em meio aos túmulos.

— Dr. Pym — perguntou ele mais uma vez —, o que estamos fazendo aqui?

— E você não pode andar um pouco mais devagar? — disse Emma. — Suas pernas são, tipo, cem vezes maiores do que as minhas.

— Mil desculpas. E acho que está na hora de explicar por que eu trouxe vocês a este lugar mórbido. Vocês se lembram, é claro, da carta que o dr. Algernon encontrou? Da história do mercador de porcos de vir a Malpesa e encontrar um homem com febre, o que

dizia que ele e outros homens tinham tirado um livro grande e mágico do Egito muito tempo atrás?

— Lembramos. E ele queria fazer um mapa — disse Michael, passando rapidamente por uma tumba que estava emitindo um gorgolejo baixo e estrangulado. — Estou falando do cara doente.

— Exatamente isso, meu rapaz. O que não sabemos é o que aconteceu depois. O homem doente morreu? Conseguiu fazer o mapa? A história requer que usemos a imaginação. — Ele fez uma pausa e leu a inscrição em um túmulo, depois seguiu em outra direção. — Agora, se o homem doente se recuperou e saiu de Malpesa, então ele e o mapa estão perdidos para nós. Há milhões de direções que ele poderia ter seguido, um milhão de destinos. Mas vamos supor que o homem doente estava verdadeiramente muito doente. Vamos supor que tenha falecido em Malpesa. Se foi assim, esta ilha é onde ele deve ter sido enterrado.

— Espera, então você acha que o mapa foi enterrado com ele? — disse Emma. — Além disso, você ainda está andando muito rápido.

— Essa é minha teoria. E desconfio que fosse a teoria dos seus pais também.

— Certo — disse Michael —, mas ainda não sabemos o nome dele. Não podemos sair por aí cavando túmulos até encontrar!

— É — disse Emma. — Isso ia levar uma eternidade.

— E seria errado — disse Michael.

— É — disse Emma, sem muita convicção. — Isso também.

Michael estava irritado porque o dr. Pym não falou sobre seus planos com ele antes. O garoto poderia ter poupado muito tempo a eles demonstrando todas as falhas óbvias, como tentar encontrar o túmulo de um homem anônimo que podia ou não ter morrido centenas de anos antes! Certamente, como irmão mais velho, ele tinha o direito de aprovar todas...

— Acredito que este é o túmulo — disse o dr. Pym.

— O quê? — disse Michael.

— Acredito que este é o túmulo que estamos procurando.

O mago estava de pé diante de uma caixa de pedra retangular. Tinha cerca de dois metros de comprimento, 90 centímetros de largura e não parecia aos olhos de Michael nada diferente de nenhuma das várias tumbas pelas quais já tinham passado.

— Isso foi fácil — disse Emma.

— Mas — disse Michael — como você sabe?

— Áreas diferentes desta ilha foram desenvolvidas em épocas distintas. A carta do mercador de porcos datava do último quarto do século XVIII. Isso colocaria nosso falecido meio por aqui. — O mago balançou o braço em um semicírculo. — Achei que precisaríamos procurar, mas parece que demos sorte.

— Mas como você sabe que este é o túmulo *dele*? — perguntou Michael. — Ainda não sabemos o nome dele.

— Meu rapaz — disse o mago —, não precisamos saber o nome dele. Temos isto.

Ele gesticulou para que eles se aproximassem do túmulo. Ali, cunhado no centro do tampo de pedra, visível por uma camada de vidro, havia três círculos interligados. Michael depois desenhou o símbolo em seu diário:



— O que é? — perguntou Emma.

— É uma coisa que não vejo há mais de dois mil anos — respondeu o mago. Enquanto falava, ele esticou a mão e acompanhou o desenho dos círculos com o dedo. — Há muito tempo, antes de Alexandre o Grande atacar a cidade de Rhakotis e fazer com que os Livros do Princípio fossem separados e se perdessem, os Livros eram guardados embaixo de uma torre no centro da cidade. Os bruxos que criaram os livros estabeleceram a ordem dos guardiões, guerreiros corajosos que juraram protegê-los com a vida.

— Espera, eu lembro! — exclamou Michael. — A Condessa contou pra gente sobre eles!

O mago assentiu.

— E, como você sabe, quando a cidade foi tomada, eu fugi com o *Atlas*, que mais tarde entreguei aos anões de Cambridge Falls.

Michael assentiu, indicando sua aprovação à escolha do mago.

— Sempre desconfiei que a ordem tinha fugido com pelo menos um dos livros. Mas apesar de eu ter procurado sem parar durante todo esse tempo, não encontrei sinal de algum dos dois livros desaparecidos e nem da ordem. Isto é, até agora. Este — ele colocou a mão aberta sobre a tumba, quase cobrindo os anéis — é o símbolo deles.

O coração de Michael estava disparado de empolgação. Ele decidiu desculpar o lapso do mago no protocolo do irmão mais velho só desta vez.

— Se podemos acreditar na carta do dr. Algernon — prosseguiu o dr. Pym —, e se esta for a tumba do mesmo homem febril, então podemos concluir que a ordem realmente resgatou um dos livros. As perguntas agora são: Nosso amigo fez um mapa? E, se fez, será que o mapa ainda está aqui ou será que seus pais pegaram? Só há um jeito de descobrir.

— Você quer dizer — disse Michael — que temos que abrir a tumba?

— Infelizmente, sim.

— Aquele cara morto — disse Emma — não vai ser um zumbi nem nada do tipo, né?

— Acho que as chances são bem baixas.

— Você disse a mesma coisa sobre encontrar um troll. E, adivinha, a gente...

— Minha querida, ele não é zumbi. Eu juro.

O mago mandou as crianças irem para uma extremidade da tumba, enquanto ele se colocou na outra.

— Lembrem-se de erguer com as pernas.

— Dr. Pym — disse Michael —, isso é pedra sólida. Deve pesar quase 500 quilos.

— Michael é meio fraco — disse Emma. — Eu que vou ter que fazer mais força.

Michael estava prestes a discutir, mas o mago o interrompeu.

— Tenho a sensação de que não é tão pesado quanto parece. Prontos? Um... dois... *três!*

Para a surpresa de Michael, a tampa de pedra saiu com facilidade.

— Isso aí — disse o mago. — Cuidado com os dedos das mãos e dos pés.

Eles a apoiaram na lateral da tumba.

Emma olhou para Michael.

— Não precisa me agradecer nem nada.

— Ah, por favor, o dr. Pym obviamente...

— Bem, isso é interessante.

O dr. Pym estava olhando para dentro da tumba. As crianças fizeram o mesmo.

— *Ahhhh!* — gritou Emma, e se afastou.

O fundo todo da caixa de pedra era uma massa negra que se contorcia. Michael não conseguia entender o que estava vendo; era quase como...

— Ratos!

Havia dezenas deles. Talvez centenas. Andando e rastejando por cima uns dos outros. Rabos compridos e pelados batiam para um lado e para o outro. Os corpos cinza e marrons se mexiam em cima uns dos outros e seus olhos brilhavam pretos como pedras preciosas.

— São ratos! — disse Michael de novo.

— São mesmo.

— Não fica aí de pé! — gritou Emma. — Faz alguma coisa! Destrói eles, sei lá!

— E por que eu faria isso, minha querida?

— Por quê? Como assim, por quê? São ratos!

O corpo todo de Emma estava rígido, e havia um olhar de puro e não disfarçado pânico em seu rosto. Ocorreu a Michael que a irmã estava com medo. Mas isso era ridículo. Ele nunca soube que Emma tivesse medo de nada, mesmo coisas das quais uma pessoa deveria ter medo, como aranhas gigantes e peludas. Uma vez, um especialista em vida selvagem levou cobras e lagartos e aranhas na escola para uma demonstração. Na metade, uma enorme tarântula amarela e preta se libertou. Houve uma correria de crianças aos berros. Mas Emma, sentada na fileira da frente, calmamente pegou a aranha e a colocou de volta no recipiente de vidro.

— Me digam — disse o mago —, vocês repararam em alguma coisa estranha nesses ratos?

— Hum... — A voz de Emma não estava muito firme. — Ainda estão vivos e você não está fazendo nada pra resolver isso?

Mas Michael pensou por um segundo e disse:

— Estão em silêncio.

— Exatamente — respondeu o mago. — Tantos roedores juntos deveriam estar fazendo uma algazarra. Tem mais aqui do que os olhos veem.

Emma murmurou:

— Vou vomitar.

O mago andou até uma árvore velha que crescia entre dois mausoléus e quebrou um galho longo e seco. Michael viu o mago enfiar o galho na massa ondulante e cinzenta. Para a surpresa de Michael, o galho passou direto.

— Uma ilusão. Feita para desencorajar intrusos. Não tem ratos. Na verdade, acho que senti uma espécie de cabo.

Emma deu meio passo mais para perto.

— Então... eles não são reais?

— Nem um pouco. Agora um de vocês deveria descer comigo enquanto o outro fica aqui e vigia o caminho de volta para Malpesa. Pro caso de termos sido vistos.

— Você está falando de entrar no buraco dos ratos? — perguntou Emma. — Você...

— Eu vou — disse Michael rapidamente. — Emma pode ficar aqui em cima.

— Muito bem — disse o mago.

Em seguida, pegou o galho que estava segurando e quebrou em três partes. Entregou uma das partes a Emma.

— Se você esfregar isso em qualquer superfície, vai se acender em uma tocha. Mas só faça isso se você for descer. Senão, vai ficar visível demais. — O mago olhou para Michael. — Eu vou primeiro.

Ele passou as longas pernas pela lateral do caixão de pedra. Michael e Emma viram com fascinação horrorizada o pé dele entrar na maré ondulante. Por um momento, as criaturas pareceram rodopiar ao redor dele, e então seu pé desapareceu, seguido das pernas, do peito e, por fim, sua cabeça branca sumiu no ninho de ratos.

As crianças estavam sozinhas. Michael se virou para Emma.

— Você está aquecida o bastante?

— Aham.

— Não fica de pé em cima de um mausoléu. Silhuetas são muito visíveis no escuro.

— Tá.

— E o som viaja pra muito longe, então não canta nem assovia pra se distrair.

— Entendi.

— Ah, e não fica olhando pra mesma coisa por muito tempo. Olha pra uma coisa, olha pra outro lugar, depois volta o olhar. É um velho truque de sentinelas.

— Michael...

— O quê?

— Vou ficar bem. Também toma cuidado. — Ela deu um abraço nele. — Te amo.

Ela o soltou, e Michael ficou ali de pé sem jeito, sem saber o que dizer.

— Vai logo — disse Emma por fim. — O dr. Pym está esperando.

Michael assentiu, depois subiu pela lateral da tumba, respirou fundo e se abaixou.

CAPÍTULO SETE

E três vão virar um



— Pegue isso.

O mago entregou uma tocha acesa a Michael. Eles estavam em uma grande caverna diretamente abaixo do túmulo. O garoto tinha achado enervante se abaixar na poça de ratos se contorcendo e, apesar de saber que era ilusão, fechou a boca e os olhos quando desceu. Mas não foi mordido, e, um momento depois, se viu em uma base que dava para o espaço abaixo da tumba. Uma escada de ferro estava presa à parede de pedra. O mago o tinha chamado, e Michael viu o brilho vermelho da tocha dele reluzindo cerca de 30 metros abaixo.

— Então — disse o dr. Pym —, precisamos decidir que caminho seguir.

A caverna era diferente das cavernas e dos túneis que Michael e as irmãs exploraram perto de Cambridge Falls. Tanto o teto quanto o chão eram cobertos de estalactites e estalagmites, então o efeito era o de estar na boca de um animal enorme com muitos dentes. E havia água para todo lado, pingando do teto em um constante *pim... pim... pim*, correndo em riachos pelas paredes, fazendo poças no chão. E havia o próprio ar, que era tão úmido e denso com minerais que cada respiração parecia uma dose de remédio.

Quanto à direção em que eles deveriam seguir, Michael conseguia ver duas opções, dois túneis um em frente ao outro na caverna.

— Eu apostaria que aquele túnel — o mago apontou para a esquerda deles — leva de volta a Malpesa. Enquanto este aqui — ele apontou para a direita — parece continuar abaixo do cemitério. O que você acha?

Michael não fazia ideia. Parte de sua mente estava no cemitério. Ele esperava que Emma tivesse ouvido seus conselhos. Odiava deixá-la sozinha.

Ele tentou se concentrar.

— Bem...

— Ou podíamos ir por ali!

O dr. Pym apontou para o lado mais distante da caverna. A princípio, Michael só viu pedras e algumas sombras. Mas então, olhando melhor, ele percebeu que uma das sombras era na verdade uma fissura estreita, uma espécie de rachadura na parede da caverna.

O mago sorriu.

— Sorte que somos os dois magros, hein?

Eles tiveram que entrar na abertura de lado, e as pontas irregulares da pedra espetaram o casaco e as pernas da calça de Michael; uma vez, ele bateu com o joelho e precisou morder a língua para não gritar. Por fim, a abertura se alargou, e Michael e o dr. Pym conseguiram andar normalmente. Mas o caminho ainda estava escuro, e os únicos sons eram os passos deles e o arder suave das tochas. Michael ficou perto do mago e começou a fazer perguntas. O que ele mais queria era ouvir a voz do mago.

— Então aquela carta que o dr. Algernon encontrou era de duzentos anos atrás?

— É, mais ou menos.

— E o homem com a febre, o que era da ordem, disse que ele e outros homens tinham tirado o livro do Egito, e que isso aconteceu mais de dois mil anos atrás.

— Isso mesmo. Ah, Michael, meu rapaz...

— Sim, senhor?

— Por favor, não coloque fogo no meu terno. É o único que eu tenho.

— Desculpa. — Michael diminuiu o passo para afastar alguns centímetros a tocha das costas do dr. Pym. — Então ele, o homem

doente, teria que ser muito, muito velho, não é?

Michael ouviu o dr. Pym rir; o som parecia quicar de uma parede a outra.

— Teria mesmo. O que levanta uma pergunta ainda mais interessante. Restam dois Livros do Princípio. Cada um tem poderes únicos. Me diga, você já pensou sobre que poderes poderiam ser?

Michael tinha pensado, sim. Ele e Emma debateram o assunto sem parar desde que voltaram para Baltimore. Kate tinha se recusado a participar, dizendo: “Os Livros são o que são; não quero pensar neles até que tenha que pensar.” Mas todas as teorias dele e de Emma sobre os possíveis poderes do Livro — o poder de voar, o poder de ficar extremamente forte, o poder de falar com insetos (Michael tinha visto uma vez um documentário que dizia haver mais de um trilhão de insetos no planeta e que, se todos trabalhassem juntos, podiam dominar o mundo), o poder de sorvetes infinitos (um dos favoritos de Emma, que Michael assegurou não ser um verdadeiro poder), o poder de falar com pessoas muito distantes (outra ideia de Michael, embora sempre que ele mencionasse, Emma dizia: “É, isso se chama telefone”) — de repente pareceram pequenas demais ou simplesmente bobas.

— Pensei, mas nada era bom.

— Me permita lhe dar uma dica — disse o mago. — Você observou corretamente que o homem da carta do mercador de porcos teria que ter milhares de anos de idade. Mas os membros da ordem eram homens com tempos de vida normais. Como você explica esse sujeito viver o tempo que viveu?

— Você quer dizer... que foi o livro?

— Isso mesmo. Agora que nome você daria a um livro assim? Lembre que os livros lidam com a própria natureza da existência, e o *Atlas* é o Livro do Tempo. Pense, meu rapaz.

Só havia uma resposta.

— Acho que... o Livro da Vida?

— Exatamente. Ou, como também é conhecido, *Crônica*. E dar vida longa é apenas um de seus poderes. Assim, esse sujeito da carta, junto com os outros membros da ordem, esconde a *Crônica* em um lugar secreto, e enquanto ficarem perto dela, continuam a viver, século após século. E então chega esse homem em Malpesa, talvez depois de deixar o livro com seus colegas, e quando é separado do poder dele, adoece e morre. Quanto ao motivo de ele partir em uma jornada assim, bem, essa é outra pergunta.

Eles continuaram a andar, mas Michael tinha mais uma coisa a perguntar.

— Dr. Pym...

— Sim?

— Então o último livro, o terceiro, é... bem...

O mago parou e o encarou.

— Sim — disse o homem idoso —, o último livro é o Livro da Morte. Mas esse não é um assunto para nos preocupar agora. — Ele pareceu observar o garoto, com a tocha se refletindo nos óculos do mago e fazendo parecer que pequenas chamas dançavam em seus olhos. — Hugo estava certo. Você se parece mesmo com seu pai.

E, mais uma vez, apesar de tudo o que tinha acontecido, apesar de tudo o que estava acontecendo, Michael sentiu um brilho quente se espalhar em seu peito até as pontas dos dedos. Ele nem tentou sufocar a sensação.

Ele disse, bem baixinho:

— Legal.

— É — disse o mago. — É legal.

Dez metros depois, eles encontraram as inscrições.

Em uma seção da parede do túnel que tinha sido lixada, alguém entalhou o mesmo símbolo que estava na tumba, os três círculos entrelaçados. Abaixo dele, também entalhado na pedra, havia o que Michael interpretou como escrita, apesar de não reconhecer a língua. De algumas formas, o lembrou de chinês e japonês, pois os caracteres eram ornados e pesadamente estruturados, mas não

havia pausas entre eles; tudo parecia fluir junto, e Michael não conseguiu entender se era para ler da esquerda para a direita, ao contrário, de cima para baixo ou de baixo para cima.

Ele achou muito bonito.

— Incrível. — O dr. Pym aproximou a tocha da parede de pedra e segurou o ombro de Michael. — Passei tantos anos procurando. Estamos perto, estamos muito perto.

— O que diz? — perguntou Michael. — Você consegue ler?

— Consigo. É a língua antiga na qual os Livros do Princípio foram escritos. É o juramento da ordem dos guardiões. — Ele apontou para a escrita logo abaixo do símbolo e leu em voz alta, e sua voz ecoou nas paredes. — “Sejam testemunhas todos de que eu, anônimo, dedico meu fôlego, minha força, minha própria vida a essa tarefa sagrada. Ninguém vai atingir aquilo que jurei proteger. É o que juro até que a morte me liberte do meu compromisso.”

Michael concluiu que era um juramento muito bom. Era verdade que, se um anão o tivesse escrito, haveria mais menções a esmagar o elmo de um inimigo e de promessas reforçadas nas forjas da eternidade, mas Michael sabia que não podia se esperar um padrão anão de todo mundo.

— E esta parte — continuou o dr. Pym, batendo com o dedo na porção do texto mais embaixo. — “Falhei em minha missão. O que deixo, deixo na esperança de que o Protetor possa um dia chegar. Escolha com sabedoria e você pode nunca morrer. Escolha errado e você vai se juntar a mim... E Três vão virar Um.”

— O que significa? — perguntou Michael.

— Três virar Um é uma referência aos Livros do Princípio. De acordo com a lenda, um dia os Livros vão ser reunidos, os três trabalhando como um para cumprir o destino. Mas a parte que me interessa é a em que ele escreve: “O que deixo, deixo na esperança de que o Protetor possa um dia chegar.” Isso implica que nosso amigo misterioso deixou mesmo alguma espécie de mapa para encontrar a *Crônica*. Podemos estar com sorte.

— Espere, o que é isso? — Michael apontou para uma linha de escrita muito pequena no final da inscrição. Ele pensou que parecia uma língua diferente.

O mago se inclinou para a frente e de repente soltou uma risada alta e reverberante.

— O quê? — perguntou Michael. — O que diz?

— “Túnel e tumba construídos por Osborne e Filhos, Empreiteiros Anões, Malpesa.” — O mago ainda estava rindo. — Eu estava me perguntando como nosso sujeito doente tinha escavado a partir daquele túmulo. Ele contratou anões para cavar por ele.

— E confiaria neles para guardar seu segredo? — perguntou Michael, e imediatamente se sentiu culpado por ter dito isso.

— Ah, duvido de que ele tenha revelado a verdadeira natureza de seu segredo, mas em essência, sim. Ele teria confiado neles. Anões construtores são famosos por sua discrição. Não há um cofre ou casa-forte no mundo mágico que não tenha sido construído por um anão. Estou surpreso de você não saber disso.

— Bem — disse Michael na defensiva —, não se pode esperar que uma pessoa saiba tudo sobre anões. Tem tanta coisa. Dá pra aprender tudo sobre elfos em uns vinte minutos. Mas anões...

— Sim, sim. Venha.

E eles saíram andando mais uma vez.

Conforme andavam, Michael pensou no Protetor mencionado na inscrição, e sua mente voltou para o que o dr. Pym lhe contou na noite anterior, que Kate tinha sonhado com ele segurando um livro estranho. Será que esse livro era a *Crônica*? Mas se ele pegasse o Livro da Vida, isso significava que Emma tinha que pegar o Livro da Morte?

Ela não vai ficar feliz com isso, pensou Michael.

— Ah, caramba.

Michael parou ao lado do mago. Na frente deles, o túnel acabava de repente em uma pequena montanha de terra e pedras que ia até o teto.

— Um deslizamento — disse o dr. Pym. — Parece bem recente. Pode demorar um tempo pra resolver.. Meu rapaz, o que você está fazendo?

Michael estava subindo no deslizamento. Tinha visto um pequeno buraco ou túnel perto do teto. Quando chegou na altura da abertura, ele se equilibrou entre uma pedra grande e a parede e enfiou a tocha na boca do túnel.

— Continua — disse ele, ainda sem fôlego por causa da subida. — Só tem três metros, três metros e meio. Acho que consigo passar.

— Não. De jeito nenhum.

— Dr. Pym, quanto mais tempo ficarmos aqui embaixo, mais tempo Emma vai ficar sozinha no cemitério. Me deixa ir dar uma olhada. Por favor.

— Michael...

— Se Kate estivesse aqui, você ia deixar ela ir. Você sabe que ia.

O mago suspirou.

— Muito bem. Mas você só vai olhar e voltar pra me contar, entendeu?

Michael disse que sim e imediatamente tirou o casaco pesado. Em seguida, com a tocha à frente, se espremeu pelo túnel. Era menor do que pensava. Ele teve que se arrastar deitado, usando os antebraços e cotovelos para se impulsionar. Em pouco tempo estava com os braços e os cotovelos arranhados, e também os ombros, o queixo, as pernas, a cabeça. E então, o menino ficou entalado. Ele se contorceu para um lado e para outro, mas não adiantou. Michael disse a si mesmo para não entrar em pânico, que estava quase no final. Segurando com as mãos enquanto empurrava com um pé apoiado em uma pedra, ele se impulsionou para a frente com toda força. Foi um esforço feroz, tanto que ele se jogou completamente do túnel e caiu com força no chão de pedras.

Ficou de pé em um instante, tateando em busca da tocha. Ele conseguia ouvir a voz do mago ecoando pelo túnel.

— Michael, diga alguma coisa! Que barulho foi esse? Você está ferido?

Michael abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu. Sua tocha estava iluminando uma pequena câmara. Havia uma mesa de madeira, havia uma cadeira, e havia a coisa sobre a cadeira, olhando para ele.

Emma tinha subido no telhado de um mausoléu grande e, de onde estava, tinha visão de dentro da tumba dos ratos (para onde não olhava propositalmente) e para a silhueta irregular do cemitério. A ponte para Malpesa havia desaparecido. Tudo estava silencioso, escuro e parado.

Para passar o tempo, e como forma de não pensar na pilha de ratos se contorcendo (falsos ou não, ela não confiava neles), Emma começou a imaginar que Kate tinha voltado do passado e estava sentada ao seu lado. Ela só precisava virar a cabeça e Kate estaria ali, sorrindo, pronta para tomá-la nos braços. Quanto mais ela imaginava, mais real a visão ficava, até que Emma começou a pensar que Kate realmente *estava* lá apenas esperando que a irmã mais nova reparasse em sua presença.

Não olhe, ela disse para si mesma. Ela não está aqui; não olhe.

Emma olhou. Estava sozinha.

Quando voltou a cabeça, ela precisou passar a mão pelos olhos, pois as luzes de Malpesa começaram a ficar embaçadas ao longe. Ela abraçou os joelhos e começou a se balançar para a frente e para trás.

Quero Kate de volta, pensou ela. Quero Kate de volta quero Kate de volta quero Kate de volta...

A noite estava fria e escura, e nada se movia no cemitério.

O que Michael e o mago estavam fazendo?

Emma olhou para a frente. As luzes ao longe ainda estavam embaçadas, e ela esfregou os olhos. A garota olhou de novo, e as luzes estavam se movendo. Ela começou a ficar de pé, mas se

lembrou do aviso de Michael e se agachou, observando em meio à escuridão.

A ponte para Malpesa tinha reaparecido, e uma fileira de tochas estava percorrendo-a em direção ao cemitério.

Ela pegou o pedaço de galho que o mago tinha lhe dado e correu para a beirada do telhado. Tinha que avisar o dr. Pym. Mas, ao descer para o chão, Emma ouviu uma voz bem perto ecoando em meio aos túmulos.

— Eles estão aqui! Se espalhem! Encontrem eles!

Com horror, Emma se deu conta de que havia outro grupo já no cemitério. Ela os tinha deixado passar quando estava pensando em Kate! Ela se xingou. O dr. Pym tinha pedido que Emma fizesse uma coisa e ela o tinha decepcionado!

A garota conseguia ouvir o som de botas, e a mesma voz falou de novo; tinha um sotaque que ela não reconheceu.

— Encontrem as crianças! Estão ouvindo? Quero as crianças!

Agachada ao lado do mausoléu, ela conseguiu ver tochas brilhando entre as lápides. Tinha que cruzar dez metros de espaço aberto para chegar à tumba. Ficaria completamente exposta, mas não havia outro jeito. Emma se preparou e saiu correndo, subiu na lateral da tumba e ficou paralisada...

Abaixo dela, o mar de ratos se revirava. O pânico tomou conta dela.

Emma conseguiu ouvir o som de botas chegando mais perto...

Anda, ordenou ela. Agora!

E a menina desceu, rezando para não vomitar.

A coisa na cadeira era um esqueleto. Ele (Michael tinha quase certeza de que tinha sido um homem) usava os restos apodrecidos de uma túnica velha e estava atrás da mesa de madeira, posicionado de forma a ver qualquer pessoa que entrasse na câmara. As mãos do esqueleto estavam apoiadas na mesa, com a direita ao redor do punho de uma espada. Em uma das juntas da mão esquerda havia

um anel de ouro com o agora familiar símbolo dos três círculos entrelaçados.

Pareceu a Michael que o esqueleto o estava observando.

— Michael! — A voz do mago era insistente. — Me responda! Você está ferido? Está em perigo?

— Eu... eu estou bem! Só me dá um segundo!

Michael deu um passo hesitante para mais perto. O esqueleto não se mexeu.

Tudo bem, pensou Michael, vamos ficar calmos e ver o que temos aqui.

A mesa tinha sido claramente preparada para visitantes. Havia três garrafas alinhadas e um velho cálice de metal. O cálice estava do lado de Michael da mesa, não do esqueleto. Ele olhou de novo para o esqueleto. Ainda não tinha se movido.

O menino se lembrou da mensagem na parede.

O que deixo, deixo na esperança de que o Protetor possa um dia chegar. Escolha com sabedoria e você pode nunca morrer. Escolha errado e você vai se juntar a mim...

Era um enigma! Ele teria que beber de uma das garrafas.

Michael esfregou as mãos. As coisas estavam melhorando. Ele adorava enigmas, charadas, qualquer coisa que desse para resolver com lógica.

— Seu danadinho — disse Michael para o esqueleto. Estava mesmo se sentindo bem mais à vontade. Virou-se para contar para o dr. Pym o que tinha encontrado...

E parou.

Sem dúvida o mago conseguiria resolver o enigma em um instante. Mas talvez essa fosse uma oportunidade. Ele era o mais velho agora; tinha ficado com o papel de Kate. Só que Michael estava ciente de que ninguém o via assim. Essa era uma chance de provar seu valor. Ele se imaginou saindo do túnel e o dr. Pym dizendo "O que você encontrou? O que preciso fazer?", e, limpando casualmente a poeira do corpo, Michael diria: "Guarda seus feitiços,

doutor. Eu resolvi o enigma. Com a boa e velha lógica.” Até Emma ficaria impressionada.

— Michael, o que está acontecendo aí?

— Só mais um minuto!

Ele teria que ser rápido.

Escolha errado e você vai se juntar a mim...

Este homem, quando era homem, viveu durante milhares de anos graças ao Livro da Vida. Na verdade, a coisa toda estava perfeitamente clara. Duas garrafas eram de veneno. Uma o levaria à *Crônica*. Ele só precisava fazer a escolha certa.

Michael começou com a garrafa à esquerda. Era de argila marrom-avermelhada, em formato de sino e fechada com uma rolha. Ele tirou a rolha e cheirou. Deu um pulo para trás de nojo. Parecia que alguém tinha enchido a garrafa com lodo do fundo de um pântano e misturou querosene, vinagre e alguma coisa com cheiro de cachorro molhado. Michael enfiou a rolha de volta na boca da garrafa e deu um passo para a direita.

O recipiente do meio era uma garrafa fina de cor de rubi cheia até a metade com um líquido escuro. Michael retirou a rolha, se inclinou para a frente e, cuidadosamente desta vez, cheirou. Depois, cheirou de novo. Não tinha imaginado aquilo. A coisa dentro da garrafa tinha cheiro de cerveja preta.

Ele foi para o último recipiente.

Era um pequeno frasco de metal do tamanho de um vidro de perfume. A tampa ficava presa por uma alavanca com o formato de uma pequena garra, e quando Michael apertou um botão, a tampa se ergueu. Ele levou o frasco ao nariz. Não sentiu nenhum cheiro. Aproximou-o ainda mais e inspirou mais profundamente. Nada, ainda. Ele soltou o botão e recolocou o frasco sobre a mesa.

— Michael — a voz do mago agora estava mais irritada do que preocupada. — Insisto que você me conte o que está acontecendo.

— Não tem mapa! Tem uma mesa com três garrafas! Ah, e tem um esqueleto! Mas ele só está sentado aqui.

Michael olhou para o esqueleto. Ele não tinha se mexido, tinha? Michael tentou lembrar se a cabeça do esqueleto estava naquela exata posição.

— Michael, eu proíbo você de encostar em qualquer coisa! Na verdade, volte agora! Está ouvindo?

— Só estou... amarrando meu sapato.

— Bem, então... Ah, espere um segundo, meu rapaz!

Michael achou que ouviu uma outra voz, mais ao longe, da irmã, e que o mago a estava chamando. Ele se perguntou se tinha acontecido alguma coisa no cemitério. Michael sentiu que seu tempo estava acabando.

Escolha com sabedoria e você pode nunca morrer...

Escolha errado e você vai se juntar a mim...

A garrafa de argila tinha cheiro de veneno, mas talvez essa fosse a intenção. Quando se planejava um enigma, sempre se colocava a solução onde é menos esperada. Nesse caso, a mistura com cheiro de pântano e cachorro molhado era a melhor aposta de Michael.

Ou será que isso era óbvio demais? Será que o homem esqueleto não teria suposto que Michael ou qualquer outra pessoa automaticamente iria para a alternativa mais nojenta? Não seria bem mais inteligente colocar a opção com menos aparência de veneno para não ser realmente veneno? Nesse caso, Michael deveria escolher a garrafa da cor de rubi e sua promessa de cerveja preta.

Só que... ainda havia a garrafa de metal a considerar. A que não tinha cheiro de nada. Como ela entrava na equação? E, pensando bem, será que ele estava comentando um erro ao não olhar para os próprios recipientes? Uma jarra de argila, uma garrafa de vidro e um frasco de metal? Será que havia algum sentido nisso? Ou talvez a pista estivesse nas localizações respectivas sobre a mesa?

O que realmente preciso, pensou Michael, são ratos de laboratório. Eu poderia dar cada uma das poções a eles e ver qual sobrevive.

Michael olhou ao redor, mas a câmara estava depressivamente livre de ratos.

Admita, pensou ele, você não faz ideia de qual é a poção certa.

Bem baixinho, ele murmurou:

— Uni... duni... tê...

Ele parou, constrangido demais para continuar.

Escolha, Michael disse para si mesmo. Você tem que escolher. Anda. Agora.

O garoto tirou a rolha da jarra de argila e derramou no cálice. Suas mãos tremiam e ele teve que firmar a jarra contra o corpo. Lentamente, quase com relutância, uma lama verde-amarelada escorreu até o cálice. Michael ficou olhando fixamente. Como ia conseguir beber isso? Precisava de uma colher. Ou garfo.

Quando Michael levou o cálice aos lábios, teve que tapar o nariz para não vomitar. Ele conseguia ver a gosma escorrendo em direção à sua boca. Sabia que estava sendo burro. Se ele tivesse mais tempo, teria conseguido decifrar. Talvez tivesse encontrado ratos em outra caverna. Estava feliz por Kate não poder vê-lo, nem o dr. Pym, nem o pai, e nem mesmo G. G. Greenleaf, autor do *Compêndio do anão...*

Michael baixou abruptamente o cálice, com a gosma a um fio de tocar seus lábios.

O garoto colocou-o na mesa e pegou o *Compêndio* na bolsa. Ele sabia qual capítulo estava procurando e abriu diretamente nele. Ele leu: "Enigmas têm papel fundamental em qualquer busca mágica há muito tempo, e, o que não é surpresa, os anões sempre tiveram desempenho excelente em resolvê-los!"

Michael sentiu o alívio tomando conta dele. O bom e velho G. G. Greenleaf!

A chave para resolver qualquer enigma é se colocar na mente de quem o elaborou. Quais eram as intenções dele com o enigma? Quem ele queria que o resolvesse? Quem ele queria

que falhasse? Sempre volte às instruções; alguém as escreveu por algum motivo. Além do mais, se mais nada funcionar, tente quebrar o enigma com seu machado. Tem eficiência frequente.

Michael fechou o *Compêndio* e olhou para o esqueleto. O homem tinha sido um dos últimos guardiões do livro; queria protegê-lo. Portanto, iria querer que a maior parte das pessoas falhasse no teste. Mas se alguém escolhesse uma poção aleatoriamente, tinha um terço de chance de acertar. O guardião não iria querer que um a cada três acertasse, mas a pessoa *certa*. O Protetor.

Michael teve certeza de repente de que nenhuma das poções era a resposta certa, e que se tivesse bebido a gosma fedida, estaria morto agora.

— *Michael!*

A voz de Emma o puxou para o túnel. Ele conseguia ver a tocha brilhando no final.

— O que foi? Qual é o problema?

— Você tem que sair daí! — Ela estava desesperada. — Estão vindo! Muita gente!

— Quem? O que você...?

— Gritões! Eu vi eles! Anda!

— Mas ainda não sabemos onde está o próximo livro! Posso...

— Michael — era o mago falando —, vamos encontrar o livro de outra maneira! Volte agora! Isso é uma ordem!

Mas Michael já estava se virando para a mesa. Estava certo de que, se não tivesse uma resposta agora, se não descobrisse o paradeiro da *Crônica*, eles jamais encontrariam o livro. E tudo dependia disso. O que significava que tudo dependia dele. Ele abriu o *Compêndio* e leu o trecho de novo. Uma frase chamou sua atenção: "Sempre volte às instruções; alguém as escreveu por algum motivo."

As instruções, pensou Michael.

Escolha com sabedoria e você pode nunca morrer...

Escolha errado e você vai se juntar a mim...

E Três vão virar Um.

Michael sentiu um tremor de empolgação.

E Três vão virar Um.

O dr. Pym tinha dito que isso se referia aos Livros do Princípio, e talvez fosse isso mesmo. Mas talvez se referisse a outra coisa.

A gosma verde-amarelada agora estava quase solidificada no fundo do cálice. Michael tirou a rolha da garrafa vermelha e derramou o líquido com cheiro de cerveja preta; houve um sibilar e um borbulhar, e a mistura ficou preta e, se possível, com cheiro ainda pior do que antes; mas Michael já estava virando o pequeno frasco e sacudindo para derramar algumas gotas transparentes. O efeito foi imediato. O sibilar e o borbulhar pararam, e o líquido no cálice ficou da cor de prata pura.

— Michael, é seu último avis...

— Vou beber das três garrafas!

Ele queria que eles soubessem o que estava acontecendo. Para o caso de estar errado.

E então, incapaz de resistir ao gesto dramático, ele ergueu o cálice em direção ao esqueleto. Infelizmente, não conseguiu pensar em nada apropriadamente espontâneo e cavalheiresco para dizer como brinde. Por fim, apenas murmurou:

— Bem, aí vai...

E bebeu.

Foi como se ele tivesse derramado água gelada diretamente no coração. O cálice caiu no chão quando Michael caiu de joelhos. O frio estava se espalhando por todo o seu corpo, e ele conseguia sentir que estava começando a tremer. Seria possível que estivesse errado? Mas tinha tanta certeza! Ele tentou chamar a irmã, mas sua voz falhou. Consequia sentir seus pulmões congelando, o gelo se formando nas câmaras do seu coração; sua visão ficou escura; ele caiu para a frente, e sua testa bateu no chão de pedra; uma batida sacudiu seu corpo todo. Que forma estranha de morrer, pensou

Michael. A batida surgiu de novo, e de novo. E então a visão de Michael se clareou, e ele se deu conta de que a batida era seu coração, e sentiu a vida e o calor se movendo dentro dele, e respirou bem fundo, e mais uma vez conseguiu ouvir Emma gritando seu nome, chorando, implorando que ele voltasse, que por favor voltasse...

— Estou indo! — gritou ele, ficando de pé. — Estou bem!

E estava mais do que bem, muito mais do que bem, pois ele sabia onde a *Crônica* estava escondida.

O que aconteceu depois foi um borrão.

Michael rastejou pelo túnel. Mãos o puxaram. Emma o abraçou, disse que ele era um idiota, e o dr. Pym gritou para eles irem, que não tinham tempo...

E então, correram. De volta pela abertura, chegando à caverna debaixo da tumba, ouvindo os Gritões tão perto acima, o mago gritando para as crianças o seguirem, entrando no túnel que levava a Malpesa...

E correram de novo, o mais rápido que conseguiram.

Eles tinham que chegar ao porto; havia alguma coisa esperando por eles; planos já tinham sido feitos; alguma coisa ia levá-los para longe.

— Tive um pressentimento — a voz do mago vinha em bufadas rápidas — de que talvez precisássemos sair de Malpesa correndo.

E, enquanto corriam, os gritos terríveis ecoaram pelo túnel, envolvendo-os, tornando tudo dentro das crianças pequeno e frio e fraco, e eles só podiam correr, cada vez mais rápido.

Abruptamente, o túnel levava a um canal subterrâneo largo, no qual passava um rio escuro, e eles caíram na água, que estava gelada, grudenta e ia até os joelhos deles. Enquanto andavam com dificuldade, as luzes de suas tochas mostraram a boca de outro túnel na parede extrema feito de tijolos, e Michael soube que tinham chegado ao esgoto de Malpesa. E então os gritos apavorantes

surgiram atrás deles, e ele se virou e viu formas escuras pulando do túnel de onde tinham acabado de sair.

— Corram! — gritou o mago. — Não parem! Corram! Deixem comigo!

Michael deu vários passos e percebeu que Emma não tinha se movido. Ele a pegou pelo braço e a arrastou para a frente, cambaleando pela água negra.

— Não é real! — gritou ele. — Os gritos não podem te ferir!

— Eu... eu sei! — gritou ela em resposta. — Para de gritar no meu ouvido!

Michael olhou por cima do ombro e viu o dr. Pym esperando para enfrentar os Gritões; só que o mago não estava de frente para os monstros, e sim para o canal, para a escuridão. Michael e Emma chegaram ao outro lado, e Michael empurrou a irmã para cima. Em seguida, ele se virou de novo e viu o dr. Pym andando em sua direção, com uma dúzia de Gritões atrás e mais saindo como ratos do outro túnel, e percebeu um rugido, e então uma grande parede de água saiu da escuridão, enchendo o túnel, e o mago o empurrou para o esgoto na hora em que a onda atingiu os Gritões e os levou em um turbilhão de águas escuras.

Quando Michael percebeu, eles tinham chegado a uma escada; Emma subiu primeiro, e ele foi logo atrás dela. Eles saíram em um poço ao lado de uma igreja velha, e a cidade estava tão silenciosa, tão parada, e o mago saiu do poço e Emma estava perguntando se o dr. Pym tinha causado a onda, mas antes que o velho pudesse falar, eles ouviram um *tum-tum-tum* rápido, o chão tremeu e a forma desajeitada de um troll surgiu na esquina, balançando um enorme porrete com pontas de metal, e partiu para cima deles.

Era como fugir antes de um terremoto; o chão tremia, de forma que era difícil acertar o passo. O mago os levou por uma viela estreita, onde o troll não podia segui-los, e Michael o ouviu gritando em fúria, batendo nas paredes com o porrete. E então, eles estavam correndo por um canal cheio de curvas e de barcos, e ouviram o

grito de um Gritão, e então de outro, e de outro, chegando de todos os lados, e o dr. Pym pareceu estar rearrumando o mapa da cidade enquanto corria, fazendo pontes sumirem atrás deles, forçando casas a se juntarem e impedirem a passagem do inimigo; mas, a cada curva, três ou quatro *morum cadi* apareciam, correndo em direção a eles, com as espadas na mão e gritando.

— O porto — o dr. Pym ficava dizendo. — Precisamos chegar ao porto.

Mas então eles dobraram uma esquina para o canal principal e encontraram 12 Gritões protegendo a ponte, e havia um homem de pé na frente deles. Era o maior homem que Michael já tinha visto. Usava um sobretudo longo e preto e luvas de couro pretas, e sua cabeça careca brilhava à luz da lâmpada. A própria visão dele encheu Michael de medo, e ele sentiu Emma segurar seu braço.

— Doutor! — O homem levantou as mãos bem afastadas uma da outra, como se para recebê-lo. — Estávamos esperando vocês! Agora chega dessa correria. Vamos acordar os vizinhos.

— Você não vai pegar eles, Rourke! — O mago tinha ido para a frente das crianças. — Não enquanto eu estiver vivo.

— Bem, sabe de uma coisa, doutor? — E o homem sorriu. — Não tenho problema nenhum com isso.

Os Gritões atacaram, mas o dr. Pym soprou sua tocha e uma parede de fogo se ergueu no meio da rua. E então, como se conduzindo uma orquestra, o mago levantou os braços, e uma bola de fogo subiu no céu noturno, girando em um grande círculo ao redor da cidade.

— Dr. Pym! — gritou Emma. — O que vamos fazer?

— Se não conseguimos chegar ao porto — o rosto do mago estava sério, e ele teve que gritar acima do barulho do fogo —, então o porto tem que vir até nós. Por aqui!

Eles correram para um prédio decrépito de quatro andares à beira do canal, e o dr. Pym empurrou uma porta podre para entrar no interior escuro e úmido e os levou por uma escadaria larga.

— Para o telhado! Rápido!

Enquanto eles subiam, Michael ouviu a porta sendo arrancada. Suas pernas estavam queimando e tremendo de cansaço. No último andar, uma escada levava por vigas podres, e o mago os mandou subir, subir, subir, e então eles estavam os três em um telhado inclinado e meio destruído, olhando para a cidade e para a água escura do canal, e o mago criou outro anel de fogo, como uma sinalização, e mandou para o céu. Ele ficou lá, queimando acima deles.

— Quem — ofegou Michael — era aquele homem?

— Rourke — disse o mago. — O braço direito do nosso inimigo. Tenho que me preparar. Eles vão chegar em poucos momentos, e precisamos de tempo. Tempo acima de tudo.

Sinos tinham começado a tocar por toda a cidade, e Michael conseguia ver luzes acendendo enquanto vozes gritavam umas para as outras com medo e preocupação. E então, os Gritões começaram a chegar ao telhado. Alguns deles subiram pela escada, mas outros escalaram o exterior do prédio e subiram pela beirada do telhado.

— Voltem! — ordenou o mago às crianças. — Voltem!

Michael e Emma retrocederam, mas as telhas estavam soltas e escorregadias, e uma cedeu sob o pé de Michael e ele escorregou e quase deslizou pela beirada.

Havia Gritões por todos os lados agora, e o dr. Pym lançou uma chama crescente para cima das criaturas, e os farrapos secos de seus uniformes pegaram fogo em um instante. Muitos deles caíram do telhado pegando fogo; e então o prédio inteiro tremeu, e Michael conseguia ouvir gritos furiosos vindo de baixo, e olhou pela lateral e viu um par de trolls batendo no prédio como lenhadores tentando derrubar uma enorme árvore. Enquanto isso, Emma estava jogando pedaços quebrados de telha tão rápido quanto conseguia pegar, e não havia para onde ir, para onde correr..

E então, o dr. Pym segurou o braço de Michael e se inclinou para perto. O fogo que ardia no telhado mantinha os Gritões longe.

— Michael, me escute! Você precisa encontrar a *Crônica*! Tudo depende de você! Você viu onde está escondida? Consegue encontrar?

— S-sim.

— O Magnus Medonho não pode pegar! Prometa. Prometa!

— Eu... prometo.

— Você vai ser o Protetor! Katherine previu isso. Você entende? Você entende?

Michael fez que sim com a cabeça, mas sentiu o pânico tomar conta dele, e de repente soube que não estava pronto. Por que tinha fingido que estava? Ele tentou dizer isso, mas sua garganta estava seca e as palavras não saíram.

Emma estava gritando, apontando para o canal.

O mago se virou.

— Graças a Deus, eles viram meu sinal.

Michael conseguia ouvir agora um motor ficando cada vez mais alto. E viu um hidroavião deslizando no canal, com o trem de pouso fazendo um grande V na água parada. Estava passando debaixo de uma ponte e chegaria neles em segundos.

— Quando você cair na água... Preste atenção, Michael... Quando você cair na água, segure sua irmã com força. Só vão ter uma chance de pegar vocês.

— Você... você também vem — disse ele.

— Não. Alguém tem que ficar. Rourke sabe sobre o túmulo. Não podemos correr o risco de ele descobrir o paradeiro da *Crônica*. Sou o único que pode atrapalhá-lo. Posso ganhar o tempo de que vocês precisam.

— Mas eu...

— Sei do que você tem medo. Confie em Emma. Confie em si mesmo. Você tem um bom coração. Deixe que ele o guie.

— Mas você não pode...

— Ele está chegando. Vá agora.

E Michael conseguiu ver o homem careca pisando no telhado.

— Agora vocês têm que pular! Vão!

Ele empurrou Michael na direção de Emma. O garoto segurou a mão da irmã.

— Temos que pular!

— E o dr. Pym?

— Ele não vem!

Antes que ela pudesse discutir, Michael apertou a mão dela com mais força (lembrando-se de tirar os óculos e colocar na bolsa) e deu três passos corridos, e Emma não teve opção além de pular.

Eles caíram, caíram e caíram. Bater na água foi como bater em concreto. A mão de Emma foi arrancada da dele quando Michael mergulhou fundo na água. Ele lutou para cima com todas as forças, e ao chegar à superfície, viu a hélice do hidroavião chegando mais perto. Emma estava a alguns metros, com aparência desnorтеada e com medo, e ele nadou até ela, passou os braços com força ao redor de seu corpo e, no último momento, o avião desviou. A hélice passou perto e Michael se sentiu agarrado por mãos de ferro, e ele e Emma foram erguidos da água e levados para o avião. Emma gritou, e Michael, ainda deitado no chão e lutando para respirar, viu-a abraçando Gabriel, que os tinha puxado da água e agora estava gritando para o piloto, e o avião estava subindo para o ar, quase batendo na ponte. Eles subiram cada vez mais alto e fizeram uma curva, e Michael lutou para colocar os óculos e, pela porta aberta, viu no telhado duas formas distantes, uma de frente para a outra e delineadas contra as chamas. E então o prédio se balançou e desabou, caindo no canal, e o avião, ainda subindo, fez outra curva, e Malpesa sumiu atrás deles, e não havia som além do motor e do vento, e nada para ver além da escuridão do céu noturno, e Emma estava abraçando Michael e chorando.

— Ah, Michael, o dr. Pym... ele... Ah, Michael...

CAPÍTULO OITO

Os Selvagens



— Olha só, mestre Jake...

— Sim, mestre Beetles?

— Acredito que ela está finalmente acordando.

Kate abriu os olhos. Estava mais uma vez deitada no chão, e, mais uma vez, dois pares de olhos estavam fixos nela. Mas o aposento em que se encontrava era diferente, e os dois garotos não estavam inclinados inspecionando-a em busca de sinais de vida; olhavam-na de um par de cadeiras bambas de madeira, com os pés apoiados em caixas e perto de um fogão velho de ferro. Os dois estavam fumando cachimbos.

— Quanto tempo eu dormi? — Kate se ergueu para ficar sentada.

O que se chamava Beetles tirou o cachimbo da boca e pareceu refletir sobre a pergunta.

— Quanto tempo você diria que ela dormiu, mestre Jake? Cinco horas?

— Ah, eu diria seis horas, mestre Beetles.

— Seis? Tantas assim?

— No mínimo. Eu estava desconfiando de que ela ia abrir uma loja...

— Tudo bem — disse Kate.

— É isso mesmo? — Beetles sorriu. — Que tipo de loja, mestre Jake?

— Ah, uma dessas lojas Dormi-no-Chão-o-Dia-Todo-e-Não-Fiz-Nada, mestre Beetles.

Kate balançou a cabeça quando os garotos caíram na risada, com Beetles exageradamente tirando o boné e fazendo uma reverência, evidentemente em deferência ao humor do amigo. Ela parou para olhar ao redor.

Uma luz pálida de inverno entrava por uma única janela suja e coberta de gelo, iluminando uma sala pequena e comum. Havia pouca coisa além do fogão, das caixas viradas servindo de apoio para o pé e das cadeiras em que os garotos estavam sentados. O aspecto notável do aposento era que as paredes e o chão eram feitos de grandes pedaços de pedra cinza. Só o teto era feito de tiras de madeira.

Kate viu que tinha sido colocada em um cobertor dobrado, e que outro cobertor tinha sido posto sobre seus pés descalços. O gesto pareceu estranhamente atencioso. Ela ainda estava usando o casaco de lã que tinha conseguido na Bowery, o que adquiriu trocando a corrente do medalhão da mãe, e sua mão foi até o bolso, procurando e se fechando sobre a forma oval familiar do medalhão. Ela teria que encontrar uma corrente nova logo. Sentia falta do peso no pescoço, de poder levantar a mão a qualquer momento e saber que ele estava lá. Kate pensou no mercado mágico e na bruxa que a tinha drogado, e nas duas criaturas que tentaram levá-la de lá. Pensou em como foi salva por aquele outro garoto, Rafe, e o viu de novo, pulando de cima. Ele a conhecia, a reconhecera. Mas como era possível? Quem era ele?

A garota olhou para Jake e Beetles. Eles estavam fazendo uma competição de anéis de fumaça, embora cada vez que um soprasse um anel, o outro convenientemente tossia ou pulava gritando que alguma coisa tinha mordido suas costas, e no processo, destruía o anel de fumaça do amigo, até Kate perceber que destruir o anel de fumaça do outro era o jogo.

Os dois estavam se divertindo tanto que ela não conseguiu deixar de sorrir.

— Vocês sabem — disse ela por fim — que fumar faz mal pra saúde?

Os garotos acharam isso muito engraçado.

— Escuta ela, fumar faz mal! — riu Beetles. — Todo mundo sabe que um cachimbo é a melhor coisa que se pode fazer pelo corpo.

— O melhor remédio do mundo! — concordou Jake, e soprou outro anel.

— Fumar não faz bem! Har-har!

— E olha quem está dizendo o que faz bem — disse Jake. — A gente não falou pra ela não ir falar com aquela bruxa?

— Falou — respondeu Beetles. — Falamos pra ela, mas ela foi de qualquer jeito.

— Tudo bem — disse Kate. — Na próxima vez, vou ouvir vocês.

— Que bom — disse Beetles. — Porque não vamos sempre conseguir encontrar Rafe a tempo de salvar você, né?

— Então, Rafe... Foi ele quem me trouxe pra cá?

— Foi — disse Beetles. — Você estava desmaiada. Ele teve que te carregar o caminho todo.

Kate pensou no cobertor sobre seus pés e se perguntou se o mesmo garoto corajoso da viela tinha sido quem fez isso.

— Onde ele está?

— Bem, bem, bem, não é uma boa mudança, mestre Jake? — Beetles sorria largamente. — De repente, alguém quer ver o velho Rafe.

— Claro. Ela está apaixonada por ele, não está?

Kate sentiu uma onda de calor no rosto e ficou feliz pela escuridão e pela fumaça.

— Quero agradecer a ele por salvar minha vida.

E, pensou ela, perguntar a Rafe como ele me conhece.

— Ele é um homem ocupado, o Rafe — disse Beetles. — Falou pra gente cuidar pra você não sair fugindo por aí.

— Apesar de isso não ter chance de acontecer agora que você quer casar com ele — disse Jake.

— Não. Nenhuma chance.
— Você devia abrir uma loja. A loja Quero-Me-Casar-com-Rafe-e-Ter-Cem-Bebês.

Kate conseguia sentir quando estava sendo provocada e deixou os comentários de lado.

— Então onde estou?
— Está no esconderijo, claro!
— Que esconderijo?
— Que esconderijo? — repetiu Jake. — O nosso! O esconderijo da melhor e mais feroz gangue de Nova York!
— Melhor gangue do mundo! — disse Beetles.
— É, a melhor gangue do mundo, nós! Os Selvagens!

O esconderijo (Kate tinha sido colocada em um aposento dos fundos) era uma igreja velha e abandonada. Em alguma época, devia ter sido uma estrutura magnífica, pois, ao pisar no longo corredor principal, Kate ficou impressionada com o tamanho do local. Colunas de pedra subiam 25 metros até um teto abobadado. Muitas das janelas de vitral tinham se quebrado e foram cobertas com tábuas, mas as que resistiram filtravam uma luz verde e vermelha e amarela e azul, em padrões complexos e lindos. Havia fileiras de colchões no chão de pedra, e lençóis pendurados para separar áreas, e a impressão de Kate foi de que parecia com o dormitório de um orfanato grande.

A garota viu talvez 20 crianças, meninas e meninos, a maior parte da idade de Jake e Beetles. E quando ela e seus dois guias andaram entre as fileiras de colchões, Kate percebeu que as outras crianças, apesar de não estarem particularmente limpas nem bem-vestidas, todas pareciam alimentadas e felizes. Em suas vidas indo de um orfanato a outro, Kate e seus irmãos aprenderam a ler o humor de um lugar quase instantaneamente. Era feliz, triste, desesperado? As crianças e os adultos eram cruéis ou generosos?

Kate soube imediatamente que aquele era um bom lugar.

No centro da igreja, um grupo de meninas e meninos estava ao lado de uma mesa grande verificando uma pilha de objetos: relógios, lenços de seda, anéis, colares, brincos, pequenas caixas ornamentadas, casacos de pele e agasalhos. Enquanto isso, um garoto com um caderno escrevia cuidadosamente o que as outras crianças falavam.

— O que é isso tudo? — perguntou Kate.

— Estão fazendo o inventário do dia — respondeu Beetles.

— Como assim, o inventário do dia?

— O que foi trazido por cada equipe. É uma pilhagem muito boa, essa aí.

Kate percebeu o que eles estavam dizendo, o que era a grande pilha de objetos...

— Espera, vocês são... *ladrões*?

— Isso mesmo — disse Beetles, passando os polegares com orgulho atrás dos suspensórios. — Os melhores ladrões de Nova York.

— E do Brooklyn — disse Jake.

— E de lá — disse Beetles. — Apesar de nunca termos ido lá, exatamente.

Kate sabia que era irracional da parte dela ficar zangada com qualquer uma das crianças, mas não conseguiu evitar.

— Então essa é sua gangue? Vocês são uma gangue de ladrões?

— Isso — disseram eles com alegria. — Tudo o que sabemos, Rafe nos ensinou.

— Ele é o melhor, o Rafe — disse Jake.

— O melhor de todos — afirmou Beetles.

— Que ótimo — disse Kate, mordendo a língua. — Isso é ótimo.

Depois de concordar que era mesmo ótimo, Jake e Beetles perguntaram onde encontrar Rafe e foram informados de que ele estava na sala de aula.

— O que ele está ensinando? — perguntou Kate. — Como furtar? Como invadir casas?

Mas os garotos só riram e a levaram até lá. A sala ficava em um corredor nos fundos da igreja, era bem-iluminada e tinha piso de madeira e uma lareira grande. Quando Kate e seus acompanhantes entraram, o garoto chamado Rafe, o que a tinha salvado na viala, estava alimentando o fogo, que ardia e estalava furiosamente. Doze crianças, todas elas menores do que Jake e Beetles, estavam sentadas no chão olhando para ele. Uma garota de ombros magros e aparência nervosa estava ao lado de Rafe.

Kate viu que havia uma vela apagada perto do fogo.

— Está pronta? — perguntou Rafe à garota.

Ela assentiu, embora estivesse claramente assustada. Nenhuma das outras crianças falou e nem se mexeu.

— O que está acontecendo? — sussurrou Kate.

Beetles a mandou fazer silêncio.

— Observe.

Rafe colocou uma das mãos no ombro da garota.

— Vá, então.

E a garota esticou a mão pequena e trêmula em direção ao fogo...

— Não!

Kate correu e puxou a garota. Ela foi rápida o bastante: a garota não se queimou, e Kate abraçou a criança assustada, como se com medo de o garoto poder tentar roubá-la.

— O que você está fazendo? — gritou ela.

Rafe olhou para ela sem expressão no rosto.

— Oi, Rafe! — disse Beetles com alegria. Ele e Jake estavam de pé na porta. — Tomamos conta dela como você mandou.

— Ela não fugiu porque está apaixonada por você — disse Jake.

— Obviamente — disse Kate —, isso não é verdade.

— É. — O garoto de cabelos escuros se virou para as crianças. — Vamos terminar mais tarde.

As crianças, inclusive a garotinha, que tinha se contorcido para sair dos braços de Kate, saíram correndo da sala. Rafe colocou a pá de pé encostada na lareira.

- A chefe quer falar com você.
- Me responda: o que você estava fazendo com ela?
- Ensinando. Tentando ensinar.
- A fazer o quê? Se queimar?

O garoto olhou para ela por um bom tempo. Em seguida, se inclinou e calmamente colocou a mão diretamente no fogo. Kate sufocou um grito, mas, para sua surpresa, a mão do garoto não se queimou. A pele continuou ilesa. Em seguida, ele esticou a outra mão e tocou no pavio da vela. Ela se acendeu.

O garoto tirou a mão do fogo e tocou no pulso de Kate. A pele dele estava fria.

- Eu não teria deixado que ela se queimasse.
- Rafe soprou a vela.
- Agora vem, a chefe está esperando.

O garoto a levou até a torre do sino, na base da qual um grande sino de ferro estava caído de lado, rachado e com o piso de pedra embaixo destruído. Uma escadaria de madeira subia ao longo da parede,

Kate disse:

- Espera...

O garoto parou no segundo passo.

- Não entendo... você é... mago?

Rafe riu.

- Magos leem livros. Sabem todo tipo de feitiços. Não sou mago.
- Mas aquilo que você fez... com o fogo...
- É apenas uma coisa que sei fazer.
- Então os outros, as crianças, elas são...
- Todas as crianças aqui têm magia. É por isso que estão aqui.

Nós as ensinamos a usar, só isso.

Ele começou a se virar, mas Kate o impediu mais uma vez.

- Eu queria... agradecer. Por me salvar na vela. daquelas coisas.
- Os Demônios.

— Sim.

— Jake e Beetles iam tentar salvar você. Só fiz o que fiz pra impedir isso.

Ele ficou ali de pé, com a mão no corrimão de madeira, e Kate procurou em seu rosto algum sinal de reconhecimento, algum sinal de que, de alguma maneira, ele a conhecia.

Mas não viu nada.

Kate ficou constrangida e apertou o casaco com mais força ao redor do corpo. Não entendia o que estava acontecendo, quem era esse garoto, quem eram essas crianças, mas disse para si mesma que não importava. O que importava era chegar a Cambridge Falls, localizar o dr. Pym e encontrar o caminho para voltar para Michael e Emma.

— Olha, agradeço o que você fez...

— Você já disse isso.

— Mas tem um lugar pra onde preciso ir. É longe, então quanto mais cedo eu sair, melhor.

— Onde é?

— No norte.

— Como você vai pra lá?

Kate se mexeu com nervosismo.

— Não sei. Vou pegar o trem.

— Você tem dinheiro pra passagem?

— Não, mas...

— Também não deve ter dinheiro pra comida, né?

Kate não disse nada.

— Vai ficar escuro logo, e bem mais frio. Mesmo com esse casaco, sua roupa não está certa. Como vai se manter aquecida?

— Não sei, mas...

— Parece que você não sabe muita coisa. Só sabe como sair e congelar o mais rápido possível.

Kate abriu a boca para argumentar, mas o garoto disse:

— Você precisa ir ver a chefe.

Ele começou a subir a torre. Alguns momentos depois, uma Kate irritada foi atrás.

A torre era alta, e nenhum dos dois falou enquanto subiam. Em pontos diferentes no caminho, a escada tinha quebrado, e havia tábuas penduradas e soltas, e algumas tinham caído. Eles tinham que pular esses pedaços, e quando ela pulava, Kate sentia tanto o buraco embaixo e o garoto acima, atento, pronto para agarrá-la se ela escorregasse. Ela tomou cuidado para que isso não acontecesse. Não tinha intenção de agradecer a ele de novo.

Quanto mais alto eles iam, mais frio o ar ficava, e mais o vento soprava pelas rachaduras da parede. Kate se sentia tonta e vazia. Não tinha comido nada desde a batata que dividiu com Jake. E antes disso? Qual tinha sido sua última refeição de verdade?

No alto da torre, dezenas de pombos se empoleiravam nas cordas do campanário e arrulhavam baixinho, com as penas desarrumadas por causa do frio. Havia um buraco grande e irregular no meio do teto, e Kate conseguia ver um pedaço de céu cinza de inverno.

Uma escada subia por um alçapão.

— Espera...

O garoto se virou com o pé no primeiro degrau.

— O que foi agora?

Rafe estava olhando para ela, e Kate sentiu um tremor repentino no peito. A sensação não era nova. Tinha sentido a mesma coisa na sala lá embaixo, quando ficou de pé ao lado dele e o garoto colocou a mão no fogo. Mas agora, com os dois sozinhos na torre e ele olhando diretamente para ela, a sensação era mais forte, e a confundiu ainda mais.

— Na viela. Você agiu como se me conhecesse. Como isso é possível?

O garoto pareceu avaliar o rosto dela. Era como ser observada por um animal selvagem; havia alguma coisa tão feroz nele. Kate se obrigou a sustentar o olhar.

— Eu me enganei — disse ele. — Você só parece uma pessoa que eu conheço.

Ele subiu pela escada, e Kate ficou ali, respirando lentamente, até o garoto gritar:

— Você vem?

Ela subiu pelo alçapão e, um momento depois, estava em pé sob céu aberto. O topo do campanário era um espaço grande e retangular, coroado por um domo pontudo apoiado em colunas por toda a beirada da torre. Ficar de pé ali era como estar em uma casa com telhado, mas sem paredes. Três enormes sinos de ferro, idênticos ao que ficava na base da torre, estavam pendurados acima dela, e a garota viu o espaço do sino caído, como um sorriso em que um dente tinha sido arrancado.

Estava muito frio, mas Kate abraçou o próprio corpo e olhou para a direita, para as longas avenidas, até a parte aberta do parque, sem vida e branco ao longe. Olhou para o outro lado, absorvendo o labirinto de construções e ruas que compunham o centro. Ao olhar para trás, ela viu que a igreja ficava ao lado de um rio largo e cinzento e que havia gelo se formando na beira da água.

E então, Kate se virou e olhou para o outro lado do campanário.

Vinte metros à frente, havia uma mulher sentada a uma mesa escrevendo. Estava trabalhando com dedicação, e a mesa estava coberta de pilhas de papel com pesos em cima que se balançavam ao vento como uma pequena esquadra de velas. Ela parecia completamente imune ao frio e ao vento e permaneceu concentrada no que fazia.

Kate achava que tinha uns 50 anos. Tinha cabelo grisalho cortado curto como o de um homem e usava um vestido preto de mangas compridas e gola alta, com um xale preto ao redor dos ombros. A postura dela era rígida e ereta. Kate não conseguia ver a mão direita dela, mas a mão esquerda da mulher, a que segurava a caneta, não carregava anéis e nenhum tipo de joia. Ela também não usava colar, broche e brincos. Kate tinha a sensação de uma pessoa de pura

determinação, como se o fogo interior da mulher não apenas a aquecesse aqui no frio e no vento, mas tivesse queimado tudo nela que não era essencial.

Kate sentiu um peso nos ombros. O garoto colocou um casaco comprido e pesado por cima do dela.

— Esse seu casaco não serve de muita coisa. Toma o urso.

O casaco tinha pelos densos e pretos e era muito quente e pesado. O garoto o puxou para a frente, para que caísse sobre ela como uma capa. Pareceu que ele fez questão de não olhar nos olhos dela. Kate pensou no cobertor colocado sobre os pés dela enquanto ela dormia e soube que também tinha sido ele.

— Venha.

Ele se virou e cruzou o campanário, desviando do buraco no meio, e Kate o seguiu, com o casaco de pele de urso arrastando no chão.

Rafe a parou a 30 centímetros, e eles ficaram ali de pé, esperando que a mulher reparasse neles. Por fim, ela colocou a caneta sobre a mesa e olhou para a frente.

— Então... — a voz da mulher era como alguém golpeando pedra — você é a garota que está causando tanta agitação.

Ela ficou de pé e deu a volta na mesa. Não era alta, só uns 5 a 10 centímetros mais alta do que Kate, mas o modo como se portava, como se tivesse preenchimento de ferro nos ossos, a fazia parecer bem mais alta. Tinha olhos cinza intensos, e a pele do rosto dela tinha marcas e rugas, o que sugeria que tinha passado boa parte da vida ao ar livre. Kate conseguia imaginá-la na proa de um barco, ou nas Grandes Planícies do Oeste, como se a mulher precisasse daqueles espaços abertos para exercitar a extensão total de sua firmeza. Os olhos cinza observaram Kate, e apesar de o olhar não ser cruel, não havia misericórdia e nem suavidade nele.

— Qual é seu nome, garota?

— Kate... Katherine.

— Sou Henrietta Burke.

Henrietta esticou a mão esquerda, e foi nessa hora que Kate viu que a mão direita da mulher, que ela pensou estar debaixo do xale, não existia. O braço acabava no cotovelo, e a manga estava costurada por cima do cotoco. Kate já estava com a mão direita esticada, e trocou desajeitadamente pela esquerda. A mulher deu um aperto rápido e forte na mão de Kate. Era como apertar a mão de uma águia.

— Você observou que perdi minha mão direita. Dez anos atrás, ela foi cortada por um grupo de tolos e degenerados de St. Louis. Eles me acusaram de fazer bruxaria. Coisa que eu fiz mesmo, é claro. E por algum motivo pensaram que cortar minha mão direita me faria parar. Logo descobriram o erro de raciocínio. Foi cansativo aprender a escrever e executar feitiços com a mão esquerda, mas é possível fazer qualquer coisa quando perseveramos.

— Sim, senhora. — Kate não sabia o que mais dizer.

— Perdoe nosso encontro ser aqui em cima. Mas o frio aguça meus pensamentos. É verdade que você é do futuro?

Kate levou um susto.

— Como...?

— Eu sei porque é meu trabalho descobrir o que as pessoas estão dizendo. E eu gostaria que você respondesse a minhas perguntas rápida e diretamente. Tenho pouco tempo e menos paciência ainda. Então vou perguntar de novo: você vem do futuro?

— Venho.

— E quer voltar pra lá?

— Quero.

— Mas você precisa da ajuda de uma bruxa ou bruxo poderoso. Foi por esse motivo que procurou aquela bruxa no mercado, que vendeu você aos Demônios, correto?

— Correto. Você pode...?

— Mandar você de volta? Não. Embora eu seja uma boa bruxa em quase todos os aspectos, o que você precisa vai além do meu poder. Traga Scruggs.

Essa última parte foi dita para o garoto, e Rafe foi até a beirada do campanário, segurou uma corda e rapidamente subiu por ela, sumindo de vista. Um momento depois, Kate ouviu os passos dele sobre o telhado.

— Scruggs — Henrietta Burke se serviu de uma xícara de café de um bule que havia sobre a mesa — já foi um mago formidável. Mas exagerou e fez um feitiço que o partiu em dois. Ainda assim, ele tem poder. Fez um para ocultar esta igreja. A polícia e os Demônios podem passar por aqui e não nos ver. Agora ele passa os dias falando com pássaros.

Mais passos acima, e o garoto reapareceu descendo pela corda. Tinha alguma coisa nas costas dele. Kate viu que era um homem velho, ossudo e de cabelos desgrenhados, enrolado em uma capa surrada marrom. Quando os pés de Rafe estavam em segurança no chão, o homem tirou as pernas da cintura do garoto e as mãos do pescoço, e, sem dar atenção a Kate e nem a Henrietta Burke, se acomodou em uma cadeira ao lado da mesa e começou a roer as unhas.

— Scruggs — disse a mulher —, esta é a garota. Você pode ajudá-la a fazer aquilo sobre o que conversamos?

Kate pensou que Scruggs era quem parecia precisar de ajuda. A pele do rosto dele estava flácida e cinza. Os dois olhos estavam vermelhos. As mãos estavam contorcidas e inchadas. O cabelo longo e descuidado estava oleoso e desgrenhado. Ele precisava de ajuda, pensou ela, ou talvez de um banho.

O velho olhou para Kate e resmungou, ainda roendo a unha.

— Ela tem poder. Está lutando contra ele, mas consigo puxar.

— Obrigada, Scruggs. — Henrietta Burke se virou para Kate. — Você sabe o que vai acontecer na noite de amanhã, criança?

— A... Separação? — Kate conseguiu lembrar a palavra usada pelas criaturas que a compraram da bruxa.

— Sim. Na véspera de Ano-novo, o mundo mágico vai se esconder. É um evento que está em planejamento há décadas. Você

consegue imaginar a escala de uma coisa assim? — Enquanto falava, a mulher andou até a beirada do campanário e olhou para a cidade. — É preciso elaborar um feitiço pra alterar a memória de cada ser humano não mágico do planeta. Grandes pedaços de terra têm que ficar invisíveis. Foi preciso obter concordância de cada comunidade mágica de que seus membros obedeceriam a Separação e não se revelariam para as pessoas do outro lado. Tolamente, ainda há alguns que se opõem, mas mesmo eles foram submetidos. A Separação é a chave para nossa sobrevivência. — Ela se virou para Kate. — Menciono tudo isso só para dizer que, até que a Separação esteja concluída, vou precisar da atenção total e dos poderes de Scruggs. Os dias seguintes certamente serão perigosos. Depois disso, ele vai mandar você pra casa. Você pode esperar esse tempo todo? Se não puder, você é livre para ir embora.

Kate estava prestes a agradecer e dizer não. Não tinha intenção de se confiar a Scruggs, apesar de qualquer coisa que a mulher pudesse dizer sobre as habilidades dele (o homem tinha acabado de encontrar uma tigela de sopa na mesa e estava tentando comer com os dedos), mas fez uma pausa. Qual era então seu plano? Chegar a Cambridge Falls e fazer contato com o dr. Pym, mas como? O garoto estava certo. Ela não tinha dinheiro; ainda estava usando sandálias de verão. Como ia pagar pela passagem, por comida, por roupas mais quentes?

— E o que preciso fazer pra você?

A mulher sorriu, se é que aquilo podia ser chamado de sorriso: a linha fina dos lábios dela se tornou meio centímetro maior.

— Então você já aprendeu que nada no mundo é de graça. Que bom. Estou feliz de as garotas do futuro não serem completas idiotas.

— Não vou roubar nada...

A mulher riu; foi como um estalo seco.

— Mas você se dá ao luxo de ter escrúpulos! A verdade é que não sei qual vai ser o preço. Vou pedir quando a hora chegar, e você vai

poder escolher se quer pagar ou não. É aceitável?

Kate olhou para o local onde o garoto, Rafe, estava de pé, na beirada do telhado. Não olhava para ele havia vários minutos. Quando olhou agora, ele rapidamente desviou o olhar. Mas, naquele momento, Kate viu no rosto dele o reconhecimento que estava procurando. Ele tinha mentido; ele a conhecia.

— Preciso de uma resposta.

Ainda olhando para o garoto, Kate disse:

— Sim.

A srta. Burke instruiu Rafe a conseguir roupas mais quentes e menos chamativas para Kate, e para conseguir alguma coisa para ela comer e um local para dormir. No dia seguinte, disse a mulher, elas conversariam mais. Quando Kate e o garoto chegaram ao corredor principal da igreja, Rafe chamou uma garota que era talvez um ano ou dois mais nova do que Emma.

— Ela precisa de roupas — disse ele para a garota. — Roupas de menino. Os Demônios estão procurando por ela. Quanto mais escondida ficar, melhor. — Quando a garota estava levando Kate, ele gritou: — E um boné pro cabelo dela!

— Eu sei, não sou burra! — gritou a garota. — Ele age como se eu fosse burra.

A garota levou Kate para uma sala cheia de roupas usadas. Ela literalmente mergulhou na pilha de roupas e começou a puxar calças de lã e camisas, meias e suéteres, e Kate teve que pegar todas as peças quando voaram em sua direção.

— Experimente as coisas até alguma delas servir — disse a garota.

Aquela era a mesma garota cuja mão Kate tirou do fogo. Kate se perguntou se a garota lembrava e pensou em perguntar, mas teve a sensação de que a menina diria que claro que lembrava, e depois ia acusar Kate de pensar que ela era burra.

E, por um momento, Kate teve uma lembrança tão vívida de Emma e do quanto sentia saudade da irmã que seu corpo todo se contorceu em um grande soluço de tristeza.

— Você está bem? — A garota estava segurando uma calça na qual Kate e mais quatro ou cinco pessoas caberiam ao mesmo tempo. — Parece que vai chorar. Não se preocupe. Vamos encontrar coisas pra você.

Kate secou os olhos e tentou sorrir.

— Eu sei. Obrigada.

Depois de um tempo, após rejeitar o que era grande demais, pequeno demais, furado demais, fedorento demais e qualquer coisa que tivesse abrigado um animal, Kate estava vestida com uma calça de lã grossa, uma camisa de lã por cima de uma mais macia de algodão, uma jaqueta de lona curta por baixo do casaco que ela comprou na Bowery e ao qual tinha se apegado, e um par de pesadas meias de lã. A garota, que parecia nunca parar de se mexer, estava ajoelhada aos seus pés enfiando uma bota atrás da outra, jogando as que não serviam por cima do ombro e formando uma pilha grande e desordenada.

— Perfeito! — anunciou a garota.

Kate viu que as botas não formavam um par; mas como as duas serviam e os saltos eram mais ou menos da mesma altura, ela deixou passar.

— Você só precisa de um boné!

A garota voltou a revirar a pilha.

— Aquele garoto, Rafe. Quem ele é? — perguntou Kate.

— Rafe? Ele é o melhor!

— É, já me falaram. E fora isso?

— Foi ele quem me trouxe pra cá. — Só as pernas da garota estavam visíveis com ela mergulhada na pilha de roupas. — Meus pais morreram de tuberculose. Aí, fui trabalhar numa fábrica no centro. Lugar horrível. Tinha um grupo de garotas. O dono deixava a

gente trancada, costurando dia e noite. Batia na gente. Dava comida como se a gente fosse cachorro.

— Mas... — Kate estava chocada — ninguém pode fazer isso! Existem leis!

— Leis? Rá! Quando você é criança e tem magia, os humanos normais te pegam rapidamente e colocam pra trabalhar. Ninguém liga. As coisas que a gente faz são especiais, sabe. Os sapatos, armários, o que for. Têm magia neles. As roupas que a gente fazia deixavam as pessoas mais bonitas ou mais altas ou não tão gordas. Aí o dono vendia por muito dinheiro. Dava dinheiro pra polícia. Ninguém liga.

— Por que vocês não fugiram?

— Não seja burra — disse a garota do mesmo jeito que Emma diria. — Só porque você sabe fazer um pouco de magia, não quer dizer que você sabe lançar relâmpagos pelo nariz. — Ela voltou com a mão cheia de chapéus de tecido. — Acabou que Rafe nos encontrou. Ele deu uma surra terrível naquele homem, um homem adulto. E disse pra gente: “Vocês podem seguir o caminho de vocês ou podem vir comigo. Vão ter que trabalhar, mas ninguém vai bater em vocês e podem ir embora quando quiserem.” Fez isso com todas as crianças aqui. Salvou todas. Do mesmo jeito que a srta. B salvou ele quando ele era pequeno. Você já ouviu essa história?

Kate balançou a cabeça, e a garota baixou a voz para um tom ameaçador.

— Não diz que te contei, mas Rafe matou um homem. Ele só tinha seis anos e enfiou uma faca bem no coração desse homem. — A garota, com bastante satisfação e um som de *uuuugggghhh*, fingiu enfiar uma faca no coração de Kate. — Aí uma multidão de humanos começou a perseguir ele. A srta. B entrou na frente deles todos. Viram logo que ela era bruxa, e ela disse que transformaria em porco o primeiro homem que tocasse em Rafe. Aí, ela fez isso com um cara só pra provar que era capaz. Foi quando surgiram os Selvagens. Com Rafe. E ele encontrou o resto de nós.

A garota pegou um dos bonés e tentou colocar na cabeça de Kate.

— Acho que é pequeno demais — disse Kate.

Mas, na hora em que ela falou, o chapéu pareceu aumentar e caber perfeitamente. A garota jogou os outros de volta.

— Ótimo!

E então Kate olhou para baixo e viu que as botas, que um momento antes não eram nada parecidas, agora eram iguais. E as roupas, que não eram exatamente do tamanho dela, agora pareciam terem sido feitas para ela. Era assim que a magia das crianças funcionava? Vazava para as coisas em que elas tocavam ou faziam?

— Vamos jantar. — A garota deu um sorriso largo. — Antes que acabe tudo. Ah, meu nome é Abigail. Caso você queira saber.

E saiu pulando da sala.

Kate ficou com a cabeça girando. Quem eram essas crianças no meio das quais ela tinha ido parar? E quem era esse garoto? Aos seis anos, ele matou um homem. Depois começou a salvar outras crianças? Nada fazia sentido.

E o que mais perturbava Kate: como ele a conhecia?

Naquele momento, o garoto estava 12 quarteirões ao sul, correndo por uma rua que em pouco tempo desapareceria de todos os mapas de Nova York. A noite tinha chegado. Grandes flocos brancos de neve caíam da escuridão. O garoto parou em uma casa humilde e desceu uma escadaria para bater três vezes no apartamento do porão.

Uma mulher idosa, uma anciã, com o xale envolvendo os ombros ossudos, abriu a porta. Rafe entregou algumas moedas para a mão coberta de manchas, e a mulher deu um passo para trás para deixá-lo passar. O garoto andou rapidamente pelos cômodos escuros. O ar tinha cheiro de rabanete cozido, suor e tabaco. Homens e mulheres estavam sentados no chão, alguns encostados na parede, e sussurravam em línguas de terras distantes.

Rafe parou em frente a uma porta nos fundos do apartamento. Uma luz de vela bruxuleante brilhava sob o umbral. Ele ergueu a mão para bater, e então uma voz disse:

— Entre.

O garoto entrou em um pequeno quarto pouco iluminado por uma única vela. Uma garota de cabelos e olhos escuros com no máximo 14 anos estava sentada à mesa, com uma cadeira vazia em frente. Ao lado da vela sobre a mesa havia uma tigela de argila gasta, uma faca e vários pequenos recipientes.

Rafe enfiou a mão no bolso e tirou um pedaço de tecido dobrado. Ele o abriu e exibiu um único fio de cabelo louro, que entregou para a garota.

Ele disse:

— Quero saber quem ela é.

O garoto se sentou e viu a menina encher a tigela de argila com água, pingar óleo, queimar o fio de cabelo na chama e jogar na tigela. O líquido ficou turvo. Ela observou a superfície por alguns segundos. Por fim, ergueu a cabeça e seus olhos se focaram.

— Ela veio do futuro.

— Por quê? O que está fazendo aqui? O que ela quer?

— Ela quer ir pra casa. Mas, ao vir pra cá, ela mudou as coisas.

— O que você quer dizer?

A garota olhou para ele por um longo tempo.

— Você já viu ela antes.

Não era uma pergunta. O garoto assentiu.

— Eu vi ela em um sonho.

A garota esticou a mão e Rafe levantou a sua e arrancou um fio de seu próprio cabelo. Ela queimou o fio e o jogou na tigela. Demorou bastante tempo para erguer o olhar.

— Você está sendo caçado.

— Por quem? Pelos Demônios? Matei um deles hoje...

— Não é por isso que estão te caçando. Você é o motivo de eles estarem aqui. O motivo de terem vindo pra este país. Pra encontrar

você.

— De que você está falando?

— Você tem alguma coisa de que eles precisam. Alguma coisa que o mestre deles quer. Se não fosse por ela, eles teriam te encontrado hoje. Seu caminho teria cruzado com o do gigante. Mas a chegada da garota mudou o curso dos eventos.

— Mudou como? Eu teria morrido?

— Não, você teria se juntado a eles.

O garoto riu.

— Eu, me juntar aos Demônios? Você está maluca.

Ele começou a se levantar, mas a garota disse:

— O gigante teria te oferecido poder. Poder pra proteger seus amigos. Poder pra punir seus inimigos. Ele teria te prometido as respostas que você deseja. Você não poderia resistir.

O garoto voltou a se sentar.

— Então o que vai acontecer agora?

— Isso não está claro. A garota é a chave. Por meio dela, você vai entender seu destino. Mas você já sabe disso. Seu sonho te contou.

Quando o garoto voltou a falar, sua voz estava estranhamente baixa.

— E o resto do meu sonho? Vai virar verdade?

A garota assentiu.

— Vai. Ela vai te mostrar quem você é. E então, vai morrer.

CAPÍTULO NOVE

Gelo



Conforme eles se afastavam de Malpesa, o pandemônio se desenrolava dentro da aeronave: Emma chorando que eles tinham que voltar para pegar o dr. Pym, agarrando uma hora Gabriel, outra hora Michael, gritando para o piloto virar o avião idiota. As duas crianças estavam encharcadas e começando a tremer pelo mergulho na água gelada do canal. No meio disso, Gabriel assumiu silenciosamente o comando: enrolou as crianças em cobertores, deu roupas para elas trocarem (o piloto tinha levado camisas e calças a mais; por sorte, era um homem pequeno, embora não tão pequeno para suas roupas não ficarem comicamente grandes nas crianças), e logo Michael e Emma estavam secos e vestidos, o tremor passou e Emma pareceu aceitar que o avião idiota não ia voltar para buscar o dr. Pym; eles seguiriam em frente.

Gabriel procurou ferimentos nos dois e teve o cuidado de fazer curativo nos vários cortes e arranhões de Michael. Com o homem ajoelhado à sua frente, Michael observou o amigo. Muitas coisas nele estavam iguais: a velha cicatriz na bochecha, os olhos ilegíveis da cor de granito. Mas Michael também reparou em mechas grisalhas no cabelo preto de Gabriel e nas rugas em seu rosto, e ocorreu a ele que, ao contrário do dr. Pym, Gabriel era apenas um homem, e que a aventura deles em Cambridge Falls tinha acontecido 15 anos antes. Ele ainda parecia quase impossivelmente forte e poderoso. Mas (e talvez fosse apenas por causa das rugas ao redor dos olhos ou do grisalho no cabelo) Michael sentia uma nova lentidão, não nos movimentos, mas no jeito.

— Como você está?

Michael deu de ombros. Não havia como responder à pergunta. Muita coisa tinha acontecido. Além do mais, ele se sentia bobo com as roupas enormes.

Gabriel disse:

— Você vai ver o mago de novo.

— E Kate?

— Ela também.

— Como você sabe disso?

— Porque eu conheço os dois.

Michael tinha contado a Gabriel o que aconteceu no telhado, que o mago tinha ficado para trás para impedir Rourke de segui-los, ou pelo menos para atrapalhar, e que ele, Michael, estava encarregado de encontrar a *Crônica*. Não era de surpreender ele não ter mencionado que quase teve um colapso e alegou para o mago não estar pronto para a tarefa que estava lhe sendo dada. Por estar envergonhado, Michael já estava enterrando a lembrança em um local profundo e escuro onde jamais teria que vê-la de novo.

O avião não tinha assentos, só bancos que dobravam, e as crianças estavam sentadas lado a lado, enroladas em cobertores, com as costas na parede. Emma segurava uma das mãos de Gabriel no colo, meio por consolo e meio para garantir que o amigo não desaparecesse, ao que tudo indicava.

— Me conte — disse Gabriel — o que você aprendeu sobre o livro.

Michael respirou fundo e contou a eles, pois Emma ainda não tinha ouvido a história, que rastejou até a câmara com o esqueleto, que percebeu que a inscrição no túnel era um enigma, que tinha bebido líquido dos três frascos e que de repente soube onde a *Crônica* estava escondida...

— Era isso que você estava fazendo lá? — Emma deu um soco no braço dele. — Isso foi tão... *idiota*! Nunca mais faz uma coisa dessas, entendeu? Nunca!

— Tá.

— É melhor mesmo. — E ela bateu nele de novo para garantir. Michael esfregou o braço e, apesar de tudo, sorriu.

— O que você quer dizer quando fala que sabe onde o livro está escondido? — perguntou Gabriel. — Você teve uma visão?

— Não exatamente. Foi como se eu tivesse lembrado onde está. Como se tivesse sido eu a esconder. Isso deve parecer loucura.

— Parece — disse Emma.

— Não — disse Gabriel. — Coisas assim são comuns no mundo mágico. O homem morto de alguma forma colocou suas lembranças naquelas poções, e elas foram transferidas pra você.

— Mas vejo tudo em pedaços — disse Michael. — E não consigo apontar pra nada em um mapa.

— Seja como for, o piloto precisa de uma direção. Pra onde devo dizer pra ele ir?

Sem pensar, Michael disse:

— Pro sul. Diga pra ele ir pro sul.

— Não tem nada ao sul de Malpesa.

— Tem, sim — disse Michael. — Tem uma coisa.

E Gabriel olhou para ele, assentiu e foi até a frente para falar com o piloto.

Michael se enrolou ainda mais no cobertor, permitindo-se sentir o balanço do avião. Gabriel voltou e disse que eles tinham combustível suficiente para chegar a um posto avançado na plataforma de gelo Filchner-Ronne, na costa da Antártida. Quando chegassem lá, podiam abastecer, conseguir roupas para as crianças e planejar o resto da viagem. O percurso até o local levaria a maior parte da noite.

— Sua irmã está certa em dormir.

E Michael olhou para ela e viu que a cabeça de Emma repousava em seu ombro e seus olhos estavam fechados. Quando Michael se voltou, Gabriel estava observando seu rosto, e soube que o homem avaliava sua força para o que vinha pela frente.

— Vou ficar bem — disse Michael. — Só estou cansado.

Mas a voz dele estava tão débil que nem ele mesmo acreditou.

Gabriel colocou a mão no braço de Michael. Foi um gesto estranhamente gentil e eloquente. Em seguida, Gabriel foi para o cockpit, e Michael apoiou a cabeça na parede do avião enquanto Emma se acomodava. Ele olhou pela janela, mas estava tudo escuro. Estavam indo para o sul, para o fim do mundo. Ele fechou os olhos. Demorou bastante tempo até adormecer.

Michael sonhou com neve. Sonhou com campos e vales, planícies e montanhas, todos cobertos de neve até o horizonte. Ele estava voando, flutuando. Estava sozinho, mas não com medo...

Um par de gigantes estava agachado ao longe. Ele voou entre os dois e passou entre os dentes de um dragão...

Depois, se viu em um longo túnel. Um brilho vermelho latejava ao redor dele. O calor era inacreditável. Sua pele estalava como papel seco. Cada respiração queimava seus pulmões. De repente, ele estava de pé ao lado de um lago borbulhante, e o calor ficou muito, muito pior. Ele olhou para a superfície de fogo...

— Michael! Michael! Acorda!

Emma o estava sacudindo. Ele abriu os olhos e não soube onde estava. Mas logo reconheceu o interior do avião, viu Gabriel ali perto recolhendo as coisas deles e lembrou.

— Você está bem? — perguntou Emma. — Você estava fazendo barulhos.

— O que eu disse?

— Não eram bem palavras. Estava mais pra *mmrrrraaaaggghhhh*.

— Ah.

— Se apronta. Gabriel disse que vamos pousar em pouco tempo. E Michael...

— O quê?

— Ele disse que pode ser que a gente veja pinguins!

Michael esfregou os olhos e espiou pela janela. Na escuridão antes da alvorada, picos brancos fantasmagóricos se erguiam à frente deles. Michael viu um enorme banco de gelo se partir de um penhasco e despencar no mar quase que com delicadeza. Em seguida, o avião passou por cima da parede de gelo, e não havia mais nada além de brancura abaixo e à frente deles.

Eu nos trouxe aqui, pensou Michael. O que acontecer é minha culpa.

Ele começou a colocar as botas.

— Ali! Olha! Não assusta ele!

O pinguim caminhou em direção a eles com as asas achatadas bem abertas para equilibrar seu corpo vacilante em formato de pino de boliche. O pinguim passava pouco dos joelhos deles e seus pés com membranas faziam *flop-flop-flop... flop-flop-flop* na neve e no gelo. Michael e Emma ficaram completamente imóveis enquanto o pássaro passava por eles e desaparecia atrás de uma construção.

— É a melhor coisa que já vi — disse Emma. — Na vida.

Eram 9 horas da manhã e o sol ainda não tinha nascido. A temperatura era de dez graus abaixo de zero, o que parecia ser um tanto quente. O avião, cujo trem de pouso também funcionava como esquis, tinha pousado em uma pista de neve compactada ao lado do posto. O próprio posto avançado parecia uma coisa que se encontraria na lua: nove ou dez prédios baixos de metal, telhados em domo repletos de antenas, túneis meio subterrâneos serpenteando para lá e para cá.

Parecia uma estação espacial, pensou Michael, ou uma pista de hamsters gigante.

Gabriel fez as crianças esperarem no avião até ele voltar com novos acessórios para o frio e as roupas deles, que ele colocou na secadora na lavanderia do posto. Era sorte o dr. Pym ter dado a eles roupas quentes antes de eles irem para Malpesa, pois a loja do posto não dispunha de roupas infantis. Gabriel simplesmente

comprou os menores tamanhos que conseguiu, e Michael e Emma receberam roupa de baixo comprida, casacos pesados com capuzes forrados de pele, calças de neve para vestirem por cima das calças normais, luvas grossas acolchoadas, forros para debaixo das luvas, máscaras para o rosto, chapéus, óculos e botas como cascos que se encaixavam por cima das botas antigas.

— São como botas pras nossas botas — disse Emma. — Legal.

O casaco e a calça de Michael praticamente couberam nele, mas Gabriel teve que cortar uma parte das mangas do casaco de Emma e a parte de baixo das pernas da calça, e depois fechou as beiradas com fita pesada. Quando as duas crianças estavam vestidas, Michael sentiu como se estivesse embarcando em uma expedição aquática ou em uma jornada no espaço. Emma olhou para ele e riu.

— Você parece o sr. Salsicha.

— E daí? Você está vestida igual.

Ela tentou dar um soco nele, perdeu o equilíbrio e caiu.

Mesmo vestidos como estavam, quando eles saíram do avião, a respiração de Michael foi paralisada pelo frio. Era uma espécie de frio que as crianças nunca tinham sentido, e elas ficaram ali, respirando devagar, se acostumando com a sensação de pulmões apertados. Foi nessa hora que eles viram o pinguim, que Emma imediatamente batizou de Derek, e isso os deixou com bom humor para seguirem para o café do posto para se juntar a Gabriel no café da manhã.

As janelas da cabana de metal estavam embaçadas por causa do calor e o piso era uma grade de aço pela qual a neve que as pessoas levavam para dentro podia derreter. Havia 12 mesas e talvez metade delas estava cheia. Gabriel e o pequeno piloto se sentaram no canto. Gabriel pegou para as crianças bandejas e pratos e deixou que fizessem seus pedidos (ovos mexidos, panqueca, bacon, torrada, batatas) para o homem na grelha. Quando Michael apertou o botão para encher o copo de chocolate quente, ele percebeu os olhares

que ele e Emma estavam recebendo. Gabriel tinha dito para eles que o posto era uma parada para cientistas, trabalhadores do ramo de petróleo e mercadores de toda a Antártida, mas que era raro haver crianças lá.

— Vamos embora assim que tivermos comido e o avião estiver abastecido. Quanto menos perguntas fizerem, melhor.

Sobre a mesa, Gabriel e o piloto tinham aberto um grande mapa da Antártida.

— Agora — disse Gabriel para Michael —, enquanto o tempo estiver bom, Gustavo vai nos levar para onde quisermos. Mas você precisa nos dizer para onde ir.

— Não é fácil — disse Michael. — Está tudo em pedaços na minha cabeça. Mas a próxima coisa que precisamos procurar é um par de montanhas. São bem altas e estreitas. Tem outras montanhas ao redor, mas elas são as maiores. E ficam bem ao lado uma da outra. Faz sentido?

Conforme Gabriel falava com o piloto em espanhol, Michael viu que Emma já tinha comido duas panquecas e estava quase terminando os ovos. Ele sabia que era melhor se apressar, senão a irmã comeria a comida *dele*. O piloto estava dizendo alguma coisa para Gabriel e apontando para um local no mapa. Michael conseguia ver uma área ensombreada, que ele sabia indicar montanhas.

— Ele diz — traduziu Gabriel — que você está falando dos Chifres. São um par de montanhas no meio da Terra de Vitória. Fica mais ou menos a duas horas de voo daqui. O que fazemos quando chegarmos lá?

— Deve ter uma caverna entre as duas montanhas — disse Michael enquanto mastigava três pedaços de bacon. — E tem umas formações rochosas na frente da caverna que fazem ela parecer uma boca com dentes enormes. O homem morto chamou de Boca do Dragão. Ele deve ter falado na língua dele, mas de alguma maneira sei que o nome é esse.

Gabriel falou com o piloto, e o piloto respondeu e balançou a cabeça.

— Ele não sabe de caverna nenhuma, mas isso não quer dizer nada. E depois?

— Depois — disse Michael, empurrando o garfo de Emma, que estava perfurando uma de suas panquecas — tem tipo uma falha na memória. Falei pra você que está tudo em pedaços. Mas do outro lado da caverna devemos encontrar um vulcão. É lá que a *Crônica* está escondida.

Mais uma vez, Gabriel falou com o homem. Mais uma vez, o homem disse alguma coisa e balançou a cabeça. Em seguida, o piloto enrolou o mapa e saiu andando.

— Ele disse — falou Gabriel — que não tem vulcão nenhum na região, e que ele saberia porque já voou por toda a área. Mas vai nos levar até a base dos Chifres, e vamos ver se conseguimos encontrar as cavernas. Temos que torcer pro tempo ficar bom.

— Tem vulcão, sim — disse Michael, surpreso com sua teimosia. — Sei que tem.

Gabriel assentiu.

— Acredito em você. Mas estou preocupado com essa caverna. Essas lembranças que você herdou têm mais de duzentos anos. Nesse tempo, podem ter acontecido deslizamentos. Terremotos. A caverna pode estar escondida ou ter desmoronado. Seja como for, vamos ver. Agora, coma. O sol vai nascer logo, logo.

— Vou repetir — disse Emma. — Já que o sr. Salsicha aqui não divide. — E ela pegou o prato grudento de mel e levou até a grelha.

Em pouco tempo, eles estavam no ar. O sol tinha subido pelo horizonte e, enquanto eles voavam, Emma ficava pulando de um lado do avião para o outro, encostando o rosto nas janelas. Na noite anterior, ela estava cansada e chateada demais para apreciar sua primeira viagem de avião na vida. Hoje ela estava alimentada e descansada. Embora, na verdade, Michael soubesse que a mudança

de humor dela era por causa de Gabriel. Depois do café da manhã, no corredor parecido com um túnel do lado de fora do café, Michael o ouviu sussurrar “Não vou te abandonar de novo”, e Emma pulou para passar os braços ao redor do pescoço dele. Desde então, ela parecia cada vez mais com a Emma de sempre, e agora, com o sol brilhando ao longe e uma terra bela e estranha abaixo, ficou claro que ela estava apreciando o momento.

O menino não estava tão tranquilo.

A certeza que sentiu no café tinha dado lugar à dúvida. E se o piloto estivesse certo e não houvesse vulcão nenhum? E se houvesse, mas o guardião os tivesse enviado para uma armadilha? Michael só tinha algumas das lembranças do homem morto; não conhecia realmente a mente do homem. Será que ele estava levando Emma e Gabriel para a morte? Ele queria falar sobre isso com Gabriel, deixar que ele aliviasse seus medos, mas estava morrendo de medo de parecer menos do que absolutamente confiante. Não podia se fazer passar por fraco.

— Michael! — gritou Emma. — Vem rápido!

Ele se juntou a ela na lateral do avião.

— Olha! — Ela apontou para o chão bem abaixo. — É o Derek!

Michael só conseguia ver um ponto pequeno e escuro se movendo na vastidão branca.

— Tem certeza de que é ele?

— Ah, com certeza é Derek. Eu o reconheceria em qualquer lugar.

— Ela encostou a testa na janela e olhou para baixo. — Queria saber para onde ele está indo.

Michael sentiu alguém colocar a mão em seu ombro. Era Gabriel, e ele o chamou para o cockpit. Michael e Emma ficaram atrás do piloto, que sorriu e apontou pela janela.

Emma sufocou um gritinho de surpresa.

Bem à frente deles havia uma cadeia de montanhas enormes, com picos brancos se erguendo de uma planície branca. As montanhas eram largas e ficavam uma bem ao lado da outra, mas

dois picos se destacavam. Ficavam mais ao fundo, e eram mais altos e mais estreitos; não havia como confundir-los.

Os Chifres, pensou Michael.

Ele sentiu um momento de *déjà vu* intenso. Pois apesar de ele os estar vendo pela primeira vez, ele conhecia as montanhas da lembrança do homem morto. Michael achou isso perturbador, como se seu senso de quem ele era, as coisas que sabia, as coisas de que se lembrava, as coisas que o formavam tivessem começado a ficar embaçadas nas beiradas.

— São essas as montanhas? — perguntou Gabriel.

— São. — Sua voz mal estava audível acima do gemido do motor.

O piloto então falou com Gabriel, que assentiu e se dirigiu às crianças.

— Vamos chegar lá em 20 minutos. Ele vai pousar a alguns quilômetros da base dos Chifres. De lá, vamos seguir a pé. Está na hora de vocês se prontarem.

A mão de Michael tremeu quando ele tentou fechar o zíper da frente do casaco, e ele se virou para que ninguém reparasse. Em pouco tempo, as duas crianças estavam cobertas de casacos, chapéus, máscaras, óculos, luvas; tudo o que sobrou foram as botas duras que Gabriel tinha comprado no posto. As crianças estavam vestidas demais para se inclinarem, então Gabriel fez com que deitassem no chão para ele colocar as botas velhas dentro das novas e fechá-las. Em seguida, ele verificou tudo para ter certeza de que o equipamento estava ajustado direito.

Michael mal conseguia se mover e se perguntou como eles iam conseguir andar por quase 5 quilômetros.

O avião sacudiu e balançou enquanto eles deslizavam. Agarrado a uma tira na parede, Michael viu Gabriel verificar o conteúdo de uma mochila grande para confirmar que eles tinham comida, água, um abrigo de emergência, cordas, um machado para neve e outros equipamentos necessários. Michael também viu que ele prendeu à mochila um objeto fino de menos de um metro e enrolado em lona.

Michael sabia que era a machete de Gabriel, a arma que as crianças o viram usar quando lutava em Cambridge Falls. Isso lembrou a Michael, como se ele precisasse ser lembrado, que eles não faziam ideia do que vinha pela frente.

O avião deslizou no chão, e Michael e Emma não conseguiram ficar se segurando nas tiras das paredes, voaram para a frente e acabaram caindo, embora as muitas camadas de roupas os impedissem de se machucarem. Mais duas vezes o avião bateu no chão e quicou para o ar, pois apesar de a neve estar dura, ela era ondulada como um mar congelado. Por fim o avião se firmou, sacudiu por cem metros e parou.

Michael olhou para a irmã.

— Você está bem?

— Estou com calor — resmungou Emma. — Queria que abrissem a porta.

— Eu quis dizer...

— Eu sei o que você quis dizer. Mas é que eu estou com calor.

Gabriel verificou as roupas deles uma última vez.

— Temos mais quatro horas de luz do dia. Se encontrarmos essa caverna, a Boca do Dragão, vamos prosseguir nela. Se não encontrarmos, vamos voltar pro avião ou acampar se conseguirmos encontrar abrigo. Gustavo vai esperar até meia-noite, depois vai voltar pro posto avançado. Vai voltar aqui todos os dias por três dias e esperar por nós durante as horas de luz diurna. Vocês estão prontos?

Michael viu que Gabriel estava olhando para ele, esperando uma resposta, e cruzou sua mente dizer: “Sabe, agora que tive tempo de pensar, acho que devíamos deixar tudo de lado.” Mas ele sabia que não era isso que Gabriel estava perguntando. O caminho deles seguia para a frente, não para trás; e ao perguntar se ele estava pronto, Gabriel estava apenas deixando Michael tomar a decisão de começar.

Michael esticou a mão para ajeitar os óculos, percebeu que estava usando óculos de neve por cima e os ajeitou.

— Estamos. Vamos.

Gabriel abriu a porta, e foi como se todo o ar frio do mundo entrasse no avião. Ele carregou a mochila para fora primeiro, depois ajudou Emma a descer. Michael viu o piloto, Gustavo, os observando com expressão preocupada.

— Obrigado pela carona — disse Michael com a voz abafada pela máscara. — Vemos você em breve. Eu espero.

E seguiu Emma para o frio.

O chão tinha uma camada dura e gelada, que os permitia andar sem os sapatos para neve. Os Chifres apontavam para o alto, delineados contra um céu azul, com os picos tortos se inclinando um em direção ao outro. Gabriel foi na frente, com Emma no meio e Michael na retaguarda. Ao olhar para trás, Michael viu o disco pálido do sol acima da beirada da terra. Mais do que nunca, sentia-se um viajante em um planeta distante.

Com o peso extra de roupas e das botas, andar era um trabalho difícil, e as pernas de Michael logo ficaram pesadas. Seu relógio estava escondido sob múltiplas camadas, e os únicos pontos de referência que ele tinha para avaliar os progressos deles eram as montanhas à frente (que não pareciam se aproximar) e o avião atrás (que, de maneira um tanto perturbadora, ficava cada vez menor).

Michael achava que eles estavam andando havia meia hora quando Gabriel parou e se virou, olhando para trás das crianças.

— O que foi? — Michael não conseguia ver nada além do avião pequeno e escuro ao longe.

— Não sei bem.

Gabriel se ajoelhou e pegou uma corda e um kit de mosquetões de metal na mochila. Passou a corda pelos mosquetões e prendeu-os nos casacos dele, de Michael e de Emma, unindo-os.

— Pra que isso? — perguntou Emma.

— Segurança.

Eles continuaram a andar. O chão se inclinou. Michael estava com frio agora, apesar de parecer impossível que uma pessoa pudesse sentir frio usando tantas camadas. Para se distrair, ele pensou na biblioteca da casa de Cambridge Falls e no quanto queria estar sentado ao lado do fogo com uma xícara de chocolate quente e *O compêndio do anão* aberto no colo, vendo a neve cair lá fora. Talvez comendo um queijo quente.

E estava pensando nisso e pensando no quanto era mais legal ler sobre aventuras do que vivê-las quando reparou o quanto sua sombra tinha ficado fraca. O tempo todo em que eles estavam andando, sua sombra se esticava à frente, distinta e negra contra o chão branco, mas agora mal estava visível. Ele se virou e viu que o sol tinha desaparecido. Mas isso não fazia sentido. Ainda haveria várias horas de luz do dia. Em seguida, ele se deu conta de que também não conseguia mais ver o avião. Ele começou a ter uma sensação desconfortável na barriga.

— Gabriel...

Foi tudo o que ele conseguiu dizer antes de a tempestade cair. Foi como uma onda caindo sobre ele, jogando-o em cima de Emma. Caídas na neve, as crianças foram lançadas indefesas para a frente. Michael procurou alguma coisa em que se segurar, mas suas mãos não encontraram nada. Ele viu os dois serem soprados como folhas em um furacão para o outro lado da Antártida. E então, com uma sacudida, eles pararam. Gabriel tinha enfiado as botas no gelo, prendido o machado e enrolado o braço na corda que os prendia. Como um pescador capturando peixes, ele puxou as crianças em sua direção, inclinando as costas para aguentar o impacto do vento. Michael e Emma se encolheram debaixo do pequeno abrigo do corpo dele. Os uivos encheram seus ouvidos. A visibilidade ia até a distância de um braço, ou menos.

Uma tempestade de neve, pensou Michael ao lembrar-se de ter lido sobre isso em algum lugar. Estamos em uma tempestade de

neve.

Emma gritou alguma coisa, mas suas palavras foram levadas pelo vento.

Gabriel se inclinou para a frente e gritou ao vento:

— Vou montar a barraca! É inútil tentar voltar pro avião! Vamos nos perder! Precisamos esperar a tempestade passar!

— Mas estamos tão perto! — gritou Michael. — Se chegarmos à caverna, vamos ficar protegidos!

— Não vamos conseguir encontrar! Até as montanhas desapareceram!

— Eu consigo encontrar!

As palavras surpreenderam Michael. Ele não as pensou, nem planejou dizê-las, mas sabia que o que disse era verdade. O tempo todo em que estavam andando, uma força invisível o puxava para a frente. Só ficou totalmente ciente disso agora que tinham parado; mas ele sabia que, se se deixasse ser guiado, encontraria a caverna.

— O que está acontecendo? — Emma olhou para Michael e para Gabriel. — Não consigo ouvir nada!

Gabriel estava olhando para ele, com os olhos escondidos atrás dos óculos escuros e cobertos de gelo.

— Tem certeza? É um risco!

Ele queria dizer que poderíamos morrer, pensou Michael. Ficamos completamente perdidos. Cair em uma rachadura. Montar acampamento era a única coisa sensata e prática a fazer.

Ele olhou para Emma, virando a cabeça entre ele e Gabriel e dizendo:

— Hã? O que você disse?! Está muito barulhento! Hã?

Não era justo. Michael arriscaria a própria vida sem problemas; por que precisava também arriscar a da irmã? Ou a de Gabriel?

— Você precisa decidir! — gritou Gabriel.

Michael fechou os olhos. O puxão ainda estava lá, como um gancho invisível preso no peito. Ele sabia que era a *Crônica*.

— Sim! Eu consigo encontrar!

— Encontrar o quê? — gritou Emma. — De que vocês dois estão falando?

Gabriel não respondeu, mas mudou a corda para que Michael ficasse na frente.

— Vamos seguir você!

Gabriel entregou o machado a Michael, e o garoto começou a andar pela tempestade. Ele tinha que se preparar a cada passo para não ser derrubado, e era incrivelmente cansativo andar para a frente empurrando para trás com todas as suas forças. Com o sopro do vento, havia breves momentos em que a visibilidade melhorava e Michael conseguia ver de três a quatro metros à frente. Mas, na maior parte do tempo, ele balançava a mão na frente do rosto e não via nada.

Por favor, ele ficava pensando, por favor, não me deixe estar errado.

Mas ele conseguia sentir a *Crônica* por aí, chamando-o, com mais e mais força a cada passo. Michael se viu pensando em uma excursão que ele e as irmãs e um grupo de outras crianças tinham feito para uma fazenda alguns anos antes. Eles estavam no meio do nada, e o motorista da van, um adolescente mal-humorado, procurou no rádio qualquer estação que, como ele mesmo falou, “não tocasse música de banjo”. Acabou encontrando uma. A transmissão estava falhada e com interferência a princípio, mas conforme eles seguiam em frente e presumivelmente chegavam mais perto da fonte, o sinal foi ficando cada vez mais claro.

Michael se sentia assim agora, como se finalmente tivesse chegado perto o bastante para ouvir a música.

— Michael!

Emma gritou no seu ouvido, e estava agarrando seu ombro e apontando.

Michael olhou para a frente (ele estava olhando para o chão, concentrando-se em não levar todo mundo para um abismo) e ali, a três metros de distância, quase oculta pela neve rodopiante, depois

de três colunas cobertas de neve e gelo, colunas que se estreitavam na parte de cima, dando uma impressão bastante crível de serem dentes, estava a boca escura e aberta de uma caverna.

Momentos depois eles estavam dentro da caverna, batendo os pés, sacudindo a neve grudada em seus corpos, tirando cristais dos capuzes forrados de pele, enquanto a tempestade prosseguia furiosamente lá fora. Gabriel bateu no ombro de Michael.

— Muito bem.

Michael tentou dar de ombros, mas o gesto ficou perdido dentro do enorme casaco.

— Ah, você sabe, não foi nada de mais.

— É — disse Emma —, você deve estar certo.

— Bem — disse Michael irritado —, foi meio difícil, sim.

Emma riu e bateu as luvas uma na outra (ou tentou; ela não conseguia fazer as mãos se unirem por causa do casaco) e disse para Michael que é claro que tinha sido difícil e se o rei Robbie estivesse lá, provavelmente daria a Michael mais umas dez medalhas de anão.

— Ha-ha — disse Michael. Mas não conseguiu deixar de pensar que uma medalha não seria má ideia.

— Você ainda está com frio? — perguntou Emma. — Está tremendo.

Na verdade, Michael estava tremendo, mas não tinha nada a ver com o frio. Ao confiar em seu instinto, ele deveria estar tomado de confiança. Mas aconteceu o oposto. Ele não entendia *como* tinha funcionado, *como* tinha dado certo. Ele se sentia fora do controle, e a sensação o assustava. Tinha tido muita sorte, e não podia contar com isso de novo.

— Só preciso começar a me mexer.

— Então vamos. — Gabriel tinha tirado três lanternas da mochila e entregou uma a cada criança. — Você é o líder. Lidere.

Michael olhou para Emma, que deu de ombros e disse:

— Só não vai matar a gente.

E, com isso, Michael se virou e eles saíram andando caverna adentro.

A caverna era diferente de todas as outras cavernas e túneis que as crianças já tinham explorado em um aspecto importante: era coberta de gelo. O chão, o teto e as paredes estavam escondidos atrás de uma carapaça dura azul-esbranquiçada. Por sorte, as novas botas que Gabriel comprou tinham solas ásperas que se agarravam à superfície escorregadia. Ainda assim, o progresso foi lento, e as lanternas refletiam no gelo e faziam os corações das crianças baterem mais forte por eles imaginarem monstros com olhos brilhosos olhando para eles da escuridão.

Em pouco tempo, o som da tempestade ficou para trás e o túnel se abriu em uma caverna larga. Eles andaram por uma trilha estreita perto da parede. Apontaram as lanternas para o abismo, iluminando um lago de gelo negro, e Michael olhou para baixo e viu coisas com garras e dentes e asas presas em um sono profundo e congelado. O túnel prosseguia do outro lado do lago, e o gelo das paredes começou a ser substituído por pedra nua até só haver pedaços de gelo aqui e ali, e mais para a frente, gelo nenhum. Michael se viu puxando a máscara para baixo, tirando o capuz, abrindo o casaco.

Em seguida, desligou a lanterna.

— Michael... — sussurrou Emma.

— Eu sei.

O final do túnel estava à frente deles, e havia luz passando por ele. Não a neblina sombria e cinzenta de uma tempestade de neve, mas luz do sol, dourada, quente e radiante.

Só que não era possível. Michael sabia que não era possível. E então...

— Michael, você consegue ouvir...?

— Consigo.

Era o som de um pássaro cantando.

CAPÍTULO DEZ

O fim do mundo



— Você sabia...?

— Não.

— Nada disso...?

— Não.

— Porque é... uau.

Sim, pensou Michael. Uau.

Eles tinham saído do túnel e estavam bem acima de um vale em formato de lua crescente. De onde estavam, paredes de pedra caíam por um quilômetro e meio até o chão do vale, enquanto montanhas com gelo nos picos os cercavam em um anel contínuo. Michael supôs que a distância até o outro lado era de pelo menos 800 metros. Tanto para a direita quanto para a esquerda, o vale se curvava para longe de vista. O céu era de um azul puro e cristalino, e o ar estava quente e parado. Bem abaixo, o chão do vale parecia coberto de uma abóbada verde-escura.

Michael pensou em pegar a Polaroid, mas decidiu que uma foto não faria justiça à vista.

— Mas estamos no Polo Sul! — disse Emma. — Deveria ter pinguins aqui! E neve! E... ursos-polares!

— Ursos-polares são no Polo Norte.

— Você sabe o que quero dizer! Isto é...

— É a *Crônica* — disse Michael. — Milhares de anos atrás, aposto que isto aqui era igual ao resto da Antártida. Mas então a ordem trouxe a *Crônica* pra cá e tudo mudou.

Eles ficaram em silêncio olhando para o vale impossivelmente exuberante. Gabriel disse:

— Lá.

Ele estava apontando para a direita. Depois da curva do vale, pouco visível acima da aba de uma montanha, uma trilha fina de fumaça negra subia no ar.

— O vulcão — sussurrou Michael.

— Incrível — disse Emma maravilhada. — Você estava mesmo certo.

— Não precisa fingir tanta surpresa — disse Michael.

— Mas estou — disse Emma. — Estou mesmo surpresa.

Rapidamente, pois eles já estavam com calor e suando, o trio tirou o equipamento de tempo frio (casacos, botas pesadas, calças com forro, roupa de baixo de frio, óculos, luvas e chapéus) e Gabriel guardou tudo dentro da caverna para a viagem de volta. Michael ficou surpreso ao ver a bola de gude cinza-azulada pendurada em uma tira ao redor do pescoço e se deu conta de que, na empolgação das últimas 24 horas, tinha se esquecido dela. Obviamente, agora não era a hora de refletir sobre quem tinha mandado ou qual era seu propósito, mas ao enfiar o globo de vidro dentro da camisa, Michael prometeu a si mesmo que tentaria entendê-lo assim que tivesse oportunidade.

O túnel acabava em um promontório, do qual uma escadaria quase vertical, entalhada na própria rocha, descia até o vale. Gabriel pegou a corda de segurança e prendeu nos cintos das crianças.

— Vamos chegar ao fundo — disse ele. — E depois, vamos até o vulcão.

A escada tinha degraus com quase 60 centímetros de distância. Uma vez apenas Michael olhou pela lateral para verificar o quanto eles avançaram, e viu que a queda até o fundo era direta. Depois disso, manteve a atenção em cada degrau individualmente. Quanto mais eles desciam, mais quente e úmida a atmosfera ficava. Os óculos de Michael ficavam escorregando pelo nariz, e a camiseta grudava nas costas. Gritos de pássaros ecoavam pelo vale, e em pouco tempo eles conseguiram ouvir o som de água corrente.

Eles pararam na metade e Gabriel deu a eles pão, linguiça dura e frutas secas tiradas da mochila. Michael estava olhando para o relógio, pensando que o sol devia ter se posto, mas ainda estava claro, quando eles ouviram uma coisa que não era um pássaro. O grito veio da direção do vulcão. Foi hostil e selvagem e silenciou tudo no vale.

— O que foi isso? — sussurrou Emma.

Gabriel balançou a cabeça.

— Não sei.

Michael também não sabia. Mas sabia que a coisa que emitiu aquele som era muito, muito grande.

Eles terminaram a refeição em silêncio e continuaram a descer. Trinta minutos depois, chegaram à cobertura de árvores. Quando olhou de cima, Michael esperou encontrar uma floresta tropical, mas o piso do vale era coberto de uma floresta com enormes sequoias. Ele reconheceu as árvores de fotos e filmes, mas elas eram mais altas e largas do que qualquer outra que ele tivesse visto. Na verdade, o chão do vale ficava bem mais abaixo do que ele pensava, pois mesmo depois de chegar ao topo das árvores, eles continuaram a descer, descer e descer.

— Vocês conseguem acreditar — disse Emma quando finalmente chegaram ao final — que vamos ter que subir isso?

A luz tinha começado a diminuir, e estava ainda mais escuro debaixo das árvores.

— Sei que vocês estão cansados — disse Gabriel. — Mas temos que seguir. Eu gostaria de acampar mais perto do vulcão pra podermos chegar lá amanhã de manhã.

Michael assentiu, Emma gemeu e eles continuaram a andar, sem ninguém mencionar que o grito da criatura tinha vindo da direção do vulcão. Michael sentia como se estivessem andando por uma floresta de gigantes adormecidos. Até Gabriel olhou com assombro para os enormes troncos marrom-avermelhados. Mas a caminhada foi lenta,

pois o chão da floresta estava coberto de uma camada grossa de arbustos, e Gabriel precisou usar a machete para abrir caminho.

Pouca coisa se movia na floresta. Os pássaros ficavam no alto das árvores, e a única outra forma de vida selvagem eram os besouros pretos reluzentes que subiam pelas laterais das grandes árvores e, com zunidos e estalos furiosos, saíam voando abruptamente entre os troncos. Os besouros eram do tamanho de tartarugas, e depois que Michael foi atingido na nuca e literalmente derrubado no chão, as crianças aprenderam a se abaixar quando ouviam um chegando.

Ainda assim, pensou Michael enquanto cutucava o ponto dolorido atrás da orelha, se isso é tudo o que tem aqui, pássaros e besouros, por que sinto que estamos sendo observados?

Enquanto eles andavam, o som de água foi ficando mais alto, e eles acabaram chegando a um rio, com talvez 40 metros de largura, descendo pelo centro do desfiladeiro. Estavam com calor por causa da caminhada, e Gabriel deixou que se deitassem de barriga para baixo e mergulhassem o rosto no rio. A água estava gelada e eles beberam até os dentes doerem.

Depois de refrescado, o pequeno grupo prosseguiu, acompanhando a margem do rio até estar escuro demais para ver e as duas crianças estarem arrastando os pés. Emma disse pela décima quinta vez:

— Aqui parece um bom lugar pra parar.

Gabriel montou acampamento em uma pedra grande que dava vista para as duas direções do rio e pegou comida (mais pão, linguiça e frutas secas), e disse que eles não podiam se arriscar a fazer uma fogueira. Michael se perguntou se Gabriel também sentia que eles estavam sendo observados; se sentia, não disse nada. Depois de comerem, Gabriel cortou galhos de arbustos próximos e fez uma cama grossa e macia sobre a pedra, e Emma se deitou e adormeceu em um segundo.

— Durma — disse Gabriel para Michael. — Vou ficar vigiando.

Michael pretendia dizer para Gabriel acordá-lo em algumas horas para eles se revezarem, mas exausto e com dor em cada parte do corpo, e entorpecido pelo murmúrio do rio, ele se deitou ao lado da irmã e dormiu.

Michael sonhou.

Mais uma vez, ele estava em um túnel longo e escuro, andando em direção ao brilho vermelho.

Mais uma vez, ele se deparou com o lago de fogo e ficou olhando para a superfície enquanto seus olhos queimavam e o calor sufocava sua respiração.

O garoto sabia que a *Crônica* estava em algum lugar por perto. Mas onde?

E então, estranhamente, ele ouviu música. Parecia estar ao redor dele, vindo por todos os lados. O calor diminuiu. Michael conseguia respirar sem sentir dor. Um peso foi erguido de seus ombros. Ele se sentiu leve como o ar, como se conseguisse flutuar até o céu e sair voando...

Um toque no seu ombro o despertou.

Ainda estava escuro; Gabriel estava inclinado sobre ele, com um dedo nos lábios para indicar que Michael permanecesse em silêncio. Havia música vindo da floresta, e Michael reconheceu como sendo a música dos seus sonhos. Ele se sentou; na verdade, poderia ter pulado se a mão de Gabriel não estivesse em seu ombro.

— Ouvi...

— Sim, começou há um minuto. Vou investigar. Fique com sua irmã. — Gabriel se levantou e fez uma pausa. — Você vai ficar com ela.

Havia um tom de questionamento na voz dele.

— É claro, sim, vou ficar com ela.

O homem o encarou. Michael não conseguiu evitar.

— É que a música... é tão... bonita.

— Tente não ouvir.

— Tá.

Gabriel continuou olhando para ele. Michael se deu conta de que estava cantarolando. Ele parou.

Gabriel disse:

— Volto logo.

E, tirando a machete da bainha, entrou silenciosamente entre as árvores.

Michael olhou para a irmã. Emma estava sorrindo enquanto dormia. Michael nunca tinha visto Emma sorrir dormindo. Normalmente, ela dormia com os punhos fechados, como se estivesse lutando batalhas nos sonhos. Ele se perguntou se ela conseguia ouvir a música. Era mesmo tão bonita...

Não! Gabriel mandou não ouvir!

Michael tirou os óculos, se deitou na pedra e jogou água gelada no rosto. Ficou imediatamente desperto.

Assim é melhor, pensou ele.

Mas então ele percebeu que o motivo de estar melhor era porque conseguia ouvir a música mais claramente. Ficou de pé com água pingando do rosto e olhou para a escuridão iluminada pelas estrelas. Tudo ao redor dele, o ar, a água, a terra, as pedras, tudo parecia estar reagindo à música. Mas Gabriel tinha mandado não escutar! Bem, pensou Michael, Gabriel era um cara maravilhoso e sabia sobre muitas coisas úteis, mas música obviamente não era uma delas. Não podia haver nada de perigoso em uma música assim. Era uma música sobre o ar e a água, sobre as árvores e os pássaros, sobre aqueles besouros gigantes que voavam sem olhar para onde estavam indo; era uma música sobre vida. E estava pedindo que você se juntasse a ela, que dançasse. Michael começou a se balançar para a frente e para trás, com a mão direita imitando um maestro no ar. E amo dançar, pensou Michael, embora nunca tivesse dançado na vida e sempre tivesse se esforçado para evitar.

Michael sacudiu Emma para acordá-la.

A menina gemeu e manteve os olhos fechados.

— ... para.

— Emma, acorda!

— Mas eu estava sonhando e tinha...

Ela ficou em silêncio. Michael viu que a irmã tinha ouvido a música.

— É real...

— Eu sei! — Michael estava explodindo de felicidade. Ele tivera uma ideia maravilhosa. Tinha dito para Gabriel que não deixaria Emma sozinha, mas e se ele a levasse junto para procurar a música?

— Vamos! Temos que encontrar!

E ele segurou Emma pela mão e a arrastou para a floresta. A música vinha de longe, da direção do vulcão. Estranhamente, os arbustos que fechavam a passagem o dia todo agora pareciam se abrir na frente das crianças, se inclinando para formar um caminho.

— Onde está... Gabriel? — ofegou Emma.

— Ele foi procurar a música!

— Você acha que a gente vai encontrar ele?

— Talvez. Se a gente não encontrar, a gente pode procurar quando estiver dançando!

— Eba! — gritou Emma, que costumava não gostar de dançar tanto quanto Michael. — E então Gabriel pode dançar com a gente!

— Rá! Ele já deve estar dançando lá! — Michael riu.

E então, de repente, eles chegaram.

Era uma clareira grande e circular, cercada de árvores. Os arbustos acabavam na beirada da clareira, e o chão dela era coberto de grama baixa e grossa. Do outro lado da clareira, Michael conseguia ver pessoas com tochas saindo das árvores. Estavam longe demais para ele conseguir ver bem, mas Michael sabia que eram eles tocando a música. E foi naquele momento que ele percebeu que a música era cantada, que vozes faziam aqueles sons lindos.

Emma soltou um gritinho e pulou para a frente, mas Michael a puxou de volta.

— O que você está fazendo? Nós...

— Pensei numa coisa horrível. — Eles estavam agachados ao lado de uma das árvores que circundavam a clareira. Michael tentou parecer o mais sério possível. Precisava que Emma entendesse a seriedade do que ele ia dizer. — E se não estivermos usando as roupas certas? Não quero parecer idiota.

Emma ficou olhando fixamente para ele e assentiu.

— É uma boa lembrança.

— Eu sei — disse Michael. E se xingou por não fazer Gabriel trazer roupas mais arrumadas na mochila. Ele devia ter pensado que uma coisa assim aconteceria.

As pessoas estavam indo para o centro da clareira, e, quando chegaram mais perto, as tochas brilharam em seus rostos. As crianças olhavam maravilhadas.

— Michael... eles são...?

— São.

— De verdade? De verdade mesmo?

— Sim. — A voz dele estava seca como pedra, mas ele conseguiu dizer: — Eles são elfos.

Havia talvez uns 40. Alguns carregavam tochas, outros seguravam lampiões. Todos estavam cantando, e apesar de não estarem exatamente dançando, o próprio modo de eles andarem, mesmo o menor dos gestos, era mais gracioso do que qualquer dança. E cada um deles (o coração de Michael despencou no peito quando ele percebeu isso) estava incrivelmente bem-vestido.

O que Michael interpretou como as elfas usavam vestidos longos brancos e creme de tecido com babados, enquanto os elfos usavam calças brancas e camisas, junto com casacos listrados de rosa com branco ou azul com branco ou verde com branco. Os elfos usavam chapéus de palha com abas rígidas. As elfas giravam guarda-sóis sobre os ombros delicados. Alguns dos elfos carregavam raquetes de tênis de madeira.

Michael reconheceu as roupas como a moda de cem anos antes, e a parte lógica de seu cérebro, que ainda estava funcionando, apesar de em nível muito baixo, lembrou-o que tinha sido cem anos antes que o mundo mágico se escondeu. Parecia que os elfos tinham apenas mantido a moda da época.

E eles estavam certos, pensou Michael. Estavam lindos.

— As roupas deles são tão lindas! — Emma estava à beira das lágrimas. — Nunca vamos conseguir roupas assim!

— Shhh — disse Michael. — Quero ouvir.

Pois os elfos tinham se reunido todos no centro da clareira e abruptamente passaram da música etérea e sem letra que Michael e Emma ouviram nos sonhos para uma música nova, com uma espécie de melodia alegre que parecia um convite para um passeio de barco.

E, desta vez, Michael conseguiu entender a letra:

*Ah, ela tem que comer, ela tem que comer,
É melhor ela cuidar do peso.
Seu corpo é longo e magro,
Suas unhas cortam como gelo.
Seus olhos ainda brilham como diamantes,
Mas seu estômago não para de roncar.
Ah, ela tem que comer, ela tem que comer,
É melhor ela cuidar do peso...*

— Sobre o que estão cantando? — perguntou Emma.

— Não sei — disse Michael. — Mas é uma música linda. Você não acha?

— É, sim — disse Emma. — Muito linda.

E ocorreu a Emma que ela não usava a palavra *linda* metade das vezes que deveria, e certamente corrigiria isso. Era uma palavra linda, a palavra *linda*.

— Linda, linda, linda, linda...

— O que você está fazendo? — sussurrou Michael.

— Só dizendo a palavra *linda* — sussurrou Emma em resposta.

— Ah — disse Michael, perguntando-se por que não tinha pensado nisso. — Certo.

E enquanto eles viam os elfos e ouviam a música, os dois murmuravam:

— Lindo, lindo, lindo, lindo, lindo, lindo, lindo...

Alguns dos elfos estavam dando estrelas ao redor da clareira, alguns brincavam de pular carniça e um estava andando em uma bicicleta antiquada com a roda da frente gigantesca e a de trás pequenininha. Vários elfos tinham aberto cestas de piquenique de vime e estavam distribuindo bebidas e comida, composta praticamente só de bolo. Dois dos elfos tinham começado a montar o que parecia a Michael um tanque de água. A cena toda era estranhamente familiar, e Michael se deu conta de onde tinham visto coisas assim: em filmes velhos, onde as pessoas faziam feiras na cidade, com brincadeiras de pegar a maçã na bacia de água e concursos de comer torta e alguma coisa que envolvia um porco coberto de óleo. Assim como suas roupas estavam presas ao passado, as tradições dos elfos também estavam. Michael estava encantado.

— Lindo — murmurou ele. — Lindo.

E a música continuou:

Seus braços são tão modelados,

Sua cintura é fina e estreita.

Seu nariz não tem igual (ha-ha!)

E seus dentes, seus dentes, ah, que brilhem sempre.

Ah, ela tem que comer, ela tem que comer,

É melhor ela cuidar do peso...

— Você sabia que tinha elfos aqui? — sussurrou Emma.

— Não. Mas é uma boa surpresa — disse Michael.

— É mesmo. Como está meu cabelo?

Era a primeira vez na vida em que Emma fazia essa pergunta.

Michael olhou para ela. A irmã não tomava banho desde o dia anterior, quando eles ficaram na cabana na Espanha, e desde então eles entraram em uma tumba, correram por um esgoto, pularam em um canal, andaram por uma tempestade de neve (o que envolveu usar chapéus e capuzes e muito suor) e dormiram em uma cama de plantas.

— Sinceramente?

— Sim.

— Parece o cabelo de um mendigo. Sinto muito. Mas seu cabelo está igual ao de um mendigo.

— Tudo bem — disse Emma. — Seu cabelo também parece o de um mendigo.

— Olha o que eles têm! — exclamou Michael.

— Ah, que sorte!

Os elfos tinham montado uma longa penteadeira de madeira com quatro estações, cada uma de frente para um espelho e guarnecida de um arsenal de escovas, pentes, pinças, tesouras, várias pomadas, tônicos e pós, e as crianças foram tomadas por um desejo tão grande por aquelas escovas e tônicos e pós que quase correram para a clareira, e poderiam ter feito isso se as cadeiras das penteadeiras não tivessem sido imediatamente ocupadas por meninos e meninas elfos ajeitando os cabelos, colocando pó nas bochechas, arrancando fios de cabelos invisíveis, embora vários deles, Michael percebeu, só ficassem olhando para si mesmos no espelho, exclamando:

— Você está maravilhoso! Está mesmo! Está maravilhoso!

— Não podemos ir pra lá assim — disse Michael. — Tem uma tesoura no meu canivete. Vamos cortar nosso cabelo todo! Cabelo nenhum é melhor do que cabelo de mendigo, né?

— Espera — disse Emma. — Tenho uma ideia melhor!

A menina correu alguns metros para dentro da floresta e voltou com uma braçada de galhos de samambaia.

— Vamos fazer chapéus bacanas! Assim, ninguém vai ver nosso cabelo de mendigo!

Michael mal conseguia acreditar nas ideias incríveis que Emma estava tendo hoje. Primeiro dizer *lindo* sem parar, e agora a ideia dos chapéus bacanas.

Eles começaram a trabalhar, usando o canivete de Michael para cortar os galhos em pedaços de 12 a 15 centímetros, mas logo chegaram a um obstáculo ao perceber que não tinham como prender os galhos. Então Michael teve a ideia de pegar punhados de terra úmida como lama das bases das árvores e usar para cobrir as cabeças deles.

— Vai ser como cola! Os galhos vão grudar nela!

Emma ficou tão feliz que disse para Michael que ele era seu irmão favorito.

— Sou seu *único* irmão — disse Michael.

— Eu sei! Não é o máximo? Agora anda! Aposto que vão começar a dançar a qualquer momento!

Sem perder tempo, as crianças espalharam lama a partir de cima das sobancelhas, por cima da cabeça até a base da nuca. Com os capacetes melequentos colocados, eles pegaram punhados de galhos de samambaia e começaram a grudar, mais ou menos de qualquer jeito, em qualquer pedaço vazio de lama. Em poucos minutos, Michael e Emma tinham mais de duas dúzias de galhos flexíveis e verdes apontando em todas as direções a partir do alto, da lateral, da frente e de trás da cabeça.

— Como estou? — perguntou Michael à irmã.

— Está ótimo! E eu?

— Está incrível! Você devia usar esse chapéu o tempo todo! Mesmo quando a gente não está dançando!

— Eu estava pensando isso! — disse Emma, incrivelmente feliz.

— Está pronta? — perguntou Michael.

— Se estou? Vamos!

— Espera!

Michael tirou o globo azul-acinzentado de dentro da camisa, para que ficasse sobre o peito como uma espécie de colar decorativo. Ele nunca tinha sido de usar ornamentos, mas achou que uma bola de vidro dava a ele uma certa elegância. O menino viu os olhos de Emma se arregalarem.

— Ah, eu quero um!

— Te empresto depois. Vem!

E as crianças estavam prestes a entrar na clareira quando a música mudou:

*Trouxemos uma coisa especial
Pra lembrar a você o que você era.
Pois lá embaixo naquele esconderijo terrível
Tem uma princesa ainda escondida.
Por favor, volte, ah, por favor, volte,
Sentimos muito, muito a sua falta.
Por favor, volte, ah, por favor, volte,
Troque seu anel de ouro por este...*

E as crianças viram quatro elfos surgirem por entre as árvores, carregando alguma coisa em uma liteira: um objeto enrolado em tecido preto. As pessoas cantaram mais e mais alto, e os elfos deram as mãos para dançar ao redor da liteira em um círculo grande e saltitante.

Sentindo que alguma coisa grandiosa e potencialmente maravilhosa estava prestes a acontecer, as crianças hesitaram ainda nas árvores.

Os quatro elfos carregaram o objeto até o centro da clareira e colocaram no chão. Não era fácil entender o que estava acontecendo, com as tochas balançando e os elfos girando e girando e bloqueando a visão. E então, dois elfos puxaram o tecido preto, e

Michael vislumbrou uma coisa fantasmagórica e branca, e houve um brilho dourado. O frenesi de comemoração aumentou dez vezes, a cantoria dominou todo o desfiladeiro, os elfos dançantes giravam cada vez mais rápido e Michael pensou que, se não fosse dançar naquele mesmo instante, jamais voltaria a ser feliz.

— Michael! — gritou Emma. — A gente tem que...

— Eu sei, eu sei!

E, com uma ajeitadinha para garantir que os adornos de cabeça cheios de folhas estivessem apresentáveis, as crianças pularam para a clareira. Mas estavam destinados a não se juntarem à dança, pois bem naquele momento um grito percorreu o vale. Era o mesmo berro selvagem, apavorante e terrível que eles ouviram quando desciam a escadaria de pedra naquela tarde. Em um instante, a cantoria foi interrompida, as tochas foram apagadas e o grupo todo de elfos, o tanque de água, a penteadeira de madeira, as cestas de piquenique e a bicicleta gigante com rodas de dois tamanhos diferentes desapareceram.

Ficou escuro e silencioso, e as crianças estavam sozinhas com os capacetes de plantas no limite das árvores.

Michael sentiu um peso entrar em seu corpo. Não queria mais cantar e dançar. Na verdade, lembrou que odiava dançar. E o que ele tinha na cabeça? Ele olhou para Emma, visível à luz das estrelas, e viu um monte de lama e galhos preso como um ninho na cabeça dela. Alguns galhos tinham começado a escorrer com a lama pela lateral do rosto dela.

— Estou com um bando de folhas e uma meleca presos no meu cabelo? — perguntou Emma.

— Está — disse Michael, torcendo para o que ele sentiu se mexendo perto da orelha não ser um inseto. — E eu?

— Você também.

Sem dizer nada, as crianças puxaram os galhos e limparam o tanto que conseguiram a lama meio seca grudada nos cabelos. Nenhum dos dois perguntou como estava.

— Pra onde todos os elfos foram? — disse Emma.

Michael deu de ombros; estava irritado demais para ligar. Sempre soubera que elfos eram preguiçosos e vaidosos, mas na verdade eles também cantavam músicas que faziam você querer se arrumar e passar lama na cabeça e... e...

Eles eram apenas crianças, pensou Michael. Apenas crianças bobas e estúpidas!

Ao olhar para a clareira, Michael viu que os elfos tinham esquecido o objeto fantasmagórico que tiraram da liteira. De repente, ele tinha que saber o que era.

— Espera aqui.

— O quê? Michael, não...

Emma tentou segurá-lo, mas Michael já estava correndo agachado pela clareira. Assim que chegou ao objeto, outro grito pungente ecoou pelo vale. Estava mais próximo do que o anterior. A coisa emitindo o grito estava em movimento.

Mas, mesmo assim, por um longo momento, ele apenas ficou ali olhando. O objeto era a imagem de uma elfa entalhada em gelo transparente. Ela parecia ter a idade de Michael, seu cabelo cristalino caía-lhe pelas costas e ela tinha sido entalhada sorrindo e gargalhando. Apesar de a irritação de Michael com os elfos estar sempre em alta, ele teve que admitir que a elfa era a criatura mais bonita que já tinha visto. Ele esticou a mão e passou o dedo pelo braço dela e sentiu a frieza e a textura de gelo começando a derreter.

Um aro fino de ouro, quase como uma coroa, tinha sido colocado na cabeça da elfa. Com muito cuidado, Michael o ergueu. A menina de gelo era tão realista que Michael meio que esperou que protestasse. Ela não reclamou, é claro, e Michael, ao olhar para o aro, viu que na verdade eram dezenas de aros finos de ouro entrelaçados.

Mas o que isso tudo significava? E quem era ela?

Michael foi despertado de seu devaneio por mais um dos gritos terríveis. Estava mais perto do que nunca. A coisa estava vindo, e vindo rápido.

— Michael!

Emma estava correndo na direção dele pela clareira. Sem pensar, ele enfiou o aro de ouro na bolsa e tinha acabado de gritar para Emma voltar quando houve um grito e Michael se virou e viu Gabriel sair correndo do meio das árvores vindo de outra direção.

— Abaixem-se! — gritou ele. — Abaixem-se!

Em seguida houve outro grito, desta vez quase diretamente de cima, e antes que Michael pudesse erguer o olhar, foi empurrado com força para o chão.

— Fiquem abaixados! — ordenou Gabriel.

Emma ainda estava gritando o nome do irmão, e Michael, deitado de barriga para baixo, ouviu o som de batidas de asas e, olhando para trás de Gabriel, viu o monstro descer do céu noturno e levantar sua irmã no ar.

CAPÍTULO ONZE

A luta de bolas de neve



— Ei, acorda! Vamos, acorda!

A garotinha chamada Abigail, a que a tinha ajudado a encontrar roupas, estava inclinada por cima de Kate sacudindo-a.

— Estou acordada — disse Kate, ainda grogue.

Ao redor dela, em toda a velha igreja, o dia estava começando. Crianças arrumavam camas, acendiam o fogo em fogões, varriam o chão de pedra. O ar estava tão frio que Kate conseguia ver sua respiração.

— Adivinha o que acabou de acontecer? — perguntou Abigail.

— Começou a nevar? — Kate bocejou. Ela colocou a mão debaixo do travesseiro, onde tinha colocado o medalhão da mãe na noite anterior, e o enfiou no bolso.

— Não. Bem, sim. Nevou a noite toda. Mas não é isso. Rafe acabou de passar por aqui — a garota mal conseguia controlar a empolgação — e disse que, como hoje é véspera de Ano-novo e também a noite da grande Separação, a srta. Burke quer dar uma festa!

— Ah? — Kate olhou ao redor; o garoto Rafe não estava em lugar nenhum por ali.

— Na última vez em que fizemos uma festa, Scruggs fez fogos de artifício. Fez um goblin aparecer. Muitas crianças ficaram com medo e gritaram. Eu, não. Bem, talvez um pouco. Se ele fizer isso de novo, não vou gritar. Coloca as botas, vamos tomar café da manhã. Uau, você é lenta de manhã! É por ser tão velha?

O café da manhã foi servido em duas mesas compridas no porão. Havia ovos mexidos, batatas e fatias grossas de pão frito. A

cozinheira era uma menina de 13 anos, ajudada por um exército de crianças menores, todas parecendo levar a tarefa muito a sério. A conversa nas mesas era sobre a festa daquela noite e como seria a vida depois da Separação.

— Então, se o mundo mágico vai ficar invisível — perguntou um garoto pequeno com o cabelo espetado em todas as direções —, isso significa que também vamos ficar invisíveis?

— Não, burrinho! — respondeu Abigail. — São só algumas ruas e algumas coisas que vão ficar invisíveis!

— E as pessoas vão mesmo esquecer que existem magos e dragões? — perguntou uma garota mais para o fim da mesa.

— Não vão esquecer! Só vão achar que não são reais!

— Então, se eu ficar invisível... — perguntou o garotinho de novo.

— Você não vai ficar invisível! — insistiu Abigail.

— Pode ser que o cérebro dele fique invisível! — gritou outro garoto.

— É, já é invisível! — acrescentou um terceiro.

— Não é! — disse o garotinho, apesar de parecer um tanto preocupado e até chegar a levantar a mão para tocar na cabeça.

Kate escutou, mas não participou. Estava pensando que acordou no meio da noite e viu a igreja em silêncio e escura, e que Abigail foi para a cama dela e se aninhou em seu corpo. Kate abraçou a garota como abraçara Emma infinitas vezes, e estava prestes a adormecer de novo quando reparou em uma sombra se movendo entre as crianças. Percebeu que era Rafe, que ela não via desde a entrevista com Henrietta Burke na torre. Ele estava indo de cama em cama, tocando em um ombro ou cabeça, sussurrando para uma criança ou outra, dizendo para elas que estava lá.

De repente, houve um barulhão de panelas e potes e Kate foi despertada do devaneio. Ela ergueu o olhar e viu Jake e Beetles de pé em um banco pedindo atenção. Acima dos gritos das outras crianças, os meninos anunciaram que estavam em missão especial a mando de Rafe, uma missão (eles tiveram o cuidado de observar)

que Rafe não se sentia à vontade para confiar à inteligência de mais ninguém. (Isso gerou muitos resmungos e gritos de “Ah, tá, vai nessa!” e “Você quer dizer que ele não conseguiu encontrar mais ninguém burro o bastante pra fazer!” e alguns pedaços de pão jogados, que Beetles pegou com destreza e enfiou na boca.)

— ... e estamos aqui — disse Beetles com a boca cheia de pão — para ler os vários deveres que vocês, inferiores, vão ter que fazer em preparativo para a festa!

Isso foi recebido com gritos de apreciação, e os dois garotos se inclinaram, e mais pão foi jogado neles e ouviram-se gritos de “Lê logo! Anda! Lê logo!” E eles leram uma lista de nomes e tarefas e quem estava responsável por o quê.

— E vocês têm que fazer super-rápido! — disse Beetles, engolindo o último pedaço de pão.

— É — disse Jake —, então se algum de vocês estava pensando em ficar sentado aqui e abrir uma loja...

Depois do café da manhã, Kate subiu para pegar o casaco, pois tinha prometido a Abigail ajudá-la com as tarefas dela, e se virou para o longo corredor que levava ao salão principal da igreja quando alguém pulou das sombras e agarrou seu braço.

— Por que você está aqui? — perguntou uma voz rouca.

Era o velho mago, Scruggs. Ele estava enrolado na capa marrom velha e ainda estava com os olhos arregalados e sujo. Kate percebeu que ele estava esperando por ela.

— Vou pegar meu casaco...

— Não! Aqui! — O toque dele, já apertado em seu braço, ficou ainda mais forte. — Por que você fez o *Atlas* trazer você pra cá?

Kate sentiu um arrepio que não tinha nada a ver com o frio.

— Você sabe?

O velho sorriu.

— Que você é a Protetora do *Atlas*? É claro que sei. Está escrito na sua cara. Pelo menos pra quem tem olhos pra ver. Você está aqui

por causa do garoto, não é?

— Eu... não sei do que você está falando. Que garoto?

Ele balançou o braço dela e sibilou:

— Você está aqui por causa do garoto! Está aqui por causa de Rafe!

— O quê? Não! Vim pra cá por acidente! Só quero voltar pra casa! A garota tentou soltar o braço, mas o homem era forte demais.

— Você está dizendo a verdade. — Ele pareceu quase surpreso.

— Então não foi você. Foi o *Atlas*. — E ele murmurou: — No fundo, bem no fundo...

— De que você está falando? — perguntou Kate.

O homem se inclinou mais para perto.

— Você acha que foi acidente você ter vindo parar aqui? Nesta época! Neste lugar! Não foi você, é! Vejo isso. Foi o *Atlas*! Ele tem planos! Ele, eu conheço ele há anos! Tentei falar pra Henrietta. Ela não quis escutar! Mas agora, você chega. As coisas estão finalmente ficando claras, sim. E é claro que aconteceria agora, com a Separação chegando.

— De que você está falando? Quem é Rafe?

— Me diga. — O velho se inclinou mais para perto. — Você está aqui pra nos salvar ou pra nos destruir?

Kate controlou a voz e disse:

— Só quero ir pra casa.

O som de um violino chegou pelo corredor. Kate ficou rígida.

— O que é, garota? Não gosta da música?

Kate não respondeu. Na última vez em que ouviu um violino, estava a bordo do barco da Condessa, quando o som proclamou a chegada do Magnus Medonho. Mas aquela música era enlouquecida, febril, de outro mundo. Esta não era nada assim. Era uma música lenta e triste, e muito real. Estava vindo de um aposento no final do corredor.

O velho deu uma risada debochada.

— Vamos ver o que acontece, não vamos? Vamos ver, vamos ver...

Ele soltou o braço dela e saiu andando pelo corredor. Kate esperou mais um momento, com a música penetrando sua mente, perturbando-a. Em seguida, virou-se e saiu dali.

Do lado de fora, ainda estava nevando. Mais de 30 centímetros tinham caído durante a noite, apesar de a maior parte ter sido pisada e empurrada para a beirada da calçada. A respiração de Kate formava nuvens à sua frente, e ela enfiou as mãos no fundo dos bolsos do casaco. Abigail não pareceu incomodada com o frio. Estava com quatro ou cinco sacos de lona no braço e repetia em voz alta as coisas que tinham que buscar.

Elas tinham acabado de sair quando ouviram gritos:

— Ei! Esperem!

E Jake e Beetles se aproximaram ofegantes.

— Vamos com vocês! — disse Beetles.

— Rafe mandou vocês me vigiarem? — perguntou Kate, com a mesma irritação na voz que sentia.

Os garotos se entreolharam e olharam para ela.

— Não.

— Aham, vocês são péssimos mentirosos.

— Bem — disse Beetles —, pode ser que ele tenha mandado e pode ser que não. Mas não vamos contar. Mesmo se você torturar a gente.

— É — disse Jake. — Você pode cortar fora nossas cabeças, cozinhar e comer e não vamos contar mesmo assim!

— Isso mesmo! — disse o amigo. — Rá!

— Ah, parem com isso — disse Kate.

Acabou sendo divertido ter a companhia dos meninos, e os quatro passaram a manhã andando pelas lojas da cidade comprando as coisas da lista de Abigail. A primeira parada foi uma loja de queijos, onde Abigail comprou dois pedaços de tamanho médio, ignorando os pedidos dos meninos para que ela comprasse o enorme disco de

queijo da vitrine, que era maior do que qualquer um dos dois e teria que ter sido rolado até a igreja como um pneu.

— Meninos — murmurou Abigail para Kate. — É por isso que eu fico com o dinheiro.

Depois disso, eles foram à pastelaria e pediram 60 pastéis de forno de sabores diferentes (presunto com queijo, batata com ervas, queijo com batata e cogumelo) e, depois de muitos pedidos, com Jake e Beetles acabando por concordar em fazer todas as tarefas de Abigail durante uma semana, ela comprou um pastel de linguiça com cebola e queijo para cada um.

— Eu ia comprar pastéis pra eles de qualquer jeito — confessou Abigail para Kate quando elas estavam andando pela neve que caía comendo seus pastéis quentes, com os meninos à frente, cada um enaltecendo as virtudes de seu próprio pastel enquanto olhava para o do outro e manifestava com grande lamento que o amigo tinha sido enganado e tinha recebido um pastel cheio de bundas de rato picadas.

Eles foram a uma loja de chocolate, o cheiro de chocolate no fogo fez o próprio ar parecer uma iguaria, e Abigail comprou 2,5 quilos para fazer chocolate quente. O dono era um homem gordo e jovial que deu às crianças canecas fumegantes de chocolate quente, e elas se sentaram em barris de carvalho na frente da loja, vendo a neve cair, homens e mulheres correrem com sacolas e pacotes, as carruagens puxadas por cavalos descendo a rua, espalhando lama de neve cinza e branca. E foram a uma loja de tortas, onde Abigail fez um pedido comprido e complicado, que seria buscado por eles à tarde, e depois foram a uma loja que vendia variedades de cidra, e os meninos lamentaram o fato de não terem recebido a tarefa de ir à loja de doces e nem à de fogos de artifício, que todos sabiam serem as melhores.

— Ufa! — Abigail fez um som de reprovação. — Fiquem felizes de terem conseguido o que conseguiram por virem conosco! Se ficassem sozinhos, estariam descascando batatas o dia todo.

Ao meio-dia, as bolsas de Abigail estavam cheias até a borda e divididas entre as crianças, e os meninos estavam reclamando que os pés doíam e que estavam com fome. Abigail disse que eles tinham mais uma parada em Chinatown e que almoçariam lá, e, ao falar isso, os garotos olharam para ela e exclamaram:

— Espera, você vai comprar fogos de artifício pro Scruggs, não vai?

E Abigail sorriu e disse:

— Rafe me deu ordens especiais antes de eu sair.

Os garotos saíram pulando e foram na frente.

Quando eles chegaram a Chinatown, encontraram as ruas lotadas de barracas de macarrão debaixo de telhados inclinados de lona, pequenos comerciantes vendendo raízes enormes e retorcidas de cores variadas, jarras com folhas secas e enegrecidas, um vendedor que parecia estar vendendo apenas dentes, do menor possível a um canino amarelado do tamanho do braço de Kate. Homens e mulheres passavam de um lado para o outro com jaquetas forradas, os homens com tranças longas caindo pelas costas. Para todos os lados que Kate olhava, havia alguma coisa interessante para se ver, e ela desejou que Michael e Emma estivessem lá com ela.

— Ei! — gritou Beetles. — Ali está Rafe! Ei, Rafe!

Kate viu o menino mais velho na beirada da barraca de um vendedor a 20 metros de distância. Ele parecia ter sido pego em flagrante e estar pensando em tentar fugir. Mas mudou de ideia e se virou para olhar para eles.

— O que você está fazendo aqui, Rafe? — perguntou Jake. — Está comprando coisas pra festa?

E Kate pensou: *Ele estava aqui esperando por mim.*

— Viemos comprar fogos como você me mandou — disse Abigail.
— Mas íamos almoçar primeiro porque esses dois estão com a barriga doendo.

— Não estamos! — disse Jake.

— É — disse Beetles. — A gente estava era com medo de você desmaiar, só isso.

Abigail só riu.

— Rá!

— Vão ao Fung's, dobrando a esquina — disse Rafe. — É o melhor lugar em Chinatown.

— Ah, tá — disse Beetles. — Fung's. Conhecemos esse lugar. Tem porta verde.

— Porta vermelha — disse Rafe.

— Ah, é — disse Beetles. — Devem ter trocado.

Rafe olhou para Kate e disse:

— Vão indo. Ela encontra vocês daqui a pouco.

As crianças saíram apressadas e Kate e o garoto ficaram. Ela viu que flocos de neve estavam derretendo nos cabelos e ombros dele e que havia círculos escuros sob os olhos. Perguntou-se o quanto ele dormiu na noite anterior, e mesmo se tinha dormido.

— Essas são as roupas que Abigail te deu? — perguntou ele.

Kate olhou para baixo, sentindo-se repentinamente constrangida com a calça de lã surrada e botas velhas, com as camisas e os casacos remendados.

— São. Qual é o problema delas?

— Nenhum. Eu devia ter dado uma olhada antes de você sair da igreja. Onde está seu boné?

Kate o tirou do bolso.

— Eu não precisava dele. Não estava com frio na cabeça...

— Não é só pra te manter aquecida. Coloque.

Kate torceu os cabelos e colocou o boné de tecido na cabeça, bem baixo. O garoto esticou a mão na direção do rosto dela e ela se encolheu.

— Fica parada.

Ele prendeu algumas mechas soltas de cabelo louro dentro do boné, e ela sentiu os dedos dele tocarem o alto de suas orelhas.

— Certo, agora me mostra as mãos.

Ela as esticou e ele as segurou e virou. Ela viu o quanto suas mãos eram limpas e brancas em comparação às dele. Havia um pequeno fogareiro a carvão na frente da barraca onde eles pararam, e ele se inclinou e pegou fuligem e cinzas e esfregou o pó preto nas palmas, nos dedos e nas costas das mãos dela. Em seguida ele esticou a mão (Kate ficou parada desta vez, embora, para sua irritação, o tremor em seu peito tivesse voltado) e passou os dedos nas bochechas e na testa dela. Ela olhou para o rosto de Rafe enquanto ele fazia isso, para os olhos verdes profundos, para o nariz ligeiramente torto, e reparou o quanto o garoto evitava seu olhar. Kate tinha a estranha sensação de que ele estava tão nervoso quanto ela. Ele deu um passo para trás e limpou o excesso de fuligem nas pernas da calça.

— Pronto. Você poderia passar por um Demônio agora e ele não te reconheceria.

— Obrigada — disse Kate, com a voz mais fraca do que gostaria.

— O que é isso então?

Kate demorou um momento para entender o que ele estava segurando; e quando se deu conta de que ele estava com o medalhão de sua mãe, que devia ter tirado de seu bolso quando estava verificando a roupa dela, Rafe já o tinha aberto e estava olhando para a foto, com uma década de idade, dela com Michael e Emma.

— Devolve isso!

Kate arrancou o medalhão da mão dele e o agarrou com força na mão.

— Eu não ia roubar — disse o garoto. — Mas você deveria arrumar uma corrente em vez de guardar no bolso. Vai acabar perdendo.

— Eu tinha uma corrente — disse Kate com raiva. — Troquei por este casaco.

— É? Bem, se era de ouro como esse medalhão, você foi roubada.

— E você sabe bem sobre roubar, não é?

O rosto dela estava quente e o nervosismo tinha desaparecido.

— Quem são eles? Na foto?

Kate olhou fixamente para ele, pensando se deveria responder ou não.

— Meu irmão e minha irmã — disse ela. — A foto tem dez anos. São o motivo de eu precisar voltar.

— E seus pais? Onde estão?

Kate não disse nada, e o garoto pareceu entender. Eles ficaram em silêncio por vários segundos, e então Kate disse:

— É só isso? Estou com fome.

Ela começou a andar, mas Rafe colocou uma das mãos no braço dela.

— Eu levo você.

Ele entrou em uma rua estreita e a levou até um lance de escadas, e no alto dele havia uma porta vermelha com um símbolo que Kate não sabia ler.

— É ali.

Kate começou a subir a escada sem pretender se despedir quando o garoto disse:

— Eu não devia ter pegado seu medalhão. Desculpa.

Kate parou. Ela estava dois degraus acima dele. Tinha certeza de que ele tinha ido a Chinatown para encontrá-la e que realmente lamentava. Pensou de novo no encontro com Scruggs naquela manhã e se ouviu dizer:

— Por que você não vem?

Ele balançou a cabeça.

— Não estou com fome.

— Mas você não comeu, né? Eu ouvi falar que este é o melhor restaurante de Chinatown.

Ele olhou para ela por um momento, depois assentiu, passou por ela e abriu a porta. Um par de tapetes estava pendurado no teto alguns metros dentro do restaurante, fornecendo uma proteção

contra o frio, e Rafe esperou ali até que Kate tivesse fechado a porta. Por um momento, os dois ficaram de pé próximos um do outro e se encarando em uma área pequena, mas então Rafe empurrou os tapetes e eles entraram no restaurante.

Estava barulhento, cheio e enfumaçado, e o ar estava pesado com os aromas de óleo, cebola e gengibre. Havia longas mesas com bancos, todas cheias, e um balcão nos fundos para mais clientes, e atrás do balcão pelo menos uma dúzia de cozinheiros atendiam pedidos e gritavam enquanto passavam tigelas e mais tigelas fumegantes para as mãos ansiosas dos clientes. Havia vários grupos de anões espalhados entre as mesas, mas a maior parte dos clientes era de homens chineses, e todos falavam ao mesmo tempo, na percepção de Kate. Todas as pessoas estavam tão apertadas e próximas que Kate se viu se afastando da multidão de corpos.

— Ali estão eles — disse Rafe, apontando para onde Jake, Beetles e Abigail esperavam em uma mesa lotada, acenando.

— Não tem espaço — disse Kate.

— A gente senta no balcão.

E ele segurou a mão dela e a levou pela multidão, até encontrar espaço no balcão. O espaço era apertado e seus ombros, cotovelos e quadris se apertavam nos dos clientes de cada lado e um no do outro. Havia uma parede baixa separando o balcão da área dos cozinheiros, e Kate observou um jovem chinês picar uma cebola com tamanha velocidade que teve certeza de que vários dedos acabariam na sopa de alguém.

Rafe falou com o cozinheiro e, um momento depois, duas tigelas fumegantes de macarrão da cor de mel foram colocadas na frente deles. O macarrão foi servido em um caldo leitoso, e ela conseguia ver, mas não identificar, vários legumes e ervas flutuando entre pedaços de ovos e frango. Rafe entregou a ela um par de palitinhos e ela viu o modo como o garoto equilibrou os dele entre os dedos e na curva do polegar. Ele a viu olhando.

— Não tem isso lá de onde você vem?

— Temos palitos. Só que eu nunca usei. Principalmente com sopa. Ele sorriu; foi a primeira vez que realmente sorriu para ela.

— Isso meio que envolve sugar bastante.

Ele demonstrou, enfiando um punhado de macarrão na boca e meio que aspirando as pontas para dentro da boca. O barulho foi enorme e só foi disfarçado pelo fato de que todo mundo em volta deles estava fazendo exatamente a mesma coisa.

— Acho que os bons modos são uma invenção moderna — disse Kate com um sorriso.

— Experimenta.

Kate percebeu que estava morrendo de fome e que não tinha comido nada desde o pastel com Abigail horas antes, e se dedicou à tigela. O macarrão era grosso e escorregadio, e ela precisou tentar quatro vezes para pegar um sem que escorregasse imediatamente dos palitos, e mesmo então ela se inclinou para perto da tigela, com medo de perder se levasse os palitos mais ao alto. O macarrão bateu no interior da bochecha dela quando ela sugou.

— E então?

Ela se virou para ele com uma expressão de espanto no rosto.

— Isso é incrível.

— Eu falei. — E ele sorriu mais uma vez.

Por um tempo, Kate esqueceu tudo exceto o macarrão, e sugava fazendo tanto barulho quanto qualquer pessoa no restaurante. Quando olhou para o lado e viu Rafe erguendo a tigela para beber o caldo, ela fez o mesmo e, depois disso, ficou mais corajosa e começou a levantar o macarrão mais alto, às vezes com um pedaço de ovo ou frango, para depois colocar a deliciosa mistura na boca. Por mais lotado e barulhento e fumacento que o restaurante estivesse, e apesar de toda hora alguém esbarrar nela, e da sensação de ar frio quando alguém passava pelos tapetes perto da porta, de alguma forma foi tudo maravilhoso. Foi como se Kate tivesse conseguido deixar do lado de fora tudo o que carregava consigo diariamente, os pensamentos nos pais, a necessidade de

encontrá-los, a preocupação constante com o irmão e a irmã. Sentada ali, no balcão, ela era, mesmo que por pouco tempo, apenas uma garota em um lugar estranho e empolgante com um garoto de sua idade.

— Então você é mesmo do futuro?

— Sou.

— E a Separação, dá certo? As pessoas esquecem que a magia é real?

Kate assentiu.

— Todo mundo pensa, como eu pensava, que é coisa de contos de fadas.

O garoto mexeu lentamente o resto da sopa com os palitos.

— Bem, pode ser que a srta. B. esteja certa, então. Apesar de eu ainda não entender por que é a gente que tem que se esconder.

Kate o encarou. Uma sensação desconfortável começou a surgir dentro dela.

— Nem todos os humanos normais odeiam as pessoas mágicas. Você não pode julgar todo mundo assim.

O garoto se virou para ela. A intensidade dos olhos verdes era diferente de qualquer coisa que Kate já tivesse visto. Era preciso esforço para não desviar o olhar.

— É claro que eles nos odeiam. O que você acha que aconteceu com o braço da srta. B.? Quem você acha que fez aquilo?

— Mas não faz sentido. Você também é humano! Não é diferente. Só que é capaz de fazer magia.

O garoto riu, mas não havia humor na risada dele.

— Você não acha que isso basta? Eles nos odeiam porque conseguimos fazer coisas que eles não conseguem. Sentem inveja e medo. — O garoto começou a curvar um dos palitos entre os dedos. — Houve revoltas em outras cidades. Multidões queimando bairros mágicos, perseguindo pessoas, matando elas. Esse é o motivo da Separação, uma forma de proteger a gente. Assim, mesmo que a

gente ainda viva entre eles, eles não vão saber. Acho que é a coisa certa.

O palito quebrou e ele colocou os pedaços sobre o balcão.

Nenhum dos dois falou por um momento, mas depois Kate disse:

— Era você tocando violino hoje de manhã?

O garoto olhou para ela.

— Eu estava no corredor — disse ela. — Não pude evitar.

Rafe assentiu.

— Foi uma coisa que minha mãe me ensinou. Do vilarejo antigo dela. Ela sempre me fazia tocar pra ela, dizia que se lembrava de casa.

— Ah. Ela...

— Ela morreu.

— Sinto muito.

Os dois ficaram em silêncio de novo, e isso não foi problema, pois o restaurante continuava barulhento ao redor deles.

— Vocês já acabaram? — Beetles e Jake estavam atrás deles.

— Abigail já está lá fora — disse Jake. — Ela disse que a gente tem que ir logo comprar o resto das coisas. Ela é meio mandona.

— Já estou indo — disse Kate.

Os garotos saíram correndo em meio às pessoas. Kate olhou para Rafe.

— Obrigada pelo almoço.

Rafe assentiu e, abruptamente, como se tivesse tomado uma decisão e tivesse medo de que, se hesitasse, não conseguiria ir até o fim, ele enfiou a mão dentro do casaco e pegou uma bolsa pequena e gorda.

— Aqui. Toma.

Kate olhou para a bolsa e para ele. O garoto não estava olhando para ela.

— O que é?

— Dinheiro. Suficiente pra te levar praquele lugar no norte. Ou qualquer outro lugar.

— Não entendo. A srta. Burke disse que levaria alguns dias.

— Isso não tem nada a ver com a srta. B.

— Não entendo...

— Não tem nada pra entender. — O garoto estava mantendo a voz baixa, mas estava ficando frustrado, e quando olhava para ela, Kate via alguma coisa como desespero nos olhos dele. — Estou mandando você ir. Pedindo.

— Mas por que está fazendo isso agora? Agora, de repente?

— Tenho meus motivos. Pega. Está bem?

Ele segurou a mão dela e fechou seus dedos ao redor da bolsa. Kate se sentia completamente confusa. Em um certo nível, ela sentia que o garoto estava tentando protegê-la; mas também sabia que tinha muita coisa que ele não estava dizendo.

— E você não vai me contar por quê?

— Não posso...

— Nem como me conhece? Porque eu sei que conhece. Não faz sentido mentir.

O garoto não disse nada. Kate afastou a mão da dele. Sentiu o peso da bolsa, as formas das moedas sob o couro velho. Ela podia ir para Cambridge Falls, encontrar um caminho para casa, reencontrar o irmão e a irmã; mas, se fosse, jamais descobriria o segredo do garoto. E pensou no que Scruggs tinha dito, que o *Atlas* a levou até ali por um motivo. Seria possível que o garoto fosse o motivo? Se sim, quem era ele?

Ela colocou a bolsa em cima do balcão.

— Então eu fico.

E saiu andando.

Abigail e os garotos estavam animados depois do almoço. Eles foram ao fabricante de fogos de artifício, compraram o que Scruggs pediu e seguiram de volta para a igreja, carregados com as compras. Kate olhou para trás várias vezes, mas não conseguiu ver Rafe os seguindo. Ela estava profundamente confusa.

E então, aconteceu uma coisa que deixou tudo ainda mais confuso.

Eles estavam andando por uma rua estreita e, ao passarem por uma pequena casa, viram um casal anão (era a primeira vez que Kate via uma anã; de um modo geral, ela parecia um anão, mas sem a barba) carregando mobília até uma carroça puxada por um burro.

— Estão vendo isso? — disse Jake. — Eles estão saindo antes da Separação. Devem estar indo pra uma das cidades grandes no norte. Como estão chamando elas? Reservas?

— Quando a Separação acontecer — explicou Beetles para Kate —, vai ter poucas ruas na cidade só pro pessoal mágico. Os humanos normais nem vão saber que eles estão lá. Mas anões e gnomos e tal, os que não podem se passar por humanos e que não têm dinheiro pra comprar feitiço pra se disfarçarem, muitos deles estão saindo da cidade pra sempre.

De repente, uma coisa bateu na cabeça do anão e explodiu na cara e nos ombros dele. Kate percebeu que era uma bola de neve, e então outra atingiu a esposa do anão, bem nas costas. Algumas outras bolas de neve bateram na carroça. Kate viu três adolescentes com jeito agressivo do outro lado da rua, fazendo bolas de neve e debochando.

— Vão logo!

— Saiam daqui!

— Não queremos vocês!

Eles jogaram mais um monte de bolas de neve, que atingiram os dois anões e derrubaram um pequeno boneco da pilha de objetos na carroça. O boneco bateu no meio-fio e se estilhaçou. Kate deu um passo, furiosa, sem saber o que ia fazer, com a certeza apenas de que ia fazer alguma coisa, quando Abigail segurou o braço dela e a puxou para trás.

— Me solta! Você não está vendo o que eles estão fazendo?

— É melhor não arrumar confusão — disse Abigail baixinho. — Rafe disse que é pra gente ficar longe quando surgir alguma

confusão. Eles estão bem. Está vendo?

O anão e a esposa deixaram os pedaços do boneco na calçada, subiram na carroça e estavam descendo a rua, seguidos pelos gritos e pelas bolas de neve dos adolescentes.

— Vem — disse Abigail, e puxou Kate.

Kate ficou muito perturbada pelo incidente. Então tudo o que Rafe falou para ela era verdade? Os adolescentes pareciam odiar os anões por nenhum motivo além de serem diferentes. Ela se sentiu enjoada.

— Então é sempre assim mesmo?

Abigail riu.

— Isso não foi nada.

— É pior?

— Pior? Você soube o que aconteceu com a mãe de Rafe?

— De que você está falando? Ela morreu.

— É, e como morreu? Um humano sem uma gota de magia matou ela.

— O quê? — Kate parou de andar.

— Ninguém fala nada, mas a gente sabe. Por que você acha que Rafe odeia tanto eles? E ele vai ser muito poderoso um dia. Ouvi Scruggs contar pra srta. B...

Kate segurou o braço da garota e a virou.

— O que você ouviu? Me conta.

Abigail pareceu surpresa com a veemência de Kate.

— Nada, na verdade. É que eu subi no campanário, mas eles não sabiam que eu estava lá. E ouvi eles falando sobre Rafe.

— E o que Scruggs disse? Por favor, Abigail, é importante.

— Só o que falei, que Rafe vai ser um mago muito poderoso. Por quê?

Kate não tinha resposta. Tudo o que tinha era sua convicção profunda de que Rafe estava ligado a ela, e não apenas a ela, mas a Michael e Emma, à busca pelos Livros. Mas como? E ele era amigo ou inimigo deles? Ela precisava saber.

Naquele momento, houve um barulho de pés batendo no chão, elas se viraram e viram Beetles e Jake correndo na direção das duas, com o rosto vermelho e sorrindo.

— Temos que ir! — disse Beetles.

— Por quê? — disse Kate. — O que aconteceu?

— Lembra que era pra gente não fazer nada? — disse Jake. — Bem, a gente não fez isso.

— Jogamos umas bolas de neve — explicou Beetles. — Não achamos que seriam mágicas nem nada, mas depois que jogamos, as bolas começaram a mudar de cor sozinhas e ficaram melequentas e...

— Ali estão eles!

O grito veio do fim do quarteirão, e Kate se virou e viu os três adolescentes valentões, liderados por um jovem alto, raivoso e com o rosto contraído que parecia coberto de neve derretida verde correndo em direção a eles.

— Peguem os esquisitos!

— Corram! — gritou Kate.

As crianças não precisavam de estímulo. Saíram correndo pela rua, com os adolescentes atrás, berrando de raiva.

— Vocês não podem... fazer alguma coisa? — ofegou Kate. — Alguma... magia?

— A gente precisa estar calmo pra fazer magia — disse Beetles. — Não funciona se a gente está com medo. — E acrescentou: — Não que eu esteja com medo!

— Nem eu! — disse Jake.

A mente de Kate estava disparada; ela sabia que eles não conseguiriam correr mais do que os adolescentes. Mas então ela viu, no final do quarteirão, uma avenida cheia de pedestres, carruagens, carroças. Em uma rua lotada, haveria lugares para eles se esconderem. Ela sabia que daria certo, desde que alguém levasse os perseguidores pra longe.

— Escutem, quando a gente dobrar a esquina, vocês três vão se esconder. Vou fazer eles me seguirem.

— Hã-hã — disse Jake. — Rafe falou que a gente tem que cuidar de você!

— Burro! — disse Beetles. — Não era pra você contar isso pra ela!

— Não temos tempo pra discutir! Cuidem de Abigail. Encontro vocês na igreja!

— Não preciso de ninguém cuidando... — Abigail começou a dizer, mas eles já estavam dobrando a esquina, e Kate viu uns degraus que levavam a um porão embaixo de um mercado. Ela empurrou as crianças nessa direção.

— Ali! Vão agora!

Jake e Beetles agarraram Abigail e a arrastaram pela escada, para longe da rua. Kate pulou no meio do tráfego. Ela ouviu xingamentos, cavalos relinchando e o som de rédeas sendo puxadas, mas continuou em frente, com os pés deslizando na lama de neve, sem olhar para a esquerda e nem para a direita, até chegar à outra calçada. Quando chegou lá, ela se virou. Os três adolescentes tinham chegado à esquina e estavam procurando o grupo.

— Ei! Estou aqui! Venham me pegar! — provocou ela.

Gritando de raiva, eles saíram correndo atrás dela.

Isso mesmo, pensou Kate, venham.

Em seguida, virou-se e correu o mais rápido que conseguiu.

Mas não tinha corrido mais de 30 metros quando se deu conta de que os garotos iam pegá-la. Eles eram grandes demais, rápidos demais e estavam com muita raiva. Ela conseguia ouvir os passos deles ficando cada vez mais altos. Mas então viu a escada de uma saída de incêndio pendurada. Pensou que, se conseguisse subir e puxar a escada, conseguiria fugir. Kate deu uma acelerada final e, a cinco metros da escada, se chocou contra um homem saindo de uma loja.

Foi como colidir com uma parede de tijolos. A cabeça dela foi lançada para trás e o corpo todo pareceu quicar e cair na calçada.

Ela ficou tonta e sua visão embaçou. Seu chapéu caiu, e ela precisou afastar o cabelo para ver o homem de pé à sua frente, uma montanha de homem com casaco longo de pele e chapéu de pele. Ele não tinha se movido.

— Você está bem, rapaz? Devia olhar por onde anda, e não correr assim pelas ruas.

Ela ouviu os garotos parando atrás dela. Olhou para trás, ainda abalada demais para ficar de pé, e viu o garoto alto com a cara espremida, com um amigo valentão de cada lado, apontando para o homem de casaco de pele.

— Fica longe dela! Ela é nossa!

Kate sabia que tinha que correr, mas também sabia que, se ficasse de pé agora, iria cair.

— E o que vocês iriam querer com uma garota doce e inocente como esta? — perguntou o homem. — Sem dúvida, ela não fez nada de errado. Ela tem o rosto de um anjo.

— Ela é uma aberração! Ela...

E Kate, que ainda estava olhando para os garotos, viu as expressões deles mudarem. Alguma coisa que eles viram os fez parar.

— O que vocês estavam dizendo sobre aberrações? — perguntou o homem.

O garoto alto parecia mais zangado do que nunca.

— Você também vai ver só um dia! Todos vocês!

— Sumam — disse o homem —, antes que eu perca a paciência.

O garoto alto cuspiu no chão e os três foram embora. Sentindo-se mais firme, Kate ficou de pé lentamente e se virou para agradecer ao homem. Ficou paralisada. Ele estava com um Demônio de chapéu de cada lado, com os pequenos olhos fixos nela.

— É ela — disse uma das criaturas. — Eu lembro.

— Claro, não é mesmo — ronronou o homem. — Não consigo ver escrito no rosto dela? — Ele colocou uma das mãos grandes no braço de Kate. — Você se importaria de vir conosco por um minuto?

Tem uma pessoa que gostaria muito de falar com você. Ah, mas onde está minha educação? — Ele tirou o chapéu de pele e revelou a grande cabeça careca. — Meu nome é Rourke.

CAPÍTULO DOZE

Para a fortaleza



Duas vezes Gabriel colocou Michael de pé, e duas vezes os joelhos do menino falharam e ele caiu no chão.

— Se você cair de novo — disse Gabriel, puxando-o mais uma vez —, eu vou ter que deixar você aqui.

— Aquela... coisa levou Emma!

— Eu sei.

— *Ele levou ela!*

— Sim, e não posso seguir a criatura e carregar você ao mesmo tempo; então, ou você fica de pé, ou vai ser deixado pra trás.

Eles estavam na clareira. Emma e a criatura tinham desaparecido momentos antes. À luz das estrelas, Michael conseguia ver a veia grossa que era a cicatriz de Gabriel pulsando na lateral do maxilar. Michael sabia que Gabriel estava se segurando para não ir atrás de Emma sozinho. Sabia que precisava se recompor.

O homem soltou seus ombros, e Michael oscilou, mas manteve o equilíbrio.

— Aquela coisa — disse Michael. — Você viu...?

— Vi.

— E era... Quero dizer, ele era mesmo...?

— Era.

Parecia que nem o homem e nem o garoto queriam nomear a criatura em voz alta. Mas, para Michael, bastava que Gabriel tivesse visto o mesmo que ele: as enormes asas de morcego que pareciam de couro, o longo corpo de serpente, a linha denteada de espinhos

nas costas da criatura, as enormes garras que agarraram Emma no chão...

Ele não imaginou. Sua irmã foi levada por um dragão.

— Mas... — e, por um segundo, ele se sentiu tão fraco e perdido que teve certeza de que cairia para a frente e seria deixado ali por Gabriel — o que vamos fazer?

— Vamos encontrar sua irmã e matar o animal que a levou.

— Mas e se... e se ela já estiver...

Gabriel deu um salto e agarrou a camisa de Michael. Seu rosto estava tomado de sombras e sua voz foi um rosnado.

— Ela está viva. Ela está viva e vamos encontrar ela. Agora... venha!

E ele saiu andando pela clareira, com Michael cambaleando atrás.

Michael perdeu a noção do tempo. Meia hora. Uma hora. Gabriel ficava desaparecendo na escuridão, deixando que Michael encontrasse o caminho pela vegetação densa que cobria o chão da floresta. Vezes seguidas, quando Michael estava convencido de que Gabriel o tinha finalmente abandonado, o homem aparecia atrás de uma árvore sibilando: "Por aqui! Mais rápido!" E Michael se forçava a andar, enquanto as plantas batiam em seus braços e rosto e o mesmo refrão se repetia sem parar em sua cabeça.

Você perdeu Kate e agora perdeu Emma...

Você perdeu Kate e agora perdeu Emma...

Você perdeu Emma...

Você perdeu Emma...

E então, abruptamente, as árvores e a vegetação terminaram, e Michael pisou em uma planície rochosa e encontrou Gabriel esperando. Livre do peso da floresta, Michael sentiu a imensidão do céu noturno e deu um suspiro profundo e aliviado.

— Ali. Está vendo?

Gabriel estava apontando para cima, onde o vulcão subia a partir da planície, a 400 metros de distância. Não tinha ocorrido a Michael

em que direção eles estavam seguindo, e agora ele ficou olhando impressionado. O vulcão ocupava quase a largura toda da planície, uma pirâmide perfeita que subia até quase a altura das paredes do desfiladeiro. Ao olhar para cima, Michael viu um brilho vermelho ameaçador saindo do cone.

Esponaneamente, as lembranças que ele ganhou em Malpesa surgiram com força, e ele teve mais uma vez a sensação de déjà vu. A *Crônica* estava perto.

— Está vendo? — perguntou Gabriel.

Michael percebeu que Gabriel estava apontando para um ponto a cerca de um terço da subida do vulcão, onde uma luz brilhava no escuro. Michael apertou os olhos e só conseguiu discernir o contorno de uma estrutura grande. As lembranças do homem morto preencheram o resto.

— É a fortaleza da ordem — disse ele. — Foi pra cá que trouxeram o livro.

— O que me interessa — disse Gabriel — é encontrar sua irmã.
E eles saíram andando de novo.

A subida inicial do vulcão era um amontoado de pedras negras imensas, e Michael teve que subir de quatro enquanto Gabriel ia na frente. Em pouco tempo, as pedras gigantes cederam lugar a pedras menores e pedrinhas, e a cada dois passos, Michael deslizava um para trás. Ainda assim, ele prosseguiu. Àquelas alturas, a fortaleza estava plenamente visível, e Michael conseguia identificar muros de nove metros de altura de pedra negra, com passagens e ameias onde um defensor poderia se posicionar. Ele não conseguia ver nada das construções atrás dos muros exceto por uma torre solitária que se erguia em direção ao céu, no topo da qual ardia um fogaréu.

Era uma estrutura impressionante e imponente, mas Michael não conseguia deixar de questionar a sabedoria de construir na lateral de um vulcão.

— O que quero dizer — murmurou ele, ofegando enquanto subia a ladeira — é que eles entram em erupção, afinal.

Gabriel estava de pé na frente dos portões da fortaleza, um par de portas de madeira da altura dos muros, e Michael chegou tremendo e sem fôlego.

— Desculpa. Eu... estou em excelente forma física. Deve ser a altitude...

— Olha.

Gabriel apontou para os três círculos interligados entalhados na porta. A fortaleza, o vale todo, estava parada e em silêncio.

Michael sussurrou:

— Você... acha que sabem que estamos aqui?

Gabriel pegou uma pedra grande e bateu, *tum, tum, tum, tum*, até as portas se abrirem. Ele soltou a pedra.

— Sabem.

Com Gabriel na frente, eles entraram em um pátio de terra batida. Michael esperou, e quando não vieram flechas voando do escuro, relaxou e se permitiu uma avaliação rápida. A fortaleza tinha sido construída em uma área plana de cerca de 30 metros de largura e talvez o dobro disso de profundidade. O pátio central, onde ele e Gabriel estavam, era dominado por uma construção de dois andares de pedra com janelas altas e estreitas. A torre alta com a chama no topo saía do canto dos fundos da construção. Havia um esqueleto de madeira de escadas e passarelas preso ao interior dos muros da fortaleza, que dava acesso às ameias. Além disso, Michael viu algumas estruturas caindo aos pedaços (um pequeno curral para animais, uma fornalha de ferreiro, vários depósitos), e todas estavam escuras e vazias.

Gabriel pegou a machete.

— Fique atrás de mim.

Michael não discutiu.

Gabriel chutou a porta da construção de pedra e eles entraram em um salão grande de teto alto. Colunas grossas percorriam o comprimento do local, enquanto um brilho vermelho sombrio, surgindo de uma rachadura no chão, afastava a escuridão. Michael

se deu conta de que a construção era um forte, um local para onde recuar se a fortaleza fosse invadida.

Eles avançaram lentamente até a abertura no chão. Tinha talvez um metro quadrado e meio e havia uma dezena de degraus que levavam para baixo, até um pesado portão do ferro, depois do qual Michael conseguia ver a boca de um túnel. O brilho vermelho vinha do fundo do vulcão, e o calor subiu e fez os olhos de Michael arderem. Ainda assim, ele conseguia se sentir puxado por uma força invisível.

— A *Crônica* está lá embaixo — disse ele baixinho.

— Então ela não está sozinha.

Michael olhou para ele sem entender.

— O portão é trancado por fora — disse Gabriel. — Não está aí pra nos impedir de entrar; é pra impedir alguma coisa de sair.

Ele assentiu para cima, e Michael se viu olhando para um buraco grande e irregular no teto do forte. O buraco ficava diretamente acima da boca do túnel, e Michael imaginou que alguma coisa muito grande (alguma coisa, digamos, do tamanho de um dragão) tinha saído rugindo e quebrou o telhado do forte.

Só que o portão acima do túnel estava fechado e trancado, o que significava que o dragão tinha voltado para casa. Michael pensou na criatura que ele viu na clareira, nas garras enormes e afiadas, com presas do tamanho de seu braço...

— Acho — disse ele, tentando parecer corajoso e pronto e não completamente apavorado até os ossos — que devíamos ir lá embaixo, hein?

— Sim.

Michael assentiu. E de repente ele soube que, com medo ou não, se entrar no túnel era o único jeito de salvar Emma, ele iria em frente. Mas se perguntou se deveria se alongar por um momento antes.

— Mas primeiro — disse Gabriel — vamos vasculhar a torre.

— O quê? Por quê?

— O dragão não fechou esse portão. Quero saber quem fechou.

Ele seguiu para a porta no canto, pela qual se podia ver uma escadaria que levava para cima. Michael correu atrás dele, e por alguns momentos o salão ficou parado. E então, uma sombra se separou de uma das colunas, e uma pessoa usando uma capa puxou uma espada e os seguiu.

— Emma!

Michael saiu correndo e jogou os braços ao redor da irmã.

Ele e Gabriel tinham chegado ao topo da torre. Ao subir o último lance de escadas, Michael olhou para cima e viu o céu noturno repleto de estrelas, as montanhas altas e cobertas de neve e o cone vermelho e fumegante do vulcão; viu um fogo ardendo em um braseiro no muro da torre. Estava nervoso, sem saber quem ou o que poderia estar esperando escondido. Em seguida, viu Gabriel ficar rígido de surpresa, e se virou e ali estava sua própria irmã, viva e inteira.

— Ah, Emma! — Ele a abraçou como se nunca fosse voltar a soltá-la. — Eu estava tão preocupado! Gabriel também! Nós dois estávamos muito, muito preocupados!

Gabriel disse seu nome, mas Michael ignorou-o.

— Emma — disse ele, segurando os braços dela e dando um passo para trás. Agora que ela estava de volta em segurança, ele sentiu a necessidade de ser o austero irmão mais velho. — Sei que você passou por uma dificuldade, mas eu pedi pra você ficar fora da clareira. Acho que tem uma lição aqui, você não acha? Quem sabe você deveria prestar mais atenção quando falo as coisas?

— Michael...

— Só um momento, Gabriel. Emma, você está me ouvindo?

— Não, acho que não está.

— O quê? O que você está...?

E então, Michael percebeu que o tempo todo em que a abraçou, Emma nem uma vez resmungou e nem tentou afastá-lo, nem fez a

piada de mandá-lo ir abraçar um anão.

— Alguma coisa deixou ela congelada — disse Gabriel.

Por um momento, Michael olhou para a irmã imóvel. Seus braços estavam duros ao lado do corpo e seus olhos não piscavam; havia a ponta curva de uma samambaia presa no cabelo sujo de lama. Quando ele esticou a mão para puxar, sentiu a frieza da pele dela.

E então ele disse baixinho, sem esperanças:

— Você consegue consertar ela?

Gabriel balançou a cabeça.

— E o dr. Pym?

Gabriel hesitou só uma fração de segundo, mas Michael entendeu. Eles tinham deixado o mago lutando pela vida em Malpesa. Quem sabia quando o veriam de novo?

— Deixa pra lá — disse ele. — Eu sei...

Sem aviso, Gabriel se virou e a machete zumbiu no ar; houve um estalo metálico e Michael se virou e viu um homem com capa e segurando uma espada cambaleando para trás.

O homem tinha pele da cor de amêndoas, cabelo preto longo e desgrenhado e uma barba preta enorme. Era mais baixo do que Gabriel e muito magro. Suas roupas estavam rasgadas e remendadas e pareciam ter sido obtidas em vários lugares, o que dava a ele a aparência de um arlequim desafortunado. Os olhos de Michael seguiram para a túnica do homem, onde, costurados no tecido, havia três círculos interligados e meio apagados.

Gabriel deu um passo para a frente, mais para proteger Michael do que para atacar, mas o homem largou a espada, levantou as mãos e caiu de joelhos gritando:

— Eu me rendo! Não me mate! Não mate o pobre Bert! — E imediatamente começou a chorar.

— Ele não é o que eu esperava — disse Michael.

— Ele deve estar aqui há muito tempo — disse Gabriel. — Talvez sozinho. A solidão pode ter um efeito terrível sobre a mente.

Michael pensou que isso, ao menos, era óbvio.

O homem tinha finalmente parado de choramingar e parecia acreditar, ao menos por um tempo, que Gabriel e Michael não iam assassiná-lo. Ele estava sentado no muro baixo que circulava a torre e se consolava mastigando um besouro preto e gordo que tirou de um bolso da capa.

— Eu só esperava alguém... mais limpo. E não chamado Bert.

— Você quer interrogar ele, ou eu faço isso? — perguntou Gabriel.

Estava claro que esse era o passo seguinte. Descobrir quem era o homem. Será que ele era mesmo membro da ordem? Estava sozinho aqui ou havia outros? O dragão estava trancado em segurança dentro do vulcão? Estava protegendo a *Crônica*? Qual era a ligação do dragão com o homem? Por que ele tinha deixado Emma em cima da torre? E, o mais importante, o que exatamente tinha acontecido com ela e isso podia ser revertido?

Michael olhou para a irmã. Sua boca estava ligeiramente aberta, como se ela estivesse a ponto de falar; seus olhos estavam estreitos, e havia uma ruga de raiva na testa dela. Michael viu que as mãos dela, na lateral do corpo, estavam fechadas. Ele conhecia os sinais e não estava surpreso: sua irmã estava brigando quando foi congelada.

— Eu quero. — Emma era sua irmã, sua responsabilidade.

— Muito bem. Estarei aqui se você precisar de mim. Mas seja rápido. — Gabriel olhou para ele com seriedade. — Mais cedo ou mais tarde, o dragão vai voltar.

Michael concordou que Gabriel tinha razão. Ele deu alguns passos para a frente.

— Muito bem. Quero fazer algumas perguntas.

O homem estava cutucando os dentes com uma das pernas do besouro, mas agora se sentou empertigado, passou a mão pela barba e deu um sorriso de quem quer agradar. Ele era louco, pensou

Michael, mas parecia ser um louco bonzinho, não louco do tipo vou-te-matar.

— Fico feliz em falar. Adoro ter visita. Bert não tem nenhuma desde, bem, sempre. — Ele falava com sotaque britânico pesado e entrecortado. — Ah, Bert sente muito por toda... — Ele fez uma mímica de atacá-los com uma espada imaginária. — Ele achou que vocês eram elfos.

— Sim, bem, isso é compreensível — disse Michael. — Ninguém quer elfos xeretando por aí. — Enquanto falava, Michael repassava mentalmente trechos do *Compêndio do anão* sobre a arte de interrogar (o *Compêndio*, como Michael observara várias vezes, realmente tratava de tudo). Ele lembrou que G. G. Greenleaf sugeria primeiro estabelecer uma relação com o sujeito. Dizia também que quando a guarda do sujeito estava baixa, o interrogador devia “bater na cabeça dele com um porrete. Ele não vai prever isso! Rá!” Michael não planejava nada tão violento, mas considerando o quanto o homem estava nervoso, estabelecer uma relação parecia um bom passo inicial. Com isso em mente, Michael tentou deixar seu tom de voz o mais amigável possível. — Então me conte, amigo, você é da ordem dos guardiões, não é?

O homem balançou a cabeça.

— Não, não! Bert não é da ordem...

— Mas você tem o símbolo na sua...

— Bert não é da ordem! Ele é a ordem toda! É o último que existe! Começo, meio e fim! — Ele bateu no peito com orgulho.

Michael pensou na fortaleza silenciosa e vazia e concluiu que o homem estava falando a verdade.

— O que aconteceu com os outros?

— Foram embora — disse o homem rapidamente, de uma forma que dizia a Michael que havia mais coisa nessa história. — Bert está sozinho há muito, muito, muito, muito tempo. — E colocou outro besouro na boca.

— Mas você não está completamente sozinho. Tem um dragão aqui.

O homem deu um salto para a frente e sua voz baixou até virar um sussurro.

— Você viu o dragão?

— Vi. Na floresta. — E então, como se fosse a coisa mais casual do mundo, Michael perguntou: — Só por curiosidade, onde está o dragão agora?

O homem levou um dos dedos aos lábios e apontou para o vulcão, sussurrando:

— ... Dormindo... melhor não acordar.

Michael estava registrando as coisas às quais voltaria depois: o dragão, o que tinha acontecido com os colegas do homem... Ele decidiu que era hora de falar do assunto principal.

— Você pode me contar sobre minha irmã?

O homem arregalou os olhos.

— Aquela é sua irmã? Ah. Ah, não...

— O que você quer dizer com ah, não? O que aconteceu com ela?

— Bem, ela está congelada, não está? Achei que isso estava meio óbvio.

— Eu consigo ver isso! — Michael sentiu sua máscara de vamos-ser-amigos escorregar por um segundo. — Mas o que congelou ela? Dragões não congelam pessoas. Não está na literatura.

O homem começou a trançar a barba nervosamente.

— Humm, bem, Bert não sabia que ela era sua irmã. O dragão jogou ela no colo de Bert! Ela estava muito faladeira. Muitas ameaças. Que um certo sujeito ia cortar a cabeça de Bert! Gritou, gritou, gritou. Depois de tantos anos sozinho, Bert não está acostumado com tantos gritos. E ela chutou a canela de Bert com força! Bert vai ficar com um hematoma amanhã!

Ele começou a enrolar a perna da calça.

— Para com isso. O que você fez?

— Fiz? Ah, nada... de mais...

Michael fez sua melhor cara feia. Estava realmente repensando a ideia de bater na cabeça do sujeito. O guardião perturbado pareceu captar a mensagem. Ele enfiou a mão em um dos bolsos da capa e puxou um pedaço de pano dobrado.

— Bert era muito bom com poções. Eles nos ensinaram magia, os magos. Há muito tempo. — Ele abriu o pano e mostrou uma agulha queimada. Ele começou a murmurar, como alguém repetindo uma receita. — Duas partes de sangue de dragão. Três partes de vulto da morte. Língua de preguiça moída, mas não muito. Água de um córrego intocado. Acrescente sal. Aqueça. Uma espetadinha — ele fez um movimento com a agulha — e silêncio.

— Você drogou ela?

O homem assentiu, depois enfiou a mão em outro bolso.

— Besouro?

— Não quero um besouro! Ela está... — Michael precisou engolir em seco para encontrar sua voz. — Ela está viva?

— Ah, sim, sim. Ainda está viva. Mas a vida parou dentro dela. Como um rio congelado. É uma poção bem poderosa. Uma espetadinha. — Ele perfurou o ar com a agulha de novo.

— Então como a gente conserta isso?! Ela é minha irmã! Eu tenho que cuidar dela.

Toda a atitude relaxada de estabelecer uma relação de Michael sumiu. Ele queria segurar o homem pela barba e sacudir.

— Não dá.

— Não dá o quê? Não dá pra contar? Porque meu amigo aqui...

— Não dá pra consertar. Não tem antídoto. Pelo menos, Bert não tem nenhum. Mas ela não parece tão ruim. E você pode colocar ela em um lugar legal. Ela traria vida a uma sala.

— Minha irmã não é uma peça de mobília!

— É claro, é claro — concordou o homem —, mas ela não vai mais ser muito boa pra conversa. Você percebe isso, não percebe?

— Vou cortar a cabeça dele — rosnou Gabriel.

O lábio inferior do homem começou a tremer e ele soltou um gemido.

— Ah, para! — disse Michael. — Você é o último de uma antiga ordem de guerreiros. Tenha um pouco de dignidade.

Quando o homem puxou a capa por cima da cabeça em uma tentativa de se esconder, Michael aproveitou um momento para se reorganizar. Isso não estava indo bem. Parecia não haver nenhuma forma rápida de fazer Emma voltar ao normal, e quanto mais tempo se passava, mais chance havia de o dragão acordar, e então o que aconteceria? Por mais fé que Michael tivesse na força de Gabriel, um dragão era um dragão, afinal. E ele ainda não entendia a relação entre o guardião e o dragão. O homem era o dono da criatura? Parecia que não. Mas estava claro que havia alguma coisa entre eles, senão o dragão teria matado o homem muito tempo antes.

Michael percebeu que estava inconscientemente esfregando o globo azul-acinzentado pendurado no pescoço. Será que a bola de gude poderia ajudar? Será que devia quebrá-la, como Emma sugeriu? E se tivesse sido mandada pelos inimigos deles? Com Emma congelada, quebrar o globo parecia um risco grande demais. Michael o colocou de volta para dentro da camisa.

Plano B, pensou Michael. Vamos embora agora. Antes que o dragão acorde. Gabriel carrega Emma até o avião. Procuramos o dr. Pym, supondo que ainda esteja vivo, e ele recupera Emma. E então, todos nós voltamos para pegar a *Crônica*.

Reviver Emma tinha que ser a primeira coisa.

Mas Michael também sabia que eles não podiam ir embora sem ouvir a história do guardião demente. Não havia como saber o que poderia ajudá-los quando eles voltassem para pegar a *Crônica*.

— Quero que você conte tudo pra gente. Como veio pra cá. O que aconteceu com os outros guardiões. De onde o dragão veio. Comece do começo. Mas seja rápido.

— E se você mentir pra nós — disse Gabriel —, vou cortar sua cabeça, sem dúvida nenhuma.

Eles não saíram do alto da torre, e enquanto o homem falava, Michael olhava de vez em quando para Emma. Parte dele ficava esperando que ela começasse a rir e anunciasse que estava pregando uma peça neles e que não estava congelada.

Mas a garota permaneceu como estava.

Não se preocupe, prometeu ele silenciosamente. Não vou deixar você assim.

— Quatro mil anos atrás — disse o homem —, quando o mundo era um lugar muito diferente de hoje... muito mais poeirento, pra começar... havia um conselho de magos inteligentes na cidade de Rhakotis, na costa do mar Mediterrâneo.

Para grande irritação de Michael, o homem parecia incapaz de contar a história sem incluir vários desvios, em tópicos tão diversos quanto os tipos de frutas comestíveis, a inteligência dos camelos, a burrice dos pássaros e sua própria amabilidade impressionante. Junto com tudo isso, ele fez repetidas ofertas para Michael e Gabriel compartilharem seu suprimento de besouros, ofertas essas que Michael e Gabriel sempre recusavam e insistiam para que ele fosse direto ao ponto...

— E esses magos superinteligentes decidiram que seria uma ideia maravilhosa escrever seus maiores, mais terríveis e mais secretos segredos, os que falavam sobre a própria criação do mundo. No final, eles criaram três livros. — O homem ergueu três dedos. — Um falava do tempo. Um falava da vida. E um, da morte. E eles foram trancados em cofres separados debaixo da cidade, que realmente era uma cidade linda.

Seguiu-se uma dissertação dos muitos encantos de Rhakotis, até que um rosnado de Gabriel o fez continuar.

— E então, os superinteligentes em sua inteligência criaram uma ordem de guardiões, que juraram proteger os Livros com suas vidas. Só havia dez guardiões em qualquer época, mas eles eram versados em combate mágico e não mágico e eram apoiados pelo poder dos magos. — Ele coçou a barba. — O tempo passou. Os inteligentões

ficaram de coração mole e perderam um pouco da majestade, talvez. É aí que Bert entra na história. Ele era um guardião jovem. Entusiasmado. Zeloso. Amável, ah, meu...

— Pula essa parte — disse Michael.

— E então, tudo mudou. — O homem deu um pulo e começou a andar de um lado para outro, balançando os braços violentamente. Michael e Gabriel ficaram na frente de Emma para que o homem não batesse nela sem querer. — Era um dia lindo, o sol estava brilhando. Bert estava em cima da torre de observação. Do nada, mil navios se materializaram na costa. Fogo encheu o céu. Dragões apareceram no leste da cidade. Trolls do deserto atacaram do sul. Era Alexandre, o garoto conquistador, e os inteligentes estavam ferrados. Alexandre era forte demais. Ele tinha muitos magos do mal no exército dele. Bert e seus irmãos tinham que tirar os Livros da cidade. Mas quando eles chegaram aos cofres, só tinha sobrado a *Crônica*. Os outros dois livros já tinham sumido.

A mente do homem pareceu divagar. Ele ficou de pé, mexeu na barba e murmurou:

— Não foi culpa de Bert, ele fez o melhor que pôde, não podem culpar o velho Bert...

E continuou até Michael chamá-lo.

— No final, só quatro guardiões escaparam da cidade. O resto morreu lutando. Os sobreviventes fugiram para o sul, para o fundo do mundo. Havia elfos morando aqui, no gelo e na neve. No começo, Bert gostava deles. Mas ele devia ter percebido.

— Por quê? — perguntou Michael. — O que os elfos fizeram?

O homem não respondeu; estava envolvido em sua própria história.

— Bert e os outros utilizaram os poderes do livro. O vale ficou exuberante. Eles ganharam vida longa. Esconderam a *Crônica* de novo e construíram esta fortaleza. Mais tempo passou. Século após século. Eles tinham uma bola de cristal que mostrava o mundo lá fora. Tantas mudanças. Mas apesar de eles terem procurado muito,

não viram sinal dos dois livros desaparecidos. — O homem barbado de olhos inquietos olhou para eles sorrindo. — Mas eles aprenderam sobre a profecia. Os Protetores dos Livros apareceriam. Eles reuniriam os livros. Bert convenceu os outros de que era o dever deles guardar a *Crônica* até o Protetor chegar. E então... então...

Sua energia desapareceu de repente. Ele caiu sentado no muro da torre. Michael e Gabriel tiveram que esperar alguns minutos para que ele continuasse.

— Os homens não foram feitos pra viver milhares de anos. As mentes dos mais fortes ficam secas e áridas. Um dos irmãos de Bert decidiu que ele era o Protetor da *Crônica* e que Bert e os outros a estavam escondendo dele. Irmão matou irmão! Assassinato! Traição! Quanto sangue! Terrível! Terrível! — Ele cobriu o rosto com a barba e falou em meio aos cabelos sujos. — O irmão falso de Bert acabou sendo morto, mas então só restaram Bert e outro. Não o bastante pra defender a *Crônica*. O último irmão de Bert saiu pelo mundo em uma tentativa de encontrar o verdadeiro Protetor. Pobre alma corajosa! Pobre Bert, completamente sozinho! — E o homem começou a chorar de novo.

Michael olhou para Gabriel. Eles estavam pensando a mesma coisa. O outro guardião, o que partiu, tinha que ser o esqueleto que Michael e o dr. Pym descobriram em Malpesa.

— Então de onde veio o dragão? — perguntou Michael. — E o que os elfos fizeram pra você não confiar neles? E quer fazer o favor de parar de chorar?

O homem soltou a barba, riu e bateu nos joelhos com alegria.

— Sim! Sim! Os elfos! Foi quando Bert estava sozinho que os elfos mostraram sua verdadeira cara. Tentaram roubar o livro! Mas eles não sabiam que Bert e os irmãos tinham trazido um ovo de dragão de Rhakotis! Bert chocou ele no calor do vulcão! Uniu ele à *Crônica*. Quando os elfos marcharam pra fortaleza, bem...

— Ho, ho, ho — riu Michael. — Aposto que eles não estavam esperando isso!

E então ele viu Gabriel fazendo cara feia e parou de sorrir.

— E isso — o homem bateu palmas, aparentemente satisfeito consigo mesmo — é tudo! Agora — ele se inclinou para a frente e olhou para Michael —, conte a verdade pra Bert. Você veio pegar o livro?

— Bem... sim...

— Rá! Eu sabia! Mas a verdadeira pergunta, a grande pergunta...

O homem chegou mais perto, com a respiração entrecortada por entre a barba. Ele colocou a mão trêmula no ombro de Michael.

— Você é o Protetor? Por quem Bert esperou e esperou?

Atrás da sujeira e do cabelo grudento, o rosto do homem não tinha rugas. Só seus olhos traíam sua idade. Eram olhos que viviam com um único propósito havia quase 3 mil anos; eles estavam perguntando: Acabou? Finalmente acabou?

Eram os olhos mais tristes que Michael já tinha visto.

— Você é o Protetor?

Devia ser uma pergunta simples de se responder. O dr. Pym tinha dito para Michael que ele era o Protetor da *Crônica*. E ele sentira o livro chamando-o durante a tempestade de neve. Mesmo assim, dizer, reconhecer, era um tanto diferente.

Mas não havia como se esconder dos olhos.

Ele disse em um sussurro:

— Sim. Sou eu.

O louco assentiu e tirou a mão do ombro de Michael.

— Acho que vamos ver em breve, não é?

— O q-que você quer dizer?

— Você quer sua irmã de volta, né? A chutadora de canela que grita?

— É claro...

— E você viu a floresta. Aquilo já foi gelo e neve. O que você acha que deu vida a ela? A *Crônica*! Ela vai reviver sua irmã! Vai despertar a vida que dorme dentro dela! É o único jeito.

— Então não vamos perder mais tempo — disse Gabriel, e começou a andar em direção à escada. — Sabemos que está no vulcão.

— Não! — O homem pulou para bloquear a passagem. — O dragão vai matar você!

— Mas você não controla o dragão? — perguntou Michael. — Você disse que chocou ele do ovo!

— Não, não, não! O dragão não obedece Bert! O dragão serve a *Crônica*! Bert tem permissão de viver porque Bert serve ao mesmo propósito. No entanto — mais uma vez, ele se inclinou para perto de Michael —, a *Crônica* está escondida no vulcão, sim, e o dragão vai matar qualquer um que entrar. Até Bert. Mas o Protetor pode passar ileso. — Ele segurou o ombro de Michael. — Pra salvar sua irmã, você tem que entrar no vulcão e encarar o dragão... sozinho.

CAPÍTULO TREZE

Oi, coelho



Não foi surpreendente Gabriel querer ir no lugar de Michael. Ele disse que os avisos do guardião não faziam sentido.

— Por que devemos acreditar na palavra de um louco que come besouros como se fosse bala?

— Olha o que ele diz — murmurou o guardião. — Ele nem experimentou.

— No mínimo, devíamos ir juntos.

Eles ainda estavam no alto da torre. Emma ainda estava congelada. Só o céu tinha mudado, passando de um preto profundo para um azul-marinho. Michael se manteve firme.

— Não podemos ir os dois. E se a gente morrer? Não vai ter ninguém pra cuidar de Emma. E se você fosse sozinho e morresse, eu não ia conseguir carregar ela daqui. Eu tenho que ir, e você tem que ficar. É tudo que dá pra fazer.

— E se o dragão não obedecer você? — disse Gabriel. — E aí?

Ele quer dizer, pensou Michael, e se eu morrer.

— Aí você leva Emma pro dr. Pym.

— Vamos procurar o mago agora e voltar quando sua irmã estiver bem. Não tem necessidade de corrermos um risco desses.

Michael balançou a cabeça. Ele não tinha como saber o que aconteceu em Malpesa depois que eles foram embora. E se o dr. Pym só tivesse atrapalhado um pouco Rourke? O homem careca já podia estar na trilha da *Crônica*. Michael estava disposto a arriscar abandonar o livro quando não havia outro jeito de salvar Emma. Mas agora, pegar o livro também parecia ser a maneira mais certa e rápida de acordar sua irmã. Era um risco que eles tinham que correr.

Mesmo que significasse que Michael ia ter que entrar no vulcão sozinho.

E, afinal, ele tinha descoberto o enigma das poções em Malpesa. Era capaz de fazer isso!

No final, Michael venceu, pois ele estava certo e Gabriel sabia.

Gabriel se ajoelhou e tirou uma faca do cinto. Ele disse que tinha sido presente de Robbie McLaur, o rei dos anões de perto de Cambridge Falls. A lâmina tinha 30 centímetros e era surpreendentemente leve, e cortaria osso com tanta facilidade quanto papel. Michael e Gabriel também sabiam que seria inútil contra um dragão. Ainda assim, Michael agradeceu e prendeu-a no cinto. Ele se sentiu melhor ao ter aço de anão ao seu lado.

— Meu povo tem um ditado. — Gabriel colocou uma mão pesada no ombro dele. — Um homem só pode morrer uma vez.

Michael se perguntou se isso era para ser encorajador.

— Acho que é... bom saber.

— Você se lembra daquela primeira manhã na minha cabana? Depois que salvei vocês dos lobos?

— Lembro.

— Você tinha traído suas irmãs para a Condessa na esperança de ela ajudar a encontrar seus pais. Você lembra?

Michael olhou para o chão. Se ele lembrava? A lembrança o assombrava. Era a pior coisa que já fizera. Por sua fraqueza e burrice, ele quase perdeu o que era mais importante para ele: o amor de suas irmãs. Ele não conseguia pensar nisso sem dor, e, ainda assim, nos oito meses desde Cambridge Falls, Michael tinha repetido na memória o que fez sem parar, se odiando e se xingando, e sempre terminando com a promessa de que jamais voltaria a decepcionar Kate e Emma de novo, acontecesse o que acontecesse.

— Olha pra mim.

Michael ergueu o olhar para Gabriel.

— A cada dia, com nossas ações, nós decidimos quem somos. Você não é mais aquele garoto. Suas irmãs têm sorte de ter você

como irmão. E é uma honra pra mim te chamar de amigo.

A garganta de Michael ficou apertada demais para ele falar. Ele só conseguia assentir em agradecimento. Depois, secando os olhos, Michael abraçou a irmã, esmagando os braços finos dela nas laterais do corpo, sussurrando “volto logo”, e se virou e seguiu o último guardião escada abaixo.

Na grande sala do térreo, Michael olhou para a boca do túnel enquanto o guardião girava uma manivela presa a uma das colunas. Uma corrente estalou e o portão de ferro começou a subir.

— Ela vai saber que você está chegando.

— Ela? O dragão é uma garota?

— Ah, é. Você vai estar em segurança desde que seja o verdadeiro Protetor. Ela serve ao livro, e o livro serve ao Protetor.

— Certo.

— Se você não for o verdadeiro Protetor, ela provavelmente vai te comer.

— Certo.

— Pode ser que asse você primeiro.

— Certo.

— Ou simplesmente engula inteiro.

— Entendi.

O portão estava levantado. Michael ficou ali, sentindo o calor tomar conta dele.

— Não fecha o portão — disse ele, e começou a descer a escada.

Foi exatamente como em seu sonho.

O túnel longo...

O brilho vermelho ao longe...

O calor brutal de queimar a garganta...

A diferença era que isso não era sonho, e Michael sabia o que havia à frente.

Havia uma curva no túnel alguns metros depois do portão e agora ele seguia para a frente e para baixo. A pedra negra porosa era

quente ao toque, e havia uma acidez sulfurosa no ar. A princípio, Michael manteve os pés em movimento pensando em Emma, congelada no alto da torre; mas, a cada passo, o puxão da *Crônica* ficava mais forte, e em pouco tempo apenas isso o mantinha em movimento. O túnel começou a subir, e havia um novo cheiro, um que Michael nunca tinha sentido, e que ele só conseguia pensar que era fedor de dragão.

Por saber que estava perto, Michael se ajoelhou e, com mãos trêmulas, pegou *O compêndio do anão*. Havia várias passagens que G. G. Greenleaf escreveu sobre dragões, e Michael rapidamente achou as seções relevantes.

Dragões são notáveis por seu desejo por ouro — não uma qualidade ruim se moderada! ... Dragões são imunes ao fogo, obviamente. ... Todos os dragões são incrivelmente vaidosos; na verdade, ao avaliar quem é mais vaidoso, um dragão ou um elfo, eu não gostaria de ser quem decide (dica: um elfo!). ... Nunca se deve iniciar uma conversa com um dragão, pois eles são mentirosos inveterados e trapaceiros, embora, se você estiver realmente conversando com um dragão, você já esteja ferrado de qualquer jeito. ... Nunca, nunca chame um dragão de verme, independentemente do quanto eles peçam isso!

Michael fechou o livro. Não estava se sentindo melhor. Estava prestes a se levantar quando seu polegar sentiu a beirada dura da foto que Hugo Algernon deu a ele. Ele a pegou e viu o pai, sorrindo para ele do passado distante. Michael sentiu um nó apertado de tristeza no peito. Será que algum dia encontraria o pai? Será que chegaria o dia em que eles se sentariam, como Michael imaginou tantas vezes, para conversar sobre seu amor pelas coisas dos anões? Quando o pai diria para Michael o quanto sentia orgulho dele? Agachado ali na caverna fedorenta e abafada, a metros da

toca de um dragão, Michael pensou que esse dia parecia muito, muito distante.

Michael enfiou a foto no livro e, por impulso, folheou e abriu em uma página diferente.

Na primavera daquele ano, as hordas de goblins marcharam para as terras de anões, queimando e pilhando tudo no caminho. O rei Killin Killick reuniu um exército e foi ao encontro dos monstros. Um jovem escudeiro, que cavalgava ao lado do rei, perguntou qual era o segredo de seu longo e bem-sucedido reinado. O rei Killick respondeu: "Um grande líder não mora em seu coração, mas em sua cabeça."

Era a citação que Hugo Algernon dissera que seu pai adorava. Era a citação que Michael adorava e pela qual tentava guiar sua vida. Ele continuou a ler.

"As emoções atrapalham o problema", explicou o rei. "Quem consegue ver com mais clareza sempre triunfa." Infelizmente, o dia estava bonito e Killick decidiu cavalgar sem o elmo, e bem nesse momento um goblin pulou de uma árvore e abriu sua nobre cabeça em duas. Mas vamos nos consolar com o fato de que, apesar de os goblins terem derrotado o exército, destruído o território e renomeado a capital de Killick de Cidade-Goblin (mostrando, assim, seu talento típico de goblins para nomes), as palavras do grande rei ainda vivem e são uma lição para todos nós.

Michael fechou o livro e ficou de pé, sentindo-se fortificado. Colocou o *Compêndio* na bolsa depois de abrir espaço para ele ao lado do aro de ouro que ele pegou na escultura da elfa. Ele ajeitou os óculos. Está na hora, disse o garoto para si mesmo.

Vinte e sete nervosos passos depois, ele entrou na caverna.

Gabriel ficou no alto da torre. Ele limpou a lama das bochechas de Emma e tirou os últimos galhos do cabelo dela. Não conseguia deixar de se questionar se tinha feito a coisa certa ao deixar Michael entrar no vulcão sozinho. Será que o mago teria aprovado? Depois de todo esse tempo, será que ele tinha cometido um erro no momento mais importante?

Quinze anos antes, Gabriel quase morrera enquanto lutava em Cambridge Falls. Os anões do rei Robbie McLaur o encontraram e salvaram sua vida. Mais tarde, quando estava se recuperando em seu vilarejo, o mago Stanislaus Pym foi vê-lo. Explicou para Gabriel sobre o Magnus Medonho e sua fome pelos Livros do Princípio, e o que isso significava para as crianças.

— O inimigo sabe que as crianças vão levá-los aos Livros. Ele vai caçá-las.

Era outono, com o ar frio e seco, e Gabriel tinha começado a andar sem muletas. O mago prosseguiu:

— Nossa única esperança é encontrar os Livros primeiro. Farei tudo o que posso, mas preciso de uma pessoa forte ao meu lado. Alguém que goste das crianças.

Gabriel estava prestes a responder que o mago podia contar com ele, mas o dr. Pym colocou uma das mãos em seu braço.

— Entenda o que estou pedindo. Uma guerra começou. Vai prosseguir durante anos, e vou precisar de você todos os dias durante esse tempo. Mesmo com toda a sua força, você é um homem, com o tempo de vida de um homem. Agora seria a hora de você encontrar uma esposa, ter uma família. Saiba de que estaria abrindo mão.

Ali, na floresta acima de seu vilarejo, Gabriel pensara na vida que podia ser sua. Em seguida, pensou em Kate, Michael e Emma, principalmente Emma, que tocara seu coração de uma forma que ele jamais pensara ser possível.

— Você tem certeza de que encontrar os Livros vai deixar as crianças em segurança?

— Tenho.

— Então estou às suas ordens.

Nem uma vez ele se arrependeu de sua decisão. Seu único medo era de em algum momento falhar em seu dever. E foi com isso em mente que ele se virou para entrar no vulcão, para procurar Michael e ajudar como pudesse, quando um golpe forte o atingiu na nuca.

A caverna tinha um formato circular, com talvez 15 metros de largura, um teto alto tomado pela escuridão e uma grande poça de lava que ocupava a maior parte do chão. Havia um anel estreito de pedra preta na base das paredes. Do outro lado da poça, Michael conseguia identificar a boca de outro túnel. Não havia dragão a vista.

Michael andou até a beira da poça, com os olhos lacrimejando pelo calor e pela fumaça. Ele olhou para a superfície borbulhante e pensou:

Só pode ser brincadeira.

O chamado do livro estava mais forte do que nunca, e a fonte ficava, sem dúvida nenhuma, dentro da poça de lava. A ordem tinha colocado o livro dentro de uma poça de lava! Ele quase não conseguia acreditar. Na verdade, não teria acreditado se a força que o chamava não fosse tão forte. E ele tinha que admitir, fazia um sentido meio louco. Supondo que a lava não danificasse o livro, o que tinha que ser o caso, os guardiões devem ter planejado que a pedra fundida servisse como linha final de defesa.

Ótimo, pensou Michael. Mas como é que vou pegar?

Ele começou a procurar uma vara comprida.

— Oi, coelho.

Michael cambaleou para trás, tropeçou e arranhou a mão no chão de pedra. Uma risada profunda e felina ecoou nas paredes da caverna.

— Nossa, que coelhinho desastrado você é.

Michael ergueu o olhar. Ele tinha uma ideia de onde vinha a voz, e conseguia perceber uma grande silhueta na pedra grande que era o teto. O dragão estava pendurado de cabeça para baixo, como um morcego.

— Fi-fica onde está! Não desce aqui!

— O coelho entra na minha casa e começa a *me* dar ordens? Onde você aprendeu a se comportar? Além do mais, você tem um nariz muito engraçado. Consigo ver daqui.

Isso sem dúvida era uma coisa estranha para um dragão dizer, mas Michael estava tentando ficar de pé e não reparou. Ele teve tempo de respirar fundo várias vezes e lembrar a si mesmo que o dragão tinha que obedecer suas ordens. E quando seu pânico inicial diminuiu, uma frase de G. G. Greenleaf voltou à sua mente: *Dragões são imunes ao fogo*. De repente, Michael percebeu como ia pegar a *Crônica*. O dragão ia buscar para ele.

O velho e bom G. G., pensou Michael, sempre presente quando se precisava dele.

— Você está certa — disse ele, mudando o tom. — Me desculpa. É que você me surpreendeu, só isso. Eu devia me apresentar... Meu nome é Michael P... Wibberly.

— Pê-Wibberly? Que nome estranho.

— Não, só Wibberly. Nada de *Pê*.

— Bem, Michael Só-Wibberly. É um prazer conhecer você. Não recebo muitas visitas.

— É mesmo? — disse Michael. — Elas não sabem o que estão perdendo.

O garoto estava ganhando mais confiança a cada segundo e sentia que estava de fato se portando incrivelmente bem. Olhem pra mim, pensou ele, aqui de papo com um dragão. Ele decidiu que, depois que pegasse a *Crônica*, pediria que o dragão posasse para uma foto com ele. Ele olhou ao redor em busca de uma pedra sobre a qual pudesse colocar a Polaroid.

— Obrigada, Michael Só-Wibberly. Quero que você saiba que vou lembrar o quanto você foi educado depois que eu comer você.

Michael disse:

— Perdão?

— Eu disse que vou lembrar o quanto você foi educado depois que eu comer você. Esse é o plano, sabe.

Não entre em pânico, Michael disse para si mesmo. Ela não sabe que você é o Protetor.

— Infelizmente — ele estava tentando manter o tom confiante —, você não pode me comer.

— Você não é um coelhinho fofo? Mas está errado. Eu posso, eu vou e eu devo. Não tenho muita escolha no assunto.

Michael ouviu o som de unhas de ferro arranhando pedra, o rastejar metálico de escamas. O grande lagarto estava se deslocando do teto. Michael se sentiu de repente incrivelmente pequeno. Em sua mente, surgiu a ideia de que Gabriel o tinha seguido pelo túnel e agora daria um pulo para protegê-lo.

Não seja bobo, pensou ele. Você está sozinho. Gabriel queria vir e você disse a ele que não. É sua culpa por ser um argumentador tão bom. Mantenha o foco.

— Escuta, dragão — estava na hora de adotar um tom mais sério, como o que se usaria com um cachorrinho obstinado —, você não vai me comer, está ouvindo? Não pode! Então tira isso da cabeça! Eu sou o Protetor!

— É o quê?

— O Protetor! Sou o Protetor da *Crônica*! É por isso que estou aqui! Você tem que pegar ela pra mim!

— É mesmo? — O dragão parecia genuinamente surpreso.

— É! Preciso dela pra ajudar minha irmã!

— Foi sua irmã que peguei na clareira? Pensei ter reparado em uma semelhança familiar, embora ela pareça ter escapado da tragédia do seu nariz. Agora, você prefere ser comido cru ou devo assar um pouco primeiro?

— Mas você tem que fazer o que eu digo! O homem, o guardião, disse isso!

O som de gargalhadas pareceu rolar pela caverna.

— Aquele homem e suas mentiras! Vou te fazer uma pergunta, coelho. Ele te disse o que aconteceu com os outros membros da ordem? Disse por que está aqui sozinho? Com apenas a minha companhia?

O pescoço de Michael estava começando a doer por ele ficar olhando para cima.

— Isso não importa! — disse ele com irritação. — Pula daí e pega a *Crônica* pra mim; depois vamos tirar uma foto rápida...

— Ele te contou como ficou convencido de que a *Crônica* era dele e então assassinou dois dos colegas na calada da noite?

Michael não se mexeu. Apesar do calor opressor, ele sentiu um tremor.

— Isso... não foi o que aconteceu.

— Ah, foi sim, eu garanto. Só um dos colegas dele conseguiu escapar, e meu mestre teme que ele volte com aliados pra exigir o livro. É aí que eu entro, é claro. Pra ajudar ele a defender seu prêmio banhado em sangue.

— Não, isso... não! Um dos outros guardiões ficou louco! E você está aqui pra proteger a *Crônica* dos elfos! Foi por isso que chocaram seu ovo. A ordem, ela trouxe um ovo de Rhakotis! Ele contou pra gente!

Michael ordenou a si mesmo que permanecesse firme e não caísse nos truques do dragão. Mas não ajudava o fato de a gargalhada da criatura reverberar pela caverna.

— Proteger o livro dos elfos? Por que os elfos iriam querer um livro velho e bobo? E ele não me chocou de ovo nenhum, sabe. — O dragão ficou estranhamente sério. — Mas você está certo; os elfos não vão perturbar ele. Você quer saber por quê?

— Não estou interessado em mais das suas mentiras.

O dragão murmurou:

— Essa sua falta de educação de novo.

Mas prosseguiu, como se Michael tivesse pedido para ouvir a história.

— Sabe, coelho, depois de matar e afastar os colegas, meu mestre não estava bem da cabeça. Ele via inimigos pra todo lado e os elfos estavam perto e eram fortes. Ele se convenceu de que desejavam o tesouro dele. Então, um dia, ele surpreendeu uma princesa elfo na floresta; é o reino dela que fica no final do vale. Ele enganou ela, colocou uma maldição nela e ela é prisioneira dele desde então. Você não vai ver ela, mas ela está aqui. Os elfos não ousam atacar.

— E eles nem... queriam o livro?

— Não. Então meu mestre tolo está em segurança de um inimigo que não era inimigo e o tesouro dele está em segurança de um povo que nunca quis ele. Isso não é loucura? E agora ele enganou você pra entrar aqui. Pobre coelho condenado.

— Você está mentindo. É isso que os dragões fazem. Mentem.

— Bem, vamos fazer um pequeno teste, tá? Me dê uma ordem, e vamos ver se tenho que obedecer. Vai ser divertido.

Michael estava começando a não gostar muito disso. Ele queria pegar o livro e ir embora. Decidiu que desistiria da foto.

— Estou esperando, coelho. Me dá uma ordem.

— Vai... vai buscar a *Crônica* pra mim.

— Humm, não.

— Eu disse — Michael estava tentando manter o pânico longe da voz, e estava falhando — vai... buscar... a... *Crônica!*

— Eu ouvi da primeira vez, coelho. Não precisa gritar.

— Então vai buscar!

— Vai buscar você.

— Para!

— Parar o quê? Parar de ir buscar a *Crônica*? Ou parar de falar?

— Para de falar!

O dragão riu.

— Você fica muito fofo quando está com raiva.

Michael estava tremendo todo. Seus punhos estavam apertados e seus olhos ardiavam com lágrimas de frustração. Não podia ser verdade; simplesmente não podia...

— Mas por que... por que...?

— Por que ele mentiria? Por que mandaria você aqui? Pelo que sei, pois não consigo ler a mente dele exatamente, mas sinto o que ele está sentindo, porque somos ligados, sabe, ele está nervoso por causa de um amigo seu, um sujeito grande e forte, e queria deixar vocês dois à vontade. Então, fez você conhecer Bert.

— Mas... ele é Bert... não é?

Michael conseguia ver a forma do dragão se mexendo no teto. A criatura era ainda maior do que ele lembrava.

— Sim. E não. Ele também é Xanbertis, assassino e traidor de juramento. E ele quer que eu te mate. Portanto, vou perguntar de novo, e, por favor, pare de olhar para o túnel, você não vai a lugar nenhum. Você prefere ser comido vivo ou assado? Eu digo assado. Tem menos coisa pra limpar depois.

Michael ouviu um rugido que teve quase certeza de que veio da barriga da criatura.

— Es-escuta — gaguejou ele. — Não faça nada precipitado...

Enquanto falava, Michael revirava a bolsa com uma das mãos, em busca de qualquer coisa que pudesse convencer o dragão a não comê-lo. Seus dedos encostaram no canivete, na bússola, na câmara, no *Compêndio do anão*, na medalha que o declarava Guardiã Real da História e de Todas as Tradições dos Anões, tudo inútil, tudo sem valor.

— Se você está aqui contra a sua vontade, tenho um amigo que é um mago muito poderoso...

Correr não adiantaria; o dragão o alcançaria em um instante. Mas tinha que haver alguma coisa, qualquer coisa...

— Espera! Eu te dou isso!

A mão de Michael tinha se fechado ao redor do aro de ouro que ele tirou da escultura da menina elfo. Não era muito; na verdade, era bem pouco para ele usar para barganhar pela vida; mas era tudo o que tinha, e G. G. Greenleaf disse que dragões tinham desejo por ouro, e G. G. Greenleaf nunca errava.

Mesmo assim, Michael não estava preparado para o que aconteceu depois.

Assim que a coroa saiu da bolsa, o dragão deu um rugido tão feroz que foi como um vento atingindo o corpo de Michael. Ele viu uma mancha dourada voar em sua direção, um vislumbre de presas e garras. Michael se virou apavorado. Sem pensar, e foi essa ação que sem dúvida salvou sua vida, ele segurou o aro de ouro acima da poça de lava.

— *Vou soltar!*

O dragão pousou 30 centímetros atrás dele e o impacto fez a rocha tremer. Michael conseguia sentir o hálito da criatura, como o bafo quente de uma fornalha, aquecendo o ar na sua nuca. De perto, o dragão tinha cheiro de metal queimado e enxofre e mais alguma coisa que Michael não conseguiu identificar, quase como... perfume?

Por um bom tempo, nem o garoto e nem o dragão se mexeu ou falou.

— Então solta — disse o dragão por fim. — Não ligo.

— Liga, sim! — Tudo em Michael, sua mão, suas pernas, sua voz, estava tremendo terrivelmente. — A lava vai derreter o ouro em um segundo! Vou soltar e você nunca vai ficar com ela!

— Faz isso — disse o dragão — que eu mato você.

— Você não vai me matar de qualquer jeito?

— Verdade. Mas como você tem que morrer, pelo menos me dá a coroa. Não seja um mau perdedor.

O braço de Michael já estava ficando cansado. Ele olhou ao redor e viu uma garra enorme a poucos centímetros de seu pé direito. Para a surpresa de Michael, havia um anel de metal, quase como

uma pulseira, preso na perna do dragão. Será que era por isso que ele queria tanto o aro? Para ter o par? G. G. Greenleaf estava certo; dragões eram mesmo criaturas vaidosas.

— Vamos lá, coelho. Me dá a coroa e prometo que vou te assar rápido e por inteiro.

— Espera! Quero ver a *Crônica*! Vim de muito longe. Se vou morrer, quero ver ela pelo menos uma vez. Você precisa me dar isso!

— E depois você me dá o aro?

— Dou.

— Jura?

— Juro.

— Jura pelo quê? Qual é a coisa mais importante pra você?

— Minhas irmãs — disse Michael sem hesitar. — Juro por elas.

— Então, coelho, temos um acordo.

Michael ouviu o som de garras sendo arrastadas na pedra e se virou para ver o dragão se lançar no ar. Por um instante, ele pairou acima da poça, com as escamas douradas refletindo o brilho vermelho da lava, as asas encouraçadas abertas, o rabo blindado se movendo para um lado e para o outro, e Michael sufocou um grito, pois a criatura era, apesar de apavorante, incrivelmente linda. E então o dragão mergulhou e desapareceu como uma foca no lago fumegante.

Michael soltou o aro no chão de pedra e saiu correndo.

Ele correu como nunca tinha corrido antes e jamais correria de novo. Na verdade, naquele trecho de túnel entre a toca do dragão e a fortaleza, Michael Wibberly, que nunca tinha vencido uma única corrida na escola, que sempre era escolhido por último para todos os times (e só se o outro time aceitasse um obstáculo, como colocar uma tartaruga para jogar na primeira base), naquele breve trecho foi o garoto mais rápido do mundo.

Por menos que fosse ajudá-lo.

Ao dobrar a última curva, ele parou de repente, olhando apavorando. O portão no começo do túnel estava fechado.

Michael se jogou contra as barras.

— Gabriel! Gabriel!

Um par de botas desceu os degraus correndo.

— O que você ainda está fazendo vivo?

Michael sentiu toda a sua força abandoná-lo. O guardião estava do outro lado do portão. De todas as maneiras, menos uma, o homem estava exatamente como quando Michael o viu pela primeira vez no alto da torre: com os mesmos trapos que não combinavam, com os mesmos cabelo e barba desgrenhados. A única diferença era que Michael não conseguiu identificar um único traço de loucura em seu rosto; só havia um triunfo alegre e ganancioso.

O homem segurava um porrete de madeira.

— Aquele seu amigo tinha o crânio muito duro. Tive que bater nele três vezes com força pra ele ficar desacordado. Agora onde está aquele dragão...

Naquele momento, houve um grito de fúria do fundo da montanha.

O guardião sorriu para Michael e depois riu.

— Oooooohhhh-oh...

— Me deixa sair! Por favor! Me deixa sair! Ela vai me matar! Você...

A mão do homem passou em meio à grade e agarrou a camisa de Michael.

— Garoto, a *Crônica* é minha! Eu guardei ela por quase 3 mil anos. Por ela, fiz aqueles que eu mais amava no mundo sangrarem! Nem você e nem ninguém vai ficar com ela! Entendeu? *Nunca!* — Ele se inclinou para mais perto e olhou para o rosto apavorado de Michael. — Eu sempre me perguntei quem meu velho colega mandaria contra mim. Imaginei magos, guerreiros elfos, tropas de anões armados marchando até aqui pra roubar meu tesouro! E, depois de todo esse tempo, ele manda duas crianças! Vocês foram os grandes campeões dele!

O homem começou a rir, e Michael se viu reavaliando a opinião sobre a sanidade do homem. Ele conseguia ouvir os passos do dragão se aproximando.

— Sabe de uma coisa? — disse Michael. — Você é um idiota.

O homem parou de rir.

— O quê...?

Isso foi tudo o que ele conseguiu dizer até que Gabriel, que estava se aproximando silenciosamente por trás do homem, batesse na cabeça dele com o cabo da machete.

E então Michael começou a gritar, com suas palavras uma mistura em pânico de “dragão” e “portão” e “anda” e “corre, por favor”, e Gabriel cambaleou escada acima, e Michael viu o sangue na lateral de seu rosto e cabeça quando ele se virou. Houve um estalo no túnel, o som de ar pegando fogo e o portão começou a subir devagar, devagar, e Michael rastejou por baixo dele, soltou a tira da bolsa quando ela prendeu em uma das pontas da grade e sentiu o chão debaixo de si começar a tremer. E então ele conseguiu, passou por cima do corpo do guardião gritando “Fecha! Fecha!” e correu escada acima quando um rugido forte disse a ele que o dragão tinha feito a última curva.

Para a surpresa de Michael, a criatura não se chocou contra o portão. Não tentou arrancar o metal em sua fúria de alcançá-lo. Michael ficou deitado no piso de pedra do salão, respirando ofegante, com o coração disparado, prestando atenção ao som do dragão respirando bem na boca do túnel.

E então, o dragão riu.

— Coelho, você está tornando as coisas muito difíceis! Se você não fosse tão fofo, eu quase ficaria zangada. Acho que você sabe que este portão é encantado. Senão, eu teria arrancado há muito tempo.

— É claro — ofegou Michael. Ele não sabia nada disso.

— Infelizmente, apesar de meu mestre estar inconsciente, a ordem dele de te matar permanece. E você acha mesmo que depois

de 200 anos eu não encontrei outro jeito de sair do vulcão?

Michael ficou de pé imediatamente. Ele conseguiu ouvir o dragão correndo pelo túnel.

— Gabriel, a gente...

Mas Gabriel estava inconsciente no chão, pois os ferimentos infligidos pelo guardião levaram a melhor. Depois de verificar que o amigo estava respirando, Michael correu para a escada da torre. Ele não tinha um plano. Só sabia que tinha que pegar Emma. Enquanto subia, ele se xingava por ter entrado no vulcão. Tinha sido burro! Arrogante! Era Cambridge Falls outra vez! Ele achou que era mais esperto do que todo mundo, mas não era, e agora a irmã ia pagar o preço! O fato de que ele morreria também nunca passou pela mente de Michael. Ele só sabia que tinha decepcionado Emma, e tinha decepcionado Kate, de novo.

Quando Michael saiu da escada para o local aberto, ele viu Emma exatamente como a tinha deixado, imóvel e olhando para o nada. Houve um grito vindo de cima e Michael se virou e viu o dragão, com pingos de lava caindo das asas, sair da boca do vulcão. O dragão se virou, uma criatura de fogo, queimando contra o céu azul-enebrecido, e com uma estranha e graciosa lentidão, desceu pela lateral da montanha. Michael pegou Emma nos braços e arrastou com dificuldade o corpo duro até a escada, conseguindo dar apenas alguns passos antes que os dois rolassem juntos até o piso abaixo. O nariz de Michael estava sangrando, todo o seu corpo estava surrado e doído, e ele estava ajoelhado acima de Emma, repetindo “Desculpa, desculpa” quando o alto da torre foi arrancado de repente. Michael olhou para cima e viu o dragão subindo para atacar de novo. Ele se jogou por cima da irmã, mas o dragão não destruiu a torre; ele ficou no ar e usou o grande rabo como bastão para derrubar as pedras que sobraram. Em momentos, a escada estava aberta ao céu, e Michael sentiu o dragão se empoleirar em uma parede.

Alguma coisa caiu ao lado do pé dele.

— Pronto, coelho. Prometi que você podia dar uma olhada na *Crônica*, e cumpro minhas promessas.

Michael deu um pulo, se colocou entre o dragão e Emma e puxou a faca que Gabriel tinha lhe dado. Apesar de ela estar de quatro, o dragão ainda era bem mais alto do que ele, todo músculos blindados e garras e dentes. Michael não era nada ao lado dele. Nem mesmo um coelho. Mas ele se manteve firme, mesmo com as pernas tremendo.

O dragão o observou por olhos apertados da cor de sangue.

— Eu não quero comer você, coelho. Em outra vida, acho que poderíamos ser amigos. Mas não posso desobedecer a vontade do meu mestre.

— Não estou... — Michael gaguejou. — Não estou com medo de você.

— Está, sim. Mas está tentando não ficar, e é isso que importa. Por causa disso, vou permitir uma espetadinha com sua agulha antes de matar você. Chega mais perto.

Michael deu um passo trêmulo à frente. Ele conseguia sentir o calor saindo do corpo da criatura. O dragão estava certo; ele estava com medo. Mas também estava com raiva. Não deveria terminar assim: ele e Emma separados de Kate. Emma não podendo se defender. Ele sozinho.

— Você não sabe de nada! — gritou ele, com lágrimas agora correndo pelo rosto. — Não sabe de nada sobre nós! Sobre mim e minhas irmãs, e nem sobre o motivo de a gente estar fazendo isso! Você não passa... não passa de um verme burro!

— Isso mesmo, coelho. Libera sua raiva. Sua morte vai ser tão rápida que você nem vai saber. Ataque.

O hálito do dragão criou vapor nos óculos de Michael. Mas quando ele ergueu a faca acima da cabeça, o garoto viu mais uma vez o anel dourado ao redor da perna do dragão. Isso o fez parar. Se o anel era de ouro, não devia ter derretido na lava? A não ser, pensou Michael, que o anel fosse encantado de alguma forma. Assim

como o portão de ferro era encantado. De repente, a música que os elfos cantaram na clareira voltou à sua mente:

*Pois lá embaixo daquele esconderijo terrível
Tem uma princesa ainda escondida.
Por favor, volte, ah, por favor, volte,
Troque seu anel de ouro por este...*

O dragão disse que uma maldição foi colocada na princesa elfa...

E o guardião disse que o dragão era uma garota...

Mas seria possível? Seria mesmo possível?

— Ataque, coelho! Agora! Ataque!

Não havia mais tempo para pensar. Michael atacou com toda força. Sentiu a faca cortar o anel de ouro até a perna do dragão. O dragão gritou de raiva e empinou, com as garras apontando para o céu. Michael fechou os olhos e esperou que as garras o rasgassem.

Eu me enganei. Estou morto. Emma está morta. Matei nós dois.

Michael sentiu uma tristeza enorme e arrasadora, maior do que qualquer medo da morte, porque sabia que tinha falhado com as irmãs.

Então ele ouviu um som como um gemido, e alguma coisa caiu no chão. Michael abriu os olhos. O dragão tinha sumido. Em seu lugar, uma garota elfo de cabelos dourados, a imagem perfeita da escultura da clareira, estava deitada em meio às ruínas da torre. Uma pulseira cortada estava ao lado dela. E além disso, um livro vermelho vibrante.

Bem, pensou Michael, olha só isso.

E então, desmaiou.

CAPÍTULO QUATORZE

A estufa



— *Separação*. Essa é a palavra deles. Está mais pra *rendição*. Covardemente. De forma ordinária. Somos leões fugindo de ratos. A natureza se revolta apenas com a ideia. Charuto?

Rourke pegou um estojo de couro dentro do casaco de pele e abriu a tampa, deixando à mostra quatro charutos enfileirados como mísseis. A carruagem percorria as ruas de paralelepípedos, e Rourke, sentado em frente a Kate, tinha esticado as grandes pernas e colocado os pés no assento ao lado dela. Ele parecia um homem muito à vontade.

— Não, obrigada — disse Kate.

— Bem, isso me deixa completamente enjoado, isso é verdade.

Rourke mordeu a ponta do charuto e cuspiu pela janela com tanta força que derrubou o chapéu de um transeunte. Ele riu e acendeu um fósforo com o polegar. Em pouco tempo, a doce fumaça do charuto encheu a carruagem.

— Não nego que alguma coisa tinha que ser feita. O modo como os vermes não mágicos andam se multiplicando, o abuso e a opressão do nosso povo. Mas a natureza ensina a regra do mais forte. Vou te contar uma história. Você conhece a Irlanda?

Kate balançou de leve a cabeça.

— É meu lar, sabe. É um lugar lindo e trágico. Cresci em um orfanato fora de Dublin, dirigido pelas Irmãs da Doce e Eterna Caridade. Nunca conheci meus pais. Mas me contaram que minha mãe era metade gigante, o que não é difícil de acreditar, considerando esse tamanho todo meu. Mas eu era visto como

aberração. Uma coisa não completamente humana. E era tratado dessa maneira.

Kate não disse nada. Ouvia sem prestar muita atenção. Estava revirando os bolsos. Tinha que estar lá. Ela não podia ter perdido...

— Com apenas 9 anos, eu era maior do que qualquer homem em Dublin e fui vendido pelas boas irmãs pra um sujeito que era dono de uma pedreira. Ele acorrentou minha perna a uma viga e eu passava 12 horas por dia batendo com o martelo em pedras pra que virassem pedras menores. Mas eu ainda não tinha terminado de crescer, tinha? Fiquei maior e mais forte a cada dia. Por fim, meu próprio dono passou a ter medo de mim. Na verdade, o medo dele era tão grande que ele planejava me matar. Por sorte, descobri as intenções sanguinárias dele, me soltei e, com o mesmo martelo que ele me deu, esmaguei a cabeça oca dele em pedacinhos. Ah, que dia maravilhoso foi aquele, sombrio e sangrento e lindo.

Ele sorriu com a lembrança e expirou uma nuvem de fumaça.

— Claro, fui pego facilmente. Fui burro demais pra fugir. E sentenciado à força assim que se encontrasse uma corda forte o bastante para me segurar. Mas na noite anterior à execução da sentença, estou sentado sozinho na minha cela, mas de repente não estou sozinho. Ele está lá comigo. — O homem se inclinou para a frente com ansiedade. — E o que ele disse? “Declan Rourke, você não é humano. As leis deles não podem te condenar. Se eu te libertar, você vai me servir com lealdade?” E como eu respondi? “Irmão”, digo eu, “se você me tirar daqui, eu limpo a lama das suas botas.” E ele não me tirou de lá e me tornou o homem que sou? Abriu meus olhos. Me deu poder. Um homem grandioso. E agora, mocinha — o gigante careca sorriu e se recostou —, você vai conhecer ele.

A carruagem passou por um par de portões de ferro e entrou no pátio de uma mansão grande de quatro andares no meio de um quarteirão só de mansões. Um Demônio deu um passo à frente e abriu a porta. Rourke olhou para Kate em meio à fumaça.

— Você está bem, mocinha? Está muito pálida.
— Eu... perdi uma coisa — disse Kate. — Estava no meu bolso.
— E o que era? Mando um Demônio lá pra procurar. Deve ter caído quando colidimos.

Kate imaginou um dos Demônios pegando o medalhão da mãe, tocando nele. Ela se deu conta de que preferia nunca mais vê-lo.

— Não é importante.
— Nesse caso — ele gesticulou com o charuto —, meu mestre aguarda.

— Não estamos culpando vocês.
— Deveriam! — gritou Abigail, apontando para os dois garotos. — Não foram eles que jogaram as bolas de neve? Se não fosse por isso, aqueles garotos não teriam corrido atrás da gente e os Demônios não teriam pegado ela! É culpa deles!

Beetles e Jake estavam estranhamente silenciosos. Estavam de pé lado a lado, girando os bonés nas mãos. Todos estavam reunidos no campanário acima da igreja, enfileirados em frente à mesa de Henrietta Burke. Rafe estava de lado. O velho mago Scruggs, enrolado como sempre na capa marrom esfarrapada, estava sentado encostado em uma das pilastras. O sol estava baixo no céu, uma mancha embotada visível entre as nuvens. Logo estaria escuro.

— E foi mesmo Rourke quem levou ela? — perguntou Henrietta Burke.

— Foi ele — disse Beetles baixinho. — Não tem como confundir. Eles colocaram ela numa carruagem e levaram pra uma mansão no alto da cidade. A gente seguiu. Corremos os vinte quarteirões atrás da carruagem.

— É, vocês são dois heróis — zombou Abigail.
— Chega — disse Henrietta Burke. — Crianças, podem ir.
Abigail, Jake e Beetles seguiram para o alçapão. Os garotos pararam no alto da escada e olharam para Rafe.

— A gente não queria que nada acontecesse — disse Jake. — A gente gostava dela.

— É — disse Beetles. — A gente sente muito mesmo.

Rafe assentiu. Ele estava apertando alguma coisa na mão direita. Assim que os garotos se foram, ele se virou para Henrietta Burke.

— Vou buscar ela.

A mulher balançou a cabeça.

— Ela nunca foi nossa responsabilidade, e agora menos ainda.

— Você não ouviu? Ela foi pega quando estava tentando proteger eles! A gente deve...

— Nosso dever é para com os que estão aqui! O dia todo houve relatos de grupos de humanos atacando pessoas do mundo mágico. Os humanos sentem que alguma coisa está acontecendo. Preciso de você aqui. A Separação é daqui a poucas horas. A garota está por conta própria.

— Não.

Henrietta Burke já tinha voltado para seus papéis, mas agora ela ergueu o olhar com severidade. Até Scruggs, que estava roendo as unhas, percebeu.

— Como?

Rafe chegou mais perto da mesa; sua voz, seu corpo todo, estava tremendo de emoção.

— O feitiço de Scruggs mantém a igreja escondida. Você não precisa de mim. Só não quer que eu vá lá. Desde que os Demônios apareceram, você tenta me manter longe deles. Por quê?

— Porque não se ganha nada ao se hostilizar...

— Não é isso. Sei que Rourke está me procurando...

— Como você sabe disso?

— Não importa. Me diz o que ele quer!

Henrietta Burke olhou para ele. Seu rosto não entregava nada. Por fim, ela disse:

— Não é Rourke que está atrás de você. Ele é só o braço direito. É o mestre dele. Um ser cujo poder está além de qualquer um de

nós.

— Seja lá quem ele for, se ele precisa de alguma coisa de mim, posso barganhar. Posso fazer com que ele entregue a garota...

— Ele nunca vai entregar a garota. E se você entrar naquela mansão, não vai sair dela. — Os olhos cinzentos dela pareceram se suavizar. — Sei que você quer salvar ela. Mas não pode se sacrificar.

— O que você não está me contando? — O garoto bateu na mesa. — *O que eles querem de mim?*

Henrietta Burke olhou para Scruggs, olhou de volta para o garoto e balançou a cabeça.

Rafe se afastou.

— Tudo bem. Mas vou buscar ela.

— Por quê? O que há entre você e essa garota? Por que você arriscaria tanto?

Por um momento, Rafe ficou em silêncio. Não estava mais tremendo. Ele abriu a mão e olhou para o medalhão de ouro que Beetles deu para ele. Os garotos o pegaram na calçada depois que Kate foi levada. Ele disse:

— Você tem seus segredos. Eu tenho os meus.

Ele tinha começado a se virar quando Scruggs falou.

— Espera. — O velho mago ficou de pé. — Tem um jeito de salvar ela e escapar. Você só precisa entrar sem ser visto...

Kate esperava ser levada para o Magnus Medonho imediatamente. Mas depois de entrar na mansão com Rourke, ela se viu envolvida em um alvoroço de atividades. Demônios de camiseta estavam mudando a mobília de lugar, carregando caixas de champanhe, pratos gelados de salmão e ostras, grandes buquês de flores; havia criaturas pequenas com rostos murchos (Kate descobriu que eram gnomos) polindo o chão, limpando janelas, cuspidando e limpando qualquer coisa feita de metal.

— Vamos ter um agitozinho hoje à noite — disse Rourke ao guiar Kate por uma escadaria larga. — Você escolheu a hora certa pra

chegar.

Ainda segurando o braço dela, ele a levou por uma porta dupla para dentro de um salão de baile. Kate só tinha estado em um salão de baile, o da mansão de Cambridge Falls, e este fazia o outro parecer pequeno. O piso era uma área enorme e reluzente de madeira clara. À direita, portas francesas levavam à varanda que dava para a rua. À esquerda de Kate, uma parede de espelhos refletia a rua coberta de neve. Cadeiras com acolchoado vermelho estavam sendo colocadas ao longo das paredes por uma equipe de Demônios, enquanto no centro do salão um enorme candelabro de cristal, com braços retorcidos como os galhos de um arbusto, tinha sido baixado até ficar a 30 centímetros do chão, e três gnomos estavam usando longas pinças de metal para colocar velas brancas em dezenas de suportes.

Rourke fez Kate parar ao lado do candelabro.

— Senhora gnomo.

Uma das pequenas criaturas se virou. Ela tinha 90 centímetros de altura, com um rosto enrugado como uma maçã velha; usava um vestido cinza que ia até os pés e tinha um lenço vermelho surrado cobrindo a cabeça.

— Esta jovem está aqui pra uma audiência com nosso mestre. Você pode limpar ela um pouco? Por gentileza.

A pequena criatura colocou a pinça no chão, falou com uma gnomo que estava polindo o chão e segurou dois dedos de Kate em sua mão pequena e áspera.

— Vejo você logo, logo — disse Rourke.

A gnomo levou Kate para fora do salão por um corredor de paredes escuras com retratos nas paredes, com a segunda gnomo logo atrás. Kate pensou que essa era sua melhor chance de fugir (afinal, tinha quase o dobro do tamanho dos gnomos), e quando elas chegaram a uma escada e a matrona gnomo olhou para cima, Kate tentou puxar a mão, com a intenção de descer correndo a escada para a liberdade.

— Ahhhh!

Kate caiu de joelhos quando a gnomo dobrou seus dedos até o ponto de quebrar. A segunda gnomo bateu nas costas dela com os dois pés, então Kate caiu de cara no chão. A primeira gnomo ficava dobrando e torcendo seus dedos enquanto a outra pulava nas costas dela, rindo com alegria. A gnomo de lenço vermelho olhou no rosto de Kate.

— Agora, senhorita sapatos grandes — disse ela com voz aguda —, vamos ter que aguentar alguma perturbação sua?

— Não — gritou Kate enquanto a outra gnomo enfiava os dedos de boneca no cabelo de Kate e puxava.

— Ah, mas todos os sapatos grandes são mentirosos, não são? — E a gnomo de rosto enrugado deu uma torcida dolorosa no nariz de Kate.

— Não! Não estou mentindo! Eu juro!

— Humpf — disse a pequena criatura, soltando os dedos de Kate e o nariz e assentindo para a outra, que soltou o cabelo de Kate e pulou para sair das costas dela. A gnomo líder começou a subir a escada, e Kate, com os dedos, couro cabeludo, nariz e costas doendo, seguiu obedientemente.

Ela foi banhada em uma banheira de água escaldante. Sua pele foi esfregada até doer. Seu cabelo foi lavado. Suas unhas roídas foram lixadas até ficarem retas. Uma das gnomos passou um pente de dentes duros pelo cabelo dela, puxando os nós com tanta força que Kate tinha certeza de que, quando ela terminasse, seu couro cabeludo estaria sangrando e ela ficaria careca. Elas a vestiram com roupas de baixo como um vestido, e depois com um vestido de mangas compridas e gola alta cor de marfim com rendas intrincadas no peito. E, por fim, uma das gnomos colocou os pés de Kate em um par de botas de couro com dezenas de ganchinhos, enquanto a outra puxava seu cabelo para um lado e para outro para fazer uma trança complicada.

Naquela hora a porta se abriu e Rourke entrou.

— Ah, eu sabia que havia uma jovem dama escondida por debaixo de tanta sujeira.

A gnomo de lenço vermelho colocou Kate de pé e a arrastou até um espelho. Kate mal reconheceu a garota que olhava para ela. Com o vestido antiquado de gola alta, ela parecia uma garota de um livro ou filme. Havia marcas rosadas em suas bochechas. Seu cabelo louro-escuro brilhava e tinha sido puxado e trançado de uma forma que mostrava ângulos do rosto que Kate nunca soube que existiam. Ela olhou para as unhas e viu que tinham sido cortadas e lixadas, de forma que as evidências de quando as roía de nervoso não estavam visíveis.

— Sim — disse Rourke —, você está pronta pra conhecer ele.

Rourke a levou por outra escadaria. Ao contrário do resto da mansão, este andar estava silencioso e parado. Kate e o homem andaram por um corredor mal iluminado, com o piso de madeira gemendo sob o peso de Rourke, e a garota olhou pela janela e viu que estava escurecendo. A noite estava caindo e nevava outra vez.

E então, na metade do corredor, ela ouviu o som de um violino.

Kate tropeçou e os saltos das botas dobraram debaixo do seu corpo.

— Calma — disse Rourke, e a firmou pelo cotovelo.

Essa não era a música de Rafe, a melodia triste de tons sombrios de inverno que ele tinha tocado naquela manhã. Era uma música que Kate tinha ouvido no barco da Condessa, a que era ao mesmo tempo maníaca e assombrada. Era a música que tocava enquanto o mundo queimava. O Magnus Medonho estava por perto.

Um Demônio estava de pé no final do corredor, e quando Kate e o homem careca se aproximaram, a criatura abriu uma porta. Sem obstrução, a música fluiu, e Rourke colocou uma das mãos nas costas dela e a garota foi empurrada para a frente, como se fosse o jantar jogado na jaula de um animal. Ela ouviu a porta se fechar atrás de si.

Kate cambaleou e parou. O violino ficou silencioso. Ela estava de pé em um caminho estreito de cascalho e parecia estar cercada de selva. Ao redor dela havia plantas de folhas gordas e oleosas, altas, palmeiras de troncos com espinhos, samambaias com folhas espalhadas, plantas com flores laranja e vermelhas e amarelas e roxas amontoadas em profusão. O ar estava quente e úmido. Kate ergueu o olhar e viu o domo de vidro da estufa. O calor criou vapor no vidro e obscurecia o mundo lá fora.

O caminho de cascalho serpenteava e uma voz falou de dentro da selva.

— Venha cá, criança.

Kate tremeu; ela conhecia aquela voz. Era a voz do ser que possuiu a Condessa; era fria, antiga e selvagem.

— Não estou acostumado a pedir duas vezes.

Bem devagar, Kate começou a andar, com as botas novas esmagando o cascalho. Ela prendeu a respiração, se preparando para sua primeira visão do ser que falava. E então, quando virou uma curva, a selva se abriu e revelou um beco de cascalho no final da estufa, e ali, cercado de todos os lados de floresta tropical, um velho estava sentado em uma cadeira de rodas de madeira com um cobertor no colo.

O homem era a pessoa mais velha que Kate já tinha visto, quase mais um esqueleto do que homem. A carne dele parecia ter sido sugada e o corpo tinha começado a desmoronar sobre si mesmo, embora a cabeça e as mãos fossem estranhas e grotescamente grandes. A pele estava frouxa e ferida e tinha um tom verde apodrecido. Ele parecia uma coisa saída de um túmulo. O velho ergueu a cabeça pesada e Kate viu que os olhos dele eram enevoados por cataratas. Ele lambeu dois dedos e uma cadeira apareceu à frente dele.

— Sente-se.

Quando Kate não se mexeu, houve um silvo e ela se sentiu empurrada para a frente e forçada a sentar na cadeira.

— Melhor.

Estranhamente, a voz dele ainda era a voz da qual ela se lembrava do barco da Condessa, cheia de energia e fogo. Mas será que essa criatura retorcida e murcha podia mesmo ser o Magnus Medonho? Kate tinha construído um Magnus Medonho na mente como uma força de poder e maldade quase inimagináveis, não esse desastre com olhos leitosos.

O velho sorriu e mostrou uma boca cheia de dentes amarelados e quebrados.

— Você está se perguntando como essa coisa destruída à sua frente pode ser o Magnus Medonho? Como pode alegar ter tanto poder? Inspirar tanta lealdade e pavor? Pode-se perguntar como uma garota, pouco mais do que uma criança, pode ter dentro de si a capacidade de transformar o tempo. Não se pode deixar enganar por aparências. Poder é poder. Enquanto uma aparência externa — ele mexeu os dedos de novo — é rapidamente modificada.

Um espelho apareceu no ar, e Kate viu, olhando para ela, uma senhora muito idosa cujo rosto era tão enrugado que a pele parecia estar derretendo dos ossos. Com um grito sufocado na garganta, Kate ergueu as mãos e viu que as dobras dos dedos estavam inchadas e suas unhas estavam grossas e pareciam garras. Antes que ela pudesse gritar, o velho balançou a mão outra vez e, ao olhar no espelho, Kate viu que seu rosto voltara ao normal.

— Não deposite sua confiança em aparências, criança.

O coração de Kate estava disparado, enquanto o velho ria com um som úmido. Ela tentou se forçar a ficar calma. Mesmo se ele fosse realmente o Magnus Medonho, não podia saber nada sobre ela. Faltava um século para os dois se encontrarem no barco em Cambridge Falls. Ela só tinha que permanecer quieta. Podia sair dessa.

O velho inclinou a cabeça, como se ouvindo uma melodia distante.

— Já nos conhecemos, não é? Ou talvez ainda não. No futuro.

Kate não disse nada. Será que o homem estava lendo seus pensamentos?

O velho bruxo continuou a falar.

— A Protetora do *Atlas*. É claro, eu soube no momento em que você chegou à cidade. Não consegui identificar exatamente onde você estava, mas senti sua presença. E quão auspicioso que você esteja aqui nesta noite, dentre todas as noites. Me diga, criança, você sabe por que esta noite é tão importante?

— A... Separação — disse Kate, aliviada por estar falando sobre alguma coisa sobre a qual não tinha nada para revelar. — O mundo mágico vai desaparecer à meia-noite.

— Sim. Vamos nos esconder. Vamos ceder o mundo para o povo não mágico por nenhum motivo além do fato de que eles nos odeiam por nosso poder e a população deles é de 10 mil para cada pessoa do nosso.

Kate não sabia como responder, então não disse nada.

— Eles dizem, os que desejam que nos retiremos, que a era em que a magia governava o mundo já passou faz tempo. Que a Separação, a retirada, nos escondermos como crianças assustadas, é nossa única esperança de sobrevivência. Em parte, eu concordo. — A cadeira de rodas do homem se aproximou. — Não faz sentido viver em termos iguais com os que não são tocados pela magia. Não somos iguais e nunca seremos. Mas a magia pode governar o mundo novamente. Só é preciso vontade e poder. Eu tenho a vontade. E em breve, muito em breve, terei o poder.

Kate estava pensando apenas em se proteger, em revelar o mínimo possível. Agora, de repente, estava começando a entender.

— Eu previ isso tudo há muito tempo. Vi que o mundo mágico iria desaparecer. Que nossa espécie seria engolida pelo mar crescente da humanidade. Tentei fazer os outros ouvirem. Mas mágico lutou contra mágico. Elfo lutou com anão, que lutou com goblin, que lutou com dragão. Ninguém queria encarar o verdadeiro inimigo. E o

poder de que precisávamos estava lá. Tinha até sido reunido em um só lugar, como se esperando que eu fosse buscar.

— Os Livros do Princípio — sussurrou Kate.

— Exatamente. Mas os magos de Rhakotis, com tudo o que sabiam, eram tolos. Escreveram os Livros apenas para que o mundo soubesse que eles os tinham escrito, nunca para usar de verdade. Mesmo assim — o velho balançou a cabeça monstruosa —, o conselho era poderoso. Durante séculos, eles eram fortes demais para serem atacados. Mas meu dia finalmente chegou e eu ajudei o guerreiro Alexandre a conquistar a cidade.

— Você fez parceria com um reles humano — disse Kate, incapaz de resistir ao comentário. — Pensei que você odiasse eles.

O Magnus Medonho deu de ombros.

— A guerra forma parceiros improváveis, e eu matei ele pouco depois.

— Mas não pegou os Livros, pegou? — disse Kate.

O velho direcionou os olhos brancos para ela, e Kate sentiu um peso invisível cair sobre seu peito. O rosto do homem não demonstrava emoção. O peso ficou maior. Kate estava determinada a não gritar e nem pedir piedade, mas o peso pressionou mais e mais, e por fim, enquanto ainda tinha fôlego, ela gritou:

— Para! Por favor!

O peso sumiu e ela ofegou baixinho.

— Você está certa, criança — disse ele, prosseguindo como se nada tivesse acontecido. — Os Livros tinham desaparecido quando cheguei ao cofre de Rhakotis. Durante 2.500 anos, eu os procurei. E, durante esse tempo, os humanos ficaram mais fortes e o mundo mágico ficou mais fraco. Agora, qual é a grande solução? Vamos todos nos esconder. Só que eu não desisti. Ainda vou encontrar os Livros, e a humanidade vai tremer. Sua chegada é apenas o primeiro sinal. Me diga, onde estão os outros dois livros?

— Não sei.

Ele riu.

— Acho que você não está sendo completamente sincera.

Ele apontou um dedo retorcido para ela, e Kate sentiu a magia crescer dentro de si. Ela tentou reprimir, mas o homem era poderoso demais. A estufa tinha desaparecido, e Kate estava em outro lugar, completamente diferente. E então (Kate mal conseguiu se impedir de gritar o nome dele), ela viu Michael. Havia fogo ao redor dele. Ele segurava um livro com uma capa vermelha de couro. Ela sabia que não estava lá de verdade, que Michael não podia vê-la. E então, com a mesma rapidez, Kate estava de volta à estufa. Ela sentiu a magia se acalmando dentro de si.

— Está vendo, criança, você sabe. Aquela era a *Crônica*, o Livro da Vida. E segurando ele... era seu irmão?

Kate apertou os braços da cadeira e não disse nada.

— Vamos olhar pra isso depois. Temos outros assuntos mais importantes. — A cadeira de rodas chegou mais perto ainda três centímetros, e o homem colocou a cabeça gigantesca perto dela. — Pois a Separação não é a verdadeira razão de esta noite ser significativa. Esta noite é significativa — e mais uma vez ele mostrou o sorriso amarelo irregular — porque vou morrer.

— O quê?

Foi tudo o que Kate conseguiu dizer. Ela estava vagamente ciente de uma cobra vermelha e grande deslizando pela floresta à direita dela. O velho bruxo riu.

— Você está surpresa? Talvez tivesse pensado que o Magnus Medonho era imortal? Mas a morte é o mar para o qual toda água flui. Elfos podem viver por milhares de anos. Anões, algumas centenas. Magos e bruxas são muito parecidos com humanos. Podemos sobreviver um século ou dois. Depois disso, se desejamos continuar a viver, precisamos recorrer a medidas... mais potentes. Da forma que você me vê aqui, tenho 341 anos, e hoje, por fim, vou morrer.

— Mas... não entendo. Eu conheci você... no futuro...

— Você me conheceu, sim. Mas, na verdade, você conheceu outro. O que acontece quando um rei morre? Um novo rei toma seu lugar, assumindo todos os títulos e poderes do antigo, se envolvendo no ofício do morto. O Magnus Medonho é um homem, mas também é vários.

“Sou o nono Magnus Medonho. Fui escolhido quando garoto. Eu não sabia quem eu era, qual seria meu destino. Fui chamado. E quando despertei para mim mesmo, assumi não apenas o título de Magnus Medonho, mas também os poderes e as lembranças dos oito que me precederam. Assim como morro esta noite, eu também renascerei, quando passar meu poder e minhas lembranças ao meu sucessor. Ele vai nos levar em frente. Vai ser o maior de todos nós. O mais poderoso. Também vai ser o último. Vai ser dele o dever de fazer o mundo voltar a ser como deveria. E ele não vai falhar.”

Kate balançou a cabeça; o calor no aposento estava deixando a cabeça dela enevoada.

— Tem... outro? Outro Magnus Medonho? — Na hora em que ela fez a pergunta, um pensamento terrível lhe ocorreu, e ela sentiu uma pontada de medo. — Quem é ele?

— Um garoto. Sempre é um garoto. Ele ignora o poder que tem. Ignora seu destino. Mas já existe poder nele. Outros vão sentir...

Kate não conseguia respirar; o calor e a umidade no aposento a estavam sufocando. Ela queria arrancar a gola do vestido. Não era possível. Não podia ser!

O velho bruxo continuou a falar:

— Levei anos pra descobrir que ele estava nesta cidade. E algum tipo de magia ainda o esconde de mim. Rourke caçou o garoto por toda a ilha, mas ele continua a nos enganar. Sem dúvida quem está escondendo ele pensa que está protegendo. — Ele balançou a mão, deixando o assunto de lado. — Não importa. O garoto virá para mim esta noite. Vai ser atraído pra cá. Não pode escapar do destino dele. Ele virá, e a corrente não será rompida.

Kate se sentiu agarrando os braços da cadeira como se pudesse cair para a frente.

— Qual... qual é o nome dele?

A criatura antiga sorriu, e Kate sentiu que ele estava aguardando este momento.

— Você pergunta isso, criança, mas já o conheceu. A presença dele está ao redor de você toda. Senti no momento em que você entrou. — Os olhos leitosos do homem se clarearam, e Kate olhou apavorada, pois eles ardiam no mesmo tom de verde-esmeralda que ela viu naquela manhã enquanto Rafe passava fuligem nas bochechas dela.

— Ele virá — sibilou o velho. — Ele virá, e o Magnus Medonho vai viver de novo.

Kate percebeu o Demônio entrar na estufa e erguê-la da cadeira. Ouviu o Magnus Medonho dizer:

— Leve ela pra um quarto e fique de olho. Ela vai ser minha convidada na cerimônia desta noite.

Ela sentiu o ar frio quando entrou no corredor. No alto da escada, ouviu o sotaque irlandês de Rourke.

— Deixa comigo, eu levo a mocinha.

Kate foi passada do Demônio para o homem enorme, e então ouviu gritos na escada e foi tirada do estupor, pois a voz que estava gritando lá embaixo era a de Rourke, mas Rourke estava de pé ao lado dela, e o Demônio pareceu perceber a estranheza também, e então, sem aviso, Rourke chutou o Demônio com força no peito e ele saiu voando pela janela. Em seguida, havia botas soando na escada, e Kate viu um brilho no ar na frente de Rourke, e, de repente, quem estava de pé ao seu lado não era Rourke, mas Rafe.

— Chega disso — disse o garoto. — Está com vontade de correr?

CAPÍTULO QUINZE

O Livro da Vida



Michael acordou, viu o céu azul acima e, por um momento perfeito, não fez ideia de onde estava.

Então um rosto apareceu, de cabeça para baixo, bem perto do dele.

— Como você consegue enxergar com isso? Deixa tudo tão embaralhado!

No mesmo momento, Michael estava de pé. Ele absorveu os contornos borrados do vale da floresta, das montanhas cobertas de neve, do vulcão, da torre destruída...

Certo, pensou ele enquanto seu coração galopava no peito, certo, eu sei onde estou.

Então ele levou uma das mãos ao pescoço e sentiu o volume da bola de vidro, ainda pendurada na tira de couro. Mais tranquilo, Michael ergueu a mão para ajeitar os óculos e percebeu que não estava com eles, que estavam no rosto da pessoa em cujo colo sua cabeça repousava momentos antes.

— Você não precisa mesmo dessa coisa horrível, precisa? — A elfa tinha tirado os óculos dele e os estava segurando como se poderia segurar uma alga particularmente melequenta. — Você fica tão melhor sem eles. Menos seu nariz. Você sofreu um acidente?

— O quê? Não.

— Foi amaldiçoado por um mago?

— Não...

— Então você nasceu com esse nariz? Acho que depois que nos casarmos vou ter que me lembrar de não olhar muito pro seu rosto

pra não me assustar.

Michael ainda estava grogue de sono e se esforçando para entender a situação, sem contar que o que a elfa disse era completamente apavorante, e não fazia ideia de como responder. Ele simplesmente disse:

— Por favor, posso pegar... — E então, ele se interrompeu. — Espera... Cadê Emma? Onde está minha irmã? E onde está a *Crônica*?

— Seu amigo muito grande levou ela lá pra baixo. E levou aquele livro irritante junto. Como se eu quisesse algum dia ver ele de novo... Oh lá!

— Gabriel? Ele está bem?

— Perfeitamente bem. Posso jogar isso fora, então? Está tudo certo?

Ela segurou os óculos dele pela lateral da torre.

— Não! Eu preciso deles! Por favor!

— Ah, muito bem. — A garota elfo deu um salto e entregou os óculos para Michael. — Pro resto do mundo, você pode ser terrível de olhar, mas pra mim você sempre vai ser o homem mais bonito que existe. Desde que eu desvie o olhar do seu rosto periodicamente. — Ela fez uma reverência. — Princesa Wilamena, às suas ordens.

— Você é... uma princesa?

— Bem, é claro! Por que você acha que eu queria tanto minha coroa de volta? — Ela tocou no aro de ouro agora sobre sua cabeça. — Você não acha que fica bem em mim?

— O quê? Ah, hum, claro. Muito.

Com os óculos no rosto, Michael finalmente conseguiu ver a elfa com clareza. Ela era uma duplicata viva perfeita da escultura de gelo. Ele concluiu que o cabelo dela era da cor do sol da manhã. Os olhos eram mais azuis do que um céu de verão sem nuvens. O nariz...

Mais azuis do que um céu de verão sem nuvens?, pensou Michael. Qual é o meu problema? Ela tem cabelo louro e olhos azuis, só isso.

Mas naquele momento Michael se ouviu comparando a voz dela à música de um pássaro, a brancura da pele dela à neve recém-caída...

Para, disse ele para si mesmo. Você está sendo enganado por alguma magia élfica, só isso.

— Ah, maravilhoso. — A elfa bateu as mãos. — Você já se apaixonou por mim!

— Eu não...

— Não seja bobo! Você devia ver a expressão ridícula no seu rosto! Aliás, você reparou na maneira como meu cabelo balança?

— Escuta — disse Michael com o máximo de rigor que conseguiu —, preciso saber que você não vai virar um dragão de novo. Não vai, né?

Ao ouvir isso, a princesa elfo ficou séria e pegou a pulseira de ouro cortada onde estava, no meio dos escombros. Michael viu que a pulseira tinha encolhido até ficar do tamanho que daria para uma pessoa usar, mas, mesmo assim, parecia grande e grosseira nas mãos delicadas da moça elfo. Wilamena passou os dedos pelo corte feito pela faca de Michael.

— Foi quase 200 anos atrás que encontrei Xanbertis na floresta. Ele me ofereceu essa pulseira como símbolo da amizade entre a ordem e o meu povo. Eu não tinha conhecimento das atrocidades que ele tinha cometido. Assim, aceitei o presente e me tornei escrava dele. Dois séculos de trevas e fogo. Uma prisioneira em meu próprio corpo horrível. Mas acabou. O dragão morreu e fui salva... tudo por sua causa!

A princesa olhou para ele com lágrimas e expressão de adoração.

E Michael pensou: Pobrezinha, ela passou por muita coisa ruim.

Em seguida, o garoto pensou: O cabelo dela realmente se balança sozinho...

A princesa elfo bateu as mãos de alegria.

— Ah, você *está* apaixonado por mim.

— O que... não, eu só...

— Está, sim! Meu coelho!

— Por favor, não me chame de coelho.

— Coelhinho!

E deu um pulo para a frente e o beijou na bochecha, fazendo com que Michael cambaleasse para trás.

— Também não faça isso! Estou falando sério.

Michael conseguia sentir sua bochecha quente e formigando onde ela o tinha beijado.

— Verdade — disse ela. — Vamos ter muito tempo pra beijar depois. Muito mesmo!

Chega dessa besteirada de elfo, pensou Michael.

— Quero ver minha irmã. Agora.

Eles encontraram Emma no alojamento do guardião, um prédio de teto baixo junto à parede dos fundos da fortaleza. A mobília era pouca (um baú de madeira, uma cama, um banco, uma mesa), mas considerando a aparência imunda do guardião, o quarto estava surpreendentemente limpo e arrumado. Gabriel tinha colocado Emma na cama e coberto com vários cobertores, e quando Michael e a princesa elfo entraram, ele estava sentado ao lado dela, segurando a mão pequena e sem vida entre as dele. Michael teve a impressão de que Gabriel estava sentado assim, sem se mexer, havia horas.

Gabriel, cuja cabeça estava enrolada em uma atadura, ficou de pé e o abraçou.

— Estou muito orgulhoso de você.

— Ah, bem... você sabe... — Michael ficou sem palavras de repente. — Não é nada... bem, você sabe...

Michael tentou devolver a faca de Gabriel, mas o homem se recusou a aceitar.

— Você conquistou ela. O rei Robbie concordaria.

Michael agradeceu e colocou a faca de volta no cinto.

O livro de couro vermelho estava na mesa ao lado do colchão. Michael sentiu a vibração dele assim que entrou no quarto, e suas mãos estavam coçando para pegá-lo. Mas ao tomar o lugar de Gabriel no banco, ele deu toda a sua atenção a Emma. Exceto pelo fato de ela estar deitada e coberta, sua aparência estava idêntica à da noite anterior. Os olhos da menina estavam vidrados no nada. Havia a mesma ruga de raiva na testa dela. A boca ainda estava ligeiramente aberta. Michael pegou a mão fechada que estava fora do cobertor. Estava fria como pedra.

Está tudo bem, disse ele silenciosamente. Estou aqui agora.

E só então, por fim, ele se virou para o livro.

Era menor e mais grosso do que o *Atlas*. Em tamanho e forma, o exemplar o lembrava *O compêndio do anão*, um livro que Michael considerava ter proporções quase perfeitas. Como Michael previra, a *Crônica* não mostrava sinais de ter sido submersa em uma poça de lava; na verdade, estava em condições bem melhores do que o *Compêndio*, cuja capa de couro preto estava marcada e gasta pelo tempo. Mas Michael viu que havia um desenho entalhado na capa de couro. Ele não conseguia dizer o que era com certeza, mas os ondulados e as espirais o faziam pensar em línguas de fogo. Por um momento, Michael se perguntou sobre o significado, depois afastou a pergunta e voltou sua atenção para o aspecto mais intrigante e incomum do livro.

Dois ganchos de metal fixados na beirada da parte de trás prendiam o que parecia uma caneta antiquada. Tinha 12 centímetros de comprimento, era lisa e fina e terminava com uma ponta em uma das extremidades. Parecia feita de osso.

— O que é isso?

— É o stylus. — A princesa Wilamena estava de pé atrás dele; e mesmo com as costas para ela, Michael estava ciente da presença da elfa de uma maneira frustrante, e do fato de que o cabelo dela tinha cheiro de primavera e mel e...

Foco, ele disse para si mesmo.

— O que faço com ele?

— Seu bobo, é assim que você faz a *Crônica* funcionar! Você escreve o nome de quem quer que a *Crônica* atinja e *voilà!* A coisa está feita! Ajudou?

— Ajudou — disse Michael. — Na verdade, muito. Obrigado.

— Vale um beijo, talvez?

Michael ignorou. Ele tirou o stylus dos ganchos. Era muito leve; quase parecia oco.

— E agora eu apenas escrevo o nome de Emma no livro? Parece tão fácil.

A garota elfo riu.

— Você sabe o que a *Crônica* é, coelho?

— Já falei...

— Shh. Você está prestes a aprender uma coisa. A *Crônica* é um registro, você pode até dizer o registro, de todas as coisas vivas. Qualquer criatura que anda ou fala ou respira ou canta ou ri ou chora ou corre ou faz bolhas... eu adoro fazer bolhas!... está listada nas páginas dela. E a lista muda constantemente, pois as vidas ao redor de nós florescem e murcham. Ao escrever o nome de uma pessoa no livro, você acrescenta ela à lista dos vivos.

— Mas Emma já está viva; ela só está congelada...

— Como eu estava quase explicando, a *Crônica* é, primeiro e antes de tudo, um registro; mas o stylus permite que você concentre o poder do livro, o próprio poder da vida, em um ser específico, tanto para levar ele a existir quanto... e agora pense na sua querida e doce irmã... para curar ele. Mas tudo o que *você* tem que fazer é escrever o nome com sua mãozinha de coelho. — E então Michael a ouviu sussurrar para Gabriel: — Ele não gosta quando eu chamo ele de coelho, mas chamo mesmo assim porque ele é um coelho adorável. Você não concorda?

Gabriel deu um resmungo neutro.

Michael abriu o livro. Não ficou surpreso em encontrar as páginas em branco, embora, ao contrário do *Atlas*, cujas páginas eram lisas e

brancas, essas fossem ásperas e marcadas com pequenas farpas de madeira. Michael folheou o meio e abriu o livro sobre o joelho. Fez uma pausa. Tinha a sensação de que era um dos momentos mais importantes de sua vida. Para chegar aqui, ele tinha triunfado sobre grandes obstáculos e enormes perigos. Imaginou o dr. Pym ouvindo sobre o que ele fez, ou Kate, ou o rei Robbie, ou mesmo, um dia, seu pai. Quando Michael colocou a ponta do stylus na página, um sorriso marcou os cantos de seu rosto habitualmente sério e, com um movimento confiante, ele escreveu o nome da irmã.

Nada aconteceu.

— Hum, coelho...

— O quê? — disse Michael com irritação.

— Você precisa de tinta. As letras não aparecem por magia.

— Você podia ter me dito isso. O guardião tem alguma...

— Ah, não se usa tinta normal.

A princesa elfo deu um passo à frente, pegou o polegar dele com uma das mãos e o stylus com a outra. Michael estava prestes a perguntar o que ela estava fazendo, ao mesmo tempo em que se maravilhava com a maciez de pétala da pele dela, quando a garota enfiou a ponta afiada do stylus no dedão dele.

— Aii!

— Não seja um bebê coelhinho. Aqui, está vendo? — E ela molhou o stylus na gota de sangue que crescia na ponta do dedo dele. — Não só funciona como tinta, mas o sangue também produz a ligação entre você e o livro. Um pouco nojento, mas muito eficiente. Agora acorde sua pobre irmã, vamos todos lá pra fora e eu deixo você trançar meu cabelo!

Michael não disse nada sobre essa última sugestão (embora uma pequena voz em sua cabeça pensasse que a ideia era maravilhosa), mas respirou fundo, deu uma olhada final no rosto imóvel da irmã e tocou a página com o stylus.

Ele deu um salto. Era como se tivesse enfiado um garfo em uma tomada; uma corrente elétrica subia pelo stylus, pelo braço dele e

chegava a todo o seu corpo.

— O que está acontecendo? — ele ouviu Gabriel perguntar. — Ele está em perigo?

— Não, ele está ligado à *Crônica* — sussurrou a princesa elfo. — Veja.

Pareceu a Michael que todas as suas terminações nervosas, das pontas dos dedos aos lóbulos das orelhas até as solas dos pés, estavam vibrando. Depois do choque inicial, a sensação não era de dor, nem mesmo desagradável, e quando Michael começou a relaxar, percebeu que seus sentidos tinham ficado apurados de uma maneira quase sobrenatural. Ele viu pontinhos dourados nos olhos de Emma que nunca tinha reparado; sentiu o cheiro leve de aveia do sabonete que usou no orfanato de Baltimore; até ouviu, apesar de isso parecer impossível, os suaves e trêmulos batimentos cardíacos dela...

Michael começou a escrever, e as letras fumegaram e borbulharam quando ele as formou, como se o garoto estivesse de alguma forma soldando o nome da irmã nas páginas do livro; e então, Emma deu um pulo para cima, gritando:

— É melhor você não...

Ela parou, olhou ao redor e disse:

— Hã? Como você...?

E um caos alegre e comemorativo se alastrou ao redor dela. Gabriel a tomou nos braços, Wilamena bateu palmas e beijou Emma, declarando que estava muito feliz porque elas seriam irmãs, e Emma disse:

— Hã? Quem é você? Cadê o dragão?

No meio disso, só Michael estava em silêncio, sentado no banco, com as mãos tremendo ao fechar o livro, o rosto branco de medo.

— Então eu estava na clareira, e um dragão grande e burro... — Emma olhou para Wilamena. — Desculpa.

— Oh lá! — A princesa elfo balançou a mão. — Não é nada. Somos família, afinal. Ou seremos, em pouco tempo.

— Hã?

— Deixa pra lá — disse Michael.

— Bem, então voamos por cima da floresta — prosseguiu Emma —, que foi até legal, e pousamos na torre, e aquele cara cabeludo e fedido me espetou com uma agulha, e quando percebi, eu estava aqui.

Aqui era o quarto do guardião, onde eles ainda estavam reunidos. Emma tinha acabado de saber, em parte por Michael, mas mais por Gabriel e Wilamena, tudo o que tinha acontecido desde que ela foi congelada: que Michael e Gabriel a encontraram na fortaleza, que Michael entrou no vulcão sozinho, que o guardião tentou assassinar os dois, que Michael descobriu que o dragão era na verdade a princesa elfo, que conseguiu quebrar a maldição e pegar a *Crônica*...

— O coelho foi incrivelmente corajoso — disse Wilamena.

— Que coelho? Tem um coelho?

— Ela está falando de mim — disse Michael com mau humor.

— Ele estava disposto a dar a vida por você. Imagina um coelhinho assim enfrentando um dragão com apenas uma mera faca de anão.

Michael sentiu todos olhando para ele, e rapidamente pediu a Emma para contar a história dela. Quando ela terminou, Gabriel anunciou que era hora de pensar em ir embora.

— É um longo caminho de volta pro avião, e temos que chegar antes do anoitecer. Só que não podemos andar de estômago vazio. Quanta comida tem na fortaleza?

— Ah, bastante — disse a princesa elfo. — Posso mostrar pra vocês.

Sentindo uma chance de escapar, Michael disse que, enquanto ela e Gabriel faziam isso, ele ia tentar lavar a lama do cabelo, e correu pela porta.

Michael foi direto para o forte. Raios de luz se espalhavam no chão do salão. O guardião estava sentado amarrado a uma coluna, com as mãos atrás, o queixo apoiado no peito. Michael parou a alguns metros dele. Estava tremendo; tinha mantido a postura desde que Emma acordou, sabendo que podia ir até ali.

— Preciso que você... — ele tentou impedir que a voz saísse hesitante. — Preciso que você me diga como usar a *Crônica*. A princesa Wilamena tentou me dizer, mas... ela deve ter pulado alguma coisa, ou então não sabia. Preciso saber o que estou fazendo de errado. Você sabe, sei que sabe!

Lentamente, o homem ergueu a cabeça e olhou para Michael. Parecia incrível, mas ele aparentava estar mais maltrapilho e imundo do que antes. Seus olhos estavam injetados de sangue, seu cabelo estava duro de sangue seco e sua túnica estava rasgada no ombro.

Mas, ao ver Michael, ele sorriu.

— Então você usou a *Crônica* pra trazer sua irmã de volta. O que aconteceu, garoto? Quero ouvir todos os detalhes.

— Só... me conta como usar. Eu preciso saber. Por favor.

— Se não quer dizer, tudo bem. Eu digo. Por um momento, você esteve conectado com sua irmã. O coração dela se tornou seu. Qualquer coisa que ela já sentiu, você sentiu. E estou supondo que você não gostou disso, gostou?

O tom dele era alegre, e o que ele descreveu foi exatamente o que Michael sentiu. Ele sentiu o poder do livro aumentando e aumentando, mas estava em transe, encantado, e quando finalmente percebeu o que estava acontecendo, era tarde demais. Como um nadador que se vê no meio de uma correnteza forte e só pode observar a margem se afastar, Michael foi levado para o mar.

Ou melhor, foi carregado para Emma. Assim como o guardião disse, a vida dela toda se abriu para ele. Não só a vida, mas o coração. Ele entendeu como foi crescer como irmã mais nova, sem lembrança nenhuma dos pais, sem lembranças de uma vida que não envolvesse se deslocar de orfanato em orfanato, sem família além de

Michael e Kate. Ele entendeu, em um nível que nunca tinha compreendido antes, que ele e Kate eram o mundo inteiro de Emma; que Emma, a pessoa mais corajosa que ele conhecia, era completamente governada pelo medo, o medo de que ela, de alguma forma, algum dia, perdesse o irmão e a irmã e ficasse completamente sozinha. E Michael sentiu como, quando ele traiu Emma e Kate para a Condessa, as fracas estruturas do mundo dela foram destruídas. E entendeu o quanto foi difícil para ela perdoá-lo, confiar nele de novo, mas que essa sensação de certeza que ela sentia antes, que o irmão e a irmã sempre estariam presentes, nunca voltou.

— Apenas me diga — disse ele, limpando as lágrimas do rosto —, o que eu estou fazendo de errado.

— O que você está fazendo de errado? A única coisa que você está fazendo de errado, garoto, é imaginar que é o Protetor. — O homem se inclinou para a frente, agora furioso, lutando contra as amarras. — A *Crônica* forma uma ligação entre você e o nome de quem aparece no livro. A vida dessa pessoa, por mais terrível, por mais medonha, por mais dolorosa que seja, se torna sua vida. O que ela sente, você sente. É assim que é.

— Mas... isso não é justo! — gritou Michael, sabendo que falava como uma criança, mas sem conseguir parar. — O *Atlas* só leva você pelo tempo. Por que não...

O homem riu.

— É o Livro da Vida! E a vida é dor! O verdadeiro Protetor deve conseguir suportar a dor do mundo. Seu coração é tão forte, garoto? Acho que não. Você mal consegue carregar sua própria dor, imagine a de outra pessoa. Assim que vi você, eu pensei: esse garoto se esconde da vida. Está fazendo tudo pra fugir da dor. Mas não se pode fugir do Livro. — O guardião cuspiu, e o olhar no rosto dele era de puro desdém. — Você queria a *Crônica*. É sua. Mas você não é o Protetor!

Michael encontrou um barril de água na lateral do forte e enfiou a cabeça, uma vez atrás da outra, esfregando os pedaços endurecidos de lama ainda presos no cabelo e no couro cabeludo. Quando o cabelo estava o mais limpo que dava para deixar, ele secou o rosto na camisa e se encostou no barril, respirando devagar e profundamente.

— Michael?

Michael rapidamente colocou os óculos e se virou. Era Emma.

— Eu estava te procurando por toda parte...

— Desculpa — disse ele. — Eu...

— Você está zangado comigo?

— O quê?

— Eu só achei que você poderia estar zangado comigo. Você sabe, por não te ouvir na noite de ontem e ser pega...

— É claro que não. Não. Como você pôde pensar isso?

Água escorreu do cabelo dele e caiu nas lentes dos óculos, mas Michael via Emma claramente, com o cabelo lamacento e o rosto sujo de terra; ela parecia pequena e incerta.

— É que você não pareceu nada feliz em me ver, e então você meio que fugiu... e... não consigo acreditar nas coisas que você fez.

— Os olhos dela estavam brilhando de lágrimas. — Você lutou com um dragão por mim, e eu não falei antes porque não é da conta daquela elfa, mas nunca, nunca vou esquecer o que você fez, nunca mesmo, e se você estiver zangado...

— Emma, não estou zangado com você. Eu só... — E ele sabia que tinha que dizer alguma coisa, então escolheu uma coisa que pelo menos era verdade: — Eu estava com medo. Desculpa.

Emma soltou um soluço de alívio, correu para ele e deu-lhe um abraço forte.

— Peço desculpa também. Eu devia ter te ouvido.

Eles ficaram assim vários segundos, e Michael, que mal tinha conseguido se recompor, achou que poderia desabar de novo. Seja forte, disse ele para si mesmo, você tem que ser forte.

Por fim, Emma se afastou enquanto limpava os olhos com as costas da mão.

— Ei, espera por mim, tá?

Ela passou por ele, ficou na ponta dos pés e se inclinou para enfiar a cabeça na água agora suja do barril. Era o meio da manhã, e o sol estava forte e quente. Michael sentia seu cabelo secando. Ele já estava dizendo para si mesmo que jamais voltaria a usar a *Crônica*. Já era o bastante eles a deixarem longe do Magnus Medonho.

Quando Emma terminou, ela balançou a cabeça e jogou água em todas as direções.

— Ei, Michael?

— O quê?

— Posso ver o livro?

Michael hesitou apenas um segundo, depois foi até a bolsa e tirou a *Crônica* de onde estava, junto ao *Compêndio do anão*. Ele ficou em silêncio enquanto Emma folheava.

— Onde está meu nome? Pensei que você tivesse escrito meu nome.

— Desapareceu.

— E você usou mesmo seu sangue como tinta?

— Usei.

— Nojento. E essa é a tal da caneta?

— O stylus.

— Hum.

Emma passou a mão pelo desenho na capa e devolveu o livro. Sem olhar, Michael enfiou a *Crônica* na bolsa e colocou a bolsa no ombro, sentindo o peso dela contra o quadril. Ele soltou a respiração que estava prendendo.

— Então ele é seu? Como o *Atlas* é de Kate?

— Acho que sim.

— Isso deve querer dizer que o próximo é o meu. Espero não ter que escrever nele com meu sangue. Sem querer ofender, mas eca.

Michael pensou em contar para ela que o próximo livro era o Livro da Morte, mas decidiu que essa informação provavelmente podia esperar.

— Michael, falando sério, você tem certeza de que está bem?

O menino olhou para Emma, para o cabelo molhado espetado na cabeça, e pensou: ela está viva; independentemente do custo, valeu a pena.

Michael disse:

— Estou bem.

E conseguiu dar uma coisa que parecia um sorriso verdadeiro.

— Posso fazer mais uma pergunta?

— Claro.

E então, Michael viu o brilho travesso familiar nos olhos de Emma e se preparou para o que estava a caminho.

— A princesa Sei-lá-o-nome é sua namorada agora?

— Não — disse Michael com firmeza. — Claro que não.

Emma sorriu.

— Tem certeza? Porque...

— É claro que não sou namorada dele!

Os dois se viraram e viram a princesa elfo de pé atrás deles, com as mãos nos quadris e olhando imperiosamente para Emma.

— Oh lá! Somos uma coisa *muito* mais séria do que isso!

— Entendi — disse Emma, sorrindo largamente para o irmão.

— Agora — prosseguiu Wilamena —, venho com duas mensagens. A primeira, o café da manhã está pronto. A segunda, tem fumaça negra no vale. Aparentemente, alguém chamado Rourke encontrou vocês. — Ela bateu as mãos. — Espero que estejam com fome.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Adeus, Ano Velho



Não havia tempo para conversar, para Kate perguntar a Rafe como ele a tinha encontrado, como tinha se disfarçado de Rourke. Não havia tempo para perguntar por que ele tinha ido atrás dela. Depois que o feitiço que o transformou no irlandês gigante e careca acabou e gritos e sons de passos soaram abaixo, Rafe agarrou a mão dela e eles subiram as escadas correndo, passaram por uma porta e saíram para o frio do telhado.

O ar da noite arrancou os últimos sinais de torpor de Kate, e foi naquele momento, olhando para a neve intocada, com a mão de Rafe apertando a sua, que ela teve um único momento de hesitação.

— O quê? — perguntou Rafe. — O que foi?

O que ela podia dizer a ele? Que tinha acabado de saber que o Magnus Medonho, seu inimigo, não era um homem, mas vários? Que o novo Magnus Medonho seria escolhido naquela noite e que ele, o mesmo garoto que a salvava agora, era o próximo?

— Temos que ir!

E ela se deixou ser puxada.

Quando eles chegaram ao muro baixo que cercava a mansão dos Demônios, Kate viu que o telhado da casa ao lado era um andar inteiro mais baixo. Ela ameaçou hesitar, mas Rafe colocou a mão na cintura dela e pulou. Eles caíram e caíram, e a queda foi amortecida pela neve fofa, e Rafe se levantou imediatamente, puxou Kate e logo os dois estavam correndo de novo. A neve estava alta e pesada, e era difícil para Kate com as botas e o vestido novos, mas Rafe não parava de motivá-la, pulava os muros baixos que separavam as

casas e contornavam chaminés e jardins de verão tomados de neve. Eles estavam na metade da quadra quando Kate olhou para trás e viu quatro Demônios correndo atrás deles.

— Eles estão...

— Eu sei! — disse Rafe. — Continue correndo.

Kate conseguia ver o fim da quadra à frente, e depois disso a abertura larga de uma avenida. A neve úmida se agarrava às pernas dela e ao vestido, e a garota conseguia ouvir os passos fortes dos Demônios chegando mais perto.

— Ali! — gritou Rafe.

Kate olhou para onde ele estava apontando, para a frente e à esquerda, e viu a forma longa e escura de um trem elevado. Os trilhos passavam pela avenida, pouco abaixo do alto das casas. O trem estaria ao lado deles em segundos, e Kate se deu conta do que Rafe pretendia fazer. Mas era impossível; não havia como...

— Anda! — gritou Rafe.

Os primeiros vagões cobertos de neve já estavam passando.

— Não podemos! Está rápido demais! Nós...

— Apenas pula!

E então eles estavam no final do quarteirão; não havia para onde ir; ela conseguia ouvir o arfar de um Demônio em seu ombro e, segurando a mão de Rafe, pulou.

Era mais longe do que ela pensava. Pelo menos dois metros entre a beirada da casa e o trem. Por um momento, eles ficaram no ar; Kate conseguia ver o trem se movendo abaixo deles e teve medo de cair em um dos espaços entre vagões, despencar e ser esmagada. Mas eles caíram bem no meio do teto de um carro; mas, no segundo em que eles caíram, os pés dela escorregaram na neve, a mão do garoto foi arrancada da dela, ela caiu com força sobre o quadril, o movimento a jogou para a frente e, antes que Kate soubesse o que estava acontecendo, ela estava deslizando pela lateral do trem. Ela conseguiu se agarrar a uma grade e ficou pendurada a 12 metros do chão enquanto o trem seguia disparado pela avenida.

Ela ouviu outro baque pesado no trem e soube que pelo menos um Demônio também tinha saltado. Disse para si mesma que tinha que fazer alguma coisa, se erguer, quebrar uma janela, qualquer coisa menos ficar pendurada ali, mas então o trem fez uma curva, uma das mãos de Kate escorregou e ela voou para o lado, se segurando por apenas quatro dedos, e viu a rua abaixo de si, as carruagens, os cavalos, as pessoas. O trem voltou a seguir reto e ela voou de volta e bateu na lateral do vagão. A garota ergueu o olhar e viu Rafe e o Demônio lutando em cima do trem, mas a composição fez outra curva, ela estava perdendo a firmeza, dedo por dedo, e um dos corpos, Kate não conseguiu perceber qual, passou voando por ela, e em seguida alguma coisa agarrou seu pulso e a puxou para cima.

— Você está bem? — perguntou Rafe. — Se machucou?

Kate balançou a cabeça. Ela ainda estava tonta, ainda tentava entender. Eles estavam sozinhos em cima do trem. Rafe se ajoelhou à frente dela, com as mãos em seus braços.

— Scruggs me deu um feitiço pra entrar na casa. Foi por isso que eu me parecia com Rourke. Mas não planejei a parte da fuga.

Kate começou a tremer e não conseguia parar.

— Por que... por que você voltou pra me buscar? — O cabelo dela tinha se soltado e voava ao redor do rosto, e ela tinha que gritar para ser ouvida acima do som do trem. — Por que você faria isso?

A neve caía ao redor deles. Prédios passavam voando. O garoto olhou para ela, com a luz das janelas que passavam brilhando em seu rosto. Ele tirou o casaco e colocou ao redor dos ombros dela.

— Vou te contar — disse ele. — Primeiro, vamos pra algum lugar seguro.

Kate e o garoto seguiram no trem até o centro e desceram em uma parada perto de Bowery. Rafe não queria voltar para a igreja. Não imediatamente, disse ele. Para o caso de os Demônios os estarem seguindo de alguma forma. Kate não discutiu, mas quando

eles desceram, suas mãos estavam congeladas em formato de garras e sua testa e suas orelhas doíam do frio.

Os dois não conversaram durante o trajeto. Era muito difícil ser ouvido acima do som constante e do barulho de metal contra metal dos freios todas as vezes que o trem fazia uma curva ou chegava a uma estação. Além do mais, Kate não fazia ideia do que dizer. Agora que o perigo imediato tinha passado, ela não conseguia deixar de pensar no que ouviu do Magnus Medonho e o que significava sobre Rafe. Será que Rafe era seu inimigo? O quanto ele sabia? E o que ela devia fazer? Scruggs tinha dito que o *Atlas* a tinha levado até ali por alguma razão; então, qual era? Ela se sentia confusa e desejava poder desligar a mente; mas cada vez que olhava para Rafe e via seus olhos, era lembrada de como os olhos leitosos do Magnus Medonho brilharam em um tom verde naquele último momento, e os pensamentos dela começavam a vagar novamente.

Quando eles desceram os degraus da plataforma, Rafe disse:

— Você vai precisar de um casaco mais comprido. Esse vestido não é muito sutil.

As barracas de roupas estavam fechadas ou fechando por ser véspera de Ano-novo, mas Rafe conseguiu comprar um casaco longo de lã que ia até os joelhos de Kate e cobria o vestido branco, além de deixá-la aquecida.

Por estar em Bowery, Kate teve uma sensação estranha de fechar um ciclo. Era ali que ela tinha chegado dois dias antes, e agora estava de volta, com Rafe. Ela tinha a sensação de que as coisas estavam se aproximando do fim, mas ainda não sabia o que deveria estar fazendo.

Conforme eles andavam, Kate reparou, assim como naquela primeira manhã com Jake e Beetles, que quase todas as lojas eram taberna, teatro ou salão de dança. Risadas altas e música chegavam à rua, e havia placas nas vitrines que diziam COMEMORE O FINAL DO SÉCULO! Homens e mulheres passavam cambaleando com os braços ao redor um do outro, cantando.

Rafe parou no meio da rua e olhou ao redor.

— Em duas horas, nenhum deles vai lembrar que a magia já foi real. Não parece certo. Depois de tudo o que fizeram a nós.

Kate tremeu e puxou o casaco. O garoto olhou para ela.

— Você comeu alguma coisa desde o almoço? Deve estar com fome.

Ele começou a se virar, mas ela segurou o braço dele.

— O motivo de você ter ido me salvar é que você me conhece, né? Assim como me reconheceu naquele primeiro dia. Como...?

— Não se preocupe, vou te contar. Prometo.

Havia uma garota passando entre tabernas com uma bandeja cheia de espigas de milho verde e quentes presas em espetos, e Rafe comprou uma para cada um, que eles comeram enquanto andavam pelo labirinto de ruas, abrindo caminho para os que passavam celebrando. O milho estava ainda melhor do que a batata que Kate comeu com os garotos naquele primeiro dia, e quando ela terminou, Rafe comprou para eles um copo de cidra quente, para dividirem. Eles se aproximaram do carrinho do homem da cidra, bebericando a bebida quente e temperada, passando o copo de um para o outro.

— Você conheceu ele?

Kate olhou para Rafe, mas o garoto estava com o rosto acima da caneca fumegante. Ela sabia de quem ele estava falando, mas mesmo assim, perguntou:

— Quem?

— O homem que controla os Demônios.

A voz de Kate soou vazia aos seus próprios ouvidos.

— Sim. Eu conheci ele.

— Qual é o nome dele?

— Eu... eu não sei. Chamam ele de... Magnus Medonho.

— Ele falou alguma coisa sobre mim?

Kate teve a impressão de que o barulho das tabernas e dos teatros tinha desaparecido e que ela só conseguia ouvir os

batimentos furiosos de seu coração.

— Ele não tocou no seu nome.

Isso, pelo menos, não era mentira. Mas, por outro lado, Kate sentiu que as coisas estavam saindo do controle e indo para além da compreensão dela.

O garoto assentiu.

— Então você quer ouvir como te conheço?

— Quero.

— Vem, então. Preciso te mostrar uma coisa.

Eles entraram na rua seguinte e passaram por um aglomerado de vielas, e Kate reparou em mais anões e alguns gnomos, e homens e mulheres de capa, e se deu conta de que tinham entrado no quarteirão mágico. Em seguida, em uma rua estreita e quase sem iluminação, Rafe a levou por uma viela ao lado de uma casa de três andares e, depois de parar debaixo da saída de incêndio, deu um salto, agarrou a escada e puxou-a para baixo, junto com uma cascata de neve, que caiu quase toda na cabeça dele. Kate riu; não conseguiu evitar.

— É — disse o garoto sorrindo. — Eu devia ter esperado isso.

Ele se sacudiu como um cachorro e a neve saiu voando, embora por algum tempo depois seu cabelo escuro tenha ficado manchado de branco, como o de um velho. Eles subiram no telhado e ele a levou até a parte do prédio que dava para a rua. Tirou neve da beirada para que eles pudessem se reclinar. A música e as risadas das tabernas e dos salões de dança estavam baixos e distantes. Rafe gesticulou.

— Está vendo aquele prédio do outro lado? A janela no terceiro andar, da esquerda. Observe; a luz deve se acender em um minuto.

Kate esperou. Estava frio no telhado e ela conseguia sentir o ombro do garoto encostado no seu.

— Pronto — disse ele baixinho. E Kate sentiu que ele estava prendendo a respiração e só agora soltou. Ela viu que a janela

estava mesmo iluminada e uma mulher velha mexia nas coisas em um pequeno apartamento.

— É onde eu e minha mãe morávamos. Ela nos levou pra lá uma semana depois que chegamos a Nova York. Eu era apenas um bebê. Meu pai tinha morrido; foi por isso que viemos pra cá. Ela ganhava a vida como vidente.

— O que faz uma vidente? — perguntou Kate. Suas mãos estavam fechadas dentro dos bolsos do casaco, e ela tinha virado a cabeça para olhar para ele. Só os olhos do garoto refletiam a luz da rua; seu rosto estava nas sombras. Ele manteve o olhar fixo na janela.

— É a pessoa que consegue ver o que não está lá. Ela pegava uma tigela de água, derramava um pouco de óleo e conseguia ver o que quisesse, independentemente do quanto estivesse distante. E as pessoas pagavam pra que ela mostrasse coisas. Às vezes, era quando perdiam uma coisa de valor, como um anel ou um relógio, por exemplo. Mas era mais comum que fossem pessoas que tinham acabado de chegar a Nova York e queriam ver as pessoas que ficaram pra trás, as mães e os pais e irmãos e irmãs. Às vezes, pais querendo ver os filhos. Que viam eles crescerem pela tigela da minha mãe. Ela fazia pra todo mundo. Pessoas mágicas e normais. Todos adoravam ela por isso. Nosso apartamento só tinha um cômodo. Eu ficava lá, atrás do cobertor que escondia minha cama, e observava eles, homens e mulheres, chorando, abraçando ela. Ela nunca pedia muito dinheiro. Só o suficiente pra gente viver.

— Quem mora lá agora?

— Ninguém. Eu pago o aluguel. A senhora mora no apartamento de baixo. Ela sobe todas as noites e acende a luz.

E você vem pra cá e olha, pensou Kate, e imagina que sua mãe ainda está viva.

E então, ele disse de novo, bem baixinho:

— Todo mundo amava ela.

E Kate soube que ele estava falando dele mesmo.

Os dois estavam em silêncio. Kate conseguia sentir que o garoto estava se preparando para o que tinha que contar a ela, e não havia motivo para pressionar. Ele começou a falar de novo sem aviso.

— Uma noite, um homem chega em nosso apartamento. Ele disse que queria ver a esposa, e lembro que entregou todo o dinheiro que tinha. Ele estava bêbado e xingava a esposa. “Mostra ela pra mim! Ela está escondida! Mostra ela pra mim!”

“Eu estava atrás do cobertor que separava minha cama do apartamento e vi minha mãe pegar a tigela e derramar óleo e acender a vela. E ela disse para o homem que precisava de alguma coisa da mulher, como uma mecha de cabelo ou alguma coisa que tivesse pertencido a ela. E o homem riu e enfiou a mão no bolso e jogou na mesa um anel de prata. Eu percebi que era uma aliança de casamento. Vi minha mãe pegar o anel, e ela ficou muito parada, sabe, muito quieta. E ela colocou o anel na tigela e consegui ver ela sussurrando e se concentrando muito, e o homem estava respirando alto e pesado. E ele começou a perguntar: ‘O que você está vendo? Onde ela está? Onde está escondida?’ E minha mãe não disse nada por bastante tempo, depois ergueu o olhar da tigela e disse: ‘Você fez aquilo com ela?’ E o homem começou a xingar minha mãe, dizendo que ela era porcaria mágica, e que não era da conta dela e se ela não queria que o mesmo fosse feito a ela ou pior, ela diria para ele onde a mulher estava, e minha mãe só pegou a tigela e derramou no chão e mandou ele sair.”

O garoto fez uma pausa, com o olhar ainda fixo na janela acesa do outro lado da rua.

— Ele derrubou minha mãe no chão. Eu corri e estava gritando com o homem e batendo nele, e conseguia ouvir ela gritando pra eu me afastar, e o homem me bateu e minha cabeça bateu na parede, e tudo ficou preto. Quando acordei, o quarto estava silencioso e eu estava no chão, e minha mãe estava deitada ao meu lado no chão, morta.

Kate ficou olhando para o garoto, mal conseguindo acreditar no que ele estava dizendo, que isso tinha acontecido, com o coração partido por ele. Rafe prosseguiu; ele não tinha terminado a história.

— Enterraram a minha mãe no campo dos pobres. Voltei do enterro e havia pessoas que queriam me colocar em um orfanato. Mas eu me escondi. Eu sabia quem era o homem. Ele era dono de um açougue a alguns quarteirões. Ninguém prendeu ele nem nada. Eram todos humanos normais, ele, os policiais. Assim, naquela noite depois do enterro, eu entrei escondido na loja dele, e quando ele voltou na manhã seguinte, peguei uma das facas e enfiei no coração dele. Pessoas me viram fazer isso e vieram atrás de mim. Foi quando a srta. B. me salvou.

Ele ficou em silêncio e a cidade pareceu quieta ao redor deles.

— Só que minha mãe sempre me disse que eu tinha um destino. Ela disse: “Quando você ficar mais velho, vai ter que escolher.” Ela sempre dizia isso. “Você vai ter que escolher.” E então ela morreu, e anos depois eu tive um sonho. Vi uma pessoa. Eu não sabia o que significava, então procurei uma bruxa. Ela é jovem, mas é muito poderosa. Consegue ver coisas. Ela me disse que a pessoa no meu sonho me mostraria quem eu era, qual era o meu destino.

Ele olhou para Kate.

— Era você no meu sonho. Foi assim que te reconheci.

Os rostos deles estavam a centímetros de distância. Kate não conseguia se mexer.

— Mas ela me disse — disse o garoto — que depois que eu descobrir a verdade, você vai morrer. É por isso que você tem que ir embora. Me promete. Promete que amanhã você vai embora. Você vai pro norte ou pra qualquer lugar, mas vai se afastar de mim. Promete.

E então ele enfiou a mão no bolso e tirou uma coisa. Kate viu que era o medalhão da mãe dela, e não só isso, estava preso em uma corrente de ouro, e era a corrente da mãe dela. Ela se deu conta de que ele devia ter comprado naquela tarde, devia ter ido atrás do

homem que vendeu o casaco para ela, e sentiu um aperto no coração quando ele esticou as mãos ao redor do pescoço dela e fechou o cordão.

— Pronto, agora você está com tudo. Você tem que ir.

Eles desceram pela escada de incêndio e começaram a andar pelas ruas. Kate supôs que estavam indo para a igreja, mas não perguntou. Percebeu que sua mão estava na dele, mas se ela pegou a dele ou se ele pegou a dela, Kate não sabia.

Nenhum deles falou. Tinha começado a nevar de novo.

A três quarteirões do apartamento da mãe dele, a festa de um salão de dança seguiu de repente para a rua, e os farristas e músicos cercaram o garoto e a garota, e quando a banda começou a tocar, cinquenta pessoas passaram a dançar ao redor deles.

Rafe se virou para ela. Kate nunca tinha dançado com um garoto e não sabia bem o que fazer. Mas, sem uma palavra, Rafe colocou uma das mãos ao redor da cintura dela e segurou a outra e a guiou em um círculo lento pela rua coberta de neve. Ela sentiu os dedos dele se entrelaçarem nos dela e em pouco tempo apoiou a cabeça no ombro dele. Ela imaginou que conseguia sentir o coração dele batendo contra seu peito.

Kate queria poder acessar seu interior e conjurar a magia para parar o tempo.

Eu poderia morar aqui, pensou ela, neste momento.

A música chegou ao fim. A banda começou a tocar outra, mas Kate e Rafe ficaram onde estavam, no meio dos homens e mulheres rodopiantes. Em determinado ponto, Kate sentiu gosto de sal e se deu conta de que estava chorando.

Rafe deu um passo para trás.

— O que foi? Qual é o problema?

Kate olhou fixamente para o garoto. Ele tinha os olhos do inimigo dela, mas não era inimigo. Não podia ser!

— É sobre ele, não é? O Magnus Medonho? Me conta. Por favor. Seja lá o que for que você tem medo, não precisa acontecer. Podemos mudar.

Kate assentiu. Ela tinha que contar a ele. Ele merecia saber. E talvez, apenas talvez...

— Rafe!

Uma pequena forma empurrava a multidão de dançarinos. Era Beatles; o rosto dele estava vermelho e apavorado.

— Você tem que vir! Você tem que vir agora! Estão queimando a igreja!

CAPÍTULO DEZESSETE

O refém



A fumaça subia em uma coluna grossa de algum lugar depois da curva do vale. Não havia sons a serem ouvidos. Até os pássaros tinham ficado em silêncio. Michael estava com a irmã e Gabriel no alto da torre meio demolida.

— Como podemos saber que é ele? — perguntou Emma. — Talvez alguém tenha, sei lá, se esquecido de apagar a fogueira do acampamento?

Gabriel não disse nada, mas continuou a olhar para o vale.

— Aqui estou eu!

Todos se viraram quando Wilamena apareceu no alto da escada. Ela estava com o rosto vermelho de subir a torre correndo, com as bochechas parecendo dois pêssegos rosados...

Para, Michael disse para si mesmo.

A princesa elfo estava carregando uma tigela grande e rasa de argila e uma pequena jarra, e estava com uma bolsa de água pendurada no ombro. Ela se ajoelhou no final da escada e colocou a tigela de argila com cuidado no chão.

— Esta é a tigela de vidência de Xanbertis; ela vai permitir que vejamos o que está se passando no vale.

A elfa derramou pouco mais de 2 centímetros de água da bolsa, depois abriu a pequena jarra e colocou um fio de óleo na superfície.

— Cheguem mais perto.

Gabriel e as crianças se ajoelharam na frente da tigela. Michael sentiu Wilamena colocar a mão na dele e pensou em protestar, mas decidiu deixar pra lá.

Quase imediatamente, uma imagem começou a aparecer na tigela. Era clara e estranhamente fluida ao mesmo tempo. Michael achou parecido com assistir TV no fundo de uma piscina.

Emma soltou um gritinho:

— Gritões! Nunca vi tantos!

Eles estavam olhando para uma cena que acontecia na floresta: uma horda de criaturas vestidas de preto, carregando espadas e arcos, estava se movendo rapidamente por entre a sombra das enormes árvores. Era uma visão apavorante, e pior ainda, refletiu Michael, por os Gritões não estarem sozinhos.

— O que é aquela coisa?

Com a mão livre, Michael apontou para uma das pessoas de corpos atarracados que marchava ao lado dos *morum cadi*. A criatura tinha pele que parecia couro e carregava uma maça de guerra. Presas amarelas e curtas apontavam para cima, saindo do maxilar.

— É um Demônio — disse Gabriel. — Um soldado de infantaria do Magnus Medonho. Já tive situações com eles antes.

— Isso significa que ele matou um monte deles — disse Emma.

Michael ignorou isso e disse:

— Quando chegaram aqui? Devem ter passado a noite toda subindo para o vale.

Gabriel disse:

— Mostre de onde a fumaça está vindo.

Wilamena derramou mais óleo; a imagem à frente deles se dissolveu e uma nova tomou o lugar. A princípio, eles só conseguiam identificar uma bolha grande e pálida. Em seguida, a imagem entrou em foco e Emma gritou e ficou de pé.

— É ele! — Ela apontou para o homem careca cuja cabeça agora enchia a tigela. — É o cara contra quem o dr. Pym ficou pra trás pra lutar!

— Então é Rourke — disse Gabriel, e havia um tom de finalidade na voz dele, como se qualquer esperança ou chance tivesse sido

extinta. — Podemos ver mais?

A princesa elfo passou a mão por cima da tigela, e foi como uma câmara se afastando; a imagem se alargou e mostrou Rourke de pé na mesma clareira de onde Emma fora levada na noite anterior. E atrás dele, onde os elfos tinham colocado a escultura de Wilamena, eles viram que um arco foi feito a partir de árvores recém-cortadas. Parecia ter quatro metros e meio de altura e três de largura, e chamas queimavam os suportes de madeira, emitindo uma espiral de fumaça negra.

— Olhem — disse Michael —, vocês estão vendo...

Demônios e Gritões, em grupos de dois e três, pulavam pelo arco chamejante para a clareira. Mas a coisa estranha, o que chamou a atenção dos outros e agora de Michael, era que as criaturas não estavam passando de um lado para outro; na verdade, elas pareciam se materializar embaixo da estrutura, como se surgissem do nada.

— Rourke criou um portal — disse Gabriel. — Ele deve ter chegado pelas montanhas com um grupo pequeno, em seguida fez essa passagem para transportar o resto do exército dele.

— Bem, então ele tem um exército — disse Emma. — E daí? A gente vai... — Ela olhou para Gabriel. — O que a gente vai fazer?

Gabriel se virou para Wilamena.

— Quantos caminhos existem pra sair desse vale?

— Só um. O túnel pelas montanhas.

Em outras palavras, pensou Michael, eles estavam encurralados, com o exército de Rourke entre eles e a única rota de fuga.

Gabriel perguntou à princesa que tipo de ajuda eles podiam esperar dos elfos, mas Wilamena não sabia dizer.

— Ao amanhecer, acendi uma fogueira sinalizadora pra avisar a eles que minha maldição tinha sido retirada. Eles virão; mas, para chegar a nós, vão ter que passar por essas criaturas.

Emma tinha se ajoelhado, e Michael sentiu-a pegar sua mão direita. Ele fechou os olhos e imaginou que era Kate, e não

Wilamena, segurando sua mão esquerda, e que as duas irmãs estavam com ele.

Vamos passar por isso, pensou ele. Vou fazer a gente passar por isso. Tenho que conseguir.

— Se Rourke está aqui — disse Gabriel, e Michael abriu os olhos e viu o homem olhando para a coluna preta de fumaça —, então o dr. Pym não pode estar muito atrás. Temos que torcer para ele ou os elfos chegarem a tempo de nos ajudar.

— Mas tem que ter alguma coisa que a gente possa fazer — disse Michael. — Quero dizer... não tem?

Gabriel olhou para ele.

— Tem, sim. Você pode comer seu café da manhã.

Apesar de argumentar que não estavam com apetite nenhum, alguns minutos depois Michael e Emma estavam no pequeno prédio junto ao muro da fortaleza que servia de cozinha, tomando tigelas de ensopado

— Aconteça o que acontecer hoje — disse Gabriel —, vocês vão precisar de todas as suas forças.

E quando eles começaram a comer, de pé ao lado do fogo onde Gabriel fez o ensopado, as crianças descobriram que estavam famintas. Sem contar a linguiça com frutas secas e o pão do dia anterior, Michael e Emma não faziam uma refeição decente desde o café da manhã que tomaram no posto avançado na costa da Antártida, e isso já parecia ter sido uma vida antes. Além do mais, o ensopado estava delicioso, pois Gabriel tinha encontrado a despensa da fortaleza lotada de legumes e verduras frescos, em tamanhos gigantes graças ao solo magicamente fértil do vale.

Enquanto Michael e Emma comiam o ensopado (Gabriel tinha ido olhar a fortificação para ver se alguma coisa poderia ser feita), Michael pensou no guardião. Quando ele e Emma passaram pelo forte, o homem não ergueu o olhar, mas Michael ouviu as palavras

do guardião ecoando em sua cabeça: “Você não é o Protetor! Você não é o Protetor!”

Emma baixou a tigela abruptamente e o que pareceu um grito de guerra de um sapo pré-histórico gigante saiu da garganta dela, enchendo o aposento todo. As crianças se entreolharam; Emma parecia quase tão surpresa quanto Michael.

— Desculpa.

— Aham. Mas uau, hein?

Em seguida, eles ouviram:

— Coelho querido e irmã! Venham rapidamente!

Eles largaram as tigelas e saíram correndo.

Ao chegarem ao pátio principal da fortaleza, eles viram quarenta elfos, alinhados em fileiras organizadas, todos ajoelhados em frente à princesa. Gabriel estava ao lado de Wilamena. A primeira coisa que Michael e Emma repararam nos elfos, além do fato de cada um deles ser incrivelmente bonito, foi que não estavam vestidos como os dândis antiquados que eles tinham visto na clareira na noite anterior. Esses elfos pareciam saídos de um conto de fadas. Usavam botas macias de couro. Túnicas medievais. Coletes de malha de prata. Capas com capuzes verdes e marrons. Todos portavam espadas e seguravam arcos de madeira, enquanto aljavas lotadas de flechas estavam penduradas em suas costas.

Um elfo estava na frente dos outros. Ele tinha cabelo escuro na altura dos ombros, pele muito pálida e os olhos mais azuis que Michael e Emma já tinham visto. Os olhos dele eram tão azuis que fizeram as crianças reavaliarem a noção que tinham de azul, como se tudo o que sempre chamaram de azul antes agora exigisse um novo nome, como não azul ou quase azul, ou nada remotamente parecido com azul.

— E meu pai está bem? — perguntou Wilamena.

— Tirando o tanto que sente saudade de você — respondeu o elfo de olhos azuis.

— Me conte, capitão, qual é o estado do cabelo dele?

— Não está tão brilhante quanto no dia em que foi capturada, mas tenho certeza de que vai recuperar seu vigor e movimento quando você voltar para casa.

— Pobre querido. Esperemos que sim.

A princesa elfo se virou para Michael e Emma. O sorriso dela, Michael tinha que admitir, era radiante, e pela primeira vez ele não tentou sufocar seus pensamentos.

— Falei pra você que meu povo viria. Este é o capitão Anton, o chefe da guarda do meu pai. Capitão, mande sua tropa ficar de pé.

O elfo de olhos azuis deu a ordem, e as fileiras de elfos se levantaram.

Wilamena colocou a mão no ombro de Michael.

— Este é o cavaleiro destemido que tirou minha maldição. Devo minha vida e minha liberdade a ele.

O capitão elfo fez uma reverência para Michael.

— Você devolveu o sol ao nosso céu. Graças a você, não vivemos mais nas trevas, Sir...

— Coelho — disse a princesa elfo.

— Na verdade — disse Michael —, meu nome...

— Três vivas para Sir Coelho! — gritou o capitão.

— Ah, deixa pra lá — resmungou Michael.

E ele ficou ali de pé enquanto quarenta elfos, com Emma participando com alegria, davam vivas para o corajoso Sir Coelho.

Em seguida, veio um breve interlúdio em que membros da tropa élfica erguiam a mão e pediam permissão para falar, Wilamena dava permissão, e o soldado elfo a cumprimentava por algum aspecto da beleza da princesa.

— Seus olhos são luminosos! Eles brilham como Andrômeda na frieza do espaço! Comparados a eles, os diamantes são pedaços de carvão!

— Seu queixo é uma saliência perfeitamente arredondada que denota tanto firmeza e propósito quanto flexibilidade misericordiosa. Além do mais, gosto da sua covinha!

— Compus uma ode à curva do seu pé! “Ó, sublime pé...”

Gabriel acabou interrompendo para perguntar o que o capitão elfo tinha visto de Rourke e do exército de monstros no vale.

Tanto quanto era possível, o rosto do elfo ficou sombrio.

— Muito pouco. Viemos pela extremidade do rio, pois havia ar pútrido vindo da clareira. Esse homem, Rourke, quem é ele? O que ele quer?

— Ele quer estas crianças — disse Gabriel. — E quer o livro que o guardião estava defendendo.

Em seguida, Wilamena falou, e em sua voz Michael ouviu um novo tom, distintamente régio:

— Assim como o coelho salvou minha vida, agora temos a chance de salvar a dele e da irmã dele. Devemos ficar agradecidos por essa oportunidade.

O capitão elfo fez uma reverência.

— Estamos com você e com Sir Coelho até a morte, princesa.

Gabriel perguntou se podiam esperar reforços.

O capitão balançou a cabeça.

— Nós não viemos esperando guerra, apenas para escoltar a princesa para casa. E o resto de nossa colônia vai estar ocupado preparando a festa da princesa Wilamena. Se acendermos uma fogueira sinalizadora, duvido que alguém veja.

— Acenda mesmo assim — disse Gabriel. — Uma chance de ajuda é melhor do que nenhuma. Enquanto isso, temos que fazer o que pudermos.

Michael e Emma receberam a tarefa de avaliar o suprimento de água da fortaleza. Uma busca pelas áreas de armazenamento e nos receptores de água da chuva revelou quatro barris grandes de água, embora Michael admitisse que um deles tinha uma boa quantidade de lama dentro.

Quando ele e Emma voltaram para o pátio para fazer o relatório, encontraram preparativos para um cerco em desenvolvimento.

Soldados elfos estavam consertando áreas danificadas dos muros; outros elfos estavam usando facas para fazer flechas, e amontoados delas estavam sendo posicionadas em intervalos ao longo dos muros. Outra equipe de elfos estava reforçando as portas principais com toras grossas de madeira; até a forja tinha sido acesa e um elfo estava martelando em uma bigorna. Não era de surpreender que todos os elfos estivessem cantando, embora, depois de ouvir a letra, Michael concluir que não gostava muito da música.

*Ah, que dia para lutar;
Pode muito bem ser nosso último.
As hordas demoníacas estão a caminho,
Trá-lá-lá-lá-lá-lá.
Vamos lutar por nossa princesa,
E pelo coelho querido dela...*

— Eu mesma compus! — disse Wilamena, indo na direção deles dando pulinhos. — Quando não consegui pensar em nada, mandei que dissessem trá-lá-lá. Tem um verso inteiro sobre seu nariz e o quanto sou generosa por não prestar atenção nele.

— Ótimo — disse Michael.

— Por que eles não estão vestidos como os elfos que vimos ontem à noite? — perguntou Emma. — Com roupas antiquadas?

— Ah, você é tão engraçada! Não pode esperar que um grupo se vista do mesmo jeito todos os dias da semana! Não somos anões!

— Escuta... — disse Michael, chegando ao limite.

Mas naquele momento houve um ribombar profundo, e a terra tremeu sob os pés deles. Michael e Emma se agarraram e Gabriel, que estava supervisionando o trabalho nas portas principais, correu para o lado deles.

— Isso foi... — disse Michael. — Isso foi Rourke?

— Não — disse Gabriel. — Foi outra coisa.

Todos se viraram; uma nuvem gorda e preta estava saindo do cone do vulcão.

— Isso não é bom, é? — disse Emma.

— Você acha que é porque pegamos a *Crônica* da lava? — perguntou Michael. — Como se ela estivesse mantendo o vulcão estável de alguma maneira?

— Se for, não tem nada que possamos fazer — respondeu Gabriel. — Venham.

Ele os levou até uma escada, e as crianças e Wilamena subiram atrás dele para onde o capitão Anton estava, na ameia, olhando para a linha distante das árvores.

— Estão se reunindo dentro da floresta — disse o capitão.

Michael ficou maravilhado com a visão do elfo. Para ele, as árvores eram pouco mais do que uma mancha grande e escura.

Gabriel disse:

— Não vai demorar agora.

A cantoria foi interrompida quando os elfos pararam de trabalhar e assumiram suas posições. Em pouco tempo, tudo estava silencioso exceto pelo *clink-clink-clink* regular da forja. Michael olhou para a esquerda e para a direita, para os elfos posicionados ao longo do muro. Todos olhavam calmamente ladeira abaixo, com os arcos nas mãos e aljavas cheias nas costas. Ele de repente se sentiu muito pequeno e cruel pelos anos de críticas incansáveis aos elfos. Sim, eles podiam ser bobos, e sim, eles passavam muito tempo pensando no cabelo, mas Michael sabia sem sombra de dúvida que cada elfo dentro da fortaleza morreria para defendê-lo e defender sua irmã, e antes de o dia terminar, muitos deles provavelmente estariam mortos.

— Ali — disse Anton.

Michael dirigiu o olhar ladeira abaixo e viu o que estava vindo.

Ele tentou engolir, mas sua garganta estava cheia de serragem.

— Ao que parece, eles são muitos, hein? — disse Emma.

— É — gemeu Michael. — Mais ou menos.

O exército de Rourke saía da floresta como uma maré enorme e negra. Parecia não ter fim. As criaturas continuavam a surgir. Michael tentou contar, mas eram muitas; e mais continuavam a sair do meio das árvores. Em pouco tempo, a planície inteira, da base do vulcão até o começo da floresta, era uma massa escura, vibrante e assassina.

Ele pensou: Estamos ferrados.

E disse em voz alta:

— Vamos... ficar bem.

E quando Michael estava começando a pensar que não teria mesmo fim, que Gritões e Demônios ainda sairiam em meio às árvores quando as primeiras fileiras chegassem à muralha da fortaleza, o fim do exército de Rourke apareceu.

— Trolls — disse o capitão elfo, cuspidando a palavra como se fosse veneno.

Três criaturas enormes de pele cinzenta saíram desajeitadamente para a planície e se deslocavam em uma espécie de trote desajeitado, balançando clavas que tinham metade do tamanho das próprias árvores.

— Perfeito — disse Emma. — Porque nem estava ruim antes.

E então, quando o primeiro grupo subiu nas pedras na base do vulcão, a gritaria começou. Havia centenas de *morum cadi* no grupo, e os gritos soaram em um coro terrível, com o ruído ecoando pelas paredes do desfiladeiro e se duplicando, se juntando a novos gritos e ficando ainda mais altos. O ar tremeu, e pareceu a Michael que seu coração e pulmões estavam sendo esmagados para fora dele...

Então, ele ouviu Emma sussurrando:

— Não é real... não consegue me machucar... não é real... — E ele murmurou com ela; a dor diminuiu e ele conseguiu respirar de novo.

Houve um brilho ao lado dele; Gabriel tinha desembainhado a machete e estava com ela na mão. O capitão elfo falou uma única palavra, e cada elfo ao longo da muralha estava com uma flecha posicionada no arco.

A horda negra subiu a ladeira, perto o bastante agora para Michael conseguir ver as espadas denteadas dos Gritões, o mar de olhos amarelos brilhantes...

— Vocês dois — disse Gabriel —, vão...

Mas antes que ele pudesse mandá-los para longe, a horda parou abruptamente, a 50 metros da fortaleza. Eles encheram a ladeira inteira, pulsando como um animal enorme e terrível. Os gritos continuaram. O olhar de Michael percorreu os uniformes rasgados dos Gritões e os corpos verdes em decomposição, os pequenos e odiosos olhos dos Demônios...

Por que eles não atacavam?

Por que o capitão elfo não mandava suas tropas dispararem?

Todo mundo, os defensores e os atacantes, parecia estar esperando; mas o quê?

A resposta veio quando uma pessoa solitária foi vista avançando na planície. Mesmo de longe, Michael conseguiu ver a cabeça careca de Rourke brilhando no sol. Um caminho se abriu no centro do grupo, e Rourke subiu o vulcão em passadas longas e seguras. Quando chegou mais perto, Michael viu que o homem estava usando uma espécie de uniforme; parecia um velho uniforme de cavalaria, com botas altas de couro, uma calça larga nos quadris, uma camisa cáqui com fitas no ombro. Em uma das mãos, ele segurava um chicote curto de montaria.

Ao chegar à frente do exército, Rourke parou e levantou o chicote.

A gritaria cessou.

— Um bom dia para todos aí dentro!

Foi Gabriel que respondeu.

— Você não é bem-vindo aqui! Vá embora agora! Vamos dar a você só essa chance!

O homem careca riu.

— Vai mesmo? Isso é muito gentil! — Ele protegeu os olhos com a mão. — Estou vendo o pequeno Michael e a pequena Emma

escondidos entre esses elfos ridículos? Minha nossa! Mas que caçada vocês criaram pra nós! Por que saíram de Malpesa tão rápido? Eu queria tanto conhecer vocês!

O homem tinha um sotaque cantado que Michael não conseguiu identificar.

— E eu poderia ter apresentado vocês a um amigo meu!

Rourke se virou, e Michael viu que outra pessoa caminhava pela planície. Essa pessoa não tinha o vigor do movimento de Rourke, mas andava devagar e com firmeza. Era um homem, percebeu Michael, de tamanho normal, andando com a cabeça baixa, como se inseguro quanto a onde pisar. E então, quando passou pelas pedras grandes no pé do vulcão, o homem ergueu o olhar, o sol se refletiu nos óculos dele e Michael sentiu como se alguém enfiasse a mão em seu peito e agarrasse seu coração.

Ele soltou um gritinho sufocado e teve que se apoiar no muro da fortaleza para se firmar.

— Michael? — perguntou Emma. — O que foi? Quem é aquele?

— Aquele é... Aquele é...

Mas a palavra morreu em sua garganta.

Àquela altura, o homem estava ao lado de Rourke. Ele usava uma calça jeans surrada e uma camiseta de botão velha. Tinha uma barba curta e um cabelo marrom-avermelhado que precisava muito de um corte. Estava visivelmente magro; as roupas estavam frouxas no corpo. Ele parecia muito cansado.

Michael sentiu Emma enrijecer; ela sabia.

Ainda assim, ele tinha que dizer, pelo menos uma vez.

— Aquele é... papai.

Rourke colocou a mão de gigante no ombro do pai deles.

— Acho que vocês adivinharam a identidade do meu amigo aqui. Eu só gostaria de observar que ele não foi ferido. Você está em ótima forma, não está, Richard? Vá em frente, conte pras crianças.

O pai das crianças hesitou, como se estivesse relutante em ser parte do que estava acontecendo.

— Fale, meu jovem. — E havia um tom de ameaça na voz de Rourke. — Não nos deixe no suspense. Tenho certeza de que Michael e Emma andam superpreocupados.

O pai deles finalmente ergueu a cabeça. Michael viu os olhos dele observarem os muros e se fixarem nele e em Emma. Ao vê-los, ele pareceu cambalear de leve.

— Não fui ferido! Nenhum de nós dois! Sua mãe e eu estamos bem! Eu... lamento muito por isso!

A voz do pai deles estava seca e rouca, mas Michael conseguiu senti-la, como uma chave velha se encaixando em uma fechadura há muito esquecida, abrindo alguma coisa bem no fundo dele.

— Lamenta? — exclamou Rourke. — Que diabos há pra lamentar? Você está trazendo notícias bem-vindas! Agora, crianças, não pensem que nos incomodamos em ter sua mãe e seu pai como hóspedes. Eles se tornaram parte da família. É claro que, sendo da família, às vezes dá vontade de esmagar as cabeças deles! — Ele riu e bateu nas costas do pai das crianças. — Seja como for, vamos aos negócios. Não podemos deixar todo mundo esperando. Não queremos que seus amigos elfos se atrasem pro cabeleireiro. Eis o acordo que estou preparado pra oferecer, e acho que vocês vão achar muito justo: os pequeninos Michael e Emma vão se entregar pra mim junto com a *Crônica*, senão mato o velho e querido Richard aqui mesmo onde ele está! Alguma pergunta? Ótimo. Vocês têm dois minutos pra decidir!

Então é assim, pensou Michael. É assim que termina.

Ao longo dos anos, Michael imaginou o encontro com o pai (na verdade, com o pai e com a mãe) muitas e muitas vezes. E sempre imaginava do mesmo jeito. Haveria todos os abraços e beijos e choros necessários, que Michael e o pai generosamente aguentariam; em seguida, depois que as irmãs e a mãe fossem fazer coisas de menina (Michael não tinha certeza do que, mas achava que devia envolver mais abraços e beijos e choros), ele entregaria para o pai *O compêndio do anão*, dizendo que guardou para ele, e o

pai diria alguma coisa do tipo “Mas é seu!” e Michael responderia “Não preciso dele. Já decorei.”, e depois que o pai tivesse feitos sons apropriados de quem está impressionado, os dois se sentariam e conversariam sobre anões a noite toda (a cena sempre se desenrolava à noite). Na única vez que Michael contou isso para Emma, ela disse que era sem dúvida nenhuma a coisa mais estranha que ela já tinha ouvido e que anões não eram tão maravilhosos quanto ele achava. Mas Emma não entendeu que não tinha nada a ver com anões. A questão era que o pai veria quem Michael era e gostaria dele. Ficaria feliz em passar a noite na companhia do filho. Era essa a questão. Era tudo o que Michael queria. E eles poderiam falar sobre anões ou terremotos ou libélulas ou sobre absolutamente nada.

Mas isso não ia acontecer nunca. Não agora.

— Alguém dispare naquele sujeito careca! — Emma estava gritando para Gabriel e para o capitão elfo. — Ele está ali de pé! O que estamos esperando?

— Eles não podem — disse Michael. — Os Gritões matariam papai.

— Mas...

— Seu irmão está certo. Seu pai nunca chegaria à fortaleza. — Gabriel se ajoelhou e deixou o rosto na mesma altura dos das crianças. — Só vou dizer isso: se dependesse de mim, eu nunca deixaria que vocês fossem para o poder do inimigo. Mas a decisão é de vocês, e é uma decisão terrível. Seja lá o que decidirem, não vou atrapalhar.

Michael olhou para a irmã.

— O que você acha?

Emma estava mordendo o lábio inferior e olhando febrilmente de Michael para Gabriel e para Michael de novo.

— Eu não... Eu não sei... O que você acha?

Então estava nas mãos dele. Assim como seria decisão de Kate se ela estivesse aqui, refletiu ele. Não era surpreendente que Michael

se visse lembrando as palavras do rei Killick: *Um grande líder não mora em seu coração, mas em sua cabeça*. Michael acreditava nisso; ele sabia que seu pai acreditava também. E sabia que o Magnus Medonho não podia ter o controle da *Crônica* de jeito nenhum. Se isso acontecesse, tudo estava perdido.

O curso lógico de ações estava claro.

Só havia um problema: Michael não podia deixar o pai morrer.

Vou me entregar junto com a *Crônica*, pensou ele. Mas não Emma.

— O tempo acabou! — gritou Rourke.

Michael sentiu a mão de Gabriel no ombro e ergueu o olhar para encontrar o do homem. Ele pediu desculpas em silêncio e Gabriel assentiu.

Em seguida, Gabriel disse:

— Faça isso por mim. Peça pra falar com seu pai. Quanto mais conseguirmos enrolar, melhor. O mago ainda pode chegar.

— É — disse Emma com ansiedade. — É uma ótima ideia! Vá lá e converse, converse pelo tempo que conseguir! Seja muito chato! Você consegue fazer isso com facilidade!

Michael tinha tomado sua decisão e agora queria que acabasse logo. Mas disse que faria o que eles pediram, sabendo que, se não funcionasse, ele estava pronto. Ele olhou para a ladeira. Os óculos do pai eram dois discos brilhosos sob o sol.

— Eu... quero conversar com ele primeiro!

Rourke deu de ombros.

— Muito bem. É justo que você inspecione a mercadoria.

Emma o abraçou.

— Só conversa com o papai. Não faz mais nada. Promete?

Michael prometeu sem olhar nos olhos dela. Depois se virou, sentiu o toque suave da mão de Wilamena na sua e seguiu o capitão elfo escada abaixo até a porta principal da fortaleza.

Lá o capitão Anton o fez parar e falou em voz baixa:

— Dê o sinal e meus arqueiros enfiarão vinte flechas naquele gigante careca antes que ele consiga piscar. Se seu pai puder correr, talvez vocês dois consigam voltar vivos. Vamos cobrir você o melhor que pudermos.

— Qual deve ser o sinal?

— Você pode coçar a parte de trás da cabeça.

— Tá. Mas... e se eu precisar coçar a cabeça normalmente?

O elfo olhou para ele.

— Resista.

— Ah, certo.

Em seguida, o capitão deu o sinal e trancas pesadas foram abertas, vigas extras foram removidas e as portas da fortaleza foram abertas. O elfo bateu no braço de Michael.

— Siga bem, Sir Coelho.

Um momento depois, Michael tinha passado pelos portões e estava do lado de fora do muro, e não havia nada entre ele e a horda de monstros. Ele nunca se sentira tão exposto. Michael se concentrou no rosto do pai e começou a andar, com a mão direita apertando a bolsa contra o quadril. Ele sentiu o volume da *Crônica* junto ao formato familiar do *Compêndio do ano*. No vale todo, só havia o som das botas de Michael batendo nas pedras.

Ele parou a dez metros de Rourke e do pai. A ladeira era relativamente reta ali, e Michael tinha que olhar para cima para ver o rosto do pai. Ele parecia bem mais velho do que na foto com Hugo Algernon, bem mais velho e bem mais cansado. A barba também era nova. Mas Michael achava que ele parecia menos o tipo que tinha barba e mais o tipo que não tinha tempo nem meios de se barbear. De perto, estava ainda mais magro.

O pai sorriu com tristeza.

— Sinto muito, Michael.

— Não é sua culpa.

— Você está bem? Está ferido?

Michael balançou a cabeça.

— Estou bem.

— E Emma?

— Ela também está bem. Está lá dentro.

— Mas Kate não está com vocês?

— Não. É... uma longa história.

Rourke riu.

— É verdade, rapaz. Mas você vai ver sua adorável irmã em pouco tempo. Vai, sim.

Michael sentiu que o homem sabia alguma coisa sobre Kate e o estava provocando. Mas Michael não morderia a isca. Ele pensou no que o capitão elfo tinha dito e se perguntou se ele e o pai conseguiriam realmente chegar à fortaleza.

— Para que você saiba — disse Rourke, como se lendo sua mente —, se esses elfos ardilosos tentarem alguma coisa, tenho uma dúzia de *morum cadi* com arcos que matariam seu pai antes de ele dar um passo.

Bem, Michael pensou, melhor deixar para lá.

— Onde está mamãe?

— Eles não me deixam dizer. Mas ela está bem. Mandou beijos. E diz que, seja lá qual for sua decisão, vamos entender. Estou feliz em ver você. Mesmo sendo assim.

Michael assentiu e falou baixinho:

— Eu também.

Os dois ficaram em silêncio por um momento.

— Eu tentei. — Michael conseguia sentir sua voz falhando. — Fiz o melhor que pude.

— Sei que fez — disse seu pai. — Está tudo bem.

— E Kate não está aqui! — Tudo estava saindo em enxurrada quando os muros que Michael tinha construído desmoronaram. — Eu tive que ser o líder! Tive que tomar todas as decisões! Tentei fazer o que você teria feito! Como diz o rei Killick! — Ele fez uma pausa, sentindo-se derrotado, mas não querendo chorar na frente de Rourke. Por fim, quando se recompôs, ele ergueu o olhar de novo.

Havia confusão no rosto do pai. — Você sabe, o que o rei Killick diz sobre liderança...

Ele parou, achando que o pai completaria. Mas viu o pai por uma fração de segundo olhar para Rourke.

— Desculpe, Michael. Muita coisa aconteceu nos últimos dez anos. Acho que não lembro.

— Lembra, sim! — E de repente era de vital importância que o pai lembrasse. — O dr. Algernon disse que era sua citação favorita. O rei Killick disse: “Um grande líder não mora em seu coração, mas em sua cabeça.” Você não lembra? Você tem que lembrar!

— Ah, é claro — disse o pai sorrindo. — Eu sempre gostei dessa citação. E é bem verdadeira.

E então, sem entender direito o que estava fazendo, Michael disse:

— Killick era um velho rei... dos elfos.

O sorriso do pai nem tremeu.

— Sim, eu lembro agora. Os elfos são muito sábios. Obrigado por me lembrar disso.

— Bem — interrompeu Rourke —, foi um reencontro adorável. Mas não estamos aqui pra desperdiçar o dia. Você e sua irmã podem vir, e vocês têm minha solene promessa de que nem vocês e nem seus pais serão feridos. Caso se recuse, mato Richard e todos os elfos naquela fortaleza, e vocês vão conosco mesmo assim. Entendeu?

A mente de Michael estava girando. O pai não se lembrou da citação. E fingiu que lembrava! E pensava que Killick era um elfo! Será que tinha esquecido?

— Garoto, você está testando severamente minha paciência.

— Tudo bem. Mas eu... preciso explicar pra minha irmã. Vou buscar ela.

Michael precisava se afastar; precisava de espaço e tempo para pensar no que tinha acontecido. Ele começou a se virar.

— Espere.

Rourke estava com a faca no pescoço do pai deles.

— Se você quer ir buscar Emma, tudo bem. Mas deixe a *Crônica*.

Michael conseguia sentir a tensão na fortaleza, a fome que dominava os Gritões e os Demônios. Parecia que as vidas de todos eles estavam no fio da faca de Rourke. Ele enfiou a mão na bolsa e tateou em busca da capa dura de couro que conhecia tão bem.

— Mas deixe meu pai ficar segurando. Só até Emma e eu voltarmos.

Rourke sorriu.

— É claro.

Michael deu um passo à frente e entregou o livro ao pai.

— Ele tem... uma maldição. Mantenha fechado.

Ele viu o pai passar a mão sobre a capa.

— Pensei que fosse vermelho.

— A ordem escondeu ele na lava, então o couro queimou. Volto logo.

Ele começou a subir a ladeira em direção à fortaleza. Teve que se obrigar a ir devagar. Seu coração estava disparado. Seus nervos estavam sensíveis e à flor da pele. Ele tropeçou em pedras soltas. Na metade do caminho para o portão, ele olhou por cima do ombro. Rourke o estava observando, e assim que seus olhos se encontraram (talvez o homem careca tenha visto alguma coisa, ou talvez já estivesse desconfiado), Rourke agarrou o livro que Michael tinha dado ao pai. Michael não esperou que ele o abrisse e olhasse dentro; já estava correndo.

— *Parem ele!* — gritou Rourke. — *Parem o garoto!*

Os gritos dos Gritões dominaram o ar. Michael estava a 20 metros do portão quando tropeçou e caiu espalhado nas pedras. Levantou-se em um instante, mas o incidente o prejudicou. Ele conseguia ouvir os Gritões se aproximando. Mas então o capitão elfo saiu correndo da fortaleza, com o arco pronto e a mão como um borrão enquanto disparava uma série de flechas que assobiaram ao passar pela cabeça e pelos ombros de Michael, atingindo os alvos com um

som de acordeão. O elfo o segurou pelo braço, gritou “Corra!” e o puxou. Logo eles cruzaram o portão, Michael ouviu as enormes portas sendo fechadas e caiu de joelhos, ofegante.

— Michael?! O que aconteceu?! Você está bem? — Era Emma, segurando seu braço. — Você deu o livro a ele! E o papai?! Ele ainda está lá!

Michael se obrigou a ficar de pé.

— Aquele não é... Aquele não é o papai...

— O que você quer dizer?

— Ele esqueceu a citação, a que ele ama, e... e ele achou que o rei Killick era um elfo... e eu dei a ele *O compêndio do anão* e ele achou que era a *Crônica*. Aquele não é ele!

Michael conseguia ver que Emma não estava entendendo, mas não havia mais tempo para explicar. Do lado de fora dos muros, Rourke estava gritando seu nome. Rapidamente, com Emma e o capitão elfo atrás, Michael subiu para a muralha.

Wilamena correu na direção dele quando ele surgiu na escada.

— Ah, coelho...

— Agora não — disse Michael.

Ele correu até o muro. Gabriel já estava lá, olhando para baixo. Abaixo deles, Rourke estava com uma faca na garganta do homem que Michael não acreditava mais ser seu pai. *O compêndio do anão* estava largado no chão.

— Moleque! Estou te dando uma última chance!

Michael se virou para Emma.

— Escuta, sei que você não confia em mim...

— O quê?! De que você está falando?

— Quero dizer, não do jeito que confiava! E eu entendo! Mas você precisa confiar em mim agora! Aquele não é nosso pai!

Emma ficou olhando fixamente para ele, e, mesmo sem o poder da *Crônica*, Michael viu a dor da traição dele ainda fresca dentro dela. Era uma coisa terrível de ver, terrível saber que ele era o

responsável. Mas não afastou o olhar. Ele sabia o que estava pedindo.

— Tem certeza? — disse ela. — Tipo, cem por cento de certeza?

Será que tinha tanta certeza assim? Era possível ter? Mesmo com todas as evidências (esquecer a citação, confundir Killick com um elfo, não reconhecer *O compêndio do anão*), mesmo com tudo isso, ainda havia espaço para dúvida. Não havia como ter cem por cento de certeza.

Mas Michael sabia nas entranhas e no coração que aquele homem não era o pai deles.

— Sim. Tenho certeza.

— Tudo bem — disse ela. — Confio em você.

Michael se virou para o capitão elfo.

— Dispara nele.

— No careca? Com prazer. — Ele pegou uma flecha e armou no arco.

— Não — disse Michael. — No homem que está fingindo ser nosso pai.

Emma, o capitão, Gabriel e Wilamena olharam fixamente para ele.

— Tem certeza disso? — perguntou Gabriel.

— Tenho. — Ele pegou a mão de Emma e sentiu como ela estava tremendo. — Aquele não é nosso pai.

Os olhos de Emma voaram furiosamente de Michael para Gabriel. Ela estava com medo, mas estava com ele. Ela assentiu.

— Garoto...

Houve um ruído baixo, e uma flecha foi espetada no peito do homem ao lado de Rourke. A montanha ficou em silêncio.

— Michael... — Emma segurou o braço dele.

— Espera.

O homem caiu de joelhos e depois para a frente, nas pedras pretas.

Michael ficou completamente imóvel. Ele não piscou; ele não respirou...

E então Rourke começou a rir, com uma gargalhada profunda e intensa que ecoou por todo o desfiladeiro. Com a bota, ele virou o homem. O pai deles tinha desaparecido. No lugar dele havia um homem baixo de cabelos cor de areia com a flecha no peito.

— Ele estava usando um feitiço! — gritou Wilamena. — Coelho, você é um gênio!

Ela o abraçou e beijou sua bochecha.

— Meu pai nunca confundiria *O compêndio do anão* — disse Michael, tentando não mostrar seu alívio. — Nem acharia que o rei Killick era um elfo. Ridículo. — Ele olhou para Emma e apertou a mão dela. — Obrigado por confiar em mim.

Emma não disse nada, mas o abraçou com força.

— Muito bem, moleque — gritou Rourke. — Acho que vamos fazer isso à moda antiga. — Ele se virou para sua horda. — Me tragam as crianças! Matem o resto!

E assim a batalha começou.

CAPÍTULO DEZOITO

O último desejo de Henrietta Burke



— O que você quer dizer? Quem está queimando a igreja? Os Demônios?

Kate, Rafe e Beetles estavam de pé no meio da rua enquanto as pessoas continuavam a girar e dançar ao redor deles. Rafe agarrou Beetles pelo casaco.

— Não são os Demônios! — gritou Beetles com os olhos selvagens. — São os humanos! Tem multidões por toda a cidade! Estão atrás de tudo o que é relacionado com magia!

— Mas a igreja é escondida! — disse Kate. — Deveria ser invisível!

O garoto balançou a cabeça.

— Não é mais.

Rafe disse:

— O que aconteceu com Scruggs?

— Ele estava com você, né? Foi pra mansão dos Demônios?

— Mas não entrou! Depois que me deu o feitiço, ele ficou na rua.

— É, mas quando estava voltando pra igreja, ele deu de cara com um grupo correndo atrás de duas bruxas. Scruggs fez eles pararem, mas alguém jogou um tijolo ou uma pedra ou alguma coisa, que bateu bem na cabeça dele. Ele está morto, o Scruggs.

— Scruggs está morto? — Kate estava estupefata.

— Com certeza. As duas bruxas levaram ele de volta. Ele disse: “Estou com sede.” Depois caiu mortinho da silva. Segundos depois, *bum*, a igreja estava ali, aos olhos de todo mundo. As pessoas na

rua começaram a gritar e apontar. Menos de meia hora depois, o grupo chegou. Estavam com tochas e armas...

— E eles sabiam — disse Rafe —, eles sabiam que tinha crianças dentro?

— Claro que sabiam — disse Beetles. — A srta. B. falou pra eles. Mas não ligaram. Começaram a incendiar a igreja!

Rafe saiu correndo em meio à multidão e desapareceu na rua escura. Beetles saiu correndo atrás dele, e Kate teve que se esforçar para tentar acompanhar. O casaco comprido se embolava em suas pernas e as botas que as gnomos tinham lhe dado escorregavam na neve e no gelo. Ficou logo evidente que Beetles estava falando a verdade: em rua após rua, eles passaram por gangues de homens, às vezes bandos de três ou quatro, às vezes 12, andando pela cidade com tochas e queimando qualquer coisa que indicasse magia. Kate se perguntou como ela e Rafe não tinham visto nem ouvido os grupos, mas talvez tenham ouvido ao longe, e os gritos e as tochas tenham sido confundidos com comemorações. Parecia a Kate que uma loucura tinha tomado conta da cidade, como se as pessoas conseguissem sentir a mudança que se aproximava e soubessem que era a última chance de demonstrar a raiva antes que o mundo mágico desaparecesse.

— Que horas são? — gritou ela para Beetles enquanto os dois corriam pelas ruas.

— Mais de 11! Temos menos de uma hora até a Separação!

— Onde está todo mundo? Onde estão Jake e Abigail?

— Sei lá. A multidão estava em volta da igreja e a srta. B. me mandou ir procurar Rafe. Ela pensou que ele podia ter te levado lá. O que vocês dois estavam fazendo?

Kate não respondeu. Ela já conseguia ver as chamas contra o céu noturno e ouvir os gritos, e quando eles dobraram a última esquina, Kate ficou paralisada pela cena à frente. A igreja estava completamente envolvida em chamas e a neve estava derretida em cerca de 12 metros ao redor. Havia uma multidão reunida na rua;

muitas pessoas balançavam tochas e pareciam estar comemorando o fogo. Ela não viu Rafe.

— Aqui!

Beetles estava correndo em direção a uma viela em frente à igreja. Ela o seguiu, e lá, encolhidas entre os prédios, estavam Abigail e vinte outras crianças pequenas. Seus rostos estavam sujos de fuligem e seus olhos estavam grandes e cheios de medo. Abigail imediatamente se jogou nos braços de Kate.

— Você está bem? — perguntou Kate, abraçando a garota com força. — Estão todos bem?

Abigail assentiu e limpou os olhos, e as lágrimas espalharam as cinzas nas bochechas dela.

— A srta. B. mandou a gente sair pela porta lateral. A igreja toda estava pegando fogo, mas ela voltou, disse que tinha outras pessoas que ela tinha que tirar de lá. Ela ainda está lá dentro!

— E Jake? — perguntou Beetles. — Você viu Jake sair?

A garota balançou a cabeça.

— Ele vai ficar bem — disse Kate. — Vai sair.

Enquanto eles falavam, outro grupo de crianças entrou correndo na viela. Estavam cobertos de fuligem e apavorados. Disseram que tinham ficado presos dentro da igreja, mas que Rafe arrombou a porta e os deixou sair. Kate viu Beetles olhando ao redor desesperadamente; ele parecia à beira das lágrimas.

— Onde está Jake? Alguém deve ter visto Jake. Quem viu ele sair?

Todas as crianças balançaram a cabeça.

— Eu vi ele na igreja — disse uma garota. — Pensei que estava vindo com a gente. Não sei onde ele está.

Sem dizer nada, Beetles saiu correndo para a igreja.

Kate olhou para Abigail.

— Tem algum lugar seguro pra você ir?

Abigail assentiu.

— O teatro Bowery. Perto do quarteirão mágico. O gerente é amigo da srta. B.

— Vão pra lá, então — disse Kate. — Você está no comando. Você consegue fazer isso.

Ao ver Abigail erguer o queixo e empertigar os ombros, Kate se lembrou mais uma vez de Emma. A garota se virou para olhar para as crianças menores.

— Muito bem! Todo mundo encontre alguém pra dar a mão! Vamos pro centro.

As crianças se movimentaram para arrumar pares.

— E você? — Abigail perguntou a Kate.

— Vou atrás de Beetles.

E ela se virou e correu em direção ao fogo.

A igreja ficava na esquina da Primeira Avenida e uma rua perpendicular estreita, e a multidão estava reunida na avenida. Havia homens e garotos, e eles seguravam tochas e facas e tacos. Todos estavam gritando e rindo e assobiando, e jogavam pedras e garrafas pelas janelas que restavam da igreja, com os rostos vermelhos e demoníacos à luz do fogo. Kate ficou por um momento atrás das pessoas.

Como podiam fazer isso?, perguntou-se. De onde podia vir tanto ódio? Eram crianças que moravam ali; não fizeram nada de errado!

Kate sentiu a raiva crescendo dentro de si; ela queria atacar o grupo, machucar todo mundo; e passou por sua cabeça que devia ser assim que Rafe se sentia o tempo todo.

Ela se forçou a se concentrar e correu ao redor do grupo para a rua atrás da igreja. Havia um muro separando a igreja das casas do quarteirão, e Kate correu em paralelo a ele. O calor do fogo era enorme e fez seu rosto arder. Beetles estava se jogando sem parar contra uma porta em chamas. Kate o puxou.

— Para! É muito perigoso!

— Ele ainda está aí dentro! — disse Beetles chorando, lutando para se soltar. — Jake ainda está aí dentro! Me solta! Eu tenho...

A porta explodiu para fora. Uma fumaça negra saiu de dentro da igreja e algumas pessoas cambalearam para fora, doze crianças, dezessete, dezoito, inclinadas para a frente e tossindo, com os rostos enegrecidos pela fumaça. Kate as levou para longe, verificando cada uma para ver se estava bem. Jake não estava entre as crianças, e Kate se virou e viu Beetles protegendo os olhos e indo em direção à porta. Ela segurou o garoto quando ele se preparava para pular.

— Me solta! Eu tenho que...

Naquele momento, outra pessoa surgiu em meio à fumaça. Kate viu que era Rafe e que estava com uma criança nos braços.

Beetles perdeu as forças sob as mãos de Kate.

— Aquele é...? — disse ele. — ... é ele?

Pois era Jake quem Rafe estava carregando, e o rosto do garoto estava manchado de fumaça e seus olhos estavam fechados. Kate sentiu o coração se apertar. Não, pensou ela, por favor, não.

E então o garoto tossiu pesadamente e piscou, com olhos vermelhos e lacrimejando. Ele viu Kate e Beetles.

— Oi.

— Oi — disse Beetles, chorando e sorrindo ao mesmo tempo.

Kate esticou a mão e tocou no cabelo do garoto.

— O que você estava fazendo lá dentro? Pensando em abrir uma loja?

Jake sorriu e disse com voz fraca:

— É, a loja de Queimar-a-Igreja-Toda.

Rafe colocou o garoto de pé, e Beetles passou um braço ao redor do corpo do amigo.

— Eram as últimas crianças. — O rosto de Rafe estava preto de fumaça e sua voz estava rouca. — Onde estão as que já tinham saído?

— Abigail levou elas pro centro — disse Kate. — Pro teatro Bowery. Ela disse que o gerente é amigo da srta. Burke.

Rafe olhou para Beetles.

— Você ouviu? Pode levar essas outras crianças pra lá?

— Claro! — disse Beetles, com toda a velha confiança de volta. — Ei, escutem! Seus Selvagens, me sigam!

E, com o braço de Jake sobre o ombro, ele guiou as crianças.

Kate e Rafe ficaram sozinhos por apenas um momento, quando houve um estrondo dentro da igreja e um som alto e metálico que foi audível mesmo acima do rugir das chamas.

— Um dos sinos — disse Rafe. — Caiu da torre.

Ele estava indo para a igreja, mas Kate segurou o braço dele.

— O que você está fazendo? Todas as crianças saíram!

— Vou buscar a srta. B. — Ele se soltou e desapareceu em meio à fumaça.

Kate não hesitou e foi atrás dele. Na verdade, mesmo se tivesse tido tempo de pensar (sobre suas responsabilidades com Michael e Emma, com os pais, sobre o fato de que, apesar de tudo, Rafe talvez ainda se tornasse seu inimigo), ela teria agido do mesmo jeito. Assim como o dr. Pym e Gabriel e o rei Robbie McLaur, Rafe se colocou em perigo para protegê-la e, assim, também sua família. Agora ele precisava da ajuda dela.

Kate manteve a cabeça baixa e um braço na frente do rosto. O calor queimava sua pele, a fumaça fazia seus olhos arderem, mas então ela chegou ao salão principal da igreja, onde o teto era tão alto que a fumaça se acumulava bem lá em cima. Ela tirou o casaco e jogou no chão. O ar queimava sua garganta e seus pulmões, e a garota se perguntou quanto tempo demoraria até que a igreja desabasse sobre ela.

Ela foi agarrada pelo braço e puxada.

— O que você está fazendo? — perguntou Rafe.

— Não vou deixar você sozinho aqui dentro!

Rafe parecia furioso, mas então parte do teto caiu sobre a porta pela qual Kate tinha entrado. A saída estava bloqueada.

— Não temos tempo pra discutir! — gritou Kate. — Precisamos encontrar a srta. Burke e sair!

O garoto segurou a mão dela.

— Não solte minha mão! Aconteça o que acontecer!

Ele saiu correndo pela igreja arrastando Kate atrás de si. Na base da torre estavam os dois enormes sinos destruídos. Quando Kate e Rafe passavam por cima dos pedaços quebrados, a bota de Kate escorregou e a mão dela deslizou da de Rafe. Imediatamente, a fumaça queimou os pulmões dela e o calor ficou insuportável. Kate começou a gritar, mas Rafe agarrou a mão dela e ela sentiu um casulo de ar mais frio cair ao redor deles.

— Posso te proteger! — gritou ele. — Mas você precisa segurar minha mão! Vem!

Kate assentiu e eles começaram a subir a escada frágil em espiral.

O sino que caiu arrancou pedaços enormes da escadaria, e o que ficou estava sendo consumido pelo fogo. Ainda assim, Kate e Rafe prosseguiram, evitando os degraus que pareciam com probabilidade de cair e pulando de mãos dadas os trechos em que não havia escada. Kate ficava pensando que não só eles teriam que descer pela mesma escada, que as chamas estavam devorando a cada segundo, mas que também ainda havia dois sinos pendurados no alto. Quanto tempo demoraria até que caíssem?

Logo ela e o garoto estavam subindo pelo alçapão e chegando à plataforma aberta do campanário.

Kate esperava encontrar Henrietta Burke morta ou presa sob uma viga que despencou. Mas não foi nem uma coisa nem outra que eles encontraram. A mulher estava de pé na beirada da torre, com a silhueta do corpo ereto destacada pelas chamas, olhando calmamente para a rua lá embaixo. O ar frio da noite tornava suportável respirar no campanário, e Rafe soltou a mão de Kate e correu até a mulher. Kate viu Henrietta Burke se virar para olhar

para Rafe e ouviu a voz do garoto pedindo, implorando. Mas Henrietta Burke balançou a cabeça e disse alguma coisa que Kate não conseguiu ouvir.

O que ela estava fazendo?, perguntou-se Kate. Eles estavam desperdiçando tempo.

Acima dela, os sinos bateram uns nos outros quando o calor vindo da torre os fez balançar.

Rafe voltou até Kate limpando lágrimas e não olhou nos olhos dela.

— Ela quer falar com você.

— O quê?

— Ela quer falar com você. Vai! Esse lugar vai despencar a qualquer momento!

Sem saber o que estava acontecendo, Kate cruzou a torre. Parecia que toda a torre tinha começado a balançar. Henrietta Burke estava com o xale ao redor dos ombros e olhava para a multidão nas ruas. Kate conseguia ver as tochas como vagalumes se movendo na escuridão.

— Rafe me disse que todas as crianças saíram.

— Sim.

— E você mandou elas pro teatro Bowery? Isso é bom. Meu amigo lá sabe o que eu faço. Tomei providências há muito tempo caso esse tipo de coisa acontecesse. Tem um lugar no norte do estado. As crianças vão estudar. Crescer em segurança. E pensar que estávamos tão perto de ficarmos em segurança para sempre. Mas o arrependimento não serve de nada. A vida segue em frente, mesmo para viajantes do tempo como você.

— Srta. Burke...

— Não, me escute. — Ela se virou e olhou para Kate. — As pessoas pensam que sou uma mulher dura, mas a verdade é bem mais profunda. Abri mão do meu filho há muito tempo. Achei que ele ficaria mais seguro em meio àqueles que não conheciam magia, criado como um deles. Eu estava errada. A natureza dele se revelou.

E quando ele precisou de mim, eu não estava lá. Venho pagando desde então. Rafe é o filho que eu devia ter criado. Mas não posso mais proteger ele.

Kate sentiu o terrível peso das palavras da mulher. Henrietta Burke chegou mais perto.

— Você se lembra do nosso acordo? Eu ajudo você a voltar pra casa e, em troca, peço um pagamento quando quiser. A hora é agora.

— Mas precisamos ir! O fogo...

— Criança — disse a mulher grisalha —, eu não vou a lugar nenhum.

Ela abriu o xale, e Kate viu o estilhaço fino como uma faca saindo da lateral do corpo da mulher. Sangue pingava do vidro no vestido dela.

— Rafe quer que eu fuja. Ele ainda acredita que a magia pode consertar tudo. Mas toda magia tem um preço, e o preço de me curar seria alto demais. Vou ficar.

Kate abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu. O horror da situação e a resolução calma da mulher a deixaram sem palavras. Henrietta Burke prosseguiu.

— Sei quem Rafe é. Scruggs achava que eu não sabia, mas eu sempre soube o papel que o aguarda. Ainda assim, ele tem escolha.

A mulher segurou o ombro de Kate. Seus olhos cinzentos estavam fixos e intensos.

— Ame-o.

— O q-quê?

— É por isso que você está aqui. É por isso que você veio. Você já o mudou. Não consegue ver, mas eu consigo. Você é a única esperança que ele tem. Você tem que amar ele.

Kate olhou fixamente para a mulher. A torre balançou, os sinos bateram, gritos vieram da rua, as chamas chegaram ao telhado. Ela balançou a cabeça.

— Você não entende... você não entende quem...

— Sei exatamente quem ele é. Quem ele está destinado a se tornar. Mas você ainda pode salvá-lo. Ame ele, criança. Ame como ele já ama você.

— Por favor... não me peça isso.

— Mas preciso. É a única esperança que temos.

A mulher se inclinou para a frente e sussurrou no ouvido de Kate.

— E eis minha metade do acordo: você não precisa de bruxa nem de mago nem de ninguém pra te ajudar a ter acesso ao poder dentro de você. Nunca precisou. Pare de lutar e deixe sair.

Imediatamente, Kate soube que a mulher estava certa. O poder estava nela; ela conseguia sentir naquele mesmo momento, conseguia se sentir lutando contra ele. Ela estava lutando havia meses, desde que levou a Condessa para o passado e alguma coisa nela foi mudada para sempre.

O poder do *Atlas* era o poder *dela*. Kate não podia mais negar.

— Agora vá. — E a mulher, ainda olhando nos olhos de Kate, gritou: — Leva ela!

Kate sentiu alguém segurando seu braço, e Rafe a arrastou em direção ao alçapão. Quando eles se preparavam para descer, houve um estrondo alto, o chão tremeu, e Kate e Rafe olharam para trás e viram o canto do campanário desmoronar. De um minuto para outro, a mulher sumiu.

O trajeto para descer da torre dos sinos foi ainda mais perigoso do que Kate imaginava. Mais degraus tinham caído, e Kate conseguia sentir a redoma de ar frio que Rafe estava criando ficar mais e mais fraca. Ainda assim, Kate sentia como se estivesse em um sonho, que nada ao redor dela era real. Sua mente não conseguia processar que a mulher austera realmente tinha morrido, muito menos as coisas que ela dissera.

Nos últimos degraus da escada, Kate ouviu o som que temia, e isso a fez retornar ao momento. Ela e Rafe olharam para cima e viram a boca negra e aberta do sino caindo na direção deles, arrebatando a escada de madeira. No mesmo momento, a escada

na qual eles estavam desmoronou. Enquanto eles caíam, Rafe jogou Kate para a porta. Ela caiu de lado, bateu na parede e chegou ao chão de uma forma que teve uma visão perfeita de Rafe no centro da torre, imóvel no chão.

Kate gritou o nome dele quando o sino caiu.

CAPÍTULO DEZENOVE

A batalha do vulcão



Bandos de Demônios e Gritões estavam subindo a ladeira, carregando escadas que tinham feito de árvores cortadas da floresta. Assim que chegaram ao alcance dos disparos, os elfos na muralha começaram a despejar flecha após flecha nas criaturas. Os arqueiros eram incrivelmente precisos, mas assim que um Demônio ou Gritão caía, outro tomava seu lugar e a escada seguia em frente.

O ar já estava denso com a névoa fedida e acre em que os Gritões mortos se transformavam na ladeira pedregosa.

E havia mais e mais...

Os terríveis gritos ecoavam nas paredes do desfiladeiro.

— Isso é burrice! — gritou Emma. — A gente devia estar lá ajudando!

— A gente só ia atrapalhar — disse Michael.

— E estamos ajudando — disse a princesa elfo. — Estamos inspirando os que estão lá embaixo a lutar com mais coragem. Mas eu queria ter um lenço pra balançar.

Por ordens de Gabriel, os três estavam vendo a batalha do alto da torre decapitada. Wilamena disse para as crianças que era óbvio que o amigo delas não tinha poder nenhum para dar ordens à princesa, mas não queria se separar do coelho dela.

Michael passou os primeiros poucos minutos no alto da torre tentando avaliar as chances dos defensores. A fortaleza por si só, além de ter sido construída em um vulcão, estava bem posicionada. A ladeira de cada um dos lados era inclinada e composta de montes de pedrinhas que não davam firmeza para caminhar. Isso significava que os inimigos tinham que atacar pela frente, o que, por sua vez,

significava que os elfos só tinham um muro para defender. Essa ligeira vantagem era o que estava impedindo que a fortaleza fosse invadida. Mas Michael sabia que não podia durar. O exército de Rourke era grande demais. Então a pergunta era, será que eles conseguiriam segurar a defesa até o dr. Pym chegar? Ou reforços chegam da colônia de elfos?

— Olhem! — gritou Emma.

Da ladeira abaixo, alguma coisa subiu no ar e foi ficando maior e maior. Michael ficou olhando fixamente, incapaz de entender, ou talvez não querendo entender o que estava vendo; e então a pedra bateu na parede e fez a fortaleza tremer. Michael olhou a ladeira até ver um dos trolls de Rourke inclinado e passando os braços ao redor de outra pedra enorme. Elfos já estavam fazendo chover flechas sobre a criatura; mas os mísseis mal arranhavam a lateral do monstro, e momentos depois uma segunda pedra bateu no alto do muro, espalhando pedras e detritos no pátio.

As primeiras escadas agora chegaram às muralhas.

Michael silenciosamente diminuiu sua avaliação das chances deles.

— Não podemos ficar aqui parados! — Emma estava quase enlouquecida. — Precisamos fazer alguma coisa!

Michael começou a dizer que entendia a frustração dela, mas que não havia nada que eles pudessem fazer quando viu que Wilamena tinha tirado a coroa de ouro e a estava sacudindo e gritando (por algum motivo):

— Troo-loo-loo! Troo-loo-loo!

— Na verdade — disse Michael —, eu tenho uma ideia.

Gabriel golpeou com a machete um Gritão que subia pela parede, e a criatura caiu para trás gritando.

A batalha já durava uma hora e ainda estava sendo lutada no muro frontal da fortaleza. Gritões e Demônios continuavam a colocar as escadas, e os elfos continuavam a empurrá-las para baixo. Gabriel

sabia que enquanto conseguissem defender as muralhas, eles tinham chance. Mas se as forças de Rourke passassem, eles teriam que recuar para a construção fechada, o que, considerando o buraco do tamanho de um dragão no telhado, oferecia pouca segurança. Gabriel olhou para o céu. Os dias aqui eram curtos, e eles tinham talvez duas horas até o anoitecer.

E a fumaça negra saindo do vulcão parecia mais e mais ameaçadora.

Naquele momento houve um baque alto e os portões da fortaleza tremeram. Gabriel olhou por cima do muro e viu um par de trolls de pé na frente do portão, segurando uma árvore gigante como aríete. Os elfos estavam disparando flecha após flecha; as costas e os ombros das criaturas estavam cheias de espetos como porcos-espinhos, mas os trolls não davam bola para as flechas e batiam com a árvore nos portões sem parar, enquanto Rourke, em segurança longe do alcance das flechas, os mandava continuar. Mais alguns golpes e Gabriel sabia que os portões seriam abertos.

Ele se virou para o capitão elfo.

— Arrume uma corda.

— Pra quê?

— Pra me puxar de volta depois.

Com isso, Gabriel acertou o Demônio que subia por cima do muro, segurou a escada da criatura e, com um grande impulso e um salto, se lançou para baixo, para longe do muro. Montado na escada, Gabriel se lançou mais longe do que poderia ter pulado, de modo que, quando a escada inclinou, ele estava diretamente acima dos trolls e ouviu a voz de Rourke em meio à confusão:

— Ali! Na escada! Disparem nele!

Enquanto caía, Gabriel golpeou com a machete o pescoço exposto do troll mais próximo, que não o viu, pois estava concentrado em sua tarefa e, com a força da queda, deve ter sido o golpe mais forte que Gabriel deu. Ele caiu no chão, rolou, se levantou e pulou para sair da frente quando o troll, agora sem cabeça, caiu no chão. Houve

um grito de dor quando o aríete caiu no pé do segundo troll, e Gabriel conseguia ouvir Rourke gritando para que os Gritões disparassem e não se preocupassem se atingissem o maldito troll. Gabriel colocou um pé na árvore, pulou no ar e, com um golpe de duas mãos, enterrou a machete no crânio do segundo troll.

E lá ela ficou, afundada em dez centímetros.

Gabriel segurou o cabo, empurrou o pé no peito da criatura e tentou soltar a lâmina. Ela nem se mexeu. Gabriel tinha acabado de decidir deixar a machete e correr para a fortaleza quando o troll, que não pareceu incomodado por ter uma machete gigante enfiada na cabeça, soltou um rosnado de fúria e o segurou pelo torso.

— Isso aí — gritou Rourke. — Não solta ele!

Gabriel sentiu suas costelas sendo esmagadas e os enormes dedos duros como pedras afundando no peito e nas costas. Com a força que restava, ele enfiou o calcanhar no nariz da criatura sem parar, até que, no quinto golpe, o monstro o soltou abruptamente. Gabriel caiu no chão ofegante, enquanto o troll enlouquecido pela dor, com sangue negro escorrendo pelo rosto, saiu correndo e pisoteando fileiras de Gritões e Demônios. Gabriel cambaleou até o muro, segurou a corda que tinha sido lançada e foi puxado para a fortaleza. O capitão elfo o ajudou a passar por cima, e Gabriel olhou para trás e viu Rourke entrar na frente do troll desembestado e, com um golpe de uma espada absurdamente longa, arrancar a cabeça da criatura.

A afetação valentona de Rourke foi substituída por raiva verdadeira, e ele apontou a espada sangrenta diretamente para Gabriel. A intenção dele estava clara; os dois voltariam a se encontrar.

Gabriel não reagiu e se virou para procurar uma arma.

— Você não vai nem contar pra gente?

Michael balançou a cabeça.

— Falei cedo demais. Eu devia ter analisado as partes antes de dizer alguma coisa. É uma ideia ridícula. Vamos esquecer isso, subir e ver a batalha. Tá?

Michael, Emma e a princesa elfo estavam de pé na base da torre, falando em voz baixa, pois o guardião estava a apenas 20 metros, ainda amarrado a uma coluna. Até então, o homem não tinha dado sinais de estar ciente da presença deles.

Emma olhou para a princesa.

— Ele está com medo de alguma coisa.

Wilamena concordou.

— Eu não acharia possível, mas você está certa. Alguma coisa roubou o coração de coelho corajoso dele.

— Não estou com medo! — protestou Michael. — De nada!

— É claro que está — disse Emma. — Está com tanto medo que nem quer contar pra gente a ideia.

— Não é verdade.

— Então conta!

— Tudo bem. Mas é uma ideia idiota. — E ele respirou fundo, decidido a dar a explicação o mais rapidamente possível. — Ver a coroa da princesa me fez lembrar a pulseira do dragão. Esta, lembra? — Ele ergueu a pulseira de ouro cortada que tirou dos entulhos no alto da torre. — E me ocorreu que, se a gente consertasse a pulseira, poderia transformar ela de novo em dragão e ela poderia nos ajudar a vencer a batalha.

— Você está certo — disse Emma. — É uma ideia idiota. Uau.

— Como uma coisa assim poderia ser possível? — perguntou Wilamena.

— Não é — disse Michael. — Então vamos apenas...

— *Espera!*

Michael já estava com um pé na escada, mas a voz de Wilamena o fez virar. O jeito dela tinha mudado. Mais uma vez, ela pareceu repentinamente régia e imponente, como uma verdadeira princesa.

— Nesse momento, soldados elfos estão lutando por você, talvez morrendo por você! Você tem obrigação de me contar o que sabe. Como a gente poderia fazer isso?

— Tem uma bigorna e uma forja no pátio. — Michael falou sem olhar nos olhos dela. — Derretemos sua coroa e usamos o ouro para fechar o corte na pulseira; em seguida, refazemos o encanto de forma que eu seja o mestre do dragão, em vez de o guardião. Isso supondo que precisa haver um mestre — murmurou ele — e que você não possa, sabe, ser sua própria mestra.

— E como você vai refazer o feitiço? — perguntou Emma. — Você não é mágico. Você precisaria do dr. Pym. Ou... ou...

— Ou do meu antigo mestre.

Emma olhou para a princesa elfo, depois para o outro lado do aposento, para o guardião, e para Michael.

— O cara que tentou matar a gente? Que matou todos os amigos dele? É esse o cara que você quer que ajude a gente? Seu plano é ainda mais idiota do que eu pensei.

— Na verdade — os olhos azuis de Wilamena estavam brilhando na penumbra —, é brilhante.

Michael olhou para o chão e não disse nada.

— Sim, eu vejo agora — disse a princesa elfo. — Tem um jeito de fazer com que Xanbertis ajude, e o coelho inteligente descobriu. Mas, por algum motivo, a ideia assusta ele.

— Espera — disse Emma. — Então o plano *não* é idiota?

— Olha pra mim, coelho.

Michael ergueu o olhar. O jeito da princesa estava mais delicado. Ela colocou a mão no braço dele.

— Não sei por que isso te dá medo e não pergunto. Mas escute isso: não quero me tornar o dragão. Significa voltar a uma prisão, uma prisão da qual eu pensava que jamais escaparia. Mas, como tem elfos morrendo, vou cumprir meu dever. Você cumprirá o seu?

A princesa elfo não podia ter escolhido uma palavra com mais probabilidade de fazer Michael mudar de ideia. A sensação de dever

dominava todos os aspectos da vida de um anão. Acusar um anão de negligenciar seu dever era acusá-lo de não ser anão. Mas quanto da decisão de Michael veio disso e quanto da mão fria da princesa em seu braço e dos olhos azuis fixados aos dele, Michael jamais saberia dizer.

Ele empertigou os ombros.

— Vá acender o fogo na forja. Comece a derreter a coroa. Vou pra lá assim que puder.

Wilamena apertou o braço dele.

— Obrigada.

— Tudo bem — disse Emma. — Mas ninguém me conta nada. Porque isso seria, sei lá, um desastre.

Wilamena a levou junto sussurrando:

— Vou contar, mas você é muito impaciente, sabia...?

Ao ser deixado sozinho, Michael não perdeu tempo e andou imediatamente para onde o guardião estava amarrado. Ele sabia que não podia se permitir hesitar. E agora, ele tinha prometido. Ainda assim, suas mãos estavam tremendo, e ele segurou a alça da bolsa para que parassem.

— Preciso da sua ajuda.

O homem não ergueu o olhar e não deu sinal de ter ouvido.

— Tem uma batalha acontecendo. Nosso lado vai perder. Quando isso acontecer, o exército de Rourke vai matar os elfos, vai matar você e vai pegar a *Crônica*. Preciso que você me ajude a consertar a pulseira que fez a princesa virar dragão.

Ainda assim, o homem não olhou para cima.

— Você está ouvindo? Vão roubar a *Crônica*! E matar você!

Por fim o homem ergueu a cabeça. O brilho vermelho do buraco no piso deu um cintilar malvado aos olhos dele. Ele observou Michael com ódio não disfarçado.

— Que bom.

E baixou a cabeça de novo.

Essa era mais ou menos a reação que Michael esperava.

Então vá em frente, disse ele para si mesmo. Você sabe o que tem que fazer.

Michael se ajoelhou, se desligou dos gritos dos Gritões e dos sons da batalha e se concentrou no homem à frente.

— Acho que você nem sempre foi assim. Foram todos esses anos, todos esses séculos; foi demais. Preciso do homem que você era.

O guardião levantou a cabeça e, só por um momento, Michael pensou ter visto alguma coisa brilhar no rosto dele. Um apelo, talvez? Ele se lembrava de olhar nos olhos do Bert louco na noite anterior e ver o mesmo olhar de súplica.

Mas logo sumiu e foi substituído por desprezo.

— Aquele homem morreu.

— Não — disse Michael, odiando o tremor que ouviu na própria voz. — Acho que ainda está dentro de você, em algum lugar. — E abriu a bolsa e pegou a *Crônica*. — Wilamena, a princesa, disse que o livro pode curar pessoas. Como curou minha irmã. E acho que você está doente, só isso. E você não deve querer melhorar porque vai ter que encarar as coisas que fez. Mas a *Crônica* pode ajudar. Eu... posso ajudar.

O homem deu um salto para a frente, assobiando:

— Não seja tolo! Lembra o que aconteceu com sua irmã? Você absorveu toda a dor dela, e foi muito! A dor de uma criança! Você faria o mesmo comigo? Eu, que estou vivo há quase 3 mil anos? Eu assassinei meus irmãos! Traí meu juramento! Escreva meu nome nesse livro e vai ser você quem assassinou! Você quem traiu! A dor vai acabar com você, garoto. Eu juro. Seu coração não é forte o bastante.

— Você acha que não sei disso? — Lágrimas manchavam a visão de Michael. — Acha que eu estaria fazendo isso se tivesse escolha? Nem quero estar aqui! Eu queria estar em Cambridge Falls. Ou no Lar Edgar Allan Poe em Baltimore, o que significa muita coisa, pode acreditar. — Ele passou os dedos dobrados nos olhos e respirou

fundo para se acalmar. — Mas estou aqui. E Kate me colocou no comando.

Michael pegou o stylus e abriu o livro no meio. Sua mão tremia tanto que ele precisou de três tentativas para conseguir furar o dedo e obter sangue.

— Estou avisando, garoto. Não faça isso.

A ponta do stylus estava manchada de vermelho-escuro. Michael pegou o pedaço de osso. Em seguida, parou, incerto...

— Xanbertis se escreve com xis ou cê agá?

— O quê?

— Aposto que é com X. De qualquer modo, o livro vai descobrir.

E Michael encostou a ponta suja de sangue do stylus na página.

Um tremor percorreu seu corpo e, como tinha acontecido com Emma, o guardião entrou em foco detalhado. Michael conseguia perceber os milhares de pelos individuais da barba dele, conseguia ouvir um besouro arranhando a parte de dentro de um bolso, sentir o cheiro de semanas de sujeira e suor (ele tinha conseguido sentir esse cheiro antes, só que agora estava bem pior). Ele começou a escrever, com as letras fumegando e borbulhando na página. Sentiu o poder do livro se manifestar...

O garoto parou de escrever. Metade do nome do guardião estava queimado na página. Ele conseguia sentir o homem o observando, esperando. E talvez fosse o desejo de não parecer fraco, ou a lembrança de sua promessa silenciosa para Wilamena, ou simples teimosia, mas de alguma maneira Michael se obrigou a escrever as últimas letras, e a magia se ergueu e tomou conta dele...

Michael era um jovem chegando a uma cidade murada na beira do mar. A cidade tinha casas marrom-avermelhadas de tetos baixos, construída ao redor de uma torre. Foi para a torre que o jovem se direcionou, pois ele tinha sido chamado para a ordem; e sua empolgação e seu orgulho e medo eram a empolgação e o orgulho e o medo de Michael...

E Michael sentiu o amor do jovem pelos novos irmãos; sentiu o espanto do jovem pela grande confiança dada a ele e aos outros guardiões; e, quando o exército de Alexandre atacou a cidade, Michael sentiu as profundezas da fúria do jovem guardião e a dor e a vergonha quando ele e três outros fugiram com a *Crônica*, deixando para trás os irmãos feridos e mortos...

E Michael estava com o homem, não mais jovem, quando ele e os irmãos restantes carregaram a *Crônica* pelos mares do sul; ele sentiu a determinação ferrenha do homem enquanto eles seguiam pelo gelo, e Michael estava com eles quando chegaram ao vale coberto de neve dos elfos, e sentiu o espanto do homem quando eles usaram a *Crônica* para despertar o vulcão adormecido e dar vida ao vale...

E então, anos, décadas se passaram...

E foi assim que Michael sentiu a loucura se enraizar e crescer, dominando como uma erva daninha a mente do guardião. Não era ganância que o dominava, que agora dominava Michael, era medo. Medo de que alguém fosse roubar a *Crônica*. A princípio, o medo foi direcionado para o mundo exterior. Mas conforme os anos passaram, o medo encontrou inimigos mais próximos. Ele (o homem, Michael) viu nos irmãos o desejo pela *Crônica*. Sabia que só ele podia manter o livro em segurança. Só ele podia protegê-lo. Era seu dever, sua responsabilidade. E então Michael estava atrás de um dos irmãos, e havia uma faca em sua mão...

Michael sentiu-se cair em uma escuridão infinita e tentou se afastar, tentou se salvar, mas não havia nada em que se agarrar; ele estava se afogando na dor e na culpa do homem, e era demais; o homem estava certo, ele não era forte o bastante; e o último pensamento de Michael foi em Kate e Emma e como tinha falhado com elas...

— Michael!

Ele abriu os olhos. Emma estava inclinada por cima dele segurando um balde. A cabeça e o peito de Michael estavam encharcados. Emma jogou o balde de lado e o abraçou.

— Você está bem! Ah, eu fiquei tão preocupada!

Por alguns momentos, Michael não conseguiu fazer nada além de se submeter ao abraço de Emma. Mas conseguiu entender onde estava. Primeiro, não estava morto. Segundo, não estava mais no salão iluminado pela lava do forte. Alguém o tinha levado para o pátio.

— Eu... eu preciso me sentar.

Emma ajudou a levantá-lo. Michael estava trêmulo e se sentia oco, como se o menor movimento pudesse quebrá-lo em pedaços. Ele começou a pensar no que tinha acontecido, mas parou. Não estava pronto para reviver aquilo. Ainda não. Talvez nunca. Ele estava vivo; isso bastava.

Michael viu que estava em um abrigo de teto de madeira ao lado do muro da fortaleza. À sua esquerda estava a forja. Ele sentiu o calor irradiando do fogo. E conseguia ouvir, abaixo do barulho da batalha, o *clink-clink-clink* regular de um martelo.

— Como cheguei aqui?

— Como você acha? — disse Emma. — Ele carregou você.

— Quem?

— Ele!

Ela se moveu e ali estava o guardião, de pé em frente à bigorna. Usava um pesado avental de couro e luvas grossas também de couro. A barba desgrenhada tinha sido amarrada com um barbante. Em uma das mãos, ele segurava uma pinça. Na outra, um martelo. A pinça segurava a pulseira de ouro, agora vermelha e pulsante com o calor, e o homem bateu com o martelo, acertando a pulseira vez atrás da outra. Estava cantarolando baixinho. Por um momento, Michael ficou estupefato demais para fazer qualquer coisa além de olhar. Enquanto olhava, o homem ergueu a pulseira e a mergulhou em um balde de água.

Michael ficou de pé.

— Ele me trouxe aqui?! Ele?!

— Foi. Quando eu vi ele te carregando, pensei que devia ter se soltado e matado você, mas... Ei, o que foi? Qual é o problema?

Ao ver a bolsa no chão, Michael a agarrou e derrubou o conteúdo no chão. A câmera, as canetas e lápis, o diário, a bússola, o canivete, um pacote de chiclete pela metade, a medalha do rei Robbie... Tudo caiu no chão, inclusive a *Crônica*, com o stylus preso no lugar certo. Michael não entendeu. Ele desmaiou no salão; e então, de alguma forma, o guardião se soltou. Só que, em vez de fugir com a *Crônica*, ele colocou o livro na bolsa de Michael e o carregou para lá. Agora, parecia que ele estava consertando a pulseira. Não fazia sentido.

A não ser que...

Michael pegou o livro e o girou nas mãos. Seria possível?

— Então funcionou mesmo — disse Emma.

— Hã?

— O guardião, quando ele trouxe você, ele não estava nada louco. Estava legal. Seu plano deu certo.

— Sim — disse uma voz —, ele me curou.

O homem estava de pé ao lado deles. Tinha tirado o avental e as luvas de couro, mas as bochechas e a testa brilhavam de suor e estavam com manchas pretas do fogo. Ele parecia mais demoníaco do que nunca. Exceto pelos olhos. Michael se viu olhando para eles e pensando nos olhos do dr. Pym. Eles não tinham nada da alegria do mago, mas havia neles a mesma sensação de idade, sabedoria e gentileza. Michael sentiu parte do pânico se dissipar.

— Você está se perguntando como me soltei — disse o homem.

— Quando você desmaiou, caiu em minha direção. Consegui pegar a faca no seu cinto.

— Tá, mas... por quê...?

— Por que não fugi com a *Crônica*? Como falei, você me curou. Sou de novo o homem que eu era. — Ele se ajoelhou na frente de

Michael e ergueu a voz, para que soasse mais alto do que a batalha. — Sejam testemunhas de que ofereço minha respiração, minha força e minha própria vida ao seu serviço. É meu juramento até que a morte me livre desse laço.

Emma suspirou.

— Uau.

— Você me trouxe de volta à vida — disse o homem. — Você é o Protetor.

Do jeito que se sentia destruído e vazio, Michael só conseguiu balançar a cabeça. Não era que ele duvidasse ser o Protetor; ele não queria acreditar.

O homem esticou a mão com a pulseira de ouro.

— Está pronta. O feitiço está completo.

Michael a pegou. O metal, tão sólido e quente em sua mão, ajudou a firmá-lo. Ele passou o polegar pelo ponto onde a faca tinha cortado. O novo ouro tinha formado uma cicatriz leve e em alto-relevo.

Certo, disse ele para si mesmo. Não pense na *Crônica*. Não pense no que aconteceu. Pense nisso. Pense no que precisa fazer agora.

Mas ele era como um homem ferido tentando não pensar no buraco aberto no meio do peito.

Ele conseguiu dizer:

— Onde está a princesa?

— Aqui.

Wilamena entrou no aposento. Seus olhos estavam vermelhos, como se ela tivesse chorado, e ocorreu a Michael que a princesa não estava presente quando ele despertou. Mas ele não perguntou o que ela estava fazendo. Não havia tempo.

— A pulseira está pronta.

A princesa elfo esticou o braço.

— Eu também.

Gabriel estava lutando no alto do muro quando um rugido no pátio o fez girar. Ele reconheceu o som, sabia que criatura o tinha emitido, e disse para si mesmo que não era possível. Em seguida, um borrão dourado passou voando por ele, e ele ergueu o olhar e viu os últimos raios de sol se refletindo na pele do dragão. Um grande silêncio caiu sobre a fortaleza quando os atacantes e os defensores pararam de lutar e olharam para o céu.

Passos soaram na escada vinda do pátio, e Michael e Emma, sem fôlego e vermelhos, correram para ele.

— Gabriel! — gritou Emma. — Você viu? Nós fizemos aquilo! Está vendo?

Ela apontou para o céu, mas Gabriel estava olhando para as crianças.

— Vocês fizeram isso?

— Ah, foi Michael, na verdade. Mas eu ajudei com o fogo.

Michael conseguiu sentir os olhos do homem e entendeu a preocupação dele. Gabriel não sabia sobre a mudança no guardião e nem que ele, Michael, por ter sido quem colocou a pulseira no braço de Wilamena, era agora o mestre do dragão.

— Está tudo bem. Ela está do nosso lado.

Michael torceu para parecer confiante. Na verdade, a transformação da princesa elfo o perturbou. Saber que uma pessoa vai virar um dragão era diferente de ver acontecer na frente dos seus olhos.

Michael estava colocando a pulseira no pulso de Wilamena e pensando (pois não conseguiu evitar) na maciez perfeita de mel da pele dela quando seus dedos encostaram em uma parte muito ressecada. Curioso, ele olhou e viu escamas douradas surgindo no braço dela; viu as unhas dela crescerem e virarem garras, e estava começando a se sentir um pouco desconfortável, a pensar que talvez eles tivessem se precipitado, quando uma voz profunda e sibilante disse:

— Se afaste, coelho.

Michael ergueu o olhar e viu os olhos azuis de Wilamena virarem da cor de sangue. O guardião puxou Emma e Michael para o pátio e, um momento depois, o abrigo de madeira ao redor da forja explodiu e o dragão dourado, em toda a sua glória terrível, apareceu.

Wilamena estava agora centenas de metros acima da fortaleza, e Michael estava olhando para o alto, se perguntando o que devia fazer agora, como o laço entre eles funcionava, e naquele momento a princesa elfo falou com ele. Ele não ouviu a voz dela na cabeça; não era nada tão preciso. Era mais uma sensação: ela estava lá, ele não devia se preocupar, ela estava com a situação sob controle.

Pela primeira vez desde que Emma o acordou com o balde de água, Michael começou a se sentir melhor.

— Apenas olhem.

A multidão do exército de ataque estava reunida perto da muralha da fortaleza enquanto mais de dez escadas cheias de Demônios e Gritões estavam empoleirados nas muralhas. Ninguém se moveu desde a aparição do dragão. Todos estavam esperando para ver o que ela faria. O dragão fez a curva e desceu do céu. Michael sentiu um vento quente quando ela passou voando, ouviu o som de escadas quebrando, de Demônios e Gritões sendo jogados no chão.

— Está vendo? — gritou Emma, agarrando o braço de Gabriel. — Está vendo?

As forças estavam em desordem, sem saber se continuavam a atacar a fortaleza ou se viravam e encaravam a nova ameaça. Os elfos aproveitaram e lançaram flecha atrás de flecha em cima deles. Enquanto isso, o dragão fez meia-volta e mergulhou para cima do exército, expirando um jato de chamas. A desordem virou caos, e por alguns minutos, os que estavam nas muralhas viram o dragão destruir os atacantes. Em determinado momento, ela pousou no meio do exército e cuspiu fogo em um grande círculo ao redor de si. Em seguida, perseguiu e esmagou as criaturas em chamas que tentaram fugir.

— Uau — disse Emma. — Ela parece... muito irritada, né?

Michael concordou silenciosamente e olhou ao redor para avaliar a reação dos elfos. Foi então que reparou que poucos estavam na muralha. Intrigado, Michael olhou para o pátio e viu, debaixo do abrigo de madeira, mais de 12 elfos enfileirados no chão, com as capas apertadas ao redor do corpo. Um peso frio tomou conta do coração de Michael e ele entendeu onde Wilamena estava quando ele acordou ao lado da forja e por que estava chorando. E que agora ela estava se vingando.

Gabriel disse:

— Rourke está vindo.

Um tempo antes, Rourke tinha se retirado para a base do vulcão, onde um Demônio tinha montado uma cadeira e uma mesa e começou a servir o almoço, que Rourke comeu sem pressa enquanto via o progresso da batalha. Agora ele estava subindo a ladeira com uma lança enorme na mão. Wilamena estava a três metros do chão, incendiando uma tropa de *morum cadi*. Ela pareceu sentir o pânico de Michael e virou; mas estava sem equilíbrio, e Michael sufocou um grito quando a ponta da lança se afundou na junta do ombro.

— Cuidado! — gritou Emma. — Ele tem outra!

Mais uma vez, o aviso chegou tarde demais; e todos sobre o muro ouviram a lança de Rourke perfurar o peito do dragão. Michael sentiu outra pontada lancinante de dor, e sua conexão com a princesa elfo foi rompida. Por um momento, pareceu que Wilamena ia cair entre Demônios e Gritões e ia ser agredida. Mas lutando com uma das asas, ela se elevou no ar, e Michael viu-a descer ladeira abaixo, para a planície, e cair nas profundezas da floresta.

Pareceu a Michael que ele também tinha sido perfurado.

Ela está morta, pensou ele. Ela está morta e é minha culpa.

Enquanto isso, Rourke se aproximou, pegou o aríete que os trolls tinham deixado no chão e atacou o portão.

— A construção! — gritou Gabriel, empurrando Emma e Michael em direção à escada. — Sigam para dentro!

Michael se sentia entorpecido. Ele mal se deu conta de que desceu a escada. No pátio, o capitão de olhos azuis estava formando uma fila de elfos. Gabriel pegou Emma e gritou para Michael ir atrás. Houve um som alto de madeira quebrando e o portão da fortaleza foi aberto. Michael viu Rourke, segurando a machete de Gabriel, entrar pelos destroços enquanto Gritões de preto e Demônios passavam por ele em direção ao pátio.

Ele conseguia ouvir Emma gritando e chamando, mas a voz dela soou muito distante.

Wilamena estava morta e era culpa dele.

Michael viu os elfos enfrentarem os invasores. O capitão elfo de olhos azuis lutou com Rourke no meio da confusão, com espadas brilhando e batendo; e então uma coisa girou no ar, e Michael viu que era a espada do capitão; ele tinha caído, e Rourke, rindo, se deslocou para acabar com ele. Michael não estava ciente de ter tomado uma decisão, mas de repente ele saiu correndo com uma pedra na mão. Pela primeira vez na vida, sua mira foi perfeita, e a pedra quicou na careca do homem. Rourke parou e se virou, dando um segundo para o capitão elfo recuperar a espada caída e ficar de pé. Michael sentiu uma onda momentânea de triunfo.

Mas Rourke apontou para Michael e gritou:

— *O garoto! Tragam o garoto pra mim!*

Três Gritões pararam de lutar. Michael se virou para correr, tropeçou e caiu. Ele ficou de joelhos e olhou para trás esperando ver formas negras se aproximando; mas o guardião correu para ficar entre ele e os Gritões. A espada do homem era um borrão enquanto ele bloqueava golpes vindos de todos os lados, e Michael viu-o acertar primeiro um Gritão, depois outro. Enquanto lutava, suas costas pareceram se empertigar e seus movimentos eram rápidos e precisos.

Michael sabia que o homem estava dando tempo para ele fugir.

Levante-se, pensou ele. Corra.

Mas o chão tremeu e ele caiu de novo. A princípio, Michael pensou que era o vulcão finalmente entrando em erupção, mas o tremor era estranhamente rítmico. Ele olhou e ali, correndo para cima dele dos portões estava o último troll.

Michael tentou ficar de pé, mas seus membros se recusaram a obedecer.

Ele só conseguia ficar olhando para o troll chegando mais perto, bloqueando o céu.

O guardião apareceu em um salto e se jogou em cima do monstro. Pareceu quase abraçar o troll; mas o troll jogou o homem longe, e o guardião voou pelo ar e colidiu com um poste de madeira. Michael esperou, mas o troll não se mexeu para pegá-lo, e então ele viu o cabo da espada do guardião saindo do pescoço da criatura. Ele rolou para o lado quando o monstro caiu para a frente.

Um segundo depois, o guardião colocou Michael de pé.

Protegendo Michael com o próprio corpo, o Guardião correu com ele pelos cadáveres fumegantes de Gritões, por elfos lutando e pela escada que levava ao forte. Lá dentro, o homem o soltou, e Emma passou os braços pelo pescoço de Michael e se agarrou a ele, ao mesmo tempo que dava bronca por ele ter ficado para trás. Por um momento, Michael ficou ali ofegante. O brilho vermelho do túnel estava mais intenso do que nunca, e os sons da batalha estavam abafados pelas paredes grossas de pedra.

Ele ouviu Gabriel embarreirando a porta.

— O que você está fazendo? — Michael se soltou de Emma. — Os elfos não vão conseguir entrar!

— Os elfos vão lutar no pátio.

— Mas...

— É escolha deles — disse Gabriel. — Vamos subir na torre. Ainda pode chegar alguma ajuda...

— *Não!*

Michael, Emma e Gabriel se viraram para o guardião. Ele tinha caído sobre um dos joelhos. Longas tiras de sangue manchavam

seus braços e suas pernas. Michael nem tinha percebido que ele fora ferido.

— Tem uma saída — O homem respirava com dificuldade, seu rosto estava coberto de suor. — Vocês têm que ir pelo vulcão. Depois do caldeirão, tem um caminho que vai levar vocês pro outro lado. É o único caminho.

Quando ele terminou de falar, caiu para a frente, e Michael correu para perto dele. Já estava pegando a *Crônica*.

— Espera! Posso curar você...

— Não... Não tem tempo.

— Mas...

— Não! — O homem segurou o braço de Michael; sua voz tinha se transformado em um sussurro. — Cuidado. O livro vai mudar você. Lembre-se de quem você é.

Michael assentiu, apesar de não fazer ideia do que o homem queria dizer.

— Por favor, me deixa ajudar você...

— Apenas me responda, eu cumpri meu juramento?

Michael teve que falar com um nó na garganta.

— Cumpriu.

— Então posso me encontrar com meus irmãos com honra. — E Michael viu um peso imenso e invisível sair de seus ombros. Com o resto de força que tinha, o homem empurrou Michael. — Agora vá. Vá.

Michael seguiu Gabriel e Emma escada abaixo, parando só uma vez para olhar para trás. O homem estava deitado sem se mexer, com os olhos virados para o nada.

O guardião. Os elfos no pátio. Wilamena.

Quantos vão ter que morrer por mim?, pensou Michael.

Ele recolocou o livro na bolsa e se virou para o vulcão.

CAPÍTULO VINTE

Para dentro do fogo



O túnel se dividia em dois.

Emma disse:

— Por qual caminho a gente vai?

Ela e Michael e Gabriel estavam bem dentro da montanha, depois da caverna onde Michael conheceu a Wilamena dragão. A cada passo o calor ficava mais intenso, enquanto o ar engrossava até ficar um vermelho venenoso e enevoadado. Duas vezes o vulcão tremeu com tanta violência que Michael e Emma tiveram que se apoiar nas paredes, e Emma comentou que era melhor o homem careca correr, senão o vulcão ia matá-los antes que ele tivesse chance.

Agora, eles estavam em uma bifurcação.

— Não podemos nos dar ao luxo de errar — disse Gabriel. — Esperem aqui. — E entrou no túnel da direita.

Assim que ele se foi, Michael se sentou no chão.

Emma se ajoelhou ao lado dele.

— Não é culpa sua.

Michael não disse nada.

— Você queria salvar ele. Ele não deixou.

— Ele... ele estava certo em não deixar.

— De que você está falando? Como assim, ele estava certo?

— Ele traiu os irmãos dele. Traiu o juramento. Carregou a culpa durante séculos. Damos a ele uma chance de se redimir. Ele até passou o livro adiante. Estava pronto para morrer. — Michael olhou para Emma. — Sei que parece estranho.

O fato era que, mesmo que brevemente, Michael tinha compartilhado a vida do guardião. Ainda tinha a lembrança da culpa que o homem sentia. Mesmo que não conseguisse fazer Emma

entender, ele sabia o que significava para o guardião deixar o peso de lado.

— Michael? O que ele disse pra você lá? Não consegui ouvir tudo.

Michael pensou no homem sussurrando para ele no chão do forte:

O livro vai mudar você.

Mas me mudar como?, perguntou-se Michael. Me mudar para o quê?

Ele deu de ombros.

— Só pra proteger o livro.

Os dois ficaram em silêncio por um momento, e então Emma disse:

— Ei, você precisa estar do lado de uma pessoa pra curar ela?

— Eu já falei, ele não queria. E é tarde demais...

— Não estou falando dele. Eu estava pensando... — Emma segurou o braço dele. — Como sabemos que a princesa está morta?

Michael soltou um grito e se movimentou rapidamente para tirar a *Crônica* da bolsa, ao mesmo tempo que se xingava por não ter pensado nisso antes. Pegou o stylus e estava prestes a furar o dedo quando fez uma pausa. Por mais que quisesse salvar a princesa, a ideia de absorver a dor de mais uma pessoa o apavorava.

Ele se lembrou do resto da mensagem do guardião:

O livro vai mudar você. Lembre-se de quem você é.

— Michael? O que foi? Qual é o problema?

— Cada vez... cada vez que escrevo o nome de alguém na *Crônica*, eu absorvo a vida dessa pessoa. Sinto tudo o que ela sentiu. Com o guardião, quando ele matou os irmãos, eu senti como foi. Eu sinto tudo.

— Isso... isso aconteceu comigo?

Michael olhou para a irmã. Ela o observava com olhos arregalados, com uma auréola vermelha ao redor da cabeça. Ele assentiu. E as palavras começaram a sair, uma torrente que vinha se construindo dentro dele desde que ele a libertou do feitiço do guardião.

— Eu pensei que sabia o que tinha feito ao trair você e Kate pra Condessa, mas eu não sabia! Eu não fazia ideia! Agora eu entendo. E juro que, aconteça o que acontecer, vou fazer você confiar em mim de novo. Como antes. Eu juro.

E antes que Emma pudesse responder, antes que ele pudesse hesitar uma segunda vez, ele furou o dedo e escreveu o nome de Wilamena em letras sangrentas e fumegantes, e o poder cresceu e tomou conta dele.

Michael achava que o livro o levaria para onde a Wilamena dragão tinha caído na floresta, mas ele se viu em um mundo de gelo e neve. Reconheceu a curva das paredes do vale, as montanhas enormes; mas não havia árvores, nem pássaros; tudo estava frio e silencioso e branco. Ele percebeu que tinha voltado para o princípio da vida de Wilamena. E era bonito, pois a princesa elfo conseguia, e Michael também, ver a diferença em cada floco de neve, em cada cristal de gelo...

E então, o mundo mudou; a princesa elfo estava se balançando em um galho fino no alto de uma das grandes árvores, e Michael estava com ela; e assim como cada floco de neve e pedaço de gelo era diferente, o mesmo acontecia com cada folha em cada árvore, e os pássaros todos atendiam ao chamado de Wilamena, e ela ergueu o rosto para o sol, e Michael nunca tinha imaginado que seu coração pudesse ficar tão cheio...

Escuridão. Michael reconheceu a caverna, o lago de lava, o túnel que levava ao forte; ele sentiu como o corpo do dragão era uma gaiola para a princesa, como ela lutou, dia após dia, para se segurar às lembranças da neve e das árvores e do sol, mas era como proteger uma vela em uma planície escura tomada pelo vento...

E então, sem aviso, Michael estava deitado no chão da floresta, cercado de galhos quebrados e árvores, e sentiu o coração de Wilamena, seu coração agora, bombeando sangue negro em um leito de samambaias quebradas...

Viva, pensou ele. Ah, por favor, por favor, viva...

— Michael!

Ele estava no túnel. Com o livro aberto sobre os joelhos e o nome queimado de Wilamena desaparecendo na página. Sentiu-se vazio e trêmulo. Emma e Gabriel estavam olhando para ele.

— Desculpa — disse Emma. — Gabriel disse que aquele túnel não tem saída. Temos que ir pelo outro caminho.

— Mas não sei se ela... Preciso tentar de novo...

— Não temos tempo — disse Gabriel. — Temos que ir. Agora.

— Mas...

— Michael, eles estão chegando!

E ele finalmente ouviu os gritos ecoando pelo túnel.

Correndo, com os gritos dos Gritões atrás, o ar latejando em vermelho, eles dobraram uma esquina, o túnel se abriu e de repente estavam no grande caldeirão fumegante do vulcão. Abaixo deles, a 150 metros ou mais, havia um lago borbulhante de magma; acima deles havia um círculo azul-enegrecido do céu. Michael sentiu como se eles estivessem empoleirados na borda do caldeirão de um enorme gigante.

— Olhem! — gritou Emma.

E Michael, apertando os olhos para enxergar em meio à fumaça, viu a boca de um túnel no outro lado do cone. Ele também viu, assim como Gabriel e Emma, que a beirada onde eles estavam era parte de um caminho que contornava todo o interior do vulcão e os levaria até o outro lado. Parecia que o guardião não tinha mentido.

— Venham — disse Gabriel. — Precisamos correr.

Emma foi na frente. Eles seguiram o mais rápido que ousaram; a beirada era estreita e irregular, e um passo errado os faria cair para a morte. Respirar era doloroso, pois o ar queimava seus pulmões e a fumaça da lava os deixava enjoados e tontos. Quando as crianças tentaram se apoiar na parede do cone, as pedras queimaram as palmas das mãos delas. E todo o tempo o vulcão tremia e rugia, e

enormes bolhas explodiam em meio ao magma, enviando gotas de lava para cima.

Michael tentou se concentrar, mas como um sonho que permanece na mente depois que se acorda, ele não conseguia afastar a sensação de estar preso no corpo do dragão.

Eles estavam na metade do cone quando ouviram um grito vindo de trás. Rourke tinha aparecido no túnel e estava indo na direção deles, com a machete de Gabriel na mão direita.

Gabriel puxou a espada.

— Andem, eu alcanço vocês!

Sem uma palavra, Emma segurou a mão de Michael e o puxou.

Gabriel se acomodou na área mais larga do caminho e esperou.

As crianças tinham chegado a quarenta passos do túnel quando o vulcão tremeu violentamente e Michael tropeçou e torceu o tornozelo. Ele imediatamente sentiu-o começar a latejar e soube que não conseguiria mais correr.

— Michael...

— Estou bem. Eu só...

— Não! Olha!

Ela estava apontando para depois da boca do túnel, onde uma pessoa se aproximava deles pelo caminho. A pessoa era um esqueleto, com os ossos enegrecidos e fumegantes. Segurava uma espada denteada e andava de um jeito cambaleante que as crianças reconheceram.

— É um dos Gritões que o dragão queimou! — exclamou Emma.
— Mas o corpo está todo queimado. Como essa coisa idiota ainda está viva?

Michael não sabia e não ligava. A criatura tinha contornado o caminho da outra direção e estava prestes a bloquear o acesso deles ao túnel. Se isso acontecesse, eles ficariam presos. Michael ficou de pé e colocou todo o seu peso em um dos pés.

— Emma, não consigo correr. Você precisa ir em frente...

— O quê?! Não! Não vou deixar você aqui!

Michael estava prestes a dizer que era o mais velho e estava mandando que ela corresse quando mais dois Gritões apareceram no caminho. Eles também foram queimados, ainda que não tão completamente quanto o primeiro (o que de algumas formas os tornava ainda mais horríveis, com os pedaços de carne e músculo queimados ainda presos aos ossos), e se aproximavam.

— Você consegue escalar, não consegue? — perguntou Emma.

— O quê?

— E eu confio em você, seu idiota! Quem mais lutou com um dragão por mim, hein?!

Michael deu de ombros.

— ... Ninguém?

— Isso mesmo! E você é meu irmão! Sempre vou confiar em você. Diz isso pro seu livro idiota! Agora olha...

Quinze metros acima deles havia o que parecia ser a abertura de um pequeno túnel.

Ela o empurrou em direção à parede, gritando:

— Sobe!

A pedra áspera e porosa do vulcão propiciava apoios para as mãos e para os pés, e Michael descobriu que conseguia escalar com uma das pernas, ainda que não tão rápido quanto Emma, que logo o ultrapassou. Na verdade, o que doía mesmo eram as mãos dele, que ficaram arranhadas e queimadas. Mas o som dos perseguidores se aproximando por trás, de dedos ossudos arranhando a pedra, ajudou-o a ignorar a dor e subir ainda mais rápido.

E Michael não conseguia parar de pensar no que Emma tinha dito e de se perguntar se ela tinha falado sério. O pensamento o encheu de nova força e esperança e afastou as sombras que se prendiam à sua mente.

De repente, o vulcão tremeu, e as pedras em que Michael estava se segurando ficaram frouxas nas mãos dele. Ele bateu loucamente com as mãos na parede enquanto caía; houve um estalo e ele

segurou o que parecia ser um galho saindo da pedra. Só que não era galho. Para seu horror, ele viu que estava se segurando no braço desmembrado de um Gritão. Michael se virou e viu o osso de um braço desaparecer na lava. Parecia que ele caiu em cima da criatura e o impacto quebrou o braço dela, enquanto a mão permaneceu agarrada na pedra. Michael registrou que deveria lavar as mãos com atenção na primeira chance que tivesse, pois os ossos de Gritão deviam carregar vários tipos de germes, e ergueu o olhar para dizer para Emma que estava bem, mas viu um monstro agarrar a bota dela e tentar arrancá-la da parede.

— Emma!

O garoto começou a se deslocar na direção dela, mas não tinha progredido mais do que poucos metros quando o esqueleto caiu por ele, segurando a bota de Emma. Michael ergueu o olhar. A irmã sorriu e balançou o pé.

— Desamarrei o cadarço.

Mas o sorriso dela se desfez. Michael acompanhou o olhar da irmã e viu que a fumaça acima da poça de lava tinha se aberto e Gabriel e Rourke estavam visíveis do outro lado do cone. Os homens estavam de frente um para o outro, suas armas eram um borrão, o som perdido no ribombar do vulcão. Gabriel não estava atacando, mas somente defendendo os golpes ininterruptos de Rourke, como se o homem careca não tivesse uma arma, e sim muitas, todas em movimento constante. Mas uma nova nuvem de fumaça bloqueou a visão. Michael olhou para cima, esperando ver Emma descendo para ajudar o amigo.

Mas Emma não tinha se mexido, e Michael percebeu que ela não o estava abandonando, que não ia abandoná-lo, que realmente falou sério um pouco antes.

— Para de sonhar acordado! — gritou ela. — Aquela coisa tá bem atrás de você!

Michael subiu mais. Ele conseguia ouvir o Gritão colocando as mãos nas pedras abaixo dos seus pés e disse para si mesmo que

Gabriel daria um jeito de vencer; ele sempre conseguia.

Emma gritou para baixo:

— Cheguei! Tem um túnel! Anda!

O vulcão parecia prestes a explodir. Pedacos de pedra começaram a se soltar das paredes enquanto jatos de gás quente jorravam de vários pontos do cone. Os braços de Michael tremeram de cansaço. Quando ele se aproximou da plataforma onde Emma esperava, o cone se inclinou, e a bolsa de Michael ficou pendurada abaixo dele como um pêndulo. Emma se deitou sobre a barriga e esticou a mão para ele. Michael sabia que o Gritão estava perto.

— Não olha pra baixo! Segura minha mão!

Michael fez força para cima e segurou a mão da irmã. Assim que conseguiu, o Gritão pulou e segurou suas pernas.

— Michael!

Ele foi arrancado da parede. Emma estava deitada de bruços, segurando a mão dele com as suas enquanto o Gritão se agarrava aos joelhos de Michael. A criatura era praticamente puro osso e pesava muito pouco, mas Michael conseguiu sentir os dedos suados de Emma escorregando nos seus.

— Michael! Não consigo segurar você! Michael...

O esqueleto estava escalando o corpo de Michael, com os ossos das mãos afundando nas coxas dele. Michael procurou a faca no cinto.

— Preciso...

— Michael... Para de se mexer... Não consigo...

E então sua mão escorregou pelos dedos de Emma.

Rourke parecia não ter nenhuma fraqueza. Era mais forte do que Gabriel, mais rápido, estava mais descansado; e portava a arma do próprio Gabriel, retirada do crânio do troll morto, com mais facilidade do que Gabriel jamais a manuseara. Na verdade, a única fraqueza do homem, se é que podia ser chamada de fraqueza, era

que ele gostava de falar, e fazia isso sem parar, ao mesmo tempo que aplicava uma sequência de golpes violentos, um após o outro.

— Não me interprete mal, rapaz, você tem coragem, e gosto disso... Quase peguei você agora... Mas você ainda é apenas um homem, enquanto eu... Ah, essa foi um corte de cabelo... Eu sou... tanto... *mais!*

A espada de Rourke bateu na de Gabriel, e Gabriel pulou para a frente, forçando-o a um impasse. Foi um ato de autopreservação. Gabriel não descansava desde o início da batalha muitas horas antes, e seus movimentos estavam ficando arrastados, o braço que segurava a espada estava pesado e lento. Ele não conseguiria defender muitos golpes mais.

Rourke riu.

— Nossa, rapaz, você está morto de exaustão! Quer fazer uma pausa? Tomar um gole de limonada? Alguém pra massagear os dedos dos pés?

Gabriel não disse nada e tentou afastar o homem. Mas Rourke nem se mexia. Nem voltou a atacar. Ele apenas ficou ali de pé, sorrindo largamente, com a lâmina da espada encostada na de Gabriel, que percebeu que o homem estava zombando dele.

— Me diz — disse Rourke —, como é saber que o Magnus Medonho logo vai voltar a este plano mortal? Que os passos dele vão novamente agraciar nossa doce e gentil Terra? Não deixa você cheio de temor? De espanto? De gratidão?

Gabriel continuou a lutar contra o homem. Quanto mais Rourke falava, mais tempo as crianças teriam.

— Acho que ele é um tolo. Pym venceu ele uma vez. Vai vencer de novo.

— Ah, vai? E quem vai ajudar? Os aliados mágicos dele estão mortos. Eu mesmo os matei. E Pym sozinho não é páreo pro meu mestre.

— Nós temos as crianças.

— Sim, é claro — disse Rourke —, as crianças.

O homem careca o empurrou para longe; Gabriel viu um brilho de aço e ergueu a espada. Tarde demais, ele percebeu que era finta, e o chute de Rourke o atingiu bem no meio do peito. Ele sentiu costelas quebrarem e voou para trás, quicou na parede, sua espada foi lançada longe e ele caiu da beirada.

Um momento depois, Gabriel estava pendurado por uma das mãos sobre um mar de lava.

Rourke se agachou acima dele, com a machete apoiada casualmente no ombro.

— Rapaz, você lutou bem e não tem nada do que se envergonhar. Só tenho uma pergunta antes de jogar você na panela.

Gabriel tinha conseguido um apoio para a outra mão; as pernas ainda estavam penduradas.

— Pym alguma vez te contou o que vai acontecer com as criancinhas quando os Livros forem finalmente reunidos? Estou curioso, porque, sabe, perguntei aos pais dos pirralhos e eles não sabiam. Fiquei me perguntando o quanto o coroa anda mantendo em segredo.

Gabriel olhou para cima. Ele sabia que era o que Rourke queria, mas não conseguiu evitar. O fato era que Pym nunca tinha contado a ele o que aconteceria quando todos os três livros fossem encontrados e reunidos. Só tinha dito que era necessário para a segurança das crianças. E Gabriel aceitou. Então o que Rourke sabia que ele não sabia?

— Ah — disse Rourke, com o brilho da lava reluzindo na cabeça lisa —, achei que não...

Naquele momento, o vulcão todo pendeu para a esquerda. Rourke perdeu o equilíbrio e caiu para trás. Rapidamente, Gabriel se ergueu pela beirada. Suas costelas quebradas bateram umas nas outras e o encheram de uma náusea entorpecida e exaustiva. Mas ele sabia que era sua única chance. Ele chutou a machete para longe e a derrubou no poço. Em seguida, pulou com toda a força que tinha no pulso do homem. Rourke gritou e jogou o ombro contra

Gabriel, depois pulou para a frente, prendeu-o na parede e bateu em Gabriel com cotovelos e punhos. Gabriel sentiu mais costelas quebrarem e virou e levantou a cabeça. A parte de cima bateu no queixo do homem. Rourke o xingou e bateu Gabriel na parede de pedra, vez após outra. Gabriel sentiu a visão embaçar e chutou às cegas. Ele sentiu alguma coisa sendo esmagada; houve um grito de dor e o homem o soltou.

Gabriel se apoiou na parede ofegante, esperando a visão se ajustar. Rourke estava inclinado para a frente com as mãos no joelho.

— Seu maldito, acho que você me aleijou! — Ele puxou uma faca comprida e cintilante. — Eu ia deixar você ir tranquilamente, mas agora tenho que te machucar.

O homem pulou para a frente, e Gabriel, fraco demais para se defender, sentiu a lâmina deslizar entre costelas esmigalhadas. Mais do que tudo, Gabriel esperava que Emma estivesse longe, fora do vulcão, e não vendo o que estava acontecendo.

— Quero terminar o que eu estava dizendo. — Rourke puxou a faca e enfiou em Gabriel de novo. — Quando os Livros forem reunidos... Você ainda está vivo, ainda está ouvindo? Quando os Livros forem reunidos, as crianças vão morrer. É a verdade, meu rapaz. Foi profetizado e vai acontecer. Então todo esse tempo que você vem protegendo os cordeirinhos, o velho Pym está levando eles pro abate. Pensei que você ia gostar de saber disso enquanto morre.

E enfiou a faca de novo, ainda mais fundo.

Gabriel sentiu a ponta de aço dentro do corpo e notou o vulcão dando seu último e maior tremor, e reuniu sua força remanescente e prendeu os braços ao redor de Rourke enquanto o chão desmoronava sob os pés deles. Em um nível profundo, Gabriel acreditava no que Rourke tinha dito. Mas será que isso significava que Pym o tinha usado durante todos aqueles anos? Gabriel não sabia. Ele só sabia que Rourke tinha que ficar longe das crianças. O homem lutou, mas Gabriel o segurou com força até os dois estarem

caindo em direção à lava, e só o soltou quando soube que Rourke, assim como ele mesmo, estava acabado.

E nenhum dos homens, nem Gabriel, nem Rourke, viu a grande forma que passou por eles na fumaça.

Depois que seus dedos escorregaram dos de Emma, Michael pensou que já era, que era seu fim. Mas ele se viu caindo e escorregando pela parede do cone, rasgando as roupas, ferindo e ralando toda a frente do corpo; e quando caiu na plataforma 15 metros abaixo, não tinha acontecido nada pior (além dos arranhões e hematomas) do que ele torcer o outro tornozelo.

E então uma coisa apertou sua garganta e sua cabeça foi puxada para trás. Ele percebeu que estava sendo enforcado pela própria bolsa. Michael conseguiu se deitar de barriga para baixo, de forma que a tira ficou pendurada na nuca, e olhou para baixo. Ali, pendurado acima da poça de lava, estava o esqueleto.

Sinceramente, pensou Michael, eu odeio muito essas coisas.

A bolsa estava pendurada entre Michael e a criatura, e o garoto esticou a mão e tirou a *Crônica*. O esqueleto estava tentando subir, tentando alcançá-lo, mas Michael pegou a faca e, dando adeus ao diário, à bússola, às canetas e ao lápis, à câmera, ao canivete, à medalha do rei Robbie, cortou a tira e viu a bolsa, seu conteúdo e o Gritão caírem e serem engolidos pela lava.

Michael se deitou de costas. Emma estava gritando seu nome, ele conseguia ver o rosto dela bem acima dele e deu um aceno fraco.

Tudo bem, pensou ele, chega de ficar deitado. Você não está de férias. Levante...

Ele só chegou até aí antes que o vulcão tivesse um espasmo e a beirada onde ele estava despencasse. Michael se sentiu caindo e fechou os olhos, agarrando a *Crônica* contra o peito, como se o livro pudesse de alguma maneira salvá-lo. E como seus olhos estavam fechados, ele sentiu em vez de ver as grandes garras que o agarraram pelo tronco. Quando abriu os olhos, eles foram

queimados pelos vapores e pelo calor que subia da lava, e ele só viu uma mancha de escamas douradas, e o dragão (pois era ela, Wilamena, com escamas douradas e o corpo curado e inteiro) já estava dando a volta no alto, e Michael viu mais duas pessoas caindo em direção à lava, e Wilamena pegou os dois no ar e subiu mais alto. Emma estava acima deles, gritando de alegria e pulando. Sem parar, o dragão a agarrou; houve uma explosão e Michael olhou para baixo e viu todo o caldeirão de lava voando na direção deles. Eles voaram na frente e saíram pelo cone. Michael sentiu o ar frio da noite no rosto e olhou para trás para ver a lava voando pela escuridão, e o dragão virou, mergulhou pela lateral da montanha e lá estava a fortaleza, com lava inundando os muros, e a silhueta de um pequeno grupo de pessoas no alto da torre.

O dragão pairou sobre a torre e o capitão elfo e seis elfos exaustos e feridos se afastaram estupefatos. Wilamena colocou Michael, Emma e Gabriel no chão, mas manteve Rourke preso nas garras.

— Vossa Alteza, você está viva! — O capitão elfo ficou de joelhos.
— Eu comporia um soneto...

— Quem sabe depois — rosnou o dragão. — Vocês são todos que sobraram?

— Somos. O demônio careca entrou na fortaleza. Lutamos para chegar aqui, esperando encontrar as crianças. Mas ficamos encurralados.

De repente, o dragão soltou um rugido de dor, e Rourke caiu pela lateral da torre. A faca de Rourke estava enfiada na perna da criatura, entre as escamas resistentes. Michael a puxou e olhou por cima do muro.

— Ele sumiu! Não consigo ver ele em lugar nenhum!

O sangue escuro escorria pela perna de Wilamena.

— Você está bem? — perguntou Michael.

O dragão Wilamena pareceu quase sorrir.

— Estou bem, coelho.

— Michael! — Emma estava ajoelhada ao lado de Gabriel com pânico nos olhos. — É o Gabriel... Ele está muito machucado! Você tem que ajudar ele!

Mas quando Michael começou a abrir a *Crônica*, a torre tremeu e o capitão elfo disse que não havia tempo, que eles podiam ajudar o amigo quando todos chegassem a um lugar seguro. E os elfos colocaram o inconsciente Gabriel nas costas do dragão, Emma subiu atrás dele e Michael na frente, para que juntos eles segurassem o homem ferido no lugar. O dragão segurou os elfos e, batendo as enormes asas, saiu voando. Quando Michael olhou para trás, quando eles já estavam bem alto acima da planície, viu a fortaleza toda afundar no vulcão.

— Anda! — gritou Emma, com um soluço fazendo a voz tremer. — Acho... acho que Gabriel está morrendo!

— Seu amigo é forte — disse o dragão. — Ele não vai morrer. Não vamos deixar.

— Pra onde você está levando a gente? — perguntou Michael.

— Pra casa, coelho. Estou levando vocês pra casa.

CAPÍTULO VINTE E UM

Separação



O sino de ferro caiu. Rafe ficou deitado sem se mexer, com vigas da escada despencada empilhadas nas costas dele. Kate estava do outro lado da porta, sem conseguir chegar ao garoto a tempo de salvá-lo. Ela só conseguiu gritar:

— PARA!

E fechar os olhos.

Um segundo se passou. Dois segundos. Três...

Onde estava o estrondo? O baque que faria o chão tremer? Tudo estava silencioso e parado, e a única coisa que Kate sentia era o coração batendo no peito.

Ela abriu os olhos lentamente. Nada tinha mudado. O sino estava exatamente onde estava antes, 6 metros acima da cabeça de Rafe. Só que não estava caindo; permanecia parado no ar. Ela olhou ao redor. As línguas de fogo que subiam pelas paredes estavam paradas. E Kate percebeu o quanto tudo estava absolutamente silencioso. O rugir do fogo, o vidro estourando e quebrando, as vigas se rompendo: tudo tinha parado.

Ela ficou de pé, mas não se deslocou, com medo de se mexer.

Henrietta Burke tinha dito que a magia do *Atlas* era parte dela; ela só precisava parar de lutar contra. Assim que a mulher falou, Kate soube que ela estava certa. Desde que Kate levou a Condessa para o passado, ela sentiu o poder dentro de si. Mas o sufocou, negou.

No entanto, quando ela viu o sino despencando na direção de Rafe, todas as barreiras que ela havia construído desmoronaram.

Mas que silêncio macabro era esse?

Assim que fez a pergunta, Kate soube a resposta.

— Eu parei o tempo.

Ela conseguia sentir a tensão dentro de si. Era como se tivesse feito uma barragem em um rio que estava lutando para fluir livremente. Ela sabia que não conseguiria segurar por muito tempo.

Ela deu um passo na direção de Rafe... e parou.

Um pensamento terrível tomou conta dela.

Rafe estava destinado a ser o Magnus Medonho, que era o motivo de a família dela ter sido separada, a razão de ela, Michael e Emma terem passado os últimos dez anos em orfanatos, a razão de eles terem crescido sem conhecer os pais. Ela só precisava relaxar, deixar o tempo fluir; o sino cairia e a família dela estaria novamente unida.

Ela ficou ali um segundo a mais e pediu desculpas silenciosamente à família.

— Sinto muito. Sinto muito, não posso.

Kate deu um passo à frente, segurou Rafe pelos pulsos e o puxou para fora dos escombros.

Ela mal percebeu que o arrastou pelo saguão principal da igreja. Toda a sua força e concentração foram exigidas para manter o tempo sob controle. Quanto mais tempo ele ficava parado, maior era a pressão. Ela o puxou por um buraco na parede semidestruída até a rua escura e vazia. Lá, soltou os braços dele e caiu ao lado.

E relaxou.

Ela sentiu um rugido dentro de si e o barulho do mundo voltou. Ouviu o estalo do fogo, o estrondo do sino quando caiu no fundo da torre, os gritos da multidão depois da esquina. Ela estava de joelhos, ofegante, com o vestido encharcado de suor.

— O que... Onde...?

Rafe tinha aberto os olhos, pois o ar frio o despertou. Ele deu um salto, olhou para a rua, para a igreja em chamas, para ela...

— Você... Como cheguei aqui?

Kate ainda estava tremendo pelo esforço que fez. Ela respirou várias vezes, tremendo, e ficou de pé sem estabilidade.

— Ela estava certa... A srta. Burke disse que eu tinha magia em mim. Que eu tinha... medo de usar. Eu parei o tempo. Tirei você da igreja.

— Você me tirou?

— Tirei.

— Salvou minha vida.

— Salvei.

Pois foi mesmo o que ela fez; o que quer que acontecesse desse ponto em diante, para o bem ou para o mal, ela tinha optado por salvar a vida dele. Atrás deles, a igreja continuou a queimar, e Kate conseguia ouvir a multidão gritando e comemorando depois da esquina. O garoto olhava fixamente para ela.

— E você pode ir embora agora. Voltar pro seu irmão e pra sua irmã.

Kate assentiu.

— E a srta. B está morta.

Ela conseguia sentir a raiva e a tristeza nele, como o calor do fogo.

Houve um estrondo e os dois se viraram quando a torre do sino começou a afundar e se inclinar, com a base consumida pelas chamas, e houve um grito de comemoração vindo da outra rua quando a torre se inclinou e caiu no teto da igreja com uma grande explosão de fumaça e fagulhas.

Com um grito, Rafe correu para a cerca de ferro desmoronada, arrancou uma das barras e saiu correndo pela lateral da igreja.

Com pernas tremendo, Kate foi atrás dele gritando seu nome.

Quando ela chegou à avenida, havia talvez quarenta homens armados com tochas e porretes, gritando e rindo, com os rostos repulsivos à luz do fogo. Nenhum viu o garoto correndo em direção a eles. Não havia magia no ataque de Rafe; era pura dor e raiva animal. Ele acertou um homem barrigudo na cabeça (com um som

distinto que Kate ouviu de 20 metros de distância), que caiu inconsciente. Ele seguiu para cima de três baderneiros jovens, todos mais velhos e maiores do que ele. Acertou o primeiro nos ombros, e o homem largou a tocha e caiu de joelhos com um grito. Rafe bateu com a ponta do cano na barriga do segundo, que se inclinou para a frente, e ergueu o joelho na cara do homem, de forma que sua cabeça voou para trás. O terceiro era rápido e estava com uma faca na mão, e cortou o braço de Rafe. O cano caiu na rua, e o rapaz o chutou na direção do amigo, o primeiro que Rafe atacou, que o segurou enquanto cambaleava para ficar de pé. O outro também tinha se levantado, embora sangrasse pelo nariz e pela boca, e também estava com a faca na mão. O trio cercou Rafe, e Kate estava prestes a entrar na confusão quando Rafe pegou uma tocha, disse uma palavra em silêncio e as chamas pularam da tocha e envolveram os três homens.

— Não!

Kate derrubou a tocha da mão de Rafe. As chamas que ardiavam nos homens sumiram. No mesmo momento, houve o som de sinos e sirenes se aproximando e alguém gritou que a polícia estava chegando. Imediatamente a multidão desapareceu, incluindo os três jovens, que correram para a escuridão gritando ameaças.

Rafe fez menção de ir atrás deles, mas Kate agarrou seu braço.

— Para!

— Por quê? Você viu o que eles fizeram!

— Mas você não pode! Não vou deixar!

Kate passou os braços com força ao redor dele, abraçando-o próximo de si. Ele empurrou e lutou, mas ela o segurou com toda a força que tinha, com a cabeça afundada no ombro dele, até que finalmente ela sentiu-o parar de lutar. Ela o segurou por mais um momento, imóvel em seus braços, e o soltou. Ele caiu de joelhos na neve. A garota conseguia ver os ombros dele tremendo. Kate sabia o que ele estava sentindo: a mãe, Henrietta Burke, Scruggs, todos estavam mortos. As crianças das quais ele gostava estavam sendo

caçadas. Ela sentiu com que facilidade a raiva o consumiu. E se lembrou do que Henrietta Burke tinha dito:

Ame ele como ele já ama você.

— Vem comigo.

Rafe ergueu o olhar, com lágrimas brilhando entre a fumaça e as cinzas em suas bochechas.

— O quê?

Kate pensou que sua voz sairia hesitante, mas isso não aconteceu. Ela sabia que era a coisa certa; afinal, era o motivo de estar aqui, para impedir que ele se tornasse o Magnus Medonho.

— Vem comigo.

Ele balançou a cabeça.

— Não posso. Alguém tem que cuidar das crianças.

— Elas vão pra um lar no norte do estado. A srta. Burke planejou tudo. Elas vão ficar bem. Vem comigo.

Rafe ficou olhando para Kate, procurando alguma coisa em seu rosto. As sirenes dos carros de bombeiro e da polícia estavam se aproximando.

— De que todo mundo tem medo? Você. Scruggs. A srta. Burke. Vocês estão tentando me manter longe de alguma coisa. Por que o Magnus Medonho me quer?

Kate não conseguiu resistir ao apelo nos olhos dele.

— Ele... Ele quer que você tome o lugar dele.

— O quê?

— Não consigo explicar. Mas você não vai mais ser você! Você vai ser ele, e todos os que vieram antes dele! Ele quer usar você! Você tem que vir comigo!

Quando falou, Kate percebeu que não só isso era o que o *Atlas* queria, mas que era também o que *ela* queria. E não tinha nada a ver com ele não se tornar o Magnus Medonho; ela apenas queria tê-lo por perto.

Ame ele como ele já ama você.

— Quero que você venha. Por favor.

Rafe ainda não tinha se levantado e ficou olhando para as mãos. Kate viu que estavam queimadas e com bolhas.

— Ela me mandou escolher. A srta. Burke. Disse que eu podia escolher quem eu seria. A mesma coisa que minha mãe disse.

— Então escolha. Vem comigo.

Ela esticou a mão. Rafe olhou para a mão e para ela. Pareceu a Kate que o mundo todo prendeu a respiração. E então, lentamente, ele esticou a dele.

— Você!

A voz veio do fim da rua. Kate olhou para trás da forma ajoelhada de Rafe e viu uma forma surgir na escuridão.

— Eu sabia que você estaria aqui, aberração! Falei que você ia ver!

Kate viu que era o garoto que correu atrás dela, de Abigail, Jake e Beetles naquela manhã e que estava com uma arma apontada diretamente para ela.

Havia barulho ao redor deles, o rugido do fogo, o soar das sirenes que se aproximavam, os gritos da multidão dispersando; ainda assim, Kate ouviu um estalo pequeno e distinto, e o garoto se virou e correu para a escuridão. Rafe já tinha ficado de pé, mas pareceu não saber o que fazer, e olhou do garoto que desaparecia para Kate. Ela queria dizer para ele que estava bem e que era para ele parar de olhar para ela daquele jeito, mas se sentiu tonta de repente. Sem perceber que estava caindo, ela sentiu a cabeça bater nos paralelepípedos. Ficou surpresa de perceber que estava deitada na neve. Tentou se levantar, mas percebeu que não conseguia. O rosto de Rafe apareceu acima dela.

— O que... O que aconteceu? — disse ela. — Ele errou, não errou?

— Shhh, não fale.

Ela conseguiu ver o medo e a preocupação nos olhos dele, e isso a assustou mais do que qualquer outra coisa. Com grande esforço,

ela ergueu a cabeça e viu uma grande mancha vermelha crescendo na parte da frente do vestido branco.

— Rafe...

— Está tudo bem. Podemos resolver isso. Está tudo bem...

O primeiro pensamento dela foi sobre Michael e Emma. Ela tinha que chegar a eles. Não podia morrer aqui; eles jamais saberiam o que tinha acontecido a ela. Tinha que voltar para eles. E procurou a magia dentro de si, mas estava fraca demais. Não conseguia se concentrar o bastante para controlá-la; a magia escapou do alcance dela.

— Eu preciso... — murmurou ela — ... eu preciso...

Rafe a estava erguendo nos braços.

— Vou te levar pra alguém que possa te curar. Scrug... não, Scruggs não... Precisamos de alguém poderoso. Um mago poderoso...

Ela conseguia ouvir o pânico na voz dele e se viu querendo tranquilizá-lo.

— Está tudo bem. Não me sinto tão mal. Só... com frio.

O rosto de Rafe mudou.

— Sei quem pode ajudar você. Aguenta firme.

E ele saiu correndo pela rua com Kate apertada contra o peito. Eles passaram pela polícia e pelos carros de bombeiro que paravam perto da esquina, e Rafe estava correndo como se ela não pesasse nada, e realmente parecia a Kate que ela estava ficando mais leve, que todo o peso estava desaparecendo dela. E Rafe corria pela avenida, e ela conseguia ouvir a cantoria de quem estava comemorando o Ano-novo; a meia-noite estava se aproximando. E houve mais gritos, mas não, era Rafe, ele estava gritando para um táxi-carruagem e pulando dentro antes que o homem pudesse parar, e gritou um endereço e mandou o condutor ir o mais rápido que pudesse, e Kate ouviu o estalar de rédeas e sentiu quando o táxi saiu andando, e estava ciente do quanto Rafe a apertava e do

quanto sentia frio e pensou que não podia estar morrendo de verdade.

— Meu irmão e minha irmã... eles não vão saber o que aconteceu...

— Você vai contar pra eles. Vai ficar bem. Sei quem pode resolver. Aguenta firme. — Lágrimas rolaram pelas bochechas dele. — Não vou perder você também.

E então, ela não tinha certeza, podia ter apenas imaginado, mas achou que ele se inclinou e a beijou.

O táxi seguiu disparado pela avenida, deslizando por esquinas, com o condutor gritando para as pessoas abrirem caminho, e Kate se sentiu se afastando, embalada pelo bater regular dos cascos do cavalo e do balanço do táxi, e Rafe a estava abraçando e murmurando:

— Vai ficar tudo bem. Não vou perder você...

O táxi diminuiu a velocidade, o motorista gritou para o cavalo virar, droga, e Kate não conseguia ver onde estavam, mas Rafe estava abrindo a porta, pulando de dentro da carruagem com Kate nos braços, caindo com tanta delicadeza que ela não sentiu impacto nenhum. Ele saiu correndo e ela ouviu um grito, brutal e com uma voz rude que penetrou na nuvem ao redor de sua mente.

— Não... Rafe... você não pode...

— Não tem outro jeito. Se ele é tão poderoso como você diz, é nossa única esperança.

Rafe estava indo rápido demais para ser impedido, e só depois que passou pelas sentinelas e entrou na mansão, ele foi cercado por quatro Demônios rosnando.

— Afastem-se — disse uma voz que Kate conhecia, e os Demônios se distanciaram.

Kate viu Rourke se aproximar, enorme, careca, vestido com um terno escuro com camisa branca e gravata.

— Seu chefe precisa dar um jeito nela — disse Rafe. — Eu faço o que ele quiser. Mas ele precisa dar um jeito nela.

O homem gigante olhou para ele por um momento e assentiu.

— Ele disse que você viria. Me siga agora. Ela não parece ter muito tempo.

Para Kate, foi como estar em um sonho. Ela não tinha controle sobre nada; só podia assistir aos eventos que se desenrolavam. Rafe a estava carregando escada acima atrás de Rourke e eles passaram pela porta dupla e entraram no salão lotado de homens, mulheres e outras criaturas sombrias, e a multidão se abriu e surgiu o velho Magnus Medonho, vestido com uma túnica longa e verde, e Rourke fez uma reverência, e Rafe continuou a andar até haver apenas Kate e Rafe e o velho feiticeiro no meio do salão de baile à luz de velas.

— Eu sabia — murmurou o Magnus Medonho. — Eu sabia que você viria.

— Não. — Kate estava enfiando as unhas na camisa de Rafe, que já estava molhada e escura do sangue dela. — Não, por favor, vai embora... corre...

Ela queria lutar com ele, forçá-lo a ir embora, mas não tinha forças; sua vida estava se esvaindo. Ouviu a voz de Rafe como se de uma grande distância, dizendo para o Magnus Medonho curá-la, que ele, Rafe, faria o que o Magnus Medonho quisesse, seria o que ele quisesse, mas que a curasse.

Ela sentiu a mão enrugada do feiticeiro na testa.

— Ela está indo. Já está fora do alcance do meu poder. Só tem uma coisa que pode trazer ela de volta. Posso mandar ela pra lá. Posso usar o poder dentro dela. Ela precisa voltar pra época dela. Mas vai viver.

— Faz isso — disse Rafe. — Faz isso, e farei o que você quiser.

— Mais nada? Isso é tudo o que você pede?

— E quero que os humanos paguem. Quero fazer com que paguem.

— Ah, meu garoto, isso eu posso prometer.

E Kate sentiu o Magnus Medonho acessando o poder do *Atlas* dentro dela, e o ouviu sussurrar:

— Seu irmão vai encontrar a *Crônica*. Você precisa ir pra lá. Ele vai te salvar.

E ela olhou no rosto de Rafe e viu seus olhos verdes olhando para ela em meio à escuridão manchada de fumaça do rosto dele, e tentou dizer "... Não", mas ele balançou a cabeça e sussurrou:

— É tarde demais. Está feito. Você vai viver, é isso que importa.

E ela conseguiu ouvir os sinos anunciando a meia-noite pela cidade, e o mundo mágico estava se afastando, e ouviu o Magnus Medonho, com a cabeça de esqueleto chegando perto e dizendo:

— Não se preocupe. Você vai ver ela de novo. Nós dois vamos...

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Nas árvores



Michael acordou com o som de pássaros cantando.

Viu topos de árvores indistintos e pedaços de céu azul.

Estava em uma cama, a mais macia da sua vida.

Fora isso, não fazia ideia de onde estava e nem de como tinha chegado lá; mas alguma coisa disse a ele para apreciar o momento e sua ignorância.

E então ele sentiu cheiro de... charuto?

— Descansado, meu garoto? Você dormiu bastante. É quase meio-dia.

Michael se virou e viu o dr. Stanislaus Pym sentado em uma cadeira. Em todos os aspectos, menos um, o mago estava com a mesma aparência de sempre. Usava o mesmo terno de tweed amassado; seu cabelo branco ainda se espetava em todas as direções; os óculos de aro de tartaruga ainda precisavam de conserto; seus bolsos estavam cheios de quinquilharias. Na verdade, só o sorriso do mago parecia diferente: estava sombrio, obscuro, sem a alegria habitual. E se Michael não estivesse atordoado de sono, talvez tivesse reparado na mudança.

— Onde... onde estou? — perguntou ele, aceitando os óculos que o mago lhe entregou e olhando ao redor.

O quarto, agora devidamente em foco, pareceu a Michael uma espécie de grande caverna de madeira. Não havia placas nem tábuas. As paredes, o chão e o teto eram um bloco contínuo e curvo. Os únicos móveis eram a cama e a cadeira. Não havia porta. Mas em frente ao mago, onde a parede abria para o que poderia ser

uma varanda, Michael viu um galho largo e achatado que se estendia para fora.

— Eu estou... em uma árvore?

— Está, meu garoto. Você está com os elfos na extremidade do vale, e eles usam as árvores como lar. Espero que você não tenha medo de altura. Mas o que eu estou dizendo? Meu Deus! Você chegou aqui nas costas de um dragão!

Ao ouvir isso, a lembrança de Michael da noite anterior voltou. Ele se lembrou da sensação de voar, do vento soprando, da floresta abaixo, escura, silenciosa e parada; ele se lembrou do calor irradiando do dragão e do bater musculoso das asas; ele se lembrou de tentar sustentar Gabriel enquanto sua própria força pareceu falhar, e de Emma gritando que eles precisavam de ajuda, e do dragão mergulhando em meio às árvores; e ele se lembrou de ser cercado de cem vozes cantando enquanto mãos gentis o colocavam no chão.

— Eu desmaiei?

— Os elfos sentiram que você estava muito fraco. A música deles fez você adormecer.

— Mas onde está Emma? E Gabriel...

— Os dois estão aqui e já cuidaram deles. Emma só tinha cortes, hematomas e queimaduras pequenas nas mãos. Os ferimentos de Gabriel eram sérios, mas os médicos elfos são muito capazes. Ele está fora de perigo.

— Mas eu ia curar ele! Com a *Crônica*...

— Uma oferta generosa. Mas o poder dos Livros sempre precisa ser o último recurso. O sono e o descanso vão curar Gabriel agora. Ah, e se você queria saber, a *Crônica* está do seu lado.

Michael se inclinou e viu que o livro estava no chão. Ele tinha se acostumado tanto com a sensação de atração dele que só agora, ao vê-lo, ele percebeu o puxão no centro do peito. Secretamente, ficou aliviado de não ter que curar Gabriel. Ficaria feliz de nunca mais ter que tocar na *Crônica*.

— Pode pegar se você quiser — disse o homem, olhando para ele com atenção.

— Obrigado, senhor, mas não é necessário. Eu queria perguntar sobre a princesa Wilamena. Ela ainda é dragão ou...

— A princesa voltou à sua forma normal e adorável. E preciso dizer — houve uma sombra do velho brilho — que você tem uma tremenda admiradora nela.

— É um alívio ouvir isso. Estou falando da primeira parte. Escuta, dr. Pym, preciso falar com você sobre a *Crônica*...

O mago levantou a mão.

— Tenho certeza de que você tem muitas perguntas pra mim, assim como tenho muitas pra você. Mas acho que vejo seu café da manhã.

Um elfo estava se aproximando pelo galho, carregando uma bandeja cheia de potes e tigelas cobertos e um pequeno bule de porcelana. O elfo estava de calça verde, meias brancas altas, sapatos pretos com fivelas grandes e douradas e uma jaqueta verde justa e curta com uma espécie de brocado dourado que abotoava no pescoço.

Caramba, pensou Michael, eles deviam perder muito tempo se vestindo.

E então ele pensou nos elfos que viu enrolados nas capas no pátio da fortaleza e sentiu vergonha. Nunca esqueça o que eles fizeram, disse ele para si mesmo.

— Obrigado — disse o mago. — Vamos comer lá fora.

Uma pequena mesa e várias almofadas grandes tinham sido colocadas no galho, e o elfo passou alguns momentos arrumando com cuidado o café da manhã, depois afofou as almofadas e, com uma reverência, saiu carregando a bandeja vazia.

— Vamos? — disse o mago. — Nós podemos conversar depois que você comer. Suas roupas estão na beirada da cama.

Quando o mago saiu, Michael pegou a calça e a camisa dobradas, que tinham sido limpas e remendadas durante a noite, e se vestiu.

Encontrou a bola de gude azul-acinzentada, ainda presa à tira de couro cru, e passou-a pelo pescoço. Reparou que suas mãos não estavam mais queimadas e seus cortes e hematomas tinham desaparecido. Ele mexeu os tornozelos e não sentiu dor. Parecia que os médicos elfos também o tinham curado.

— Venha, meu garoto! — chamou o mago. — O dia está lindo! Ah, e traga o livro.

Com alguma relutância, Michael pegou a *Crônica*, calçou as botas, olhou ao redor em busca da bolsa (e lembrou naquele momento que não a tinha mais) e foi para fora.

O dia estava realmente lindo, com uma brisa fresca passando entre as árvores e a luz do sol quente vinda de cima. A refeição era simples: frutas secas, frutas vermelhas, creme, mel e uma espécie de chá feito de flores. Mas as frutas vermelhas não se pareciam com nada que Michael já tivesse visto: morangos do tamanho de maçãs, mirtilos tão gordos e roxos que pareciam ameixas, framboesas gigantes inchadas de sumo...

— Você não se importa de dividir, não é? — disse o mago, esticando a mão para pegar um morango do tamanho de um punho e mergulhar no creme. — Ah, sim, delicioso.

Michael não respondeu. Já estava enfiando punhados de amêndoas e nozes na boca. Não comia nada desde o ensopado de Gabriel no dia anterior, mas até se sentar, não tinha percebido o quanto estava faminto. Por alguns minutos, ele se esqueceu de tudo e se concentrou no café da manhã. Em pouco tempo, seus dedos, lábios e dentes estavam manchados de vermelho-arroxeadado. E só quando o mago insistiu para que ele experimentasse o chá (o primeiro gole foi como beber luz do sol, com um calor brilhante e dourado se espalhando por seu corpo ainda exausto) que Michael começou a comer mais devagar, a saborear cada pedaço.

O galho onde Michael e o mago estavam tinha talvez três metros de largura e era perfeitamente plano. Ao olhar pela beirada, Michael calculou que o chão, meio escondido na escuridão abaixo, ficava a

uma queda livre de 90 metros. Ali perto ele viu aposentos parecidos com o dele, ocupando as árvores ao redor e acessíveis por escadas que espiralavam para cima e para baixo dos grandes troncos. Mas o mais incrível para Michael (e o que o fez desejar o diário e a câmera) era como um galho de uma árvore se enrolava no galho de outra, que se conectava com o galho de uma terceira árvore, criando uma rede complexa de caminhos pelos quais Michael via dezenas de elfos caminhando sem medo. Havia uma cidade inteira aqui em cima, percebeu Michael, suspensa na área da floresta iluminada pelo sol.

Ele se virou e viu o mago olhando para ele.

— O que foi? Tem alguma coisa no meu rosto?

— Ah, sim. Tem bastante. Mas eu estava olhando pra você e pensando no garoto que conheci, e pensando também no garoto que fez coisas incríveis nos últimos dias. Sua irmã e a princesa Wilamena me contaram tudo. Michael, estou muito orgulhoso de você. E espero que *você* esteja orgulhoso de si mesmo.

Michael pensou nisso. Ele sabia que no passado estaria pomposamente contando para o mago que não era nada de mais ao mesmo tempo que acreditava não muito secretamente que era sim uma coisa importante e que mais ninguém teria conseguido executar o feito tão bem. Mas não disse isso agora. Estava pensando no guardião e nos irmãos dele, e nos longos, longos anos que passaram protegendo o livro. E pensou em Wilamena e nos elfos se colocando em perigo para defendê-lo e à sua irmã. E pensou em Emma, que ficou com ele no vulcão enquanto Gabriel lutava para sobreviver...

Ele disse com sinceridade:

— Tive muita ajuda.

— Verdade. Mas, mesmo assim, você recuperou um dos Livros do Princípio perdidos! Devolveu uma princesa ao povo dela! Passou com sua irmã por um incêndio e uma guerra e chegaram à segurança! Habilidade. Coragem. Inteligência de cabeça fria. Crédito quando o crédito é merecido, meu garoto. É muito certo que você seja o Protetor da *Crônica!*

— Dr. Pym, antes que o senhor fale mais, todo esse negócio de Protetor...

— E que duplamente apropriado — prosseguiu o mago, como se Michael não tivesse falado — amanhã ser seu décimo terceiro aniversário. Você está mesmo crescendo.

— O qu... *gugh!*

— Você está bem, meu garoto?

Em sua surpresa, Michael primeiro engoliu, depois engasgou e acabou cuspidando um mirtilo do tamanho de um ovo de tordo americano. Ele conseguiu dizer:

— O quê?

— Não me diga que se esqueceu do próprio aniversário?

— Eu... perdão... acho que esqueci. De qualquer modo, não é meio bobo pensar em aniversários com tudo o que está acontecendo?

— Mais uma vez, eu discordo. Esses marcos são importantes. Deixa comigo. Vou pensar em alguma coisa apropriadamente festiva. Mas agora eu prometi uma conversa.

— Certo, bem, como eu estava dizendo...

— Por que eu não começo contando pra você o que já contei pra sua irmã, hein? Onde fui, as coisas que descobri etc., etc.?

Michael estava tendo a sensação distinta de que o dr. Pym sabia o que ele pretendia dizer e o estava enrolando. Tudo bem, pensou ele, mas cedo ou tarde o mago teria que ouvir que Michael não tinha intenção de continuar sendo o Protetor da *Crônica*. Ele e a *Crônica* eram simplesmente uma combinação ruim; não fazia sentido fingir que não. Mas, no momento, ele tomou outro gole de chá e deu a atenção ao velho mago.

— Você me viu pela última vez em Malpesa, lutando com Rourke no telhado. Bem, depois que o prédio em que estávamos desmoronou no canal, e eu por sorte não me feri, imediatamente fui para a câmara em que eu e você descobrimos o esqueleto. Para

minha consternação, descobri que o local já tinha sido saqueado pelos seguidores de Rourke. Então, eu tinha uma escolha. Eu podia seguir Rourke, que foi atrás de você e da sua irmã, ou... — O mago fez uma pausa e pegou a bolsa de tabaco. — Me conte, meu garoto, o que você sabe sobre leitura de mentes?

— Não muito — disse Michael. — No *Compêndio do anão*, G. G. Greenleaf chama de "*sorrategie* de magos". Sem querer ofender.

O dr. Pym bufou.

— Primeiro, *sorrategie* não existe. Segundo, eu gostaria que o sr. G. G. Greenleaf não abordasse assuntos que ignora tão absurdamente. Na verdade, ter acesso aos pensamentos de outra pessoa é uma coisa muito difícil e complicada. Com alguém como Rourke, pode ser até mesmo perigoso. Por sorte, quando caímos do telhado, a atenção dele estava tão direcionada para me destruir que consegui passar pelas defesas dele e obter várias informações valiosas. — Ele colocou a ponta do cachimbo na boca. — Seus pais não são mais prisioneiros do Magnus Medonho.

— *O quê?! —* O grito de Michael se espalhou pelas árvores e assustou um bando de pássaros ali perto.

O dr. Pym assentiu com solidariedade.

— Tive precisamente a mesma reação. Mas pense no que ocorreu logo antes da sua batalha no vulcão. Por que Rourke teria apresentado a você um pai falso se o verdadeiro estivesse disponível? Isso gera perguntas, não?

Michael admitiu que o mago tinha razão.

— Mas você tem certeza absoluta? Não que eu não acredite em você...

— Não, não, você tem razão em perguntar. Na verdade, na minha viagem nauseante pela mente de Rourke, consegui descobrir a localização da prisão dos seus pais...

— Foi pra lá que você foi?! — exclamou Michael. — Quando saiu de Malpesa? Onde era? Aposto que era em um deserto onde não

chovia fazia cem anos! Ou em uma floresta cheia de canibais e insetos gigantes e venenosos! Ou...

— Eles estavam em Nova York.

Michael parou, achando que não tinha ouvido o dr. Pym corretamente.

— Durante dez anos — prosseguiu o mago —, seus pais foram mantidos prisioneiros em uma mansão na ilha de Manhattan. E pensar no tempo que Gabriel e eu passamos revirando os cantos mais distantes do planeta, procurando nos extremos do mapa! Eu até conhecia a casa onde eles estavam! Cem anos atrás, os seguidores do Magnus Medonho operavam de lá. Mas nem uma vez cruzou minha mente que nossos inimigos seriam ousados a ponto de usar aquela casa como prisão dos seus pais. Ah, Michael, não existe tolo tão tolo quanto um velho tolo.

E ele suspirou, parecendo mesmo muito velho.

— Mas você foi pra lá? — perguntou Michael.

— Fui. A mansão é escondida, mas eu a encontrei com facilidade. Tinha sido abandonada. Desconfio que, depois que Richard e Clare escaparam, os captores fugiram, talvez imaginando que os amigos dos seus pais, ou seja, eu e os outros, buscaríamos vingança. De qualquer forma, tive liberdade para fazer uma busca detalhada. Então, para responder a sua pergunta, sim, tenho certeza de que eles estavam lá e que fugiram.

— Quando?

— Meu palpite, e é apenas um palpite, é que tem pouco tempo. Nas últimas semanas.

— Então... onde eles estão?

— Onde eles estão? Quem os ajudou a fugir? Infelizmente, meu garoto, estou tão no escuro quanto você.

O mago fez silêncio, soltou um grande anel de fumaça e observou a brisa levá-lo para longe. Michael sabia que era uma coisa boa os pais deles terem escapado, mas em que isso mudava alguma coisa?

O Magnus Medonho ainda queria Michael e suas irmãs, ainda queria os Livros. Eles ainda não sabiam onde os pais estavam.

— Mas me fez pensar — prosseguiu o mago — que talvez eles tenham tentado fazer contato conosco. Estou falando da bola de vidro que chegou a Cambridge Falls, que você agora usa no pescoço.

Os dedos de Michael acariciaram a bola de gude, e ele sentiu um tremor de excitação. O mago estava certo; era mais provável do que nunca que a bola tivesse sido enviada pelos pais deles. Mas então ele lembrou que estava endereçada ao “Wibberly mais velho” e alguma coisa o fez parar. Ele ainda não estava pronto para tirar esse título de Kate.

— Talvez.

O mago deu de ombros.

— É claro que ela é sua e você faz o que quiser. Quando eu estava revistando a mansão, descobri uma coisa que vale ser mencionada. Você se lembra de eu dizer que o Magnus Medonho era uma presença neste mundo havia milhares de anos?

Michael disse que sim.

— Bem, o interessante é que só há uma maneira conhecida de se alcançar a imortalidade...

— Você está falando da *Crônica*?

— Exatamente. E sabemos que no caso dele essa não era uma opção. Então como ele conseguiu? Sempre acreditei que descobrir o segredo dele é essencial para derrotá-lo de uma vez por todas.

— Mas você está vivo pelo mesmo tempo! Como conseguiu?

O mago balançou a cabeça.

— Não é importante.

— Mas...

— Estamos falando sobre o Magnus Medonho. Não vamos desviar o assunto.

— Mas...

— Ah, muito bem. Eu escrevi a *Crônica*.

Michael abriu a boca e depois fechou. Fosse lá o que fosse que ele esperasse, não era isso.

— Não fique tão surpreso. Os Livros não se escreveram sozinhos, e você sabe que eu fui parte do conselho que os criou.

— Você... escreveu ela?

— Transcrever seria mais certo. O conhecimento e o poder na *Crônica* são bem maiores do que os meus. A sabedoria de um conselho inteiro de magos passou por mim, e eu coloquei no papel. No processo, alguns fragmentos pequenos do poder da *Crônica* ficaram comigo. Agora podemos falar do Magnus Medonho?

Michael assentiu. Ele ainda estava meio estupefato.

— Primeiro, precisamos olhar pra natureza particular da longevidade dele. Você se lembra do dr. Algernon se referir a ele como o Imortal?

Mais uma vez, Michael disse que sim.

— Bem — e, nesse momento, o sorriso do mago sumiu —, em vez de não morrer nunca, o Magnus Medonho morreu muitas vezes.

— Mas você disse...

— E, cada vez, ele renasceu. Ele morre e renasce, morre e renasce, sem parar.

— Você quer dizer que ele reencarna?

— Não exatamente...

— Então é mais uma coisa de surgir das cinzas?

— Isso também não...

— O espírito dele possui o corpo de um pobre garoto qualquer? Vi isso em um filme...

O mago ergueu a mão.

— Poderíamos especular o dia todo. Esse tem sido meu dilema. Muitas teorias, mas nenhuma prova. No entanto, toda magia, principalmente magia poderosa, deixa rastros, e naquela mansão eu finalmente encontrei o que precisava.

Michael estava fazendo o melhor que podia para se lembrar de cada palavra que o mago dizia, mas ah, como sua mão ansiava por

caneta e papel! Não havia substituto para um registro escrito.

O mago soprou outro anel de fumaça e perguntou abruptamente:

— Meu garoto, o que você acha que acontece quando o universo morre?

— Hã?

— Você não pode imaginar que tudo isso vai continuar existindo pra sempre. O universo é uma massa de energia em constante expansão e um dia vai desabar sobre si mesmo. Como um bolo que fica no forno tempo demais. E depois, o quê? Nada?

Michael deu de ombros. Ele não fazia ideia.

O mago se inclinou por cima da mesa.

— Ele vai renascer.

Michael quase disse “hã?” de novo.

— A vida do universo não é uma linha reta. Na verdade, imagine um círculo. E, ao longo desse círculo, o universo nasce, se destrói e nasce de novo, sem parar, infinitamente. Entende?

— Eu... acho que sim.

— Bem, eis a parte realmente incrível. Assim como o universo renasce sem parar, tudo nele também. — O mago balançou o braço em um gesto amplo e envolvente. — Esta floresta, este vale, o mundo lá fora, todas as criaturas que vivem nele, tudo existiu antes e vai existir de novo.

— Você quer dizer que todos nós... já vivemos antes?

— Exatamente. Você, eu, Emma, Katherine, Gabriel, esta árvore... em um padrão repetido pela eternidade. Quem sabe quantas vezes você e eu nos sentamos aqui, tendo exatamente essa conversa? E o que o Magnus Medonho fez foi entrar em contato com essas versões anteriores do universo, enfiar a mão lá e puxar seus outros eus para trazer pra cá. Quantas vezes ele fez isso, quantas cópias dele mesmo ele reuniu, não sei dizer. Mas ele então jogou esses outros eus no tempo, cada um mais longe do que o anterior, como pedras jogadas no oceano, de forma que, a cada centenas de metros, outro renasceria nesse mundo.

— Mas... por quê?

— Porque há muito tempo foi profetizado que o poder completo dos Livros só seria libertado depois de milhares de anos. E sem o poder dos Livros, de todos os três, entende, funcionando em sintonia, ele não tinha esperança de atingir esse objetivo. Então...

— Dr. Pym — interrompeu Michael —, você percebe que nunca disse qual é exatamente o objetivo dele?

— Não disse?

— Não.

— Nunca?

— Nunca.

— Ora, é introduzir uma era de magia na qual ele detém o poder absoluto! Na qual a humanidade é escravizada! Esse é o objetivo dele! E tem sido, durante todos esses séculos!

— E ele pode fazer isso?

— Se ele pode fazer isso? Meu garoto, o poder dos Livros é inseparável da estrutura da existência. Pense dessa maneira: cada vez que Katherine usou o *Atlas*, cada vez que você usou a *Crônica*, o mundo ao nosso redor foi modificado. E isso foi feito inconscientemente. Imagine alguém que *quisesse* mudar o mundo. Ah, sim, se o Magnus Medonho controlar os Livros, ele pode alcançar o objetivo dele.

Michael assentiu ao mesmo tempo que se perguntava o que tinha feito, o que tinha mudado cada vez que usou a *Crônica*. Não era surpresa o dr. Pym chamar os Livros de último recurso.

— Como eu estava dizendo — prosseguiu o mago —, por meio desses outros eus, o Magnus Medonho criou uma ponte viva para se carregar pelo tempo. Agora, e essa é a parte que descobri na mansão, sempre foi dever do Magnus Medonho do momento localizar o seguinte e passar para ele as lembranças e poder devidos.

— O que você quer dizer com passar as lembranças e o poder devidos?

— Esses indivíduos não nascem com conhecimento da origem verdadeira. Só quando as lembranças do Magnus Medonho anterior, na verdade, de cada Magnus Medonho anterior, são transferidas é que o novo Magnus ganha conhecimento de quem ele é.

“E o último Magnus Medonho passou a existir, ou despertou, pode-se dizer, naquela mansão na virada do século XX. Foi isso que eu descobri. E foi com ele que meus colegas e eu lutamos e quem nós derrotamos, ou ao menos era o que pensávamos, 40 anos atrás. Desde então, ninguém surgiu para tomar o lugar dele. Acredito que ele foi o último tirado de outros mundos.”

— Então, se você matou o último, tudo não devia ter acabado?

— É o que se pensaria. Mas mesmo na morte, o espírito dele continuou a guiar seus seguidores. E agora que a profecia está próxima de ser cumprida, os Livros encontrados e reunidos, ele está determinado a voltar ao mundo dos vivos e recuperar o antigo poder.

— Como isso é possível?

— Meu garoto, a resposta está ao seu lado. — Ele indicou o livro vermelho de couro apoiado no galho. — E é por isso que a *Crônica* tem que ficar longe dele. — O dr. Pym tirou o tabaco fumegante do cachimbo. — Agora acho que está na hora de você ver sua irmã.

Michael assentiu.

— Imagino que Emma esteja com Gabriel...

— Na verdade — disse o mago —, eu estava falando de Katherine.

Kate estava em outra árvore, e para chegar lá, o mago levou Michael por várias pontes formadas pelos galhos entrelaçados, depois por uma escadaria assustadora que contornava um dos enormes troncos. Enquanto eles andavam, o dr. Pym explicou que chegou ao vale logo depois que o vulcão entrou em erupção e saiu do túnel debaixo da montanha a tempo de ver o dragão passar

voando com todos os passageiros. Ele os seguiu para a colônia dos elfos.

— O cenário estava caótico, como você pode imaginar: entre a alegria dos elfos pelo retorno da princesa, a tristeza de saber dos que morreram em batalha, Emma gritando para alguém ajudar Gabriel... Acredito que minha chegada não ajudou a acalmar as coisas... E então, sem aviso, Katherine estava entre nós.

O dr. Pym parou abruptamente de andar e se virou. Eles estavam na escada, Michael dois passos atrás e acima do mago, com uma das mãos segurando a *Crônica* e a outra no tronco da árvore. Ele estava olhando para as costas do mago como forma de ignorar a queda vertiginosa à esquerda. Agora ele se viu cara a cara com o mago.

— Michael — a voz do mago estava sombria —, não há forma de preparar você pro que te aguarda, mas saiba que vamos consertar as coisas.

E então, sem explicar o que queria dizer, o velho voltou a descer a escada.

Depois da curva da árvore, eles chegaram a um quarto bem parecido com o de Michael, uma alcova profunda no tronco acima de um galho largo e achatado. O mago fez uma pausa na entrada e indicou para que Michael seguisse em frente. Dentro havia três pessoas. A princesa elfo Wilamena estava à esquerda de Michael. Ela estava com um vestido de cetim verde-escuro, bordado com fios de ouro com o desenho de uma grande árvore que parecia, se não se olhasse diretamente, estar balançando os galhos ao vento. O cabelo da princesa tinha sido lavado e trançado e brilhava intensamente na luz baixa. Ela olhou para Michael com olhos cheios de solidariedade, mas não falou nem andou na direção dele.

Em frente a ela, à direita de Michael, estava Emma. Ela não tinha mudado de roupa nem se lavado e nem dormido desde a noite anterior, e, ao ver Michael, ela pulou de onde estava, correu e jogou os braços ao redor do pescoço dele, chorando. Michael fez menção

de abraçá-la e bater nas costas dela, mas alguma coisa nele tinha se apagado. Seus olhos estavam vagos; seu corpo não parecia mais ser seu.

Diretamente à frente dele, Kate estava deitada em uma cama baixa. Os olhos estavam fechados e ela estava usando um vestido de renda branco com gola alta. Um cobertor havia sido puxado até a altura dos ombros dela, e os braços estavam para fora da coberta, com as mãos unidas sobre o medalhão de ouro da mãe. Seu rosto estava muito pálido.

Michael não precisou perguntar; ele sabia que a irmã estava morta.

Ele tirou delicadamente os braços de Emma do pescoço, segurou a mão dela e foi se ajoelhar ao lado de Kate. Fez uma pausa para se recompor antes de falar.

— Quando... quando ela...?

— Logo depois que apareceu — disse o mago, que estava à porta. — Os médicos elfos e eu tentamos tudo o que sabíamos. Lamento muitíssimo.

Michael esticou a mão e tocou na da irmã. A pele estava fria.

Não era real, pensou ele. Era algum truque. Essa não era Kate; ela não podia estar morta. Mas ele sabia que não era truque e que era realmente a irmã.

Emma segurou o braço dele e o sacudiu enquanto soluçava.

— Michael... traz ela de volta! Usa o livro! Você consegue fazer isso, né? Traz ela de volta! Você tem que fazer isso! Tem que!

Ela nem precisava pedir. Ele já estava com a *Crônica* aberta, com o stylus na mão, e estava se preparando para furar o polegar.

— Infelizmente, isso não vai funcionar.

Michael olhou para onde o dr. Pym estava, com a floresta ao fundo.

— O espírito da sua irmã cruzou para a terra dos mortos, o mesmo lugar onde o Magnus Medonho está preso há 40 anos. O poder dele lá é muito grande. Ele não vai libertá-la.

— Do que você está falando? — perguntou Michael. Ele estava impaciente e mal ouviu as palavras do mago.

— Tem uma sombra em cima dela — disse a princesa elfo, falando pela primeira vez. — Parou em cima dela no momento em que ela morreu.

— Sua irmã — disse o dr. Pym — é prisioneira na terra dos mortos.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

O fantasma



Michael insistiu para pelo menos poder tentar trazer Kate de volta. O mago concordou, mas disse que, se ele sentisse qualquer resistência, não deveria forçar. Michael mal prestou atenção. Ele furou o polegar, colocou a ponta molhada de sangue do stylus na página, sentiu a corrente elétrica familiar passar pelo corpo, viu o rosto de Kate entrar em foco e começou a escrever.

Não conseguiu passar da segunda letra do nome dela. Foi como se uma força invisível o impedisse, e quando ele tentou fazer força, desobedecendo diretamente as ordens do mago, sentiu uma rachadura se abrir no stylus. Ele parou, em pânico.

E isso foi tudo. O dr. Pym insistiu para que as crianças não perdessem as esperanças, dizendo que ia se consultar com o pai da princesa Wilamena e com os elfos anciãos, que eles encontrariam uma maneira de libertar Katherine; em seguida, o mago e a princesa elfo saíram, e Emma desabou nos braços do irmão chorando; e Michael, que sentia como se estivesse no fundo de um poço escuro, recebendo apenas vibrações indistintas do mundo acima, passou o braço ao redor do corpo dela e deixou que ela chorasse.

Os dois ficaram ao lado de Kate o resto do dia e mal falaram. Duas vezes Emma saiu para ver Gabriel, e nas duas voltou dizendo que ele ainda estava dormindo.

Quando a noite chegou, havia cantoria na floresta. Era triste e belo, e um elfo que levou o jantar para eles disse que era uma canção de morte pelos elfos que pereceram na batalha; e as crianças ouviram e se sentiram confortadas. Mas nenhum dos dois

estava com fome, e sem o dr. Pym para mandá-los comer, a comida ficou intocada. O mago voltou um tempo depois. Ele disse que ainda não tinha encontrado uma forma de libertar Kate do Magnus Medonho e insistiu para que descansassem. Michael disse que não ia sair dali, mas se juntou ao mago no pedido de que Emma fosse para a cama. Emma tentou discutir, mas depois de ter ficado acordada com Kate na noite anterior inteira, estava gaguejando, com olhos pesados e quase tremendo de exaustão. Ela acabou cedendo.

O quarto dela ficava em uma árvore diferente, e ela abraçou Michael antes de sair.

— Seu aniversário está chegando, né? Então... feliz aniversário.

Quando Emma saiu para o galho, o dr. Pym pediu que ela esperasse e disse que ia guiá-la pela noite. Ele se virou para Michael.

— O que foi, meu garoto? Vejo que você tem uma pergunta.

— Eu podia... eu podia ter trazido ela de volta? Fiz alguma coisa errada?

A ideia de que poderia ter sido possível trazer Kate de volta se ele tivesse sido forte ou inteligente o bastante o torturou o dia inteiro, e que o mago, para poupar seus sentimentos, colocou toda a culpa no Magnus Medonho.

O dr. Pym não pareceu perturbado e nem surpreso com a pergunta de Michael.

— Não, meu garoto, você não fez nada errado. Você nunca teve chance de reviver sua irmã. Só permiti que tentasse pra você entender o que temos que encarar.

— Mas eu quase quebrei o stylus.

O mago deu de ombros.

— Coisas piores podiam ter acontecido. O stylus é uma muleta, nada mais.

O elfo que tinha levado o jantar também levou velas, e à luz bruxuleante Michael observou o rosto do homem idoso e tentou adivinhar o significado dele. A resposta, se é que estava lá, era impossível de ler.

— Me diga uma coisa — disse o dr. Pym —, o guardião te deu algum aviso sobre usar o livro?

— Ele disse... ele disse que me mudaria.

— Como poderia não mudar? Cada experiência que temos nos muda. E quando você usa a *Crônica*, você vive a vida inteira de outra pessoa, compartilha as esperanças e os medos, os amores e os ódios; seria muito fácil se perder. Você sempre precisa se lembrar de quem você é.

— Foi o que ele disse. Mas e se... e se eu não for...?

— Michael — o mago manteve a voz baixa, só entre eles —, sei que você não quer ser o Protetor da *Crônica*. Você tentou me dizer isso hoje de manhã, e eu não quis ouvir. O fato é que a *Crônica* escolheu você por um motivo, e acredito que a escolha foi correta. Eu mesmo não teria escolhido outra pessoa.

— Dr. Pym, agradeço por você tentar me fazer sentir melhor, e sei que é bom pra moral do grupo, mas não sou a pessoa certa.

Ele finalmente conseguiu dizer; as palavras saíram.

Mas o mago estava balançando a cabeça.

— Você está tão, tão errado.

— Mas...

— Michael Wibberly, você tem um fogo dentro de você.

— Eu... Espera, o quê?

O mago colocou a mão enrugada sobre o coração de Michael.

— É o fogo do sentimento verdadeiro, do amor e da compaixão, da tristeza. É o fogo que incendeia a *Crônica*. Sem ele, você jamais teria conseguido usar o livro como usou. É verdade que você ainda não controla o poder total da *Crônica*; mas mesmo Katherine precisou de tempo para dominar o *Atlas*. — Ele esticou a mão e apertou o ombro de Michael. — Você tem bem mais para dar do que imagina.

Ao acabar de falar, ele saiu levando Emma junto, e Michael ficou sozinho com Kate.

O menino tentou deitar ao lado dela, mas seu coração estava batendo disparado, e ele ficou de pé e começou a andar de um lado para outro, com a *Crônica* apertada contra o peito. Ele andou de um lado para outro no pequeno aposento por uma hora ou mais, olhando sem parar para o rosto da irmã, como se pudesse captar algum sinal de vida. A chuva começou de repente, um temporal forte que desabou do lado de fora. Michael saiu para a escuridão, ainda segurando o livro, e se deixou encharcar. A chuva estava fria, quase gelada, mas não aplacou a febre que ardia nele, e seu coração ainda batia como se fosse sair do peito. Ele só sabia que não podia voltar para o quarto.

Michael desceu a escada em espiral correndo, com água pingando dos óculos e os pés escorregando nas tábuas. Sabia que estava sendo descuidado, mas mesmo assim foi cada vez mais rápido, ficando cada vez mais tonto conforme contornava a enorme árvore. Chegou à floresta e andou rapidamente, sem saber e sem se importar para onde, empurrando os galhos de samambaia enquanto os pés afundavam na lama, com os braços travados ao redor da *Crônica* e o coração disparado.

Depois de um tempo, ele percebeu que estava ouvindo em meio ao som constante da chuva o som baixo de vozes. Era a cantoria que ele e Emma tinham ouvido antes, a canção de morte dos elfos. Michael correu na direção dela. Em pouco tempo, luzes apareceram entre as árvores e ele se deparou com uma procissão. Trinta elfos ou mais, usando capas escuras e carregando velas (cujas chamas pareciam não ser afetadas pela chuva), estavam andando lentamente pela floresta. Michael se escondeu atrás de uma árvore e os viu passar. Mais uma vez, a música o consolou, e ele sentiu o pânico começar a diminuir. E então, assim que os elfos desapareceram entre as árvores, a chuva parou.

Michael ficou ali de pé, respirando devagar e profundamente e ouvindo a água pingar dos galhos. Ele colocou a mão no peito e viu que seu coração não estava mais disparado. Viu-se mexendo na bola

de vidro sob a camisa. Ocorreu a ele que já devia ser bem mais de meia-noite. Ele tinha 13 anos. Fosse como fosse, ele agora era o Wibberly mais velho.

Ele pegou a bola e colocou em uma raiz retorcida. Michael pisou com força e sentiu o vidro quebrar debaixo do pé. Houve um sibilar, e Michael deu um passo para trás quando uma névoa prateada se ergueu na escuridão. O contorno de uma pessoa começou a se formar, com a fumaça se moldando em pés e pernas, um tronco, braços, ombros, uma cabeça. E, enquanto Michael observava, a névoa formou os traços familiares do pai dele.

A figura de fumaça era idêntica de todas as maneiras (a forma de se vestir, os óculos que usava, o cabelo e a barba desgrenhados, até o cansaço nos olhos) à pessoa que Rourke apresentou em frente à muralha da fortaleza. A única diferença era que a imagem à frente dele era feita de nada além de fumaça. Michael conseguia ver as árvores através dele.

— Incrível — murmurou a pessoa, olhando para suas mãos fantasmagóricas, com voz fraca e ecoante, como se estivesse distante. — Funcionou mesmo. Mas então... — A imagem se virou e viu Michael. — Ah, meu Deus... você é... você não pode ser... Michael?

O garoto assentiu. Naquele momento, assentir era a única coisa que ele conseguia fazer.

— Mas... você... está tão grande!

Michael estava se mantendo perfeitamente parado. Ele não sabia o que esperar quando quebrou a bola, mas se ver cara a cara com o pai, ou com uma versão do pai, pela segunda vez em poucos dias o deixou tonto.

— Ah, meu garoto... — E a imagem se deslocou para a frente, como se para abraçá-lo. Michael não teve tempo de se mexer, e, de qualquer modo, isso acabou se mostrando desnecessário, pois o espectro passou direto por ele. O garoto se virou e viu a imagem 60

centímetros atrás dele, com aparência confusa e um pouco constrangida. — Bem... isso foi burrice.

— Escuta... — Michael sabia que tinha que tomar o controle da situação.

— Estamos em alguma espécie de floresta?

— O quê? Estamos, mas...

A pessoa balançou a mão com impaciência.

— Isso não importa agora. Tem coisas que preciso te contar. Pode ser difícil de acreditar, mas na verdade eu sou...

— Sei quem você é.

— Sabe? Quer dizer que me reconhece? Como você pode lembrar...?

— Vi uma foto. — Michael tinha se recuperado, mas sua voz ainda estava trêmula. — Que tipo de prova você pode dar de que é quem você... parece?

— Prova? Você quer dizer alguma espécie de identificação?

— Não sei! Só preciso de uma prova! — Michael se viu ficando desesperado. — Como posso saber que você é meu pai?

— Bem, na verdade, não sou.

De todas as respostas possíveis, essa não era a que Michael esperava, e isso controlou momentaneamente seu pânico crescente.

— Seu pai é uma aparição estranha e enevoada? Não. Seu pai real, de carne e osso, está em outro lugar. Pelo menos, espero que esteja. Sou um reflexo do Richard; só que, em vez de refletir apenas o rosto dele, represento tudo: a aparência, as lembranças. Por exemplo, eu lembro a última vez que te vi, ou melhor, que ele te viu. Foi na véspera de Natal dez anos atrás, ele carregou você e Emma para fora de casa, para o carro de Stanislaus. Vocês dois estavam dormindo. E os dois eram tão pequenos. — A imagem ficou em silêncio por um momento, depois disse: — E tenho os pensamentos e sentimentos dele. Se ele estivesse aqui agora, olhando pra você, estaria pensando exatamente a mesma coisa que estou pensando.

— O que é? — perguntou Michael com voz rouca. — Só... por curiosidade.

— O quanto ele queria ter visto você crescer. — A imagem chegou mais perto. — Michael, ao abrir mão de vocês, sua mãe e eu fizemos o que achávamos ser o melhor. Mas em cada dia dos últimos dez anos, nós vivemos com a dor de nossa decisão. Comparado a isso, a prisão foi fácil. — A imagem deu de ombros. — Isso é prova suficiente?

Michael estava paralisado de dúvida. Ele queria acreditar que era seu pai, ou um reflexo dele, mas como podia ter certeza?

— Então você tem todas as lembranças do meu pai?

— Isso mesmo. Me pergunte qualq...

— Quem é o rei Killick?

— ... Como?

— Quem é o rei Killick? Se você tem as lembranças do meu pai, deve saber. Vou te dar uma dica. Ele é um famoso rei elfo.

A imagem olhou para ele com expressão confusa.

— Eu... não faço ideia.

Michael sentiu uma coisa desmoronar dentro de si.

Pronto, disse ele para si mesmo, isso vai te ensinar a não ter esperanças.

— É claro — prosseguiu a imagem — que se você tivesse perguntado sobre o rei Killick *anão* seria uma coisa diferente. Mas nunca ouvi falar de um elfo chamado Killick. Parece estranho um elfo ter nome de anão...

— O que...?

— Tem uma citação de Killick que nunca esqueci. Estou falando do anão Killick. Ele disse: "Um grande líder não mora em seu coração..."

— "... mas em sua cabeça" — concluiu Michael.

— Exatamente! Você também conhece! Então por que pensou que Killick era um... Ah, entendi, você estava me testando! E então, passei?

Michael assentiu; ele não confiava em si mesmo para falar.

— Que bom. — A imagem se ajoelhou na frente de Michael. — Então escute o que tenho pra dizer. Sua mãe e eu fugimos. Como e quem nos ajudou não é importante. Estamos mandando essa mensagem pra você e pras suas irmãs pra que vocês saibam que estamos bem. Achamos que sabemos onde um dos livros está escondido, e vamos procurar por ele...

— Mas vocês não precisam! — disse Michael. — Já peguei ele!

— De que você está falando?

— Fomos ver Hugo Algernon! Encontramos a tumba em Malpesa! Viemos pra Antártida! Estou com a *Crônica*! Está vendo?

Ele mostrou o livro. A imagem esticou a mão para pegá-lo, mas parou. Tiras de fumaça subiram das pontas dos dedos dela.

— Meu Deus.

— O que está acontecendo? — perguntou Michael.

— Estou ficando sem tempo. Este corpo não foi feito pra durar. Escute. — O espectro colocou as mãos evaporantes nos ombros de Michael. — É maravilhoso você estar com a *Crônica*. Mas estamos procurando o último livro.

— O último...

— Se falharmos, escute, se falharmos, ou se você encontrar ele antes de nós, não deixe Stanislaus unir os três livros. Eles precisam ficar separados. Descobrimos coisas. Elas podem ou não ser verdade, mas não vale a pena arriscar. — Michael começou a falar, mas a imagem o interrompeu. — Você não precisa entender. Apenas prometa.

Michael assentiu. Ele conseguia ver cada vez mais claramente pela imagem.

— Mas... você não pode ir...

— Infelizmente, não tenho escolha. Não sou capaz de expressar o quanto estou orgulhoso de você, nem o quanto seu pai verdadeiro ficaria orgulhoso se estivesse aqui agora.

Michael não conseguia acreditar que era só isso. Tinha tanta coisa que ele queria perguntar, tanto que queria dizer. Mas então Michael se deu conta de que qualquer coisa que ele dissesse para a aparição desapareceria quando a imagem sumisse. Seria como sussurrar para o vento.

— Perdi o *Compêndio*.

— O quê?

— *O compêndio do anão*. Você me deu na noite em que o dr. Pym levou a gente. Guardei esse tempo todo. Eu queria devolver pra você. Mas perdi. Desculpa.

— Ah, meu garoto, isso não importa. De verdade.

Mas Michael estava balançando a cabeça. Ele sabia que estava evitando o que tinha para dizer. Ele respirou fundo de novo.

— Eu... traí... Kate e Emma. — As palavras eram pesadas e entalaram na garganta; ele teve que forçá-las a sair. — Ano passado, em Cambridge Falls, eu traí elas para a Condessa. Ela prometeu que ia encontrar você e mamãe. Ela mentiu, é claro. E eu sabia... eu sabia o que estava fazendo. Mas depois foi horrível. Doía tanto que eu... nunca queria sentir a mesma coisa de novo. Nunca queria sentir nada de novo...

Ele estava chorando baixinho, e passou a mão pelo rosto, que ainda estava molhado da chuva. A imagem não disse nada.

— Mas a *Crônica* — prosseguiu Michael — faz você sentir coisas! E eu não quero! Não posso! Ninguém entende isso! Não consigo!

Ele baixou o olhar e apertou o livro com mais força contra o peito.

— Michael. — A imagem precisou dizer o nome dele duas vezes para que ele olhasse. — Essa citação do rei Killick, você sabe por que eu nunca esqueci?

— Porque — disse Michael com voz rouca — ... faz sentido no estilo anão?

— Não. Porque eu era assim. Antes de você e suas irmãs. Antes da sua mãe. Eu vivia completamente dentro da minha cabeça.

— E era melhor, né? — disse Michael. — As coisas doíam menos?

— Não! Quero dizer, sim, eu sentia menos dor. Mas a questão da vida não é evitar dor. A questão da vida é estar vivo! Sentir coisas. Isso quer dizer as boas e as ruins. Vai haver dor. Mas também alegria, amizade e amor! E vale a pena, acredite. Sua mãe e eu perdemos dez anos das nossas vidas, mas cada minuto de cada dia tivemos nosso amor por você e suas irmãs, e eu não trocaria isso por nada. Não deixe o medo controlar você. Escolha a vida, filho.

A imagem colocou os braços fantasmagóricos ao redor dele, e Michael fechou os olhos e pareceu que a sombra do pai ficou mais sólida, mais real. Michael conseguia sentir o peito do pai na bochecha, ouvir os batimentos do coração dele. E então, Michael abriu os olhos e viu que estava abraçando o ar.

De repente, ele percebeu um brilho dourado, e se virou e viu a princesa elfo. Ela estava com uma capa preta com o capuz para trás, e seu cabelo brilhava na escuridão.

— Você... estava assistindo?

Ela assentiu, sem sentir vergonha.

— Sim. — Ela deu um passo à frente e segurou a mão dele. — Vem comigo.

— Por quê?

— Vou te mostrar como trazer sua irmã de volta.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

A ascensão do Magnus Medonho



De mãos dadas, Michael e a princesa elfo correram pela floresta. Wilamena guiou o caminho, e os galhos úmidos de samambaia se curvavam para deixá-la passar antes de bater em Michael e encharcá-lo, o que acontecia o tempo todo. Ele não perguntou para onde ela o estava levando, e ela não deu dica alguma, então foi surpresa quando eles chegaram às paredes do desfiladeiro e Michael viu 12 pessoas de capa de pé segurando velas. Ele os reconheceu da procissão pela floresta, e eles ainda estavam mesmo cantando, mas tão baixo agora que Michael teve que se esforçar para ouvir a música. As pessoas estavam reunidas em frente a um vão triangular, e, enquanto o garoto observava, um dos elfos apagou a vela que segurava, entrou no vão e desapareceu.

— Meu povo veio pra este vale milhares de anos atrás — sussurrou a princesa —, quando só havia gelo e neve. Você não se perguntou por que escolhemos um lugar tão desolado como lar?

Michael pensou em dizer que não conseguia nem começar a entender o funcionamento de uma mente élfica, mas decidiu que a resposta correta era “Sim”.

— Viemos — disse Wilamena — porque nossa raça é atraída pros lugares em que o mundo mortal e o mundo espiritual se sobrepõem. Imagine dois círculos com as beiradas se tocando e um espaço estreito que pertence não a um mundo nem ao outro, mas aos dois. É isso que existe neste vale. O que existe aqui. — E ela indicou o vão na parede.

— Você quer dizer — disse Michael — que cavernas levam à terra dos mortos?

— Sim e não. A verdadeira terra dos mortos é um lugar onde os vivos não se aventuram. A caverna leva ao lugar intermediário, onde os círculos se tocam. E lá, os mortos podem vir a nós. Você não sentiu isso quando entrou no vale? Uma presença que não conseguia explicar?

E Michael percebeu que tinha sentido, que quando ele, Gabriel e Emma entraram no vale, ele teve essa sensação de que não estavam sozinhos, de que alguma coisa estava olhando por cima dos ombros dele, mas classificou a sensação como nervosismo.

O garoto viu um elfo de capa apagar a vela e entrar no vão.

— O que eles estão fazendo?

— Eles vão se despedir dos que morreram em batalha. Ninguém pode ficar naquele lugar por muito tempo, mas há tempo suficiente pra dizer as coisas que têm que ser ditas. E então, cada um vai voltar para o seu mundo, os vivos para o dos vivos, os mortos para o dos mortos.

Michael olhou para a princesa elfo.

— Eu devia ter tentado trazer eles de volta. Os elfos que morreram. Eu devia ter usado a *Crônica*. Eu não estava pensando. Desculpa.

Wilamena balançou a cabeça.

— A morte faz parte da natureza. Era a hora deles, e eles morreram com coragem. Sua irmã é diferente. A jornada dela entre os vivos ainda não terminou. — Ela olhou para o vão. — E se o inimigo não permite que ela venha até aqui, então você tem que ir lá.

Michael entendeu. Ele engoliu seco e apertou a *Crônica*.

— O dr. Pym sabe desse lugar?

— Certamente, ele sabe desse lugar, mas não sabe que eu trouxe você aqui. Na verdade, ao se reunir com meu pai e com os anciãos, ele se pronunciou contra mandar você para a Dobra.

— A Dobra?

— É assim que chamamos o lugar onde os mundos se sobrepõem. O mago sabe que você precisa viajar pra lá sozinho, e que ele não teria poder pra te proteger. Ele está procurando uma maneira mais segura de libertar sua irmã; mas não *existe* maneira mais segura.

— Por que preciso ir sozinho? E os elfos que já estão lá?

— Você não vai ver eles. Mesmo se eu e você entrássemos lado a lado, ficaríamos separados. Você pode aparecer em uma cidade, enquanto eu estaria em um campo amplo e vazio. A Dobra muda pra cada um de nós e é sempre diferente.

Michael sentiu que quanto mais ela contava para ele, mais confuso ele ficava. Ele só queria saber uma coisa.

— Como encontro Kate?

— Apenas mantenha a ideia de sua irmã na cabeça e ela virá até você. Mas fique avisado: outros já ficaram tempo demais e não conseguiram encontrar o caminho de volta. Você precisa ser rápido, Michael.

— É a primeira vez que você me chama pelo nome.

Wilamena sorriu.

— Acho que você não é mais um coelho.

Michael olhou para ela, e a lembrança daquele breve momento em que ele compartilhou da vida dela voltou. Ele se lembrou da escuridão e do desespero que ela sofreu durante os longos anos como prisioneira, mas também se lembrou da alegria profunda e inesgotável que ela sentia com o mundo ao redor; e soube que, se tivesse que escolher, Wilamena sofreria tudo o que sofreu e ainda mais para não sacrificar um dia de vida.

Era como o pai dele disse. Ela escolhia a vida, completa.

Michael fez então uma coisa que surpreendeu até a ele mesmo. Ele se inclinou e beijou a princesa elfo. Os lábios dela eram macios, e ele não conseguiu perceber se era magia ou não, mas sentiu um calor se espalhando pelas bochechas e orelhas, que desceu pelo pescoço e chegou ao peito. Ele disse "Obrigado", se virou, passou

pelos elfos reunidos e entrou na caverna, levando o calor do beijo com ele.

Depois de apenas alguns metros, ele não conseguia ver nada além da escuridão. Tropeçou várias vezes no chão cheio de pedras, mas continuou a caminhar, com uma das mãos esticadas à frente e com a lembrança de Kate clara e forte na mente. E então, ao longe, Michael viu uma luz suave e cinza. Foi em direção a ela, e a escuridão ao seu redor diminuiu, e o chão ficou liso. Ele percebeu que não estava mais em uma caverna, mas sim em uma espécie de corredor.

Michael pisou na área de luz e quase deu um grito.

Estava de pé no grande saguão de uma velha igreja de pedra. Ele observou as fileiras de colunas, as janelas com vitral, o teto abobadado. Estranhamente, em vez de bancos, havia fileiras de colchões no corredor central. A igreja parecia vazia.

E então, Michael ouviu o som baixo e ecoante de um violino.

Emma acordou e soube que alguma coisa estava errada. Ela se sentou e olhou ao redor. O quarto era parecido com o da irmã, mas em uma árvore diferente, a vários metros de distância. Ela colocou um par de sapatos de couro macio (um presente dos elfos, pois tinha perdido uma bota no vulcão) e andou pelo galho que servia de varanda e ponte para o resto da floresta. Havia poças de água para todo lado. Mais água pingava das árvores. Tinha chovido forte. Como ela não acordou com o barulho? Emma teve o pensamento terrível de que tinha dormido por um dia inteiro até a noite seguinte.

Ela andou em direção à árvore onde tinha deixado o irmão e a irmã. Obrigou-se a seguir devagar, pois os galhos estavam escorregadios por causa da chuva e a noite estava turva e negra. Ao chegar ao quarto de Kate, ela encontrou a irmã exatamente como tinha deixado, e Michael não estava lá. Mas de pé ao lado de Kate estava Gabriel. Ele parecia estar completamente recuperado dos ferimentos, e quando se virou, Emma correu e o abraçou. Ela disse o

nome dele várias vezes, e ele a abraçou e ela se sentiu segura de uma maneira que não sentia desde que chegou à cidade élfica; e mesmo a escuridão ao redor pareceu diminuir um pouco.

Emma deu um passo para trás e secou os olhos.

— O que você está fazendo aqui? Pensei que ainda estivesse dormindo!

— Acordei e estava bem melhor. Quando soube da sua irmã, tive que vir.

Ainda segurando a mão de Gabriel, Emma se ajoelhou ao lado da cama. A testa da irmã estava tão lisa. A morte tinha feito a ruga de preocupação sumir.

— Cadê o Michael? Ele devia estar aqui.

Gabriel balançou a cabeça.

— Não tinha ninguém quando eu cheguei.

— Tem alguma coisa errada. Eu sabia. Michael devia estar aqui.

Gabriel ficou em silêncio por bastante tempo. Parecia que estava ouvindo uma coisa ao longe; mas a única coisa que Emma conseguia ouvir era a chuva pingando.

— Acho que ele foi tentar trazer sua irmã de volta.

— Mas ele já fez isso! Ele tentou escrever o nome dela no livro e não conseguiu!

— Tem outro jeito. Um jeito perigoso. Ele pode procurar diretamente o espírito dela. O mago poderia ter mostrado como.

— O quê? Por que ele não me contou?

— Sem dúvida estava tentando te proteger.

— Mas ela é minha irmã também! Temos que encontrar eles!

— Venha, então. Sei onde procurar. Pode ser que precisem da nossa ajuda.

Emma se inclinou e sussurrou para Kate que a amava e voltaria logo. Depois, ela e Gabriel saíram rapidamente do quarto.

Michael seguiu a música pela nave da igreja, passando pelas fileiras de colchões e por uma porta na parede dos fundos. Ele se viu

na base de uma torre. No meio da área, havia um sino grande caído de lado, com a casca de ferro rachada ao meio. Uma escada bamba de madeira em espiral seguia rente à parede. Michael ficou ali de pé, ouvindo o som do violino ecoando pela torre; e então, decidiu subir.

A princesa elfo disse que a Dobra era diferente para todo mundo. Mas de onde tinha vindo essa igreja velha? E o que significava? Será que ele estava certo em seguir a música? Será que o levaria até Kate? E quem será que estava tocando?

A escadaria terminou e Michael viu uma outra escada que entrava por um alçapão no teto. Ele enfiou a *Crônica* debaixo do braço e subiu, para sair em uma plataforma larga de madeira no alto da torre. Colunas de pedra nas extremidades da plataforma sustentavam um telhado pontudo, e havia três sinos de ferro pendurados ali. Havia um buraco no meio do piso por onde presumivelmente o quarto sino tinha caído. A igreja estava em um campo infinito de neblina.

Ainda estou na caverna?, perguntou-se Michael. Ou será que estou em outro lugar?

Ele se sentiu confuso e assustado e muito sozinho.

Kate não estava por perto. Mas ele encontrou a fonte da música.

Um garoto poucos anos mais velho do que Michael, com cabelo escuro desgrenhado e vestido com roupas gastas e um tanto antiquadas, estava no centro da torre, tocando um violino gasto. Seus dedos estavam sujos, mas ele tocava com precisão fácil e fluida, e os olhos estavam fechados, como se ele estivesse perdido na música. Michael ficou ali de pé sem saber o que fazer, esperando.

A música acabou; o garoto baixou o violino.

— Minha mãe que me ensinou. Eu tocava pra ela. Meu nome é Rafe.

— Sou Michael.

— Eu sei.

— Que... que lugar é esse?

— A igreja? — O garoto esticou a mão para uma das colunas que sustentavam o telhado. Havia alguma coisa de triste e amorosa na forma como ele tocou nela. — Este é um lugar que não existe mais no mundo vivo. Foi onde conheci sua irmã. A Dobra, pra usar a palavra dos elfos, pode ser manipulada por uma pessoa com vontade e poder. Quando senti você chegando, a igreja pareceu uma escolha apropriada. Mas deve ser só uma coisa sentimental.

Ele olhou para Michael; seus olhos eram de um tom surpreendente de verde, e Michael soube naquele momento quem ele era, e que ele não era apenas um garoto; era o inimigo deles.

— Cadê ela?

— Atrás de você.

Michael se virou. Havia uma mesa grande em um lugar onde não havia nada antes, e a irmã estava deitada em cima, com o mesmo vestido branco de renda de gola alta que Michael lembrava. Os olhos dela estavam fechados, o rosto estava pálido e as mãos estavam cruzadas sobre o peito. Ele andou até lá e tocou no braço dela. Estava sólido; ela era real.

— Você está segurando ela aqui, não está?

— Sim. Estou.

— Por quê?

— Acho que você sabe a resposta.

Michael não disse nada. Ele sentiu que o garoto tinha se aproximado por trás.

— Meus seguidores no mundo vivo preservaram meu corpo físico durante décadas. Estão esperando que se erga. Que eu me erga. Como Protetor da *Crônica*, você tem o poder de me restaurar à vida. Liberte meu espírito, e eu vou libertar sua irmã. Se você não fizer isso, ela fica comigo.

Michael sentiu um peso frio no estômago. Era por isso que o dr. Pym não queria que ele fosse até lá. Ele sabia que Michael teria que encarar exatamente essa escolha: levar a irmã de volta e o Magnus

Medonho junto, ou deixar Kate presa na terra dos mortos para sempre.

Só que não havia escolha, não para Michael. Ele não ligava se o Magnus Medonho voltasse à vida e reconquistasse todo o antigo poder. Não ligava por ser responsável por tudo o que aconteceria depois. Kate era o que importava; ela era tudo o que importava. Michael levaria o Magnus Medonho mil vezes de volta se a irmã apenas abrisse os olhos e falasse com ele.

E talvez fosse isso o que o mago realmente temia.

Parecia a Michael que ele conseguia ouvir outro violino ao longe, tocando uma música diferente de antes, mais rápida e mais assombrosa, menos humana.

— Vamos. Tome sua decisão.

— Já tomei. — Michael abriu a *Crônica* sobre a mesa e pegou o stylus.

— Suas mãos estão tremendo. Não precisa ter medo.

— Não estou com medo.

Era verdade: ele não estava. O tremor era nervosismo, era saber que estava fazendo uma coisa grandiosa e errada, mas que não podia evitar. Ele queria a irmã de volta e pagaria qualquer preço. E deixar que o Magnus Medonho voltasse para o mundo era apenas parte do custo. Michael sabia que tudo o que vivenciou antes (os sentimentos de traição de Emma, o desespero da princesa elfo pelo longo aprisionamento, a culpa e a loucura do guardião) não era nada em comparação à escuridão e ao ódio que ele encontraria dentro do Magnus Medonho; e que, no momento que conjurasse a magia da *Crônica*, toda essa escuridão, todo esse ódio se tornariam dele. Não havia como não ser modificado.

Michael sabia de tudo isso, mas não ligava.

Ele apoiou o polegar na mesa e furou com o stylus. Depois, se virou para o garoto.

— Solta Kate. Depois eu levo você de volta.

O garoto sorriu.

— Isso não é uma negociação. Eu vou primeiro, senão levo sua irmã pra um lugar pra onde você não pode ir, e esse será o fim.

— Como eu... como sei que você vai libertar ela?

O garoto que se chamava Rafe esticou a mão e tirou com delicadeza o cabelo da testa de Kate.

— Porque eu quero que ela viva tanto quanto você.

E Michael olhou para os olhos brilhantes e verdes do garoto e acreditou nele.

O garoto segurou o braço de Michael e falou com voz repentinamente fria e imperativa.

— Agora escreva meu nome.

E Michael colocou a ponta do stylus na página e escreveu em letras fumegantes e sangrentas: *Magnus Medonho...*

No instante seguinte, ele era um homem, magro e com feições de falcão, mas com os mesmos olhos verdes impressionantes, vivendo em uma terra poeirenta e destrocada pela guerra. O homem era um feiticeiro de vilarejo; era rude e orgulhoso, mas Michael sentiu o amor dele pelas pessoas que protegia e por sua própria jovem família, a mulher e o filho, e Michael sentiu que eram mesmo o povo dele, a família dele. E quando o homem voltou para casa e encontrou o vilarejo incendiado, a família assassinada, foi o coração de Michael que ficou negro de ódio e culpa. Juntos, Michael e o homem caçaram e puniram os homens responsáveis, e Michael alegrou-se com o sofrimento que o homem causou; e quando a vingança deles foi executada, o ódio do homem se voltou para todos os homens, todos os humanos, e Michael se sentiu arder com a mesma raiva...

Michael apertou o stylus com força com o punho; ele estava tremendo muito, lutando para se manter conectado a si mesmo...

A magia o puxou mais uma vez...

Ele estava velho. Tinha viajado para longe, aprendido muito, obtido mais poder, e agora, estava morrendo. Era noite; havia uma fogueira, e Michael olhou pelas chamas para um garoto com olhos

verde-esmeralda, e ouviu a si mesmo, com voz rouca e trêmula, falar de três livros de poder inimaginável e contar para o garoto que eles, que ele (pois o homem e o garoto eram um) usaria os Livros para mudar o mundo. O homem pegou uma faca e passou pela própria garganta, e Michael se tornou o garoto...

Mais tempo passou. O garoto que estava sentado do outro lado da fogueira tinha morrido tempos antes e seus ossos tinham virado poeira. Mas ele ainda estava vivo, assim como o primeiro homem estava vivo, assim como Michael estava vivo, no corpo de outro, um homem com os mesmos olhos verdes ardentes. O homem estava sussurrando no ouvido de um conquistador jovem enquanto eles saqueavam uma cidade à beira do mar; e Michael percorreu ruas tomadas pelo fogo e por gritos, e sentiu uma alegria terrível e imensa por estar tão perto do objetivo. E então, Michael e o homem desceram para a casa-forte abaixo da torre e descobriu que os Livros já tinham sido levados, e Michael sentiu mil anos de raiva se manifestarem e o consumirem...

Michael sentiu-se caindo mais e mais fundo na escuridão, e não havia nada que ele pudesse fazer para impedir, nenhuma parte de si a que se agarrar...

Séculos se passaram. O mundo mudou. Michael morreu e renasceu, morreu e renasceu. Os Livros o evitaram, mas ele ganhou poder, e com o poder, seguidores. E a cada ano que passava, Michael sentiu os rostos da esposa e do filho do primeiro homem ficarem mais e mais indistintos...

Ele era outro homem, mais alto e de cabelos claros, mas com os mesmos olhos de esmeralda, carregando dentro de si meia dúzia de vidas, e estava ouvindo uma profecia sobre três crianças que encontrariam os Livros e os reuniriam. Três crianças que seriam sacrificadas para que um novo mundo pudesse existir...

E mais mortes, mais vidas. Michael ficou ciente de uma tensão dentro do homem, dentro de si, quando cada vida era unida à anterior...

E então Michael era um homem velho, mais velho do que jamais tinha sido. Seus ossos eram retorcidos, sua respiração era fraca e aquosa. Ele estava de pé em um salão de baile iluminado por velas, cercado de figuras escuras. A multidão de figuras se abriu e um garoto se aproximou. Michael reconheceu Rafe, e viu que estava com Kate nos braços, e uma parte esquecida de Michael ganhou vida ao ver a irmã; ela estava ferida, sangrando, e Rafe estava se trocando por Kate, a vida dele pela dela, e havia sofrimento no rosto do garoto; e de repente Kate sumiu, e estava acontecendo de novo, Michael estava morrendo, e ele sentiu o espírito do Magnus Medonho se prender como um câncer à alma do garoto...

Mas alguma coisa estava diferente de todas as vezes antes, e a diferença, percebeu Michael, estava em Rafe.

— Isso basta, eu acho.

O stylus foi arrancado da mão de Michael. Ele caiu em cima da mesa, ofegante e coberto de suor. A sensação era de que tinha sido envenenado. Ódio e raiva ainda percorriam seu corpo. Ele lutou para permanecer de pé.

Os olhos verdes do garoto brilharam.

— Gostou da viagem pelas minhas várias vidas? Imagino que tenha sido meio opressivo. Não sou capaz de expressar o quanto agradeço por isso, Michael. Mas antes de eu ir... — Ele apertou a mão e o stylus se partiu ao meio.

— O que você...?

— Ah, eu pretendo deixar você trazer Kate de volta à vida. Mas não hoje. Preciso cuidar de algumas coisas antes, e consigo ficar de olho melhor nela aqui embaixo. Mas você precisa ir embora. Eu diria que já ficou tempo demais.

O garoto estava sumindo, se tornando enevoado e insubstancial. Michael correu para a frente, mas suas mãos passaram pelo braço do garoto.

— *Para! Por favor!*

— Adeus, Michael. Vamos nos encontrar em breve.

Os pedaços do stylus caíram no chão, e Michael ficou sozinho. Ele reuniu todos os fragmentos, mas a torre tremeu, e um deles rolou para longe e desapareceu entre as tábuas da plataforma. Michael deixou que os outros pedaços caíssem da mão dele. Não tinha jeito. Ele olhou e viu a névoa se erguendo e rolando em ondas em direção à igreja. Ele falhou. Mais do que isso, tinha piorado as coisas. E como podia trazer Kate de volta agora? O que diria para o dr. Pym? O que diria para Emma? Ele se virou para a mesa e pegou a mão de Kate. Estava fria.

— Me desculpa — sussurrou ele. — Eu tentei. Tentei mesmo.

Michael sentiu uma escuridão crescendo dentro dele, e seu desespero virou ódio. Não era justo! Isso não devia estar acontecendo! Não com Kate! Não com ele! Era culpa do dr. Pym! Era culpa dos pais deles! Eles deviam estar aqui! Ele desejou que eles estivessem mortos, não...

Uma voz falou dentro da cabeça dele. *O livro vai mudar você. Lembre-se de quem você é...*

Esse... não sou eu, pensou Michael. É o Magnus Medonho. Não sou eu.

E ele olhou para o rosto da irmã, se concentrou nela, e sentiu a raiva e a escuridão diminuírem. Ainda estavam lá, bem dentro dele, do mesmo modo que as outras lembranças estavam, as de Emma e do Guardiã e de Wilamena, mas ele se lembrava de quem era.

Segundos se passaram. Michael sabia que precisava ir, mas não queria deixar a irmã. Na verdade, não conseguia. Tinha usado sua reserva final de força para lutar contra o veneno do Magnus Medonho. Isso, além de todo o resto (a perda de Kate, o encontro com o pai, a exaustão simples e humana de Michael) foi demais; ele estava exaurido. E uma coisa em seu peito pareceu se quebrar e se abrir, e todos os sentimentos que ele vinha sufocando havia meses, toda a culpa e tristeza e vergonha, emergiram com força.

Michael apoiou a cabeça no livro ainda aberto e chorou.

Algum tempo depois, alguns segundos, uma eternidade, ele ouviu um estranho tipo de sibilar. Michael se levantou e limpou os olhos. Suas lágrimas estavam fumegando na página. Mas isso não era tudo. O próprio livro estava pegando fogo. Chamas lambiam as beiradas da capa; rastejavam pela página, mas o livro e a mão de Michael apoiada nele não foram atingidos. Michael afastou a mão e as chamas morreram.

Por um momento, ele ficou perplexo demais para ter qualquer pensamento.

E então a torre tremeu, os sinos soaram e seu cérebro ganhou vida. Ele pensou no padrão de chamas entalhado na capa do livro, no modo como as letras borbulhavam e soltavam fumaça quando ele escrevia o nome de alguém; pensou no mago dizendo: *Você tem um fogo dentro de você.*

Isso significava que ele tinha causado as chamas? Ou o livro tinha sentido alguma coisa nele e as chamas foram a reação? Fosse como fosse, de alguma maneira, sem usar seu sangue, sem usar o stylus, ele acessou o poder da *Crônica*. E sentiu que fez isso em um nível mais profundo do que antes.

Mas que bem isso faria? Sem o stylus, ele não podia escrever o nome de Kate.

Outra lembrança ocorreu a ele. Ele estava no vilarejo elfo e o dr. Pym estava dizendo que o stylus era uma muleta, mais nada. Na ocasião, Michael não fez ideia de o que ele queria dizer. Mas e se (Michael sentiu a empolgação da ideia crescendo nele) o stylus fosse como as fotos que eles usaram no começo para ter acesso ao poder do *Atlas*? Depois de um tempo, Kate conseguiu comandar o *Atlas* quando queria. Será que o mesmo podia ser verdade para ele? Será que o stylus podia apenas ser um meio de ter acesso ao poder da *Crônica* até que se dominasse o processo de funcionamento dela? Ele pensou no fato de que o Magnus Medonho, mesmo tendo quebrado o stylus, ainda pretendia trazer Kate de volta à vida. O stylus não podia ser o único modo de usar a *Crônica*!

A torre tremeu. Dedos de névoa cinzenta deslizaram pela beirada da plataforma.

Michael colocou a mão na página aberta e concentrou toda a atenção na irmã. Ele estava vendo coisas com uma claridade estranha e perfeita. Percebeu que todas as vezes que a *Crônica* o inundou de sentimentos dos outros, de Emma e do guardião e da princesa Wilamena, ela queria os sentimentos dele, o coração. Em um certo nível, Michael desconfiava que sabia disso tudo o tempo todo, que esse era o motivo de ele ter tentado tanto recusar a *Crônica*. Só que a *Crônica* era responsabilidade dele; Michael entendia isso agora e aceitava. *Lembre-se de quem você é*. Sou Michael Wibberly, pensou ele. Sou irmão de Kate e Emma. E ele se concentrou no sentimento que formava a própria base da vida dele, o amor pelas irmãs, e o ofereceu.

Seus olhos estavam fechados, mas ele ouviu o som de chamadas.

De repente, Michael estava em um aposento de teto alto e janelas estreitas com vinte camas ou mais em fileiras organizadas. Havia decorações de Natal nas paredes, e Michael reconheceu o dormitório do orfanato em Boston onde ele e as irmãs moraram logo depois que os pais desapareceram. Kate segurava Emma no colo, e Michael viu a si mesmo, com 3 anos de idade e já de óculos, sentado na beirada da cama dela. Kate estava contando para eles que um dia os pais voltariam e eles teriam um Natal juntos, mas que Michael e Emma tinham que acreditar que aconteceria, que só então se tornaria verdade. Kate tinha 5 anos, e Michael ficou maravilhado com a força dela...

Ele estava em Richmond, Virginia, pois o orfanato em Boston pegou fogo anos antes. Os pais ainda não tinham voltado. O orfanato de Richmond ficava em um velho armazém de tabaco às margens do rio James. Era verão, e Kate tinha levado o irmão e a irmã para o rio, e eles estavam molhando uns aos outros e pulando de pedras altas em uma piscina natural profunda, e Michael sentiu a felicidade de Kate ao ver o irmão e a irmã felizes e livres...

E então, eles estavam em um orfanato diferente, ao lado de uma escola particular cara, e Kate estava entrando escondida com eles na biblioteca da escola para ler histórias nos cantos vazios e escuros...

E ele estava com Kate enquanto ela lutava com um diretor de orfanato depois do outro que tentava separá-los; ficou acordado com ela durante metade da noite antes dos aniversários dele e de Emma, arrumando presentes que ela fez e guardou por meses e meses, para que ele e Emma tivessem alguma coisa especial para abrir; Michael viu as milhares de pequenas formas pelas quais ela tentava tornar as vidas deles um pouco melhor, na maioria das quais ele nunca reparou ou não valorizou; e apesar de os orfanatos terem mudado e de todos terem ficado mais velhos, Michael sentiu como o amor de Kate pelo irmão e pela irmã permaneceu tão forte e constante e intenso quanto sempre foi, e ele entendeu que não havia nada que pudesse fazer que o faria perdê-lo, e quando ele tirou a mão do livro, sua visão estava embaçada de lágrimas, e ele viu o corpo da irmã ficar transparente e fantasmagórico e acabar desaparecendo.

Ele ficou respirando devagar, fundo, tremendo. Sentia-se vazio, mas também completo. A escuridão do Magnus Medonho não ameaçava inchar e consumi-lo. A irmã tinha dado a ele nova força; mais do que isso, ela *era* a força dele.

A torre balançou e tremeu. A névoa envolveu os tornozelos dele, e Michael sabia que tinha que ir embora. Ele fechou o livro e correu para o alçapão. Desceu a escadaria da torre três degraus de cada vez. Quando chegou ao fundo, ouviu um barulho alto vindo de cima e soube que um dos sinos tinha se soltado. Ele não olhou para cima e seguiu correndo, e já estava no saguão de entrada quando ouviu um estrondo ensurdecedor e o chão tremeu sob seus pés. A igreja estava se desintegrando, as paredes e o teto estavam desaparecendo na névoa. De cada lado dele, depois das fileiras de colchões, não havia nada além de névoa se espalhando. Ele ainda

conseguia ver a porta que levava ao túnel, e correu na direção dela quando o chão começou a virar fumaça.

Michael caiu de joelhos pouco depois da abertura do vão e inspirou lufadas de ar frio e limpo. Ele tinha cambaleado pela escuridão, tropeçando seguidamente nas pedras protuberantes no chão da caverna. Depois de um tempo, acabou vendo uma luz ao longe e foi na direção dela, sabendo o que era, sabendo quem era. Agora o brilho dourado estava ao redor dele, pois a princesa elfo se inclinou e seu cabelo brilhante caiu para a frente.

— Você está bem? Está ferido?

Michael sentiu a mão dela na nuca e sentiu os outros elfos esperando ali perto. Ele ficou de pé lentamente, com as pernas ainda bambas.

— Sim. Estou bem. — Mas a mão tremeu quando ele foi ajeitar os óculos.

— Encontrou sua irmã? Trouxe ela de volta? Onde está o stylus? O que aconteceu? Fale comigo.

Michael olhou para a *Crônica*. Seus dedos estavam sobre a lombada. Sim, o stylus tinha sumido, mas a ligação dele com o livro estava mais forte do que nunca. A *Crônica* era parte dele agora. Ele olhou para a princesa elfo.

— Preciso ver ela.

De mãos dadas mais uma vez, Michael e a princesa elfo correram pela floresta. As samambaias ainda estavam úmidas da chuva, e Michael ficou encharcado de novo. Quando eles chegaram ao vilarejo elfo, havia luzes se deslocando nos galhos lá no alto. A princesa o levou até a árvore da irmã e pela escada em espiral. Do lado de fora do quarto, Michael parou. A princesa elfo se virou para ele com o rosto iluminado pela luz de velas que passava pela porta.

— O que foi?

— E se... — sussurrou Michael. — E se ela não estiver...

Wilamena apertou a mão dele e sorriu.

— Venha.

Dois passos mais o levaram para dentro do quarto, e ali estava o dr. Pym inclinado para a frente sobre a irmã dele, falando baixo; e ali estava Kate, sentada, com os olhos abertos, assentindo enquanto ouvia; e Michael não ouviu o grito que subiu por sua garganta; ele só soube que um momento depois estava nos braços da irmã chorando; e conseguiu sentir a bochecha de Kate no alto da cabeça, e conseguiu ouvir o coração dela batendo, e conseguiu ouvir a voz dela dizendo o nome dele sem parar.

Michael queria dizer a ela o quanto sentia falta dela, o quanto a amava, que tinha mantido a promessa, que Emma estava bem, mas não conseguiu falar; por fim, foi Kate quem se afastou. Ela colocou as mãos nas laterais do rosto dele e o ergueu para poder olhar nos olhos dele. Havia lágrimas nas bochechas dela, mas ela estava sorrindo.

— Michael, você me trouxe de volta? O dr. Pym disse que você era o único capaz. Como você fez isso?

Michael respirou fundo e limpou os olhos. Conseguia sentir o mago observando-o. Kate estava de volta; estava viva. Estava na hora de encarar as consequências do que tinha feito. E ele abriu a boca para contar a eles sobre o garoto de olhos verdes, sobre o Magnus Medonho, quando o mago falou:

— Também estou ansioso pra ouvir a história. Mas vamos esperar pra você explicar quando Emma chegar. Mandeí chamá-la assim que Katherine começou a se mexer. Ela deve chegar a qualquer momento.

— Não. Ela sumiu.

E Michael e Kate e o mago se viraram e viram Gabriel entrar e passar pela princesa elfo.

— Fui até o quarto dela, mas estava vazio. Ela foi embora.

— Gabriel, você tem certeza de que é o lugar certo? — perguntou Emma. — Não tem ninguém aqui.

— Tenho certeza.

Eles estavam no contorno da clareira onde, duas noites antes, Emma e Michael viram os elfos fazerem o piquenique, onde Emma foi abduzida pelo dragão Wilamena e onde Rourke construiu o portal para trazer seu exército.

O portal, com o fogo apagado, estava no meio da clareira, meia dúzia de árvores derrubadas arrumadas em um arco rudimentar.

— Temos que ser pacientes — disse o homem.

Desde que saiu do vilarejo elfo, Emma esteve várias vezes prestes a mencionar o medo que tinha de que, independentemente do que eles fizessem, Kate estivesse perdida para sempre. De um modo geral, ela só queria ser tranquilizada. Mas cada vez que pensava na irmã, deitada tão pálida e imóvel, era preciso toda a força de Emma para não chorar. E, além disso, havia alguma coisa no silêncio do amigo, uma nova qualidade perturbadora, e isso a impediu de falar.

Sem aviso, o arco de madeira começou a pegar fogo.

Emma quase gritou.

— Você sabia que isso ia acontecer?

— Sabia.

— O que quer dizer?

— Este portal leva a uma fortaleza do Magnus Medonho. Foi dessa fortaleza que o exército veio ontem. E é onde, há décadas, o corpo do mestre é preservado.

Emma queria perguntar de que mestre ele estava falando e o que um portal idiota tinha a ver com trazer sua irmã de volta (ela estava confusa e começando a sentir um pouco de medo) quando, de dentro da floresta, ouviu gritos. Emma prestou atenção. Alguém estava gritando o nome dela. Mas a voz... Não podia ser...

A mão de alguém segurou o braço dela. Houve um cintilar no ar.

E Emma viu que o rosto ao seu lado não era mais o do amigo e gritou.

Depois, eles juntaram as peças quanto ao que devia ter acontecido, como Rourke devia ter sobrevivido à queda da torre da fortaleza, como devia ter entrado no vilarejo usando algum feitiço, disfarçado como Gabriel, para atrair Emma para longe. Descobriram até que o par foi visto seguindo para a floresta.

Mas isso tudo foi depois.

Imediatamente após Gabriel não ter conseguido encontrar Emma, Wilamena convocou o vilarejo e os elfos seguiram para o vale. Logo se espalhou que o arco de madeira na clareira estava em chamas de novo.

Eles chegaram tarde, é claro. Quando Kate e Michael e o mago chegaram à clareira (Gabriel tinha ido na frente correndo com os elfos), Emma tinha sumido, e o arco de madeira tinha desmoronado em um amontoado fumegante. Anton, o capitão elfo de olhos azuis, chegou primeiro, a tempo de ver Rourke carregar uma Emma que berrava e chutava pelo portal. Ele disse que havia outra pessoa, mas era estranha, pois em um momento pareceu ser um homem, e no momento seguinte, um garoto. Tanto o homem quanto o garoto tinham os mesmos olhos verdes impressionantes, disse o capitão elfo.

Kate agarrou o dr. Pym, chorando.

— Era ele, não era? Era Rafe!

Mas o mago não respondeu. Pois Michael tinha corrido e estava mexendo na madeira em brasa com as mãos nuas e gritando o nome da irmã, e os outros tiveram que se aproximar e carregá-lo para longe.